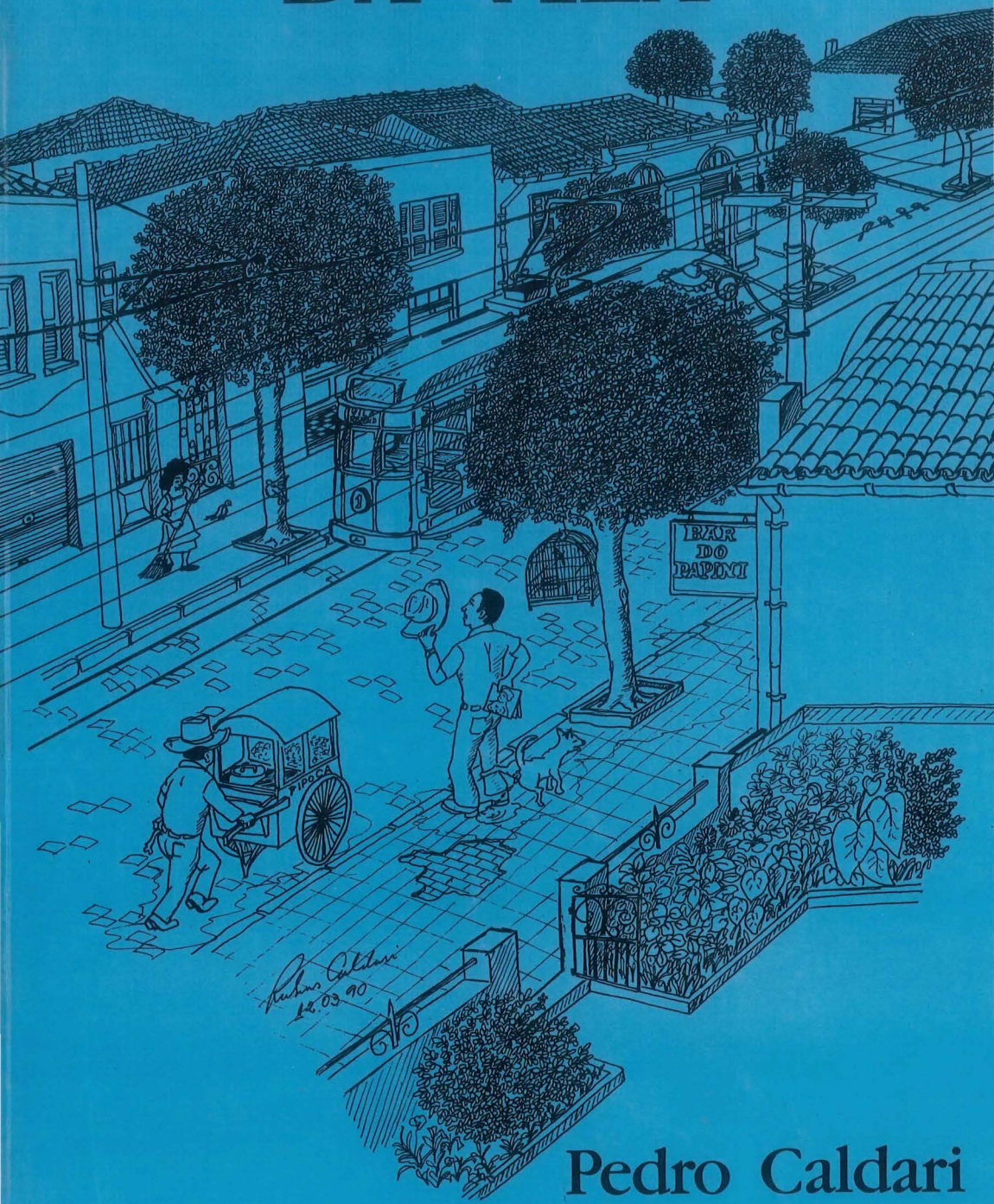
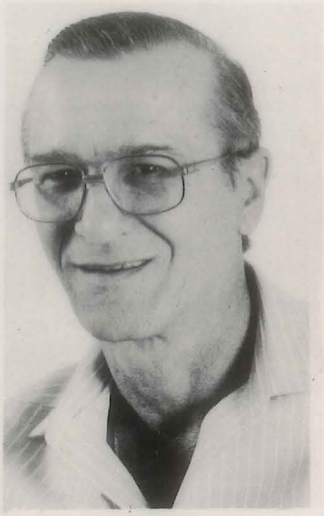
MEMÓRIA DA VILA



Pedro Caldari



BIOGRAFIA

Chamam-me de Pedro.

É como me conheci, ao ser assim chamado, lá em casa.

— Pedro... Pedrinho... Pierim — ouvia me chamarem — meus pais, meus amigos.

Pedro Caldari.

Nasci em setembro de 1938, às vésperas da primavera sangrenta da Segunda Guerra Mundial. Dia cinco, diz minha mãe; dia seis, oficializa o meu registro de nascimento.

Minha mãe chama-se Catharina Furlan Caldari; meu pai chamava-se Rissieri Caldari, ambos filhos de italianos.

Trabalho? Desde os nove anos de idade. De endireitador de pregos a diretor de empresa ; passo a passo, na carreira... muitos "pregos" depois, depois de quarenta anos, posso dizer que estou (ou fui?!) pregado no emprego, no mesmo emprego. Devo estar próximo da saída de lá... vejo com o rabo do olho, que há gente andando com martelo de carpinteiro na mão... próprio pra "arrancar pregos"!... como este (eu) está meio "enferrujado", não vai ser muito fácil arrancá-lo (me)!... de lá ou de cá:

Contabilidade... Economia... Finanças. Contador e Economista, com uma passagem pela menosprezada experiência de mestre — cinco anos — de Economia, Introdução à, e Macroeconomia, na UNIMEP (1967 — 1972).

Vi vários estados americanos e entendi o porquê da grandeza dos Estados Unidos, comparando-os — antes, durante e depois — com outros lugares completamente opostos àqueles; Brasil, Paraguai, Peru, Venezuela, Panamá, Costa Rica, Nicarágua, Belize, Honduras, Guatemala, El Salvador.

Dessas experiências todas, atrevi-me a escrever e à publicar inúmeros artigos e ensaios econômicos, políticos e, até algumas "crônicas" da vida cotidiana. Pretensiosamente, imagino publicar um livro sério e... um não tão sério assim!... Quem sabe?!

Casamentos? Por enquanto, dois... o nosso — meu e da Aparecida —, e da Véra Lúcia, minha filha número dois, com o Luiz Augusto... pretendo mais cinco casamentos: da Adriana Helena, da Cristina e depois de um intervalo, os da Juliana, da Mariana e do Pedro Júnior, e se Deus permitir, os das minhas netinhas Camila e Luisa (virão outros, certamente!)...

Filhos? Já os nominei — seis, ao todo.

Pensar na vida! E dai?

Não daria, com o jeito com que anda o mundo (e o Brasil!) hoje!... mas com um pouquinho de jeito, dá! Penso em Deus, e muito, nas boas coisas que ele me deu, nas tolices que cometi e nas boas ações que posso fazer, usando a "cabeça", e nas más, se usar os "pés", coisa que mais se faz hoje!... penso no futuro do meu País, dos meus filhos e não me desespero, por confiar nele e neles... penso no meu trabalho, na minha comunidade, na minha necessidade de viver e de crer... no País, no trabalho, na Família, na Humanidade e, obviamente, em Deus acima de todas as coisas... penso na Liberdade, na Justiça, na Fraternidade Universal, na transcendentalidade sobrenatural do homem... e sigo pensando... e, como aquele que pensa muito, não tem tempo "pra ganhar dinheiro", portanto, sou como a maioria dos brasileiros: pobre remediado (ou remendado?!)...

É isso aí! em poucas palavras. Afinal, sou franzino e "quase transparente"... daí a minha vontade de atingir a transparência que todos nós almejamos às nossas vida!

PEDRO CALDARI

MEMÓRIA DA VILA

AGRADECIMENTOS

Devo agradecer as minhas incansáveis decifradoras das anotações originais, que resultariam nesta coletânea, pelos pacientes trabalhos, de datilografia e de correções, sem os quais, certamente, não me animaria a organizá-la, pelo menos no tempo restrito disponível e extremamente escasso, entre as tantas coisas mais úteis e necessárias que nos competem executar no nosso dia-a-dia — trabalhar, estudar, comer, dormir, trabalhar, trabalhar —, o cotidiano de pessoas comuns, pertencentes ao povo e nada mais.

Às amigas: Maria do Carmo M. Grassi, Elizete Ap. Berto, Marli Arthur, Maria Araci B. Moura, a minha sincera gratidão... e um carinhoso abraço, do humilde colega.

Estas páginas vilarezendinas são dedicadas, primeiramente, a minha esposa e aos nossos queridos filhos, pela suas pacientes tolerâncias as minhas ranzinices e suas imensuradas compreensões; aos meus queridos pais e aos queridos amigos da Vila Rezende, bendita terra em que nasci e vivi os inesquecíveis anos da juventude; alerto, mais uma vez, que são meras crônicas e não um relato histórico do importante bairro piracicabano. Quero alertar, também, que entre a Vila e a Cidade, a rivalidade não vai além dos limites puramente " bairristas " e os vilarezendinos são, antes de tudo, apaixonados piracicabanos, orgulhosos desta sua cidadania tão invejada e privilegiada. E, por último, dedico-as a você, meu caro leitor, com muito carinho e respeito.

O autor

PREFÁCIO

PEDRO CALDARI, UM CRONISTA NA MATURIDADE

Nos últimos quatro ou cinco anos, Piracicaba começou a ver, nas páginas da imprensa local, crônicas e artigos que — por seu conteúdo leve, ainda que algumas vezes analítico, lírico, romântico — surpreendiam os leitores que começaram a ficar atentos a quem os assinava: Pedro Caldari. Algumas pessoas não queriam crer que se tratasse do mesmo Pedro Caldari — homem de empresa, administrador e economista — conhecido dos piracicabanos por sua capacidade como especialista no frio mundo da administração empresarial, pois isso lhes parecia senão inconcebível pelo menos estranho. E era ele mesmo, como que revelando uma vocação desconhecida que aflorara na maturidade ou que ficara aprisionada ao longo dos anos e da vida.

Poucos dias antes de morrer, João Chiarini — dileto e inesquecível amigo e o maior incentivador das artes e letras piracicabanas — me contou, "en passant", que terminara de ler os originais de um livro de crônicas de Pedro Caldari, animando-se orgulhosamente para prefaciá-lo. Disse-me João Chiarini textualmente: "São crônicas lindas, de um cronista vigoroso que acabou atendendo à sua vocação depois dos 50 anos". Pedro Caldari era o cronista da maturidade que Piracicaba começava a ganhar. João Chiarini estava plenamente certo, pois, quando os originais de Pedro Caldari me vieram às mãos, pude ver e sentir que continham verdadeiras jóias literárias, jóias de emoção, jóias de sentimentos de um homem que foi deixando as lembranças e recordações escorrerem-lhe da alma em forma de composição.

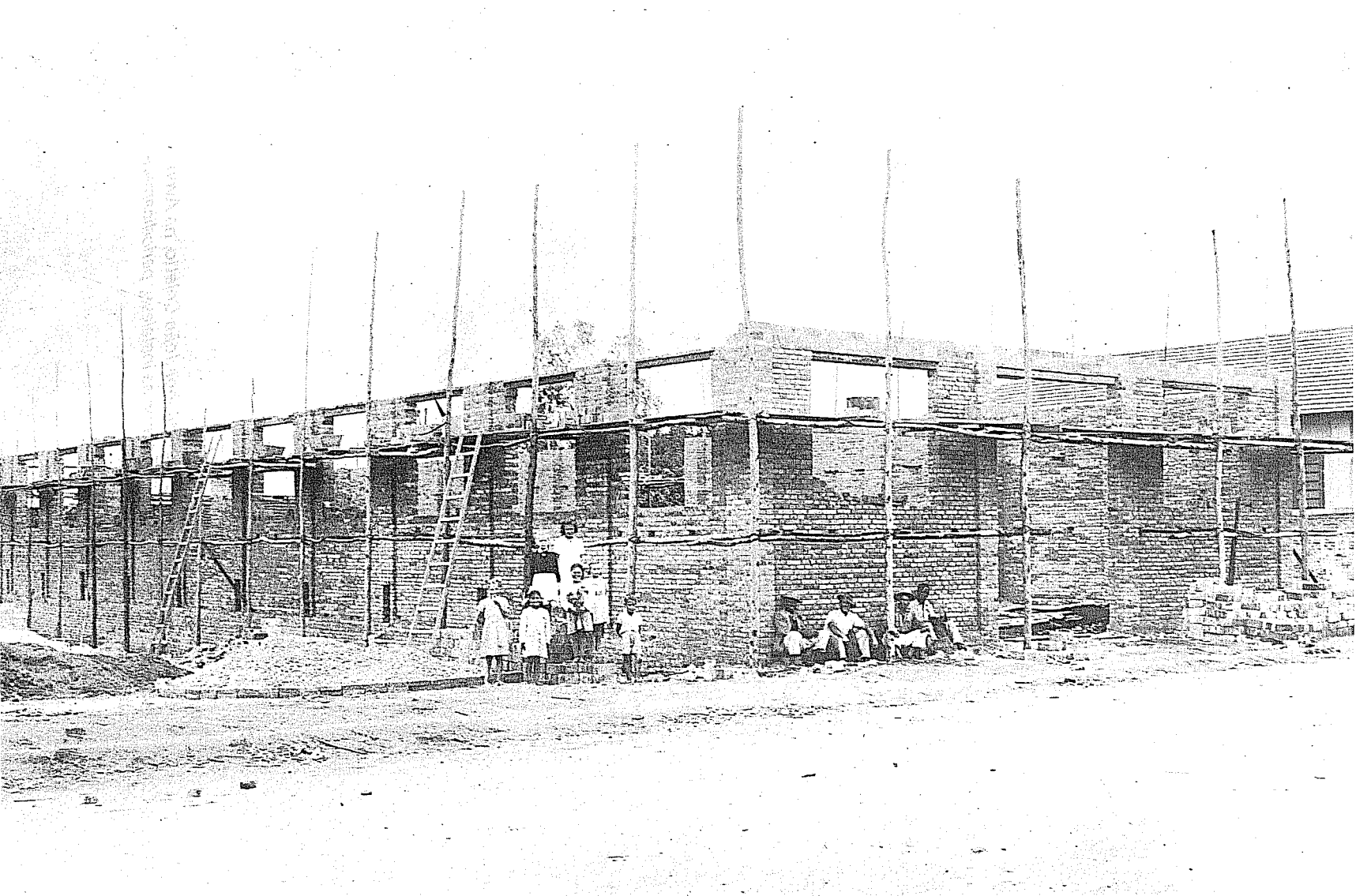
Felicitei-me a mim mesmo por poder prefaciar o livro de crônicas de Pedro Caldari, pois passo, assim, a fazer parte de um acontecimento literário absolutamente novo em Piracicaba, em que um homem, na maturidade, dá à luz - como que num parto sacrificado mas exuberante — a sempre eterna maneira de escrever retilínea, simples, sem rebuscamentos ou filigranas que fizeram o valor e a beleza da literatura em todos os tempos. Pedro Caldari escreve fácil, escreve corretamente, escreve com inspirada emoção, não impedindo que o coração fale, ao contrário de muitos de uma nova geração que controlam e que subjugam emoções. É um estilo agradável, eu diria que um estilo doce, o estilo de um homem sem pressas, sem atropelamentos interiores. Pedro Caldari deixa a memória fluir do fundo de si mesmo e, então, nos conta episódios belos e tocantes, alguns tristes e melancólicos, outros alegres e bem-humorados, mas todos eles redigidos com toques pulsantes de emoção.

E tem mais: este livro de crônicas de Pedro Caldari passa a ter, em meu entender, uma grande importância memorialística, pois resgata situações, episódios, lembranças e acontecimentos que são parte da história de Vila Rezende, o mais querido dos bairros, piracicabanos, onde se forjam a riqueza da terra e as lições de trabalho e de operosidade. Vila Rezende ressentia-se de seu "contador

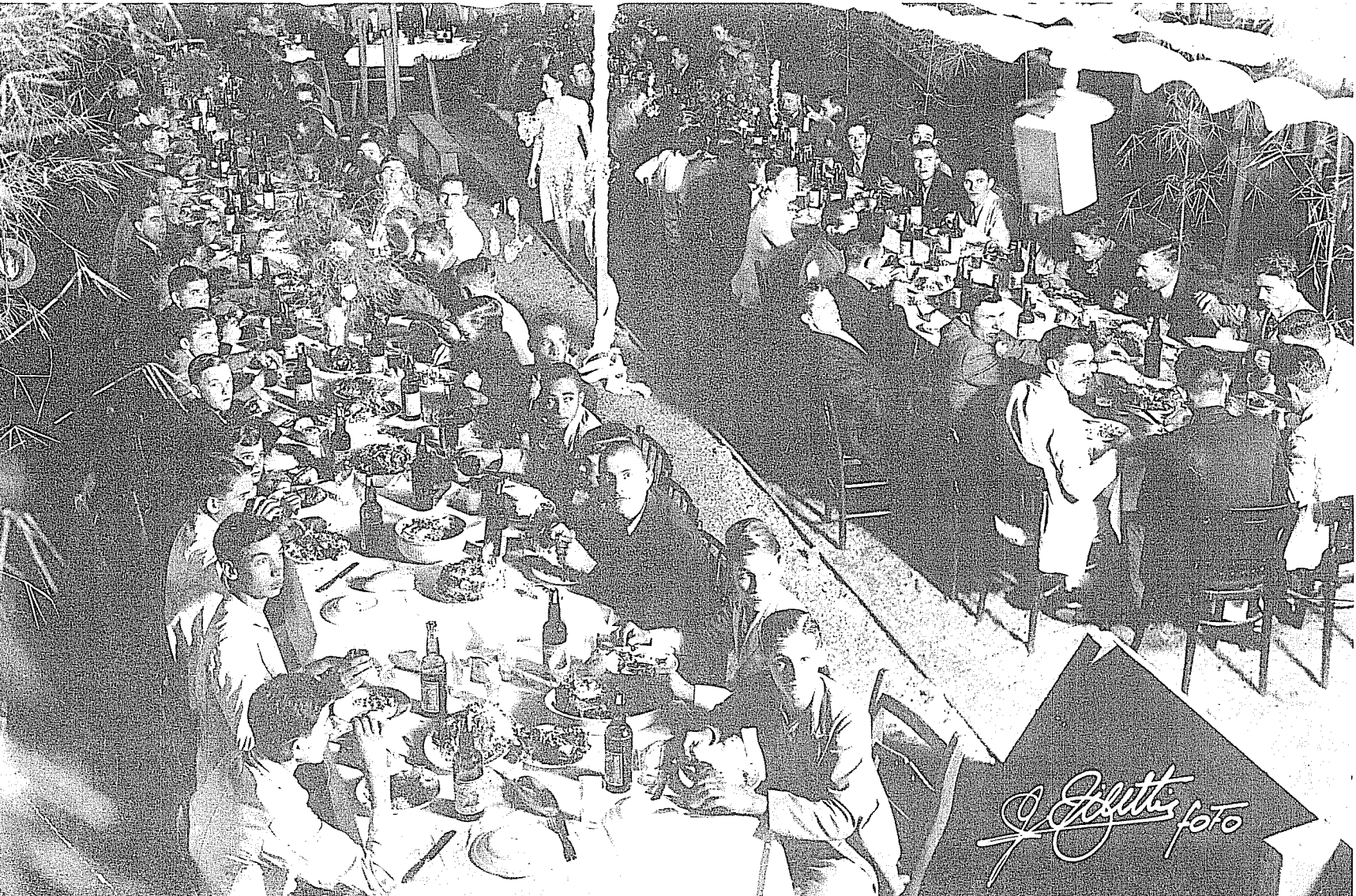
de histórias", de alguém que registrasse, para sempre, um pouco se sua saga, da saga de sua gente, dos imigrantes italianos que dela fizeram a colméia de trabalho que é, braços e força de uma cidade que se construiu através da obstinação. E Pedro Caldari — com um estilo doce e sereno, como de quem pede licença para contar histórias em meio ao fragor de um tempo difícil de perplexidade e confusões — fala de Vila Rezende com o amor respeitoso e emocionado de um filho amante. São pessoas, são famílias, são lugares, são circunstâncias, acontecimentos, episódios que acabam permitindo, aos que não sabem, ver um mosaico de Vila Rezende, onde se criou um estilo de vida fraterno e amigo, familiar e digno que, ainda hoje, se transmite a toda a Piracicaba.

A chegada deste livro ao mundo literário piracicabano é da mais alta significação. Pois anuncia o surgimento de um escritor verdadeiro, maduro, sensível. Pedro Caldari aguardou muitos anos para deixar brotar a sua veia de escritor. Isso foi bom, porque, agora, nasce um escritor em plena maturidade, aquele que tem o que dizer e sabe como fazê-lo. Tenho certeza de que, com este livro, inicia-se uma brilhante carreira literária. E ficamos, ansiosos, na expectativa de que surjam outras jóias literárias assinadas por Pedro Caldari.

Cecílio Elias Netto
Agosto de 1989



Construção da oficina da Codistil, por João Coletto, na Avenida dona Francisca, em cujo terreno se instalava, periodicamente, o Circo e Teatro Moreno.



foto

Um dia de festa no Bar e Restaurante Papini, na Avenida Rui Barbosa... uma das "Pipinadas" famosas; a foto é de um almoço de confraternização oferecido pelo Sr. Mário Dedini aos seus funcionários.

MEMÓRIA DA VILA

PEDRO CALDARI

Imagino a Vila como deveria ter sido no ano de 1500, no dia 22 de abril, distante alguns milhares de quilômetros do ponto que iria acolher, pela primeira vez (ou não teria sido a primeira vez?!), algumas dezenas de homens brancos, de origem européia, quase todos portugueses. Aportariam, viriam entrar em contato com a terra e com os naturais da terra e "batizá-los, equivocamente, de " Índios ", confundindo-os (?!) com os "indianos", ou não?

Aqui, na barranca do rio Piracicaba, que nessa época assim se chamava na língua nativa, os silvícolas continuariam nas suas ocupações, ignorando a existência de outros homens com outra cor de epiderme e com outros usos e costumes e até língua diferente. E felizes, muito felizes, graças às suas ignorâncias da existência de tais homens pálidos e cobertos de vestimentas, a esconder as " suas vergonhas ".

O homem nativo voltava do salto, com as mãos cheias de peixes e entrega-os às mulheres, para que os preparem para o almoço do dia.

— Tá aqui muié! vê se num me enche mais o saco e me deixa agora dormir! (Tradução livre da frase imaginada na língua dele).

— Ocê é mesmo preguiçoso! E depois vem se esfregá im nóis, né?!

— Tá bão demais! Num sei porque num vão ocêis mesmo apanhá uns curimbatá nas pedras! São mesmo umas vadia!...

E assim começavam o dia 22 de abril de 1500, que, para eles, deveria ser identificado de outra maneira qualquer menos como essa que conhecemos, através da civilização que nesse dia, chegava até aqui, ou melhor, a milhares de quilômetros da Vila Rezende.

Do outro lado do rio, próximo ao salto, também deveria estar habitado pelos " naturais ". Transporiam o caudaloso rio em um ponto mais acima ou mais abaixo, onde fossem-lhes possível; seriam os nossos amigos da " cidade ", ou não? Não, seriam membros de mesma tribo, irmãos, que passavam de uma margem à outra, despreocupadamente, levados pela curiosidade natural ou pelos diferentes frutos da terra que existiam em cada um dos lados, ou, ainda, atraídos pelas belezas que poderiam ser apreciadas por ângulos diferentes.

— Vô pra banda de lá, assim essa muierada me deixa sussegado!

— Vô tamém!

— Xii... lá vem aqueles chatos, de novo! — reclamam as moças do lado de lá... e assim a vida pacata do lugar não se altera, substancialmente, não passando dessas ocorrências banais e alternadas, variando tão somente de margem e de alguns quilômetros, de um ponto a outro do rio.

E o rio? Deveria ser majestoso, principalmente no período das águas, quando transbordava, de cheio que ficava. Peixes? Seriam tantos que nem dava para imaginá-los quantos e quais as espécies mais abundantes; saltavam na cachoeira, alegremente, tentanto vencer a corredeira e subir o rio, rumo a um lugar mais adequado à desova, na piracema.

Para que lado se olhasse, a densa floresta predominava, ocupando cada

centímetro de solo desprovido de rocha e de água e, mesmo assim, várias espécies de árvores avançavam sobre o leito do rio, resistindo valentemente ao embate das suas águas, para a alegria dos irriquietos macacos, os sagüis e seus pequeninos parentes, entretidos nas suas estrepolias qual um bando de crianças.

Mata densa, sobressaindo-se aqui e acolá, os Ipês e os Jequitibás, os Jacarandás, as Paineiras e as Palmeiras, sem falar dos Coqueiros que cresciam em enormes touceiras, para a delícia dos silvícolas que conheciam o valor e o sabor dos seus palmitos nas suas dietas, variando-as entre o pescado, as caças de penas e de couros; mas não eram só de palmitos que se valiam eles, não, extraindo da terra também a mandioca e inúmeras outras raízes e tubérculos e tudo o mais, de útil encontráveis na Natureza, pois ninguém melhor que eles, como parte dela, poderiam conhecê-la tão bem.

Densa mata. Então haveria pássaros lá! E como! Tantos, mas tantos, que até importunavam com a mistura de cantos, alaridos, algazarras, principalmente os papagaios, as araras, os periquitos e toda a grande família dessas pequeninas e grandes aves barulhentas por natureza; garças, rolinhas, codornas, nhambús, seriemas e tantas outras que só uma enciclopédia seria capaz de enumerá-las todas e talvez algumas nem existissem nos livros atuais, por não chegarem a tempo de catalogá-las. Animais de médio e grande porte também perambulavam por ali, devido ao rio, jacarés, jibóias, capivaras, tatus, antas, onças, jaguatiricas, tamanduás e outros tantos.

Matas, de todos os lados, menos no rio e no céu. Ah, o céu! Todo anil, com o ar puro, sem o mais leve sinal de fumaça e o único pó que havia nele, suspenso, somente quando soprava o vento forte e que traria, de longe, a poeira levantada do chão nu, coisa rara, pois de nu só se viam os índios e, claro, as índias.

Céu anil e nuvens brancas, tão brancas que só se comparavam aos chumaços de algodão das paineiras. Mas, quando chovia, as nuvens acinzentavam-se, indicando o desabar próximo de violenta tempestade tropical. Aí, então, via-se o confronto das forças da Natureza — a chuva, o vento, o raio, a resistência das árvores e a coragem do homem —, uma verdadeira luta de gigantes...

— A chuvarada já passô! Vamo vortá pra Vila?!

— Vamo!... num agüento mais ficá por essa banda de cá!

— Vamo, então!

E ei-los, transpondo o rio e chegando-se no alto do mirante... e admiram, mais uma vez, a beleza do salto, acrescido, agora, com um fenomenal Arco Iris...

— Pô! Vai ter memória assim lá no escambau, ô meu!

— Eh, Eh, Eh!...

MEMÓRIA DA VILA — I

Comentávamos um dia desses, com um grupo de vilarezendinos, da falta de um registro dos fatos que aconteceram na vida da Vila Rezende, importantes e marcantes, cada um deles, cuja somatória resultara na grandiosidade daquele bairro e da cidade. De fato, sentimos que bem pouco está documentado e a maioria vai se perdendo com o tempo, desaparecendo junto com as pessoas mais velhas. Infelizmente, esta é uma realidade, constatada tanto aqui como em quaisquer outras cidades do nosso País, por fazermos parte de uma sociedade pobre e desprovida de tudo, até de memória. E história é memória, transformada em registro escrito tratado, depurado e corrigido, retratando, com fidelidade e justiça, os fatos de real valor dentro de uma comunidade e no contexto de toda a sociedade.

Na companhia das amigas dona Mariquinha e Ana D'Abronzo, duas irmãs nascidas e criadas na Vila Rezende, recordamos com saudade, de inúmeras personalidades do nosso bairro, tais como o Humberto D'Abronzo, cujo apelido, quando ainda jogava futebol, era "Junqueira", do seu pai, Paschoal D'Abronzo, do Armandinho Dedini, do Mário Dedini, do Augusto Costa, do João (Joanim) Vendemiatti, do Ivo Ducatti, e de tantos outros que inegavelmente, deram as suas contribuições pessoais para que se realizassem inúmeras obras de significado sentido social.

Do senhor Paschoal D'Abronzo, lembramo-nos do seu estabelecimento: Paschoal D'Abronzo, Avenida dona Maria Elisa nº 44, Vila Rezende. Ficava ali, atrás da farmácia do seu Pacheco, cujo farmacêutico "santificado" Benedito, o popular "Dito da Farmácia" atraía mais pacientes que todos os médicos da cidade juntos conseguiriam se fossem igualmente milagrosos.

A fábrica de refrigerantes funcionava nesse número, quase na esquina com a Avenida Rui Barbosa. De calças curtas, ia eu entregar-lhe as notas fiscais das mercadorias que comprara na oficina do Waldomiro Perissinotto; naquela época, não era habitual a nota fiscal acompanhar a mercadoria, dada a falta de contadores na maioria das firmas e principalmente, pela maior confiabilidade que existia entre as pessoas e empresas; dias depois, voltaria lá para receber o pagamento da fatura e, sem dúvida, ganharia também um refrigerante como cortesia da casa, da casa do seu Paschoal, secundado por Humberto, Aninha, Jorge Vargas. Com o passar dos anos, a firma individual acrescera-se de "& CIA. LTDA." e depois de um "S.A." e passa a ser só "Tatuzinho S.A.", com alguns milhares de metros quadrados de instalações; não mais fabricando os seus gostosos refrigerantes para só dedicar-se a sua famosa aguardente (pinga para nós, caipiras), ficando os refrescos por conta de seus parentes, Sylvio e Alexandre (Xandrico) D'Abronzo, que prolongariam por muitos anos a tradição familiar.

Vizinha, estava a oficina de automóveis de Carlito Negri, já na Rui Barbosa, em um barracão, amplo na ocasião, dado o pequeno número de automóveis existentes na cidade. Mais adiante, do outro lado da calçada, íamos encontrar a Carmignani, ou melhor, a Irmãos Carmignani, concorrente da D'Abronzo, com os irmãos Babico (João), Toco (Alcides), Zelinda, Adelina, Lucila, que disputavam a supremacia no mercado sem nunca deixarem de lado os fortes laços de amizade que os uniam e os tornavam admiráveis em todos os sentidos – comerciais, industriais e social-comunitário.

Mas no campo comunitário, os Carmignani e os D'Abronzo não competiam entre si, fiéis ao ensinamento cristão de "não deixar sua mão direita saber o que a sua mão esquerda faz", e assim, muito devolviam a sua comunidade, sob inúmeras maneiras e por certo, nem fora revelado e tão pouco o será.

E Mário Dedini, Armando Dedini, Leopoldo Dedini, Augusto Costa? Cada um, ao seu jeito e ao seu tempo, dera algo de si para esta Vila Rezende. Teríamos muito a citar da vida desses notáveis vilarezendinos, como teríamos igualmente de outros exemplares cidadãos prestativos, que fundaram com os seus idealismos, a Sociedade Amigos de Vila Rezende e lutaram anonimamente para tornar realidade velhas aspirações piracicabanas.

É, a memória da nossa comunidade não pode ser apagada, como se apaga um quadro negro para que nele se escreva apenas os fatos novos.

MEMÓRIA DA VILA — II

— Dá pra ele um chá de poejo com hortelã e vorte aqui mais dois dias!... vamô vê se acarmamô essa lumbrigaiada!...

— Tamém, pudera!... com baita quebrante desse!... num faiz mar, ocê vai já ficá bão!...

Lombriga, quebranto, mau-olhado, torcicolo, mau-jeito nas costas, erisipela, susto, mau-feito, e outras pequenas e grandes coisas que perturbavam a vida da gente, que nem o médico e o farmacêutico conseguira curar, aquela venerável mulher acabava definitivamente com o sofrimento, mediante o seu infalível benzimento.

Sua casa era simplesmente uma casa de todos, a quaisquer horas do dia e da noite, todos os dias do ano, ano após ano. Ricos, pobres, brancos, pretos, crianças, velhos, cultos ou ignorantes, de todas as religiões e credos, indistintamente, encontravam sempre a porta aberta e faziam da sua casa uso constante, sempre na certeza de serem atendidos e curados. E de graça!

Dona Carolina.

Uma senhora forte, alta, de rosto altivo, sorridente, voz grossa, vestida na simplicidade que traduzia a sua alma de boa samaritana, com os cabelos presos com um coque na altura da nuca, avental eternamente preso à cintura e, de pés descalços!... assim se apresentava a dona Carolina, a Carolina Benzedeira ou a Carolina do Ignácio, conhecida não só na Vila e na cidade toda, como também, nas cidades vizinhas, tal a fama dos seus benzimentos.

Nós, sem dúvida, éramos habituais freqüentadores da sua casa, não só para nos benzermos mas também por sermos amigos dos seus filhos, alguns da nossa mesma idade e companheiros de traquinagens.

Carolina do Ignácio, e por que do Ignácio? Ora, Ignácio era o seu marido!... logo, ela era do Ignácio e isso bastava para logo todo mundo indicar, aos estranhos que vinham em busca de seus valiosos benzimentos, onde ela morava, aqui na Vila Rezende.

Carolina Cechetto Martins.

Recomendada por médicos, farmacêuticos, freiras e padres, não negava nunca a generosidade da sua atenção. Então, não devíamos estranhar a presença de médicos, de suas esposas, com os filhos no colo, sentados na sua sala e ela a benzê-los, entrando e saindo do seu quarto ou de sua cozinha, com um copo d'água na mão com algumas gotas de óleo e os carvões no fundo do copo, sussurrando

a sua reza e fazendo na testa da criança ou do adulto, o sinal da Cruz com o polegar molhado... e seguia rezando compenetrada... Terminando o benzimento, tinha sempre um largo sorriso nos lábios e uma palavra amiga de conforto, de esperança, de otimismo e de alegria!... e lá iam-se as pessoas satisfeitas, sentindo já os efeitos benéficos daquela mão milagrosa...

À sua porta, podiam-se ver estacionados reluzentes automóveis, charretes, carroças, bicicletas, de pessoas que a buscavam. Sua casa, humilde, poderia ter-se transformado em uma rica mansão se cobrasse "centavos" de cada pessoa que transpunha a soleira da sua porta. Bastava observar a soleira gasta, de tanto ser pisada, para se ter a certeza disso. No entanto, nada cobrava, aliás, tenho a convicção de que ela dava tudo o que tinha aos pobres (que não eram poucos!) e não só lhes ministrava as suas orações, mas, inclusive, a sua ajuda material.

Por outro lado, o lado humano, não existiria em toda Piracicaba, uma pessoa mais rica que ela, e, tão querida.

Um dia, ela nos deixou.

Não morrera, simplesmente, como todos os seres mortais. Ela partiu, suavemente, levada por uma legião de anjos para habitar o vale aprazível da alegria, da felicidade, do bem-querer, que em vida, ajudara a preparar desfazendo o mau-feito, o mau-olhado, os quebrantos de bem e de ódio ou inveja, enfim, esses males todos que se abatem sobre os pobres mortais, e ela se foi, deixando um enorme vazio no coração da Vila.

MEMÓRIA DA VILA — III

A avenida Rui Barbosa ainda não possuía calçamento e via-se a linha do bonde fixada nos dormentes de madeira de lei, rente ao chão de terra. As calçadas, dos dois lados da longa avenida, existiam, largas e com os pisos em ladrilhos de cimento, quadriculados para não deixarem-nos com a superfície escorregadia; de espaço, as árvores — sibipirunas — davam-lhe aquele sombreado gostoso e refrescante e um ar puro, principalmente nos dias quentes de verão, além de, evidentemente, enfeitá-la com o verde das suas folhagens viçosas.

Por essas calçadas costumávamos correr de uma esquina a outra dos compridos quarteirões, maiores em alguns trechos devido a ausência de travessas ligando a avenida ao leito da estrada de ferro — Sorocabana — que passava por detrás dela, nas terras marginais do rio Piracicaba e do Engenho Central, e, as moças e moços, à noite, passeavam para o flerte. De fronte as casas, os vizinhos se reuniam, cada qual trazendo a sua cadeira para fazerem as suas rodas de bate-papo e ali ficarem até chegar a hora de se recolherem para um bom sono; quando soavam as vinte e duas horas, a rua estava praticamente deserta e logo mais só se ouviria o apito do guarda-noturno, indicando-nos que estava firme na sua ronda de vigília, um cuidado quase que desnecessário então, por serem raros os casos de se registrar algum furto ou roubo de alguma coisa, e quando aconteceria, não ia além de algumas galinhas ou peças de roupa esquecidas nos varais. Crime mesmo, desses como os jornais nos dão conta diariamente, não aconteciam ali. Eles são, infelizmente, coisa do progresso e conseqüências das crises que atrapalham a vida do homem moderno.

Uma comunidade tranqüila, pobre, porém, extremamente feliz e desfrutando os sabores da amizade, do companheirismo, da camaradagem, essas coisas todas que existiam muito mais no passado e que foram perdendo a intensidade e a sinceridade com o avançar dos anos, trocadas que foram pelos automóveis, pelas casas mais bonitas, pelos altos prédios de "apertamentos", pela televisão, pela pressa, dentre outras tolices mais.

Não se via polícia por ali e também para quê?

Convergentes à essa principal artéria, as avenidas Barão de Serra Negra, Maria Elisa, dona Lídia, dona Francisca, Conceição, Santo Estevão, Morato, Jerônimo Gallo, não passando as demais, hoje existentes, de meros esbôços de futuras avenidas; claro que as novas, não estavam nem em cogitação. A vila terminava nas porteiras das terras remanescentes da propriedade do Barão de Rezende, ou do Sr. Mário Areas Withier, cujas cercas se situavam à altura do Hospital dos Plantadores de Cana e dali até as barrancas do rio, o canavial tomava conta de tudo; do outro lado, em direção ao Mirante e à Ponte do Morato, as terras pertenciam ao Engenho Central ou a Sociétè de Sucréries Bresiliennes, esten-

dendo-se na faixa entre a Avenida Rui Barbosa — Sorocabana e o rio e indo até às fazendas Santa Rosa e São José, de ambos os lados da estrada Piracicaba-Limeira.

A Vila Rezende, como se pode sentir, estava inserida no centro de várias propriedades rurais, limitada a um pequeno espaço loteado, porém, privilegiado geograficamente, em terreno quase todo plano, com poucas depressões sensíveis a não ser aquelas vizinhas ao salto, e assim mesmo, para ser contemplada com a maravilhosa queda dágua.

Estádio dr.Kok, antigo campo de futebol do clube Atlético Piracicabano, hoje desativado para dar lugar ao conjunto recreativo dessa sociedade; o parque particular do dr. Kok, todo murado, com centenas de árvores centenárias circundando o casarão que servia de residência à ilustre personalidade da Vila e que hoje, dera lugar à praça Imaculada Conceição, mais maltratada e desprezada que nota de mil cruzeiros carimbada com o apelido novo que lhe deram, de cruzado... pobre praça do padre Jorge!...

A antiga Igreja Matriz da Imaculada Conceição, desaparecida talvez desnecessariamente, é difícil dizermos, sem erro, agora que já se passaram os anos, enquanto que naquele momento, parecera ser a decisão mais acertada para a maioria da população. Hoje, é bem provável que se pensasse diferentemente, procurando preservar melhor as coisas do passado. Diríamos o mesmo com relação ao casarão do dr. Kok, do antigo Teatro Santo Estevão, da velha estação de trem Barão de Rezende e muitos outros verdadeiros patrimônios históricos de Piracicaba.

A velha Rui Barbosa, hoje, já tem uma fisionomia praticamente diversa daquela que tinha há mais de cinquenta anos. E provavelmente, daqui há outros cinquenta anos, o seu visual será outro. É o resultado do "progresso"... hoje, a casa que era do dentista João Martins e por último, do Babico, já não existe mais, assim como a minha casa, a do Humberto D'Abronzo, dos Mazzonetto, do Caligiuri, do Albérico Sampaio, do Lázaro Sampaio, do Américo Perissonotto, do João Coletto e outras dezenas mais... foram todas postas à baixo!... a avenida ganhou paralelepípedos, perdeu os trilhos do bonde, revestiu-se com o negro do asfalto, foi subtraída nas calçadas, assassinaram as suas árvores e... é agora um centro comercial!

Nova feição.
Caras novas.
Tá mais feia.
E fria!
É o progresso!...

MEMÓRIA DA VILA — IV

Ali, na ponta da avenida Rui Barbosa, quase na sua interligação com a avenida Conceição, o posto de gasolina, que ainda existe hoje, tinha o sugestivo nome de São Cristovão, como protetor dos motoristas. Vendia gasolina, óleo diesel, óleos lubrificantes e fazia a lavagem dos automóveis, além de possuir, também, uma oficina de reparos. O seu proprietário, era o senhor José Paterniani, pai do amigo e professor Ernesto Paterniani, um dos expoentes da Luiz de Queiróz.

O "seu" José não se desfazia do seu boné, de dia ou de noite, com frio ou com calor, lá estava ele de boné na cabeça, de côr cinza e sempre do mesmo feitio. Devia comprá-los na loja do Bertini, com certeza, como a maioria das pessoas.

Vendia fiado. E, naquele tempo, gasolina e óleos, podiam-se comprar no fiado e pagá-las só no fim do mês, sem juros e sem correção monetária... e não se preocupar com a lisura da conta! Realmente, é mesmo para ter saudade!... Só existia ele, em toda Vila Rezende e, para quem saísse de viagem, por aquela parte da cidade, tinha por preocupação, de abastecer-se, pois não iria encontrar outro posto nas estradas até que chegasse nas cidades circunvizinhas.

Posto Esso. Não havia horário limite e podia abrir a qualquer dia, sábado, domingo ou feriados e ficar com um funcionário de plantão durante toda a noite, para atender alguma emergência, evidentemente.

Mensalmente, lá ia eu fazer-lhe o pagamento da conta da firma e me sentava defronte a sua escrivaninha e aguardava ser atendido. Apanhava os seus controles e passava o recibo, aquecendo com o hálito o velho carimbo de "recebi", para reativar os restos de tinta grudenta que se mantinha na borracha, acabando dando certo; tomava da caneta de pena de aço, do tinteiro e assinava o seu nome com firmeza; a seguir, vinha o mata-borrão, cheio da réplica da sua assinatura, feita com o excesso de tinta. Além de um dedo de conversa, o bom homem reservava-me uma ou duas moedinhas, do troco, como uma recompensa sua pelo meu trabalho. Claro que eu não as recusava, por ser uma valiosa ajuda para o matinê do domingo e, quinhentos réis dava para ir e voltar de bonde até a cidade e comprar o ingresso no Cine e Theatro São José.

Por muitos anos o seu Paterniani dirigiu o seu negócio, fazendo dele um financiador de muitos motoristas, ao manter aquela sua tradição de vender gasolina no fiado, mesmo quando essa modalidade comercial deixava de existir como uma prática usual.

Na esquina vizinha, funcionava uma selaria. Não vendia "selos", não! Era a casa do "seu" João Seleiro, o homem que fabricava selas para cavalos e arreios para os animais de tração, "equipando" os veículos com "tração nas quatro"... patas! Produzia belíssimas selas de couro trabalhadas à mão, com todos aqueles enfeites de metal dourado ou cromado, com os estribos, rédeas, cabrestos, tapas

e até "guaiacas" para os cavaleiros. Neste local, costumava-se também ferrar animais, isto é, calçar ferraduras nas patas dos animais, só que no vizinho, o ferreiro, casa dos Balestieiro ou Balestero, que faziam carroças, rodas para carrinhos e carroças e as consertavam quando quebradas ou gastas pelo intenso uso.

Nesse trecho ainda, nos tempos áureos do café, funcionou uma casa bancária genuinamente vilarezendina, atuando como um verdadeiro banco comercial. O seu proprietário — banqueiro — fôra o senhor João Guaraldo. Com a grave crise econômica — de 1929 e anos seqüentes, ela falira como as outras tantas por todo o País. E perdemos assim o privilégio de termos um estabelecimento bancário de origem local.

Mais adiante, havia o grande armazém de secos e molhados dos Valler, que possuia em anexo um benefício de arroz e moinhos de milho, para produzir quirera e fubá. Vendia para praticamente todo o bairro e para o pessoal dos sítios, dado o seu grande sortimento e as máquinas para o arroz e o milho. Costumávamos brincar nos seus montes de casca de arroz e apanhá-las em sacos para forrar o chão e fazermos o "picadeiro" dos nossos circos, imitando os verdadeiros que freqüentemente se instalavam no terreno onde é hoje os galpões da Codistil (desativados) ou atrás do campo do Atlético, na dona Francisca com a Barão de Valença.

Comércio e indústria artesanal. Duas coisas que coexistiam pacificamente, uma ao lado da outra e progrediam. Hoje, também existem, porém, cada uma se distanciando cada vez mais da outra, em função da especialização e da massificação do consumo. Ganhamos ou perdemos com essa nova faceta do mundo moderno? Não sei! Uma coisa eu sei, entretanto: já não é mais a Vila de antigamente e aí, saimos perdendo!...

MEMÓRIA DA VILA — V

Nas manhãs de domingo, as duas canchas de bocce enchiam-se de gente, sendo disputadas as oportunidades de jogar-se uma partida em duplas ou em grupos de quatro de cada lado, quando o número de candidatos era muito grande. Das oito horas até ao meio dia, o pessoal jogava bocce, tomava aperitivos e cerveja, beliscavam o pastel e iam então almoçar em casa. Depois, lá pelas três horas da tarde, outros grupos chegavam e esticavam o jogo até às dezoito horas, a hora do jantar. À noite, não era muito freqüente o seu funcionamento, dado o hábito que se tinha de dormir-se cedo.

O bar e restaurante Papini — do seu Ernesto e Gigetta — gozava da preferência não só dos vilarezendinos mas também de muita gente da cidade, principalmente pela sua excelente cozinha italiana e o irrecusável frango com polenta da dona Gigetta. Sua macarronada, então, era de fazer estalar os dedos e só de ouvir falar vinha-nos "água na boca!..."

Concorridíssimo, rara noite não se via o quarteirão todo tomado pelos automóveis estacionados — no tempo que automóvel era mesmo sinal de riqueza e luxo — enquanto os seus ocupantes se "ocupavam" de encontrar um lugar às mesas e assim usufruirem das delícias culinárias saídas da pequena cozinha situada no fim da casa e início das canchas de bocce.

O bar, pequeno, continha um balcão de madeira com tampo de granito e sobre ele uma pequena vitrine onde continha os doces — cocadas branca e queimada, maria-mole, pé-de-moleque, paçoquinha, doce de leite, doce de batata e canudos de côco; as balas ficavam em potes de vidro com tampas de vidro, transparentes e sempre limpos de pó e das sujeiras das moscas; acostada à parede, uma prateleira fechada com portas de vidro, onde se achavam depositadas, ordenadamente, as garrafas de licores, de xaropes, de aguardente; em outra parte, separados, os cigarros, os charutos e as cigarrilhas, não faltando em outro espaço — ventilado, graças a tela fina — os rolos de fumo (legítimos do "Bairrinho") e as palhas de milho cortadas e afiladas carinhosamente à canivete; mais ao lado, uma geladeira que funcionava com barras de gelo; de fronte ao balcão, uma mesa larga e comprida, com seis cadeiras de madeira, à qual se achegavam outras tantas cadeiras quantos fossem os amigos ali reunidos.

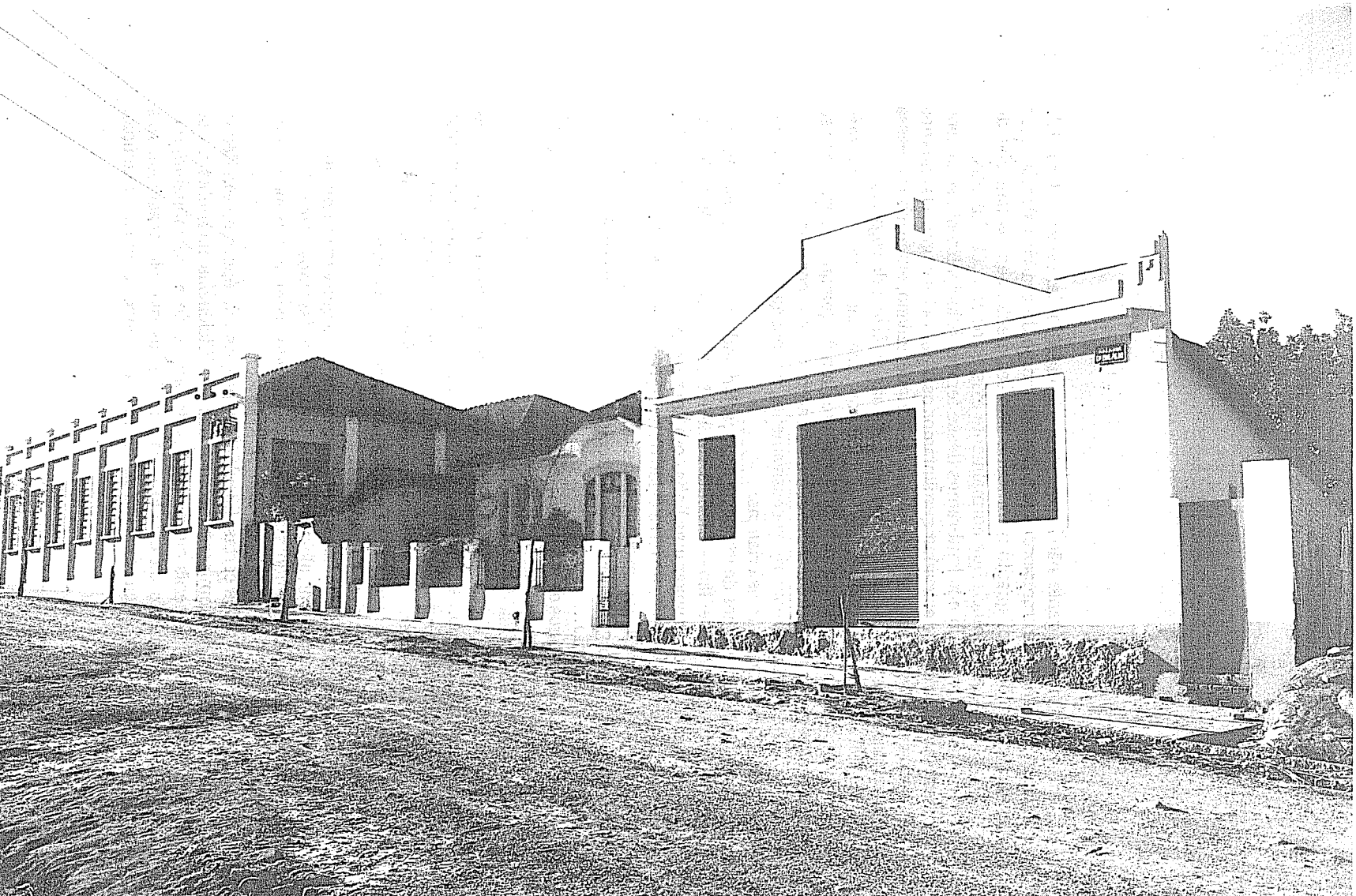
Nos espaços sobrantes das paredes, os "reclames" de bebidas e de cigarros, não faltando o relógio de corda que dava as horas, sonoramente, como se quizesse lembrar os usuários da "hora" que deveriam ir para as suas casas.

O "armário", entre o balcão e a parede, continha os pastéis de queijo, carne e palmito e o pão-de-ló — verdadeiras guloseimas da criançada, sem esquecer o "capilé" de xarope de groselha e tamarindo!... os nossos "refrigerantes" feitos na hora, com água direta da torneira (naquela época era limpa e saudável, ainda !...) e boa!

Duas portas de madeira, de duas folhas cada uma que se abriam para o lado de dentro e assim roubavam mais um pouco do pouco espaço que ele tinha; outra porta interligáva-o ao salão do restaurante, não muito grande, e em continuidade uma sala ainda menor que a primeira; ao lado, o portão de madeira que dava à rua, por onde entrava a lenha cortada, e era empilhada a bebida e por esse portão, sempre só encostado, costumávamos entrar, furtivamente, para ir espiar o jogo de bocce e nele jogar quando não havia freguês algum.

Seu Ernesto e seu Alfredo Papini, os homens do bar. A Ada e a Justina — filhas do seu Ernesto — mais a Ada do que a Justina, costumavam também atender ao balcão. A Ada, mais da nossa idade, nos dispensava maior atenção, e só se faziam ainda mais merecedores dos seus cuidados, os finos copos, que lavava e polia cada um como se fosse do mais puro e fino cristal importado. Tomar cerveja neles, tinha outro sabor e o prazer era outro, só encontrável no Papini, dentre outras coisas mais...

Oficina da Codistil, na Avenida Monsenhor Jerônimo Gallo; no prédio da direita o autor iniciou a sua carreira como "endireitador de pregos".



MEMÓRIA DA VILA — VI

A infância da gente, não importa como tenha sido ela, é sempre tempo de infância e lembrá-la é transportarmo-nos a um tempo de grandes alegrias e de intensas emoções, por quanto ruim tenha sido realmente, sem as fantasias de crianças e sem a tolerância que normalmente existe nos corações infantis.

Então, quando nos lembramos desse tempo, principalmente se já estamos velhos, não é de se estranhar que sintamos os olhos rasos dágua. Os anos nos tornaram mais sentimentais e, se formos de sangue italiano, então, chorar passa a fazer parte dos nossos hábitos e as lágrimas não se fazem de rogadas.

E choramos, iguaizinhos aos meninos, que não eram chorões, mas choravam com facilidade, da mesma forma que riam de qualquer coisa, como só as crianças são capazes de fazer sem machucarem os seus corações.

Rir, chorar, tornar a rir, sucessivamente, por bobagem (para os grandes, é claro!) é comum, entre as crianças.

E nos lembramos do tempo de criança, juntando-se a nós outras crianças — as nossas amigas de então — e juntas, voltamos a correr nas ruas, atrás de uma bola, do velho bonde, a puxar uma linha com um papagaio de papel de embrulho ou rodando um arco de aro de ferro caído de alguma carroça e conduzido por um pedaço de arame preso em um cabo de vassoura cortado ao meio... e lá vamos nós correndo com os amigos, atrás de alguma coisa que se move ou simplesmente em meio a chuva de verão...

Ah!... os amigos de infância!... Gera Bertini, Gera Torres, Tuna, Toninho Marconatto e seu irmão Civito, o Limatão, mais o Zorinho, meus primos Roberto e Sérgio, o Rodinei, Guido Bertini, Piti e Zé Ricobello, Luizinho Carraro, Japão, João Coletto, Fraim, Décio, Jaime, Sérgio Mazzonetto... Bem, esses eram os meninos; havia também, as meninas... Clara, Assunta, Wilma, Laura, Damir, Ana, Amália, Diva, Magali, Ada, Gema, Roselis, Marlene e até a Apparecida (atrás de qual corremos até hoje!...)... e esses nomes todos, só do nosso quarteirão!...

— Não corra menino!... Devagar, menina!... vocês vão cair e se machucarem!... Pára com essa correria, já!...

São frases que soam nos nossos ouvidos toda vez que vemos uma ou mais crianças a correr e a brincar, alegremente, como se estivéssemos a ouvir as vozes de nossos pais nos chamando a atenção, preocupados com as estrepolias que fazíamos.

Se enfrentávamos certas dificuldades, próprias da época ou em decorrência da pobreza predominante, com todas as dificiências inerentes a ela, tínhamos também, inúmeras outras opções de lazer e de entretenimento, que hoje, dado o crescimento da cidade e das mudanças que ele ocasionou nos costumes das pessoas, já não existem ou não mais é possível, como por exemplo,

ir tirar cana das vagonetas do trenzinho do Engenho Central ou ir nadar no Poção, pelados...

Após o entardecer, fazíamos das calçadas nossas propriedades particulares — meninos e meninas tomavam conta delas — e as brincadeiras iam desde uma partida de futebol ou um campeonato de bola ao gol, com bola de meia, passando por queimada, amarelinha, pula cordas, saltar à distância, bete, a própria cirandinha, o esconde-esconde, o passa-anel, ou então, contar "estórias" inventadas na hora, cada uma mais mentirosa ou fantasiosa que a outra...

Namorava-se também... namoricos de crianças, é claro, aproveitando-se a oportunidade que surgisse e não raro, aquilo que nascia inocentemente, acabava por se fortalecer, crescer e consolidar-se em casamento que perduram até os dias de hoje, formando famílias e entrelaçando as amizades com o parentesco.

Tudo isso, decorrente da Vila!...

MEMÓRIA DA VILA — VII

— Cumé? Tem um fuminho bão aí?!...

— Mais craro!

— Me empresta ele, então!... e dá tamém o canivete e a páia!...

E enquanto aquele que chegara, vai picando o fumo em finas películas, graças ao fio da lâmina sempre bem cuidado pelo dono do canivete, e com a palha enrolada presa na orelha, os dois amigos conversam... e o fumo vai sendo picado e depositado na palma da mão, que segura o pedaço de fumo de corda, comprado com o mesmo cuidado que se compraria uma pedra preciosa de alto valor, procurando saber da sua origem, pêso, densidade, coloração, aspecto da superfície e, em especial, por ser fumo, o seu aroma. Mesmo visto tudo isso, se pedia uma amostra dele, que, normalmente, era levada à boca, como quem prova um delicado produto, como o vinho, por exemplo.

— É bão!... me vê um rolo i mi guarda outro aí... Quanto é?... e pagava-se o seu preço sem pestanejar.

Já com a quantidade suficiente na mão, guarda o canivete no bolso e com as duas mãos, unidas, processa o esmagamento das películas, com um movimento circular e lento, sentindo na pele grossa, das palmas das mãos, o esfalerar do fumo e, dá uma parada; agora desfia as fibras soltas e sente a sua leveza... cheira-a e fecha-a na palma da mão... retira o canivete do bolso, apanha a palha, da orelha, e a alisa com a lâmina flexível... passa-a na saliva, apenas as pontas e apara-as para ficar no tamanho que deseja dar ao cigarro... guarda o canivete, abre a palha e distribui o fumo desfiado, ao longo da sua extensão... ajeita a palha, delicadamente e inicia o enrolar do cigarro... dá uma salivada na estreita extremidade longitudinal não enrolada, e termina a engenhosa operação com uma palavrinha:

— Me empresta o "forfe"!...

Uma aspirada, para acender... mais uma, para reacender... uma amassadinha na brasa, com o tampo da caixa de fósforo, a aí, sim, a esperada aspirada da fumaça gostosa, cheirosa prá valer!...

— É bão, memo!... é macio!...

— Eh, Eh, Eh!... e ocê acha que eu compro porcaria?!... Eh, Eh, Eh!...

Cigarro de palha — o paiero — obedecia, ou melhor, impunha um verdadeiro ritual para vir a ser devidamente apreciado, degustado e cantado o seu "é bão mesmo!...", que só os apreciadores de um fumo sabiam fazê-lo, com graça e beleza, com o ar poético do caipira.

E ali, naquele momento, solene, os amigos se identificavam em pé de igualdade e de fraternidade, culminado com baforadas concentradas, compenetradas, cada um dando a impressão que os seus olhares se voltavam para dentro

de si próprios e acompanhavam a aspiração da fumaça e, trazendo-a de volta ao mundo exterior, abriam os lábios em sorrisos enormes, satisfeitos, enternecidos... enlevando-se, na própria fumaça...

— Êta fuminho bão, sô!

— Eh, Eh, Eh!...

— Me dá um pedacinho desse fumo, seu danado!...

— Eh, Eh, Eh!...

— Ô Rissieri!!... depois eu te dô otro!

— Mai me devorve o canivete!...

Meu pai realmente conhecia o que era fumo bom e sabia distingüi-lo facilmente. Em sua casa, havia sempre um ou mais rolos, colocados sobre um estrado de madeira e em lugar fresco e ventilado. Ia cortando-o, em pedaços pequenos que enrolava em papel de embrulho, para não sujar o bolso da calça. Suas camisas, como as de todos os seus companheiros de confraria, invariavelmente ostentavam as marcas deixadas pelas brasas desprendidas dos seus "paieiros".

Hoje, são poucos os "experts" no assunto e em pouco tempo, serão apenas encontráveis nos registros provincianos...

— Me empresta o fumo e a páia?!

— Canivete tamém?... mais me devorve, tá!?...

— Eh, Eh, Eh!...

MEMÓRIA DA VILA — VIII

Quando se falava de "quebranto" era o mesmo que estar se referindo a dona Carolina do Ignácio, agora, quando alguém precisava de algum outro tipo de benzimento, certamente encontraria outras recomendações respeitáveis, de grande procura e incontáveis testemunhos afirmativos das suas validades comprovadas.

Assim, "simioto" ou raquitísmo, daí o termo "simioto", associando a magreza do símio com o estado de debilitação física da criança e mesmo do adulto, tinha também o seu benzimento por aqui, curando esse tipo de mal. E quem o fazia, era a dona Adelaide Contiero, que morava no início da Avenida Rui Barbosa, quase esquina com a Avenida Barão de Serra Negra, na curva do bonde, onde existia um conjunto de pequenas casas geminadas, recuadas da calçada, do tipo das "colonias" de sítios.

Dona Adelaide exercia também as funções de parteira, portanto, uma pessoa muito requisitada na época em que "dar à luz", em hospitais e maternidade, não se falava e as senhoras todas tinham os seus partos em suas próprias casas, com a ajuda das "parteiras", abnegadas mulheres que se dedicavam a esse mistér com muito amor ao seu próximo. Eu mesmo, como centenas e centenas de outros vilarezendinos, vim à luz do mundo com o auxílio dessa senhora.

Já fui gordo (?!), depois magro e continuo magro, tão magro que, uma ocasião, ao ter que tirar uma radiografia do estômago para ser operado, ao despir a camisa, o médico exclamou (ou sentenciou?!):

— Dispenso a radiografia!... fique de costas à janela!... e quando pequenino, estando muito magro, levaram-me à benzer o dito "simioto"... mas continuei magricela!

"Caxumba"? Ah! isso sara fácil!... é só levar lá no Sylvio D'Abronzo e pronto!... e a criançada saía de lá com um círculo de tinta de caneta envolvendo uma cruz no pescoço, bem embaixo da orelha... e de fato saravam.

Pra dor de costas ou "de escadêra", "nervo fora do lugar" ou mal-jeito, o seu Furlan dava logo conserto, quando não acabava por arrumar-nos uma outra dor dados os seus apertos com aquelas mãos grandes e munhecas de verdadeiro lutador romano que ia às arenas e defrontar-se com os leões...

Para nós, crianças, os benzimentos se faziam mais atraentes que os remédios receitados pelos farmacêuticos e médicos. Lembro-me bem, que por não ter sido resolvida a razão da minha magreza, acabaram por me levar ao médico.

— Tá cum amarelão!... A senhora dá pra ele, de jejum, esse remédio... e veja que ele tome-o tudo!... num deixa ele cuspir fora!... tá?

— Sim, senhor!

Obrigaram-me a tomar uma dose "cavalar" de óleo de santamaria — ruim

pra burro! — e lá fiquei, o dia inteiro, no fundo do quintal sem as calças devido a caganeira... e continuei magro! Acho que o dito "óleo" selara definitivamente a minha silhueta!

E o famoso "clister"?! É preciso explicar. Tratava-se de uma lavagem intestinal mediante a introdução de líquido via anal... logo, a meninada não estava nada propensa a passar por tamanho vexame!... conseqüentemente, só de ouvir falar em tal tratamento, não havia dor de barriga que não deixasse imediatamente de existir!... Pudera, né!...

Verruga, olho-de-peixe, erisipela, cobrêro, raio-de-sol (enxaqueca), dor-d'olho e tantas outras coisas que amolavam ou atormentavam a vida da gente, para cada um havia um "benzimento" reparador, feito graciosamente por alguém — que realmente nada cobrava pelo serviço, para não "perder o poder de benzer"!...

Isso era somente aqui, na Vila? Claro que não!

Mas aqui, na Vila Rezende, nóis acreditava!... nóis sempre tivemo fé neles!...

MEMÓRIA DA VILA — IX

Há certas coisas que aconteciam antigamente com maior freqüência do que hoje, principalmente com relação aos jovens, como por exemplo, o trabalho. Não estamos querendo dizer que o jovem de hoje é menos trabalhador daquele de cinquenta ou mais anos atrás. Não. Creio até, que hoje, o jovem dá mais duro na vida para obter, com o seu trabalho, o seu lugar ao sol, e isto, devido às dificuldades que nós, os adultos, criamos para ele.

Mas como? Eu criei problemas para os jovens? Como, se nada de mal desejo aos outros?!

É, mas as dificuldades do mundo atual existem por culpa nossa, direta ou indiretamente. Diretamente, se formos nós que as causamos. Indiretamente, se as deixamos acontecer por nos omitirmos diante dos problemas todos, pequenos ou grandes, importantes ou insignificantes.

Mas voltemos ao início. O jovem de ontem, ingressava no trabalho — emprego — muito cedo na vida cronológica, ou seja, ainda criança, já estava empregado em algum serviço. Mal saia do grupo escolar já estava pegando no batente, quando não fazia as duas coisas, concomitantemente. A diferença entre ambos, o de ontem e o de hoje — está apenas nisso. O primeiro, trabalhava e não tinha tempo para estudar; o segundo, estuda e não encontra trabalho.

Um dia desses, ouvia uma conversa entre duas pessoas, acidentalmente. Falavam da greve dos professores e funcionários estaduais da universidade. E uma delas dissera uma grande verdade: "... não dá para confiar nesses políticos... são todos iguais... não atendem as nossas reinvidicações por não lhes convirem uma melhoria na educação do povo... sabem que, se o povo for educado, esta situação não perduraria e não "imperariam" mais..." Frases entrecortadas, porém, perfeitamente intelegíveis e coerentes.

Na Vila, a molecada entrava logo no trabalho regular, cumprindo uma jornada diária igual a dos adultos e compartilhando do mesmo ambiente e das mesmas tarefas como se adultos também o fosse, sem entretanto, obter a mesma remuneração daquele. Era a mesma coisa, tanto na indústria como no comércio. Na lavoura, nem se falava, embora diferisse um pouco por estar compartilhando quase sempre de um trabalho a cargo da sua família.

Não havia muito o que escolher: ou se trabalhava ou se vadiava. E entre vadiar e trabalhar, a maioria preferia arrumar logo um emprego, persistir nele e ver se obtinha algum progresso, jogando com a sorte.

Não diferimos dessa maioria. Alguns tiveram sorte, outros não. Felizmente, bem poucos enveredaram pelos caminhos tortuosos da vida, indo terminar os seus dias de modo cruel e doloroso, para si e para as suas famílias. Antes dos dez anos já estávamos trabalhando, e duro. Com menos de catorze anos, o dia começava antes de clarear, para o trabalho é claro, e só terminava ao entardecer...

e logo mais, tendo-se sorte, as aulas noturnas ocupariam o restante do tempo útil. Caminhava-se muito naquele tempo. Então, essa "estória" de "cooper", muito em moda hoje, já era-nos habitual e tinha outro nome: "falta de dinheiro para a passagem de bonde", um nome comprido para algo curto... "grana"! ou se preferirmos no linguajar caipiracicabano, é "gaita" mesmo!

A origem dos atuais reclamos pelo direito de uma "aposentadoria" mais justa e real, estaria evidentemente, nessa forma de iniciação à vida profissional, nesta nossa terra, que não difere das demais comunidades brasileiras, obviamente.

Então, esta parte, pelo menos, não é só uma "memória da Vila". É, também, pois a nossa Vila sempre fora bem brasileira apesar do sotaque carregado da italianada...

MEMÓRIA DA VILA — X

Meu pai gostava muito de canivetes. O seu gosto por eles se acentuara, por certo, ao ser iniciado ao hábito de fumar cigarros de palha, o que implica evidentemente, em possuir um, ou mais de um, bom canivete, sempre muito bem afiado e limpo.

Um dia, ganhara um de certo amigo seu, inteirinho de aço especial, próprio para lâmina de corte. Admirava-o com carinho, orgulhando-se dele por dois motivos: por ser bonito e bom, e por ser presente de um amigo. Tão logo eu o vi, me interessei pela peça. E ele, simplesmente, me presenteou com o seu presente!...

Meu pai, meu amigo!

Realmente, é verdadeira tal afirmativa.

Na infância, a figura do pai é aquela do gigante, do mágico, do sabe-tudo, do valente, do rico e poderoso, tudo isso de uma só vez ou diante de cada circunstância e de cada momento; na adolescência, já começa a ser chato, um autoritário ditador, um pão-duro, um retrógado, um desmancha-prazeres; na vida adulta, ela continuará a ter os resquícios das imagens da adolescência acrescidas da certeza da sua desatualização intelectual e política, do seu pão-durismo e de não ser lá companhia para os bons papos ou bons programas; na idade madura, a presença já começa a ser melhor tolerada, pois é bom se ter "paciência" com os velhos...; e, já velho, começa-se a se arrepender pelas oportunidades perdidas e do convívio desperdiçado, da sua falta nos nossos dias atuais, do quanto ele estava certo, e buscamô-lo... na saudade!...

— Puxa, pai! que canivete bonito!...

— Gostou?...

— Legal, pai!...

— É seu!... tome-o... é seu!

— Verdade?... puxa, pai!...

Ali na Vila, todos o conheciam e bem. Fazia-se amigo de qualquer pessoa com extrema facilidade dado o seu jeito bonachão, alegre, sorridente e corpanzil de impor respeito, ou melhor, de atrair a atenção, pois ele não se valia nunca da enorme força, que possuía naquelas gigantescas mãos e vigorosos braços.

Gostava de jogar bocce e também de uma boa "trucada", naturalmente acompanhado um e outro jogo, de cervejinha bem gelada... e quem é que não gosta disso?!

Seus companheiros inseparáveis e figuras igualmente marcantes na vida do bairro, que procuraremos falar a seus respeitos, eram os irmãos José e Romano Bertini, Zé Polenta (José Pinazza), Dario Giusti, Mário Telles, João Coletto, Mário Coletto, Martin Petta, Benê e Humberto Giannetti, Ernesto e Alfredo Papini, Ernesto Caldari, Waldomiro, Américo e Alcides Perissinotto, Humberto D'Ab-

ronzo, Sylvio e Xandrico D'Abronzo, Sylvio Zillo, Zé e Landinho Svazzatti, Chico Mazzonetto, Berto Fonseca, Raul, Jota e Alberto Carraro, Pim Cozzetto, Irineu e Rolando Diniz, Jordão Boscolo, Lázaro Sampaio, Fellipini e Mazzonetto, Bergamim, Scarpari, e tantos outros que preferimos deixar de enumerar, para não errarmos por omissão, mas que sabemos perfeitamente terem sidos seus amigos e tiveram influência na história da nossa Vila, como por exemplo, os Dedini e os Ometto.

Fazer amigos. Na verdade, esse pessoal todo, não se preocupavam em "fazer amigos"... eram amigos naturalmente e a amizade fazia parte da sua forma de vida. Diferente, ou melhor, admirável mesmo, era a sua fraternidade...

MEMÓRIA DA VILA — XI

Um dia meu pai me chamou e disse: — Menino, vamo mandá fazê um "parêio" pro ocê!... e lá fomos nós à alfaiataria dos irmãos Bertini — José e Romano —, dois alfaiates e donos de uma sortida loja de tecidos, vizinhos e vizinha de casa. Bastava dar só uma dezena de passos e estaríamos nela.

Para mim, entrar e sair por aquelas portas largas, cinco ou seis ao todo, contando com a da vitrina, que evidentemente, era a única por onde não se passava devido ao vidro nela fixado, não fazia-me nenhuma novidade, habituado que estava de entrar e sair tanto na loja como na casa dos dois irmãos, junto com os seus inúmeros filhos.

Sentia-me ali, na loja e na casa também enorme, como se fossem minhas. Chamavam-me carinhosamente de "Pierim" e incluíam-me no ról dos seus filhos, tratando-me portanto, em pé de igualdade com eles. Logo, se carecesse de uma corrigenda, não titubeariam em nos dá-la de imediato, sem que isto ferisse qualquer princípio meu ou de meus pais.

Sentava-me ali, na soleira da porta da sala de costura e do longo corredor da casa, que ia para o quintal, vendo os dois irmãos trabalharem, riscando, cortando, alinhavando, ajustando as peças com alfinetes e linhas provisórias, passando-as à ferro para ficarem devidamente assentadas nos seus lugares e, passarem-nas à costura nas suas máquinas próprias de alfaiates. E enquanto trabalhavam, conversavam, cantarolavam, tendo o seu José, ou Zé Bertini, o seu inseparável cigarrinho sempre aceso.

— "Pierim"!... vá me comprar um maço de cigarros e fósforos!...

— É pra já!...

E conversavam com a gente, falando de coisas interessantes e educativas, ao mesmo tempo que solicitavam-nos pequenos serviços, como por exemplo, apanhar uma agulha que caira, um carretel que escapulira, um copo dágua na cozinha ou apanhar o jornal de cima do balção.

Quando chegava um freguês, um dos dois, quando não os dois, deixava a costura de lado e ia atendê-lo. As prateleiras da loja viviam repletas de tecidos de todas as qualidades e tipos, atualizados, renovados nos seus estoques como deviam sê-los nas grandes lojas das boas cidades. Com toda a certeza, o atendimento contemplava um bom papo, demonstrando que entre o freguês e o dono da loja, havia não só o interesse comercial mas também a amizade se incluia nessa relação. Se acabava não comprando nada,não havia importância... valera o papo!

— Zé! vamo fazê um parêio pro moleque!...

— Já é tempo!... vamo tirá medida!

Dai em diante, tinham mais um freguês naquela alfaiataria. Ternos de tropical, casimira, linho, só paletó de lã e até mesmo calças avulsas. Tirava-se as

medidas e depois de alguns dias ia-se provar o paletó, ajustando no nosso corpo as principais partes ou detalhes, tirando-se os excessos ou os possíveis defeitos que o feitio acusasse... e mais uns dias recebíamos em casa o terno pronto para ser estreiado com um passeio com a namorada.

José era casado com Henriqueta e Romano com a Rosa. Dona Amália, a mãe dos dois. Clara era filha de José e a Gema, do Romano. Do primeiro, havia ainda o Guido e o Geraldo. Do segundo, por ser mais velho, os filhos já todos moços e estudantes adiantados, nos auxiliavam nos estudos lá na saleta de estudo; eram eles: Néis, Hélio, Lurdes; o primeiro automóvel, que me lembro existir como sendo de propriedade de um vilarezendino, pertencia ao Neis e ao Hélio _ um ford — bigode, novo. Tia Genoveva era a irmã solteirona da dona Rosa, que generosamente nos distingüia com as suas atenções, como tia de todos nós.

Seu Zé e seu Romano gostavam de bocce e de uma cerveja, freqüentadores assíduos portanto, do Papini. De compleições franzinas, quase calvos, restavam-lhes alguns cabelos para tapear as carecas. O Zé tinha uma outra paixão: a pescaria. O Romano, detinha-se na leitura do Estadão e da Fanfula, estando sempre muito bem informado de tudo que acontecia no País e no Mundo, explicando-nos os fatos que lia e nos dava a sua opinião e o seu pensamento sobre essas coisas todas.

Claro que dentre os dois, o Zé nos divertia mais, dado ao seu espírito pândego e por estar sempre a levar as broncas da dona Henriquetta quando o ia buscar no Papini, para ir jantar, o que evidentemente, não o faria se o deixassem na roda de amigos, preferindo ali ficar e deliciar-se com a cervejinha.

— Táqui Pierin! Eis o seu terno!... agora já pode ir namorar!... Eh, Eh, Eh!...

MEMÓRIA DA VILA — XII

— Voce falou de benzimentos, mas se esquecera de um nome!... e importante!

— Esqueci?!... qual?

— Dona Madalena Matarazzo!...

— Poxa!... é mesmo!... mas sempre é tempo... Afinal, como é possível não deixar de mencionar muitos nomes diante do grande número de extraordinárias pessoas que viveram aqui na Vila Rezende, nos valendo apenas da memória? Dona Madalena é uma delas, não esquecida, e sim, extraordinária, que se inscreveram no livro do mérito comunitário, dado o seu amor ao próximo e ao bem que distribuíra, generosamente.

Dona Madalena. O seu nome não coincidia, acidentalmente, ao de Madalena, a Santa. Ela, a de sobrenome Matarazzo, também era santa, e as suas bênçãos, faziam desaparecer os males do corpo e da alma da legião de crianças e de gente grande que a procurava.

Vizinha das famílias Sêga e Schievano, recebia na sua casa modesta toda sorte de gente, e na humildade cristã, atendia a todos. Como pertencia a essa raça nossa, italiana, usava vestidos longos, cabelos presos com um coque na nuca, avental amarrado na cintura gorda e com as eternas marcas de dona-de-casa aplicada ao trabalho doméstico. Tanto ela, como dona Carolina do Ignácio "Padeiro" (havíamos mencionado o seu Ignácio sem o complemento sobejamente conhecido — Padeiro — e aqui fazemos o devido reparo), diante dos seus méritos pessoais reconhecidos e incontestados, é de se estranhar que até hoje, os seus nomes não tenham sido lembrados por nenhum de nossos vereadores e prefeitos, para serem perpetuados nas nominações das ruas da Vila Rezende. Fica aqui a nossa sugestão: donas Madalena e Carolina para nomes das próximas avenidas desta nossa parte da cidade.

Os Matarazzo, família bastante grande, têm tradição na vida do bairro, principalmente pelas suas participações nas atividades paroquiais e esportivas, estas no famoso e glorioso Clube Atlético Piracicabano. Sapateiros. Consertos e fabricação. Natural que, em comunidade pobre, o conserto de calçados fosse maior e mais freqüente do que fabricá-los novos. E não eram os únicos, não! O Buzzatto, o Everaldo, o Zé Polenta, também se dedicavam a essa atividade e, coincidentemente, nenhum deles ficara rico — fortuna —, no sentido literal, enquanto que no sentido humano, todos eles enriqueceram-se de amigos. É o caso do "seu" Francisco Matarazzo — da Vila Rezende — não o do "conde", lá de São Paulo!...

Mas vamos falar de gente forte, de grande força física, que conhecemos por aqui.

Benedito Giannetti — o Bêne. Hoje, ele vive no centro da cidade mas morava aqui, na Vila, onde possuía uma fábrica de vassouras — vejam só — vassouras!... Quem diria!?... só aquele que o conhecera lá!...

Fábrica de Vassouras "Elefante". Para um homem forte, só um nome "forte" poderia levar o produto saído de suas mãos — mesmo sendo uma vassoura —, e assim estava garantida a perfeita identidade entre ambos.

Realmente, o "seu" Bêne poderia ser chamado de "italianão"! Um imenso homenzarrão, dono de dois braços vigorosos capazes de demolir uma parede como quem furava uma folha de jornal, entretanto, à única violência que eles se aplicavam era no bocce. Então, víamos aquelas pesadas bolas atravessarem voando a extensão da cancha toda indo explodirem bem no meio do pobre balin, fazendo-o espirrar longe, ou ainda, apanhar uma "debota" estrondosa na bola adversária e fazer o "ponto". Os seus companheiros de jogo, ficavam assombrados com aquelas atiradas violentas, havendo bem poucos igualmente capazes de fazê-las. Mas havia!...

Fortes. Homenzarrões. Contemporâneos.

Martin Petta, Rissieri Caldari, Sylvio e Xandrico D'Abronzo, Ico Furlan, Humberto Giannetti, Sylvio Zillo, Sylvio Marconatto, Sola (Alfredo Bertolini), Miguel Sansigolo, João Contarini, Antonio Degaspari, por exemplo.

— Meu Deus!...

— Mamamia!... começamos com figuras tão meigas, tão suaves e santas e acabamos com um bando de brutamontes!... Não, eram fortes, sim, mas brutamontes, não!...

MEMÓRIA DA VILA — XIII

O entardecer, visto daquele ponto, no topo da colina, diferia em muito ao entardecer que hoje se contempla visto do mesmo ponto. O Sol é o mesmo, a colina é a mesma, os dias são do mesmo tamanho e o Sol se põe à mesma hora, todos os dias. Então, porquê diferem, o de hoje com o de ontem?!... pelo fato muito simples: aquela colina estava além dos limites da cidade e agora, a cidade está muito além daquela colina!...

O pôr do Sol é lindo, sempre. Mas claro que é, ninguém desdiz isso! Apenas dizemos que, daquele ponto geográfico, ele tinha uma outra moldura e agora, a moldura é diferente, menos bela que a antiga. E da primeira, só resta a lembrança e da atual a certeza que irá, com o passar dos anos, enfeiar-se ainda mais, cada vez mais artificialmente pelos avanços do progresso, pela verticalização da sociedade cosmopolita, pela oxidação do ambiente, pela ferrugens que emanará do solo e empesteará os ares...

— Ora, parece que você está contra o progresso e contra o crescimento da sua cidade?

— Não, não estou não!

— Então, porque esse lamento todo?

— Também não é nenhum lamento!...

— É o quê, então?...

— Saudade!...

— ?!

Isso mesmo. Saudade.
Tenho saudade.
E quem não a tem?
Todos a têm!
Então, voltamo-nos ao passado
Buscando alguém
À procura da bondade,
Do passado
Que vai e vem...
E na verdade
Só encontramos a saudade...

É!... o entardecer nos toca, com a sua magia, com a sua nostalgia... agora... ou será que não seria a idade?

Provavelmente, sim!...

Não gosto do número XIII. Por isso, eu o encurto... não o curto!...

MEMÓRIA DA VILA — XIV

Construíram a Vila.

Uns de uma forma — moral, espiritual, educacional, econômica, industrial, social —, outros, foram mais literais: construíram-na de tijolos, areia,cal e cimento e algumas milhares de milhares de toneladas de ferro e aço, plantando no solo desta parte da cidade as suas obras, grandes e pequenas, todas porém, concretas, duradouras.

Pedreiros, mestres de obras, carpinteiros armadores, ajudantes de pedreiros, encanadores, eletricistas, pintores, engenheiros civis, arquitetos e ... até os "práticos"!...

João Coletto.

Uma família inteira de pedreiros — construtores. Boa parte das casas e dos "barracões" (como se designavam os prédios para oficinas, casas de comércio, depósitos e outros tipos de indústrias) fora construída por ela. Ítalo, Mário e João — os filhos homens — seguiam os passos do pai, pegando na "massa" ainda de madrugada e só deixando-a quando o Sol se punha. Seu João fora um "prático" da arte da construção e morreu prematuramente, vítima do desabamento de um de seus barracões, o único a sofrer um dano e quando ainda em construção, ao desabar sobre Piracicaba uma das piores tormentas que se tem notícia, com ventos de mais de cem quilômetros horários. Ele e seu amigo, para quem construía aquilo que seria a sua nova oficina, o "seu" Martin Petta, lá no alto da atual avenida Primeiro de Agosto, onde fica hoje a Motocana. Naquela época, existia ali o campo de futebol do River Plate e as terras eram de propriedade do Engenho Central; circundáva-o uma plantação de eucalíptos, que se estendia pelos outros lados das "estradas" — de um lado a que saía para o Corumbataí, São Pedro e Rio Claro, e de outro lado a que ia à Limeira, e por último, a que se dirigia para o interior da Vila, os bairros do Paieiro e Pitá.

Continuara com a tradição da família o jovem Mário, assumindo os negócios do pai e também as responsabilidades da casa, cuidando das irmãs e irmãos.

Simioni. Afonso era irmão de Cesário e ambos, pedreiros-construtores-práticos. Seu filhos acompanhavam-nos, paripasso e assim iam erguendo casas e mais casas, muros, calçadas, barracões e... igrejas. Isso mesmo — igrejas! Ligados à paróquia, muito religiosos, incumbiam-se dos misteres da sua religião católica apostólica romana e também de todas as obras que os padres Jeronymo Gallo, Jorge Simão Miguel e aos que aqui estiveram a serviço religioso no intervalo que separa esses dois Monsenhores, sem esquecer-se as irmãs franciscanas do Colégio Baronesa de Rezende.

Seminário Diocesano da Vila Rezende, compreendendo inclusive a Capela,

a casa paroquial e a imponente Igreja Matriz da Imaculada Conceição, são suficientes para destacar os trabalhos desses dois notáveis irmãos.

E o Fabretti? O Demétrio...

Braço direito do "seu" Mário Dedini, de quem era construtor exclusivo por ser seu empregado. Sob as suas ordens trabalhavam um sem números de pedreiros, erguendo os enormes galpões que seriam as Oficinas Dedini — caldeiraria, mecânica, fundição, lojas, depósitos, escritórios, residências e, a primeira usina siderúrgica de um só dono e privada. A assessorá-lo, evidentemente, havia engenheiros civis e arquitetos. Ou não? Sim, ou não, os prédios que construíra estão firmes até hoje e levam a sua marca pessoal indelével... Interessante — De-mé-trio —, até parece que deram-lhe o nome imaginando-o "de metro na mão"...

Com o advento das tais casas populares, uma sofisticação dada às favelas mas que não diferem quase nada daquelas feitas com sobras de qualquer coisa, os "construtores" de outrora deixaram de existir, pelo menos com aquela familiaridade que davam-nos em suas obras...

Oficina da Codistil — Avenida Dona Francisca entre as Avenidas Dr. Morato e Jerônimo Gallo — vendo-se no canto direito os eucalíptos do Clube Atlético Piracicabano.

COOPERATIVA DE CONSUMO
FIDJAS DEBINI LTDA

MEMÓRIA DA VILA — XV

— Qinzê! Quinzê! Quinzê!... isto nos faz lembrar do Rabecca, famoso jogador do XV de Novembro que namorou e casou-se com uma das filhas do "seu" Ângelo Mascarin, pai do "Napeva" (o amigo Tarcísio) e conseqüentemente, nos leva àquela casa geminada da Rui Barbosa, vizinha do Berto Barbeiro, do João Coletto e do pai do Irineu Diniz o "seo" Maneco; quatro casas iguais que abrigavam famílias numerosas, cada uma com o seu bando de crianças; e a casa do Mascarin tinha com o que atrair as atenções da meninada: um casal extremamente humano — seu Ângelo e dona Elvira.

Seu Ângelo era marcineiro.

Trabalhava no quintal da sua casa, em sua pequena oficina, onde desenvolvia todo o seu talento de artista com a madeira, cola, verniz, pregos, parafusos, plainas, serras, desempenadeiras e essas outras coisas mais que se usa em uma marcenaria e é chamarisco às crianças endiabradas.

— Seu Ângelo, empresta-me um pouco de cola?!... me arruma um preguinho?!... o senhor não usa mais essa lixa?... posso levar esse sarrafo?!... me empresta o martelo!... e lá iam as infindáveis perguntas-pedidos, que usavam e abusavam da bondade do sr. Ângelo... e ele, admiravelmente, a ninguém dizia não...

Tito, Guido, Tarcísio, Nande... Ivete, Lurdes, Ivone, Assumpta, Clara... os filhos homens, eram feios, mas as meninas, bonitas, muito bonitas, pelo menos assim, nós os meninos, tínhamos essa opinião; as meninas poderiam ter outras opiniões, é claro!... os meninos, da casa, eram nossos amigos e companheiros de folias e isso permitia-nos entrar e sair pela porta da rua ou pela cerca do fundo do quintal, com igual liberdade...

Móveis novos e reformas e consertos dos usados. Seguiram os seus passos, como marceneiros, o Guido e o Tito, por muitos anos ainda após o desaparecimento do pai, o nosso bondoso amigo "seu" Ângelo, cuja vida toda passou-a junto a sua velha banca, no trabalho diuturno e sempre com humildade e otimismo, com gestos e palavras suaves, bem próprios de uma pessoa com o seu nome — Ângelo!...

Alguns metros abaixo, dois irmãos se dedicavam ao mesmo ramo do seu Ângelo — os Carraros—, ou Jota e Berto, precisamente. Não eram naturais da Vila. Vieram do Bairro Alto e aqui se instalaram com a sua oficina de marcenaria. Bons oficiais, progrediram rapidamente e não venciam em fabricar os "móveis de quarto" para os casais que iam contrair matrimônio.

— Vão se casar?

— Ué, como você sabe?!

— Ocêis num incumendáro os móveis no Carraro?!...

Pois é! A coisa ali funcionava até como pregão de casamento... num precisava de jornal. Era só passar no Carraro e encomendar-lhes o jogo de quarto, a mesa de cozinha com quatro cadeiras e mais um guarda-comida e a Vila inteira já saberia que o casalzinho tal "tava de casamento marcado"... num é que ali fosse o centro da "fofoca", não!... é que o povão ficava sabendo das encomendas e se encarregava de divulgar as pretensões dos jovens!

Os seus móveis rivalizavam com os produzidos pelos Nardin e Sansigolo, lá da cidade, e não eram poucos os seus clientes da outra banda do rio.

Nós, crianças, gostávamos de ficar vendo-os trabalhar apesar do perigo das máquinas — serras e plainas —, das quais não podíamos nos acercar sem logo levarmos uma bronca do Jota e do Berto, sempre atentos às incursões da molecada.

Leny, filha de Jota, e Bertinho, filho do Berto eram os nossos amigos de folguedos.

Um dia, acabaram encerrando as suas atividades, seguindo os demais marceneiros da cidade, vencidos pela concorrência das indústrias de fora, que entraram "de sola" no mercado, inundando-o com os seus produtos em série e de qualidade quase sempre duvidosa, mas dado ao preço, vinham pôr um fim em uma atividade artesanal de difícil execução e que requer, além de habilidade, muita arte. Uma pena, mas é a realidade...

MEMÓRIA DA VILA — XVI

Ao lado da velha Igreja Matriz, havia um grande terreno todo murado, com um portão de madeira na frente, ladeado por pilares que se destacavam acima da altura do muro. Era o portão de entrada ao páteo; no muro do fundo, um outro portão, que permanecia sempre fechado e servia só nos dias de festas para maior facilidade de acesso do povo; em linha com a fachada da igreja, existia enormes palmeiras imperiais, centenárias, tal o porte das mesmas, semelhantes as existentes no parque do Dr. Kok, fronteiriço à igreja, que tomava a quadra toda e também era toda murada, como propriedade particular.

Pois bem. Nesse páteo, no final de cada ano, se realizavam as festas da paróquia, em homenagem à Santa Padroeira — Nossa Senhora da Conceição. O nosso Padre Jorge procurou manter a tradição até os dias de hoje, sem entretanto, como se sabe ser impossível, preservar-lhe aquele sabor de outrora... pena, né Monsenhor!?!...

Os sinais do período de festas começava com a armação das barracas, verdadeiros galpões abertos, de madeira, cobertos com telhados de telhas mesmo, iguais às casas; dispostas no meio do grande terreno e algumas quase rentes às paredes do templo, com uma bem grande ao longo do muro dos fundos (essa era para o serviço de bar e para se comer os assados leiloados!...), deixando portanto, espaço suficiente para o trânsito das pessoas.

Cada barraca tinha o seu "festeiro", isto é, estava sob a responsabilidade das pessoas escolhidas pelo vigário para serem as "homenageadas" com o título de "festeira de Nossa Senhora", com o privilégio de sairem na procissão solene em um lugar especial, antecedendo a Banda da "União Operária" que a acompanhava no seu mais garboso uniforme, com todos os seus músicos, maestro e diretoria, tocando marchas e dobrados, como se estivesse a desfilar em uma grande parada cívica. E a procissão, naqueles dias, era uma parada cívica! Talvez até mais solene, respeitada e entusiasticamente participada que hoje. Disso, aliás, nós não temos dúvida...

O festeiro encarregava-se de ajudar na armação da barraca, junto com a equipe de habituais auxiliares e da criançada curiosa; providenciava os seus enfeites, a sua iluminação (a cargo do saudoso Osvaldo Paulino), a arrecadação de prendas e donativos (que culminava com um bando prendatório — não confundir com predatório! — que percorria, em determinado dia, todo o bairro) e de tudo o mais que fosse preciso para funcionar nas noites de quinta-feira, sábado e domingo.

Barraca da roleta — onde se comprava os números de rifa e aguardava-se o sorteio pela roleta para ver se ganhava os brindes, como vasos de porcelana

barata, pratos de porcelana, utensílios de cozinha de alumínio, roupas, garrafões de vinho, peças de crochê e tricô, bordados; barraca da tombola, ou do bingo hoje, cujos prêmios para os ternos, cinqüinas e cartela cheia (ou tômbola) consistiam-se também de prendas, e, de assados; barraca do pastel — bem, essa não precisa ser explicada... mas deve ser salientada!... Ah! que pastéis deliciosos!... tendo também quentão (quente mesmo!) vendido em xícaras de porcelana e dosado para não deixar ninguém embriagado...; barraca da argola — onde se jogava as argolas sobre os gargálos das garrafas e de maços de cigarro, no intento de enroscá-las em uma ou outro e levar o prêmio; a barraca do coelhinho — jogando-se os números das casinhas dispostas formando um círculo e dentro de uma delas o assustado coelho procuraria abrigo; barraca bar — ali encontraríamos as bebidas — (cerveja, gengibirra, cotubaina, vinhos tinto e branco) geladas em barrís com barras de gelo e pó-de-serra, os assados (frangos e leitoas), o arroz e a macarronada (com aquela italianada toda, poderia ela faltar?!) e o churrasco de carne de vaca; nessa barraca ocorria a realização dos famosos leilões, no apregoar dos lances na vóz grossa e poderosa do leiloeiro, que só se contentava quando via todo o seu estoque arrematado... aí, até a sua voz acabara...

Mas o gostoso mesmo, era o quadrar das moças e moços, ou seja, o andar em filas em torno do conjunto de barracas do centro do pátio, as moças em um sentido e os moços no sentido contrário daquelas, de modo que a gente se cruzava várias vezes e se flertava... Ah!... o "correio elegante"!... ele auxiliava, eficientemente, os corações inibidos ou indecisos, os indefinidos, os esquecidos e os desesperançados, os apáticos e os pretensiosos ou orgulhosos... e contribuia também para esses assuntos do coração, o "serviço de alto-falantes" com a oferta de músicas e de mensagens de amor, as tais "dedicatórias", não faltando aquelas encomendadas com a finalidade de "gozar" os amigos e as amigas inventando admirações inexistentes e fantasiosas...

"Festinha da Igreja"... quando crianças pequenas, nos colos dos pais; quando meninos e meninas, no corre-corre sem parar e na disputa de uma vaga no balanço do Padre Gallo; quando mocinhos e mocinhas, no flerte inocente; quando mais adulto, no namoro firme... e depois, depois ...bons tempos, pois!...

MEMÓRIA DA VILA — XVII

Primeiro de Maio.

Como nos anos anteriores, somos acordados nesse dia, feriado nacional, com os acordes de uma afinadíssima banda musical.

— Levanta, levanta logo!... venha ver a banda!

— Banda?!... É! É a banda!...

E lá vamos nós, meninos, nos postar ao lado daqueles homens fardados, como soldados, que estão a tocar os seus instrumentos, orgulhosamente perfilados defronte à casa do seu João Coletto, presidente da Banda.

E ela toca um dobrado, tão animadamente, que agora a rua já está cheia de gente, mesmo se considerando que aquele pessoal não acostumava acordar tarde e à, essa hora, já estavam sempre nos seus respectivos batentes. Admirável então, era o fato de vê-los todos ali, na calçada, sorrindo de satisfação por estarem, a ver e ouvir, a sua Banda.

Terminado o número musical, ela se volta nos seus calcanhares e fica de frente para a outra calçada... e "ataca" outra vez os seus instrumentos. É o ritual. Está à homenagear os seus benfeitores, no dia do aniversário de fundação da orgulhosa corporação. O maestro, todo gestos, conduz os músicos e também os acompanha tocando o seu pistão-de-vara, que, para nós meninos, é um assombro de instrumento, com aquele vai e vem da vara, incurtando-o e encompridando-o... é bem verdade também, que nos espreitávamos a hora que aquele negócio escapasse das mãos do maestro e viesse cair diante de nós!...

Estava iniciando a "alvorada musical" comemorativa à data — dupla data – da fundação da Banda e do Dia do Trabalho, portanto, ambas pertinentes a eles, músicos, pois eles eram a Banda e eles os operários. A partir daquele instante e lugar, iriam percorrer as avenidas do bairro até às 12 horas, sempre tocando as suas músicas prediletas e cuidadosamente ensaiadas, parando defronte às casas dos seus benfeitores eméritos.

Doze horas.

Suados, cansados... mas satisfeitos, estavam de volta e perfilados na calçada do Papini. Logo mais estariam adentrando no restaurante, indo até às canchas de bocce,nesse dia transformadas em um imenso salão de festas, com longas mesas postas—feitas de cavaletes e tábuas de madeira, recobertas de finas toalhas brancas como o leite — e com as cadeiras arrumadas com perfeição.

Uma mesa de cabeceira... cabeceira modo de dizer, pois as duas canchas, separadas por depósito de areia e de bochas, não podiam ser unidas para compor uma mesa principal... os lugares à mesa — os primeiros — faziam as distinções às autoridades e convidados especiais — não poucas e a mais importantes personalidades da sociedade piracicabana e até de fora.

Primeiro de maio.
Corporação Nacional "União Operária".
Honra, orgulho e glória.
Da Vila Rezende.
Dos operários.
Dos músicos.

Os oradores — homens da maior cultura e do dom da oratória — disputavam o raro privilégio de fazer uso da palavra nesse almoço festivo, cada um procurando esmerar-se nas suas orações. Foram nesses sucessivos primeiros de maio que ouvi, os melhores discursos da minha vida, pelos seus conteúdos, pelas suas mensagens, pelas suas riquezas de vernáculo, pelas suas autenticidades, franquezas e rasgos de patriotismo e incontestes provas de amor à Pátria, à família, à Sociedade, ao Trabalho e, da maior brasilidade! E brasilidade — pura — é o mesmo que humanidade!

Primeiro de maio.
Uma tradição da Vila... que se foi!...

MEMÓRIA DA VILA — XVIII

Como toda comunidade orgulhosa, no sentido puro de orgulho, não da vaidade ou de soberba, a Vila Rezende aguardava com ansiedade o dia que viria os seus filhos graduarem-se nas Universidades. De origem operária — do campo ou da cidade —, a humildade estava incutida ali como um dom natural. Mas o humilde, é um ser orgulhoso. E não haveria nada que pudesse mais enaltecer a sua dignidade do que ver os filhos conquistarem as láureas universitárias.

Primeiro médico.

Primeiro advogado.

Primeiro padre.

Primeiro engenheiro.

Mas não festejaria só os primeiros de cada área, de cada especialização, não. Ansiava pelos primeiros de uma série de outros primeiros, inclusive, pelos primeiros de suas respectivas classes ou turmas.

Primeiro "pracinha".

Primeiro "soldado constitucionalista".

Primeira "professora".

Primeira "enfermeira".

Sempre há um "primeiro" como sempre há uma "primeira vez", em tudo.

E ansiava como os jovens pais ansiavam ver o nascimento do filho concebido. Ela tinha centenas e centenas deles concebidos e ainda não nascidos... por isso, ansiava... como boa mãe que era e é.

Esperou, pacientemente.

Foi recompensada.

Hoje, são centenas e centenas de filhos seus, universitários e outros tantos, muito mais que universitários, são humanitários.

Graduou-os. Aos milhares.

Para a vida.

Alguns, bem poucos, infelizmente se desgarraram do rebanho, atraídos, ou melhor, traídos pelas misérias da vida e se perderam nos verdes campos da facilidade, dá futilidade, da vulgaridade, da marginalidade. Bem poucos, porém.

Mas mesmo poucos, foram o suficiente para fazê-la chorar... como choraria ela se apenas um só fosse o filho desgarrado:..

E a Vila, a velha Vila, chorou...

MEMÓRIA DA VILA — XIX

— Uma passagem?
— Não. Duas, sim!...
— O trem sai daqui há pouco!...
— Sai?! mas ele nem chegou ainda!
— Mas vai chegar!...
— ?!

Passagens na mão, mão na mala. Precisava não descuidar-se da mala e das passagens também... afinal, distraído como era, temia perder a mala em algum lugar e não se lembrar onde guardara as passagens!...

Busca um banco. Senta-se e acomoda a mala entre as pernas. Põe as passagens na boca entre os lábios, enquanto apanha o maço de cigarros e o isqueiro... acende o cigarro e apanha o jornal.

Estava só, há quase meia-hora. Então, porque comprara duas passagens, se estava só? Onde estaria a outra pessoa? Seria homem ou uma mulher?

As passagens! Oh! onde estão as passagens? Pô!... acendera-as pensando que fossem o cigarro!... bem que sentira o súbito calor!... Pô! e agora!...

— Ele já vem!...
— Quem?
— O trem, ora!
— Hã!...
— Perdi as passagens!
— Heim?!
— É!...
— E agora?
— Me vê duas outras!
— Duas?! mas você não está só?!...
— Estou!
— Então, porque duas passagens?!
— É que eu não gosto de viajar sozinho!
— ?!

Volta ao seu banco, isto é, no lugar que estava até há pouco... Êpa!... cadê a mala?! Deve tê-la deixado no guichê, pensa logo e volta lá ainda mais depressa...

— Perdeu as passagens?!
— Que passagens?!
— As passagens, ora essa!...
— Você viu a minha mala?!
— Mala?!... mas que mala?!...
— Minha mala!...

— Não, não a vi, não!
— E agora?!... como faço?...
— Fazer o que?
— Viajar, ora!... sem a mala!
— Pergunta prô vigia da plataforma... ele deve tê-la visto!...
— Viu quem?
— A sua mala!
— E o que tem a minha mala?
— Eu sei lá o que contém ela?!
— Ela sumiu!
— Eu sei disso!
— Então o senhor a viu!
— Viu o que, ô meu!... ocê que falou!...
— O vigia... ele deve saber da minha mala!
— Ô, "seu" vigia!... vem cá um pouquinho!... sim! é o senhor mesmo!...
— Pois não!...
— Cadê a minha mala?!
— Mala?!?...
— É!
— Eu num vi mala nenhuma!... Porque deveria saber da mala do senhor?
— O senhor não é o vigia da plataforma?
— Sou!...
— Então, deve saber da minha mala!
— ?!
— Isso mesmo!... é ou não é, senhor bilheteiro?!...
— ?!
— Olha!... se eu for tomando conta da "mala" de todo mundo, quem fiscaliza a plataforma?...
— Eu é que não vou!... eu sou um passageiro'...
— Eu, " bilheteiro!"...
— Então!...
— O senhor é que devia estar a tomar conta da minha mala!
— Como é a sua mala?
— Uma mala!...
— Mas como é ela?! grande, pequena, de couro, de pano, preta, marrom...? Como é ela?
— Pô!... o senhor conhece mala, não!
— Ora, mala é mala,... como é ela, afinal?
— Uma mala, ora!
— Quer dizer que nem sabe como é a sua mala?...
— Claro que sei!... é...é...é... pô! sei lá!... é uma mala!...
— Vai ver que o "matusquela" aí nem tem mala!... num esquenta não colega!...
— É, mas eu sou o vigia!... você num é envolvido, se ele reclamar pro chefe, mas eu sim!...

— Então o negócio é ocê procurar a dita cuja!...

— Vamos lá, amigo... onde é que o senhor estava com ela?...

— No banco!...

— Antes de vir pra estação?!...

— Não, aqui mesmo, na estação, orá!... lá naquele banco, olha!... êpa! lá está a minha mala!...

— Eu não falei?... esse não deve "bater bem"!...

— Vou pedir pra me transferirem para o Interior!... lá pra aquela Estação Barão de Rezende!...

— ?!

— É!... pra Vila Rezende!...

MEMÓRIA DA VILA — XX

Às vésperas das eleições municipais, o nosso pensamento se desvia para esse assunto do momento, acalorado nas cidades do interior, por ser praticamente, uma disputa entre amigos, buscando conquistar os votos de amigos comuns. Aí a coisa pega! Vejo-me hoje, na condição de " mentiroso ". A cada amigo candidato, tenho respondido que votarei nele. Se for manter-lhes a palavra, anularei o meu voto, por inscrever na cédula, os nomes de todos eles, o que não é possível sem anular o voto. Se voto em apenas um, serei de fato um mentiroso. E como não sou chegado à mentira e tão pouco à anular voto, estou diante de um dilema.

Assim se sentiam os eleitores há algumas décadas atrás, aqui na Vila, quando tinham que se decidirem entre um amigo e outro.

A Vila, apesar do seu poder econômico, como a responsável pela maior parte da arrecadação de impostos, nunca elegera um prefeito municipal, nativo do bairro. Mesmo à vereança, custara muito tempo para eleger um representante seu na Câmara Municipal.

O pessoal daqui não é mesmo chegado à política. O seu negócio é trabalhar. Trabalhar, trabalhar, trabalhar... não restando-lhe tempo à ficar proseando à-toa.

Dentre aqueles que me lembro, dedicados aos assuntos políticos, como militantes ativos, destacavam-se os senhores Lázaro Pinto Sampaio, João Vendemiatti, Augusto Costa, Guerino Trevisan, Benedito Antonio Faganello, Newton da Silva, sem falar agora, dos atuais políticos provincianos, que, como já dissera atrás, são todos meus amigos e só me resta não mencionar nenhum para não magoá-los e também, não fazer-lhes propaganda, indevidamente.

O " seu " Lázaro tentara eleger-se prefeito e só alcançou atingir a vereança. O Dito Faganello também.

Realmente o pessoal daqui não está afeito à vida pública.

No tempo do Império, evidentemente, a Vila teve a sua importância política, tendo em seu território a presença da família de Rezende, de significado valor histórico não só à Vila mas à Piracicaba.

Algumas tolices surgiram e desapareceram rapidamente como só acontece às tolices, como por exemplo, de dar à Vila autonomia política – administrativa, separando-a de Piracicaba. Não tivemos " políticos ", mas tivemos pessoas com o espírito " separatista", vejam só, se isso era possível!...

O melhor mesmo, é continuar assim.

MEMÓRIA DA VILA XXI

Areião, Bimboca, Paieiro, Pitá, Nhô Quim, esses eram os bairros contíguos da Vila Rezende. Não, não eram "bairros" em sim "ramificações" que se prolongavam a partir das avenidas que existiam então. Contida do lado do rio, como é até hoje, só poderia crescer na outra direção, expandindo-se à frente e para os dois lados laterais. E foi o que aconteceu.

O Areião desapareceu, ou não? O fato é que o dito "bairro" é hoje, praticamente, o ponto central da Vila.

A Bimboca, passou a ser denominada de São Luiz. O Nhô Quim,se confunde com cidade Azul, Doplan, Nova Piracicaba, Monumento. Paieiro? É São Luiz e Algodoal, engolindo o dito Pitá.

A Oficina Dedini, sob o comando do Sr. Mário Dedini, ia crescendo e pondo à baixo as casas que a circundavam, primeiro aquelas do seu quarteirão, depois, as dos quarteirões seguintes... e pulou as "estradas" de terra, indo fincar-se no descampado da estrada Piracicaba-Corumbataí-São Pedro... hoje, o povo reclama da poluição da siderúrgica e da fundição da Dedini, esquecendo-se que fora ele que acercou-se dessas indústrias!...

Na Bimboca íamos buscar água na "bica", atravessando os pastos e correndo das vacas de leite e de algum boi bravo, que sempre havia por ali... e, em turma, sempre em bando, aventurávamos por aquelas redondezas; seguíamos pelas trilhas até às barrancas do rio, para pescar lambarís e piavas...

No Nhô Quim, costumávamos ir caçar rãs e matar sapos, de bodoque... abundantes naquela baixada sempre alagada, por ser um brejo só...

No Areião, tínhamos por atrativo o campo de futebol quase sem grama, para não dizermos "nenhuma"!, do River-Plate Futebol Club e, o eucaliptal frondoso e de refrescantes sombras... municiados de bodoque, gaiola e alçapão, estes dois para caçarmos papacapins e correntinos...

Para se chegar até o "Monumento", necessário se fazia adentrar-se na propriedade do seu Mário Whitier. Limitava-nos até o obelisco, sem nos aproximarmos da casa desse senhor, não por temê-lo, mas sim por respeitar a sua privacidade.

A Vila foi crescendo, crescendo, tanto, que dezenas e dezenas de novas avenidas foram sendo abertas, mudando por completo a fisionomia dessa parte da cidade, acrescendo-se de outros bairros e um número impressionante de casas, de novos parques e jardins, inclusive com um Jardim Zoológico.

A antiga avenida Rui Barbosa se transformou, e segue mudando, até converter-se exclusivamente em zona de comércio, faltando-lhe pouco já, para sê-la. Até uma nova avenida surgira no antigo leito da Estrada de Ferro Sorocabana, indo da velha ponte até o novo centro comercial recém-inaugurado, e certamente,

a faixa que lhe resta, da avenida até à margem do rio, acabará ainda convertida em um aprazível parque ecológico, como nós gostaríamos de ter ali...

Pelos lados do Engenho Central (já desativado) e da Igreja Matriz, não há mais espaço que falte ser urbanizado. É uma zona residencial só — com vários nomes, é claro —, e temos então as Terras do Engenho, a Nova Piracicaba, o Mirante...

Vila.

Onde está então, a tal Vila?

Está aí. Ela é toda essa porção de bairros e já bate às portas de Santa Terezinha ou antigo Corumbataí...

MEMÓRIA DA VILA XXII

"Quadrar" jardim não foi privilégio do centro da cidade, não. Aqui na Vila, também se "quadrou" jardim e por muito tempo, desde a inauguração da Praça Imaculada Conceição, fronteiriça à Matriz.

Nós, com as nossas namoradinhas, não saberíamos dizer quantas voltas demos àquele quadrilátero, em um sentido e no outro, indo e vindo de mãos dadas, tecendo o fio que ligaria as nossas vidas e seria preso com o laço do matrimônio, dado no cartório do seu Mário Telles e arrematado solenemente no altar-mor sob as bênçãos do Padre Jorge.

Recém-inaugurada, a Praça era bonita. As árvores e palmeiras imperiais, grandes, provinham do bosque do Dr. Kok por este originar o novo logradouro público; as demais, haviam sido plantadas com carinho e capricho; no centro, uma pequena fonte luminosa, com a imagem de Nossa Senhora da Conceição; à volta toda e nas alamedas, bancos de cimento e concreto armado, ofertados pela indústria e comércio, levando portanto, cada um deles, a propaganda do seu patrocinador. Nos canteiros, grama, arbustos, flores, muitas flores... e nos braços, a flor mais bonita e a mais cobiçada — a nossa namorada!...

Por um bom número de anos, o local se manteve limpo, bem cuidado, com as suas luminárias em ordem, sem lâmpadas queimadas e vidros quebrados. Conseqüentemente, bem freqüentado, de dia e de noite, reunindo-se ali, para gostosos bate-papos e namorar (como já dissemos), os vilarezendinos, usufruindo do agradável recanto. Depois, gradativamente, fora sofrendo um processo de deterioração devido as desatenções do órgão municipal responsável pela sua limpeza e manutenção e, nunca mais voltara a ser o mesmo, apesar das promessas e dos compromissos dos nossos últimos administradores municipais e dos novos vereadores representantes do bairro.

Uma pena.

Pobre Padre Jorge, que tem pedido em vão, pelo seu jardim!

É, padre, é como o Coringão!... esperança, esperança!... Um dia ainda o faremos nosso Prefeito e aí, então...

O povo precisa de jardins.

É uma necessidade social tê-los distribuídos estrategicamente pela cidade toda, como "pulmões" verdes, não só para purificarem o ar mas também, para arejarem o coração do povo. Quem contestam-lhes estas duas finalidades primordiais?

Passear no jardim, com a família, com a namorada. Crianças a correr, a brincar, a andar de velocípedes e acercarem-se dos vendedores de pipoca, algodão doce, amendoim, de revistinhas em quadrinhos e ... a reinar nas águas da fonte, tentando enxergar nas suas águas os peixinhos inexistentes...

Ah! meu jardim da Imaculada!... Nos dias de festas, de procissões da Igreja Matriz, eras pequeno para conter o povaréu todo!...

— Vamos tomar um quentão?!...

— Ótimo! Obrigado!...

— Quanto é o doce de batata doce?

— Quinhentos réis...

— ?!

— ... dois!

— Ah!... me vê dois, então!

E la íamos-nos nós, com os dois enormes doces de batata doce, comendo-os enquanto quadrávamos o jardim...

MEMÓRIA DA VILA — XXIII

Giordono Boscolo — seu Jordão — fora nomeado Juiz de Paz, da Vila Rezende, atendendo uma solicitação do dono do Cartório de Registro Civil, Sr. Mário Telles, seu velho amigo e companheiro em outras inúmeras atividades comunitárias e sociais, dentre as "sociais" aquelas reuniões suas, de todas as tardes, no bar do Papini.

Aliás, é bom que se esclareça aqui, que reunirem-se no Papini, para aquele grupo de amigos, não significava absolutamente estarem todos os dias à bebericarem, muito embora todos eles fossem, igualmente, bons apreciadores da "cervejinha gelada e espumante" servida ali, em copos esmeradamente limpos e polidos. Senão, alguém, que não os conhecera, pode deduzir que eram eles inveterados beberrões, coisa que não eram.

Bebia-se cerveja, evidentemente, mas aquele pessoal sabia como bebê-la e faziam-na um complemento do "papo" e não um "fim de papo"...

Cidadão prestante, não se negou em atender o pedido do amigo e viu-se então, nomeado Juiz de Paz. Bairro grande e com grande abrangência territorial, o Jordão, ao ganhar o cargo perdera o sossego, ou pelo menos, boa parte dele. Sábado, domingo, feriado, eram e são ainda, os dias preferidos pelos noivos. Mas casa-se também às segundas, terças, quartas, quintas, sextas-feiras, nos mais variados horários. Para compensar o sacrifício, alguns desses casamentos ocorriam no mesmo local da festa e, como o Juiz exercia um papel de destaque nessas solenidades, acabava sendo convidado à participar da festa.

A idade é ardilosa e a danada pode muito bem nos preparar surpresas imprevisíveis, tanto boas como más. E para o nosso amigo Jordão, reservara uma acentuação da sua forma distraída de viver. No trabalho, essa sua distração divertia-nos e divertia também a ele, por reagir com gostosas risadas ao perceber as gafes que cometia. Assim, não era de se espantar vê-lo a sair correndo, com a gravata na mão e vencer os poucos quarteirões que nos separavam do Cartório rapidamente, procurando compensar o atraso, inutilmente, pois os noivos já estavam cansados de esperá-lo.

Infelizmente, já não ouvia bem. Imagine-se portanto, a confusão que causava por causa dessa sua deficiência auditiva, na hora de questionar os noivos... nomes, sim ou não, confusão...

Finalmente, depois de muitos anos, deixou o honroso cargo, e se não me engano, sucedeu-o o Sr. Waldomiro Scarpari, outro notável cidadão prestativo da Vila... e certamente, esse nunca "perdera a hora"!...

Seguindo essa trilha de cidadãos prestativos e notáveis, não nos esqueceríamos nunca dos barbeiros da Vila. Ora essa, barbeiros?!... sim, senhor! Afinal, se não fossem prestativos e notáveis cidadãos, não estariam eles ricos?... ou você já viu um barbeiro rico?!...

Berto Barbeiro, ou Alberto Fonseca, já mencionado em outro ponto dessa "memória" por outros "dotes". O Berto cortava cabelo e barba, lá no seu salão quase defronte ao Papini. Tinha o salão, duas cadeiras especiais, dessas com espaldar alto, articulável, apoios para os braços e para os pés e... de altura regulável através de um mecanismo manipulado com o pé, como esses macacos hidráulicos que a gente faz elevar o pistão bombeando-o, ou melhor, como uma bomba de encher pneumáticos..., verdadeiras atrações para a meninada curiosa.

Oriente Spolidório, outro profissional da tesoura e da navalha. Suas cadeiras eram semelhantes as do Berto, duas também. Interessante isso, dos barbeiros quase sempre trabalharem em duplas. Talvez seja por isso que eles nunca param de falar...

Bem, o Oriente, além de gostar de um bom papo, principalmente de futebol e do Parmera, outra coisa comum no bairro... uma parte fala dele porque é parmerista... a outra parte fala mar, de quem?... do Parmera, ué!... e, discutir de passarinhos, ainda mais quando ali se ajuntavam os passarinheiros da Vila!... O seu salão estava sempre cheio de gente, e outra vez, uma parte queria fazer a barba ou cortar o cabelo e a outra, só falar de futebol e de passarinhos... E não é que o Oriente largava o freguês na cadeira e ia discutir tais assuntos, com os amigos, dentro e fora do salão!?...

— Ô Oriente!... ocê vai me largá aqui?!... Ô meu!...

— Péra aí!... ô sô!...

Outro, mais adiante, era o Vica, marido da dona Mariquinha Braião. Este, junto com a mulher, se dedicavam também ao jogo de bicho, concorrendo (?!) com o Berto. Não, não concorria, não!... eram todos amigos, cada um com os seus fregueses cativos.Ah!... lá depois da virada do bonde, perto do Augustinho Cardinalli, do Balestiero e do Duílio Giovannetti, já na Avenida Conceição, funcionava o salão do saudoso seu Gustavo Paulino, que, além de barbeiro, tocava clarinete na banda da Corporação Musical União Operária, a outra grande paixão da sua vida santificada. Depois, mudou-se para mais abaixo, quase defronte à Farmácia São Benedito.

Naturalmente, outros barbeiros havia na Vila, mas esses marcaram época, estando na ativa, ainda, e em plena forma, o Oriente.

Um pessoal notável e admirável!...

MEMÓRIA DA VILA — XXIV

Em uma região tipicamente canavieira, fazer pinga está no sangue do sitiante. Mesmo porque, por ser ele um apreciador de uma boa pinguinha, da pura, feita em alambique de cobre e a fogo, na sua própria casa.

— Seu Gusto! Dá pra fazê um alambiquinho pra mim?!

Mais uns anos, a pergunta é repetida, mas para o filho do seu Gusto:

— Valdomiro! Ocê me faiz um alambique de cobre?... um "cebola"?!...

— Pra quantos litro?

— Pruns quinhento!...

— Tudo isso?!?

— Vô fazê pra vendê!

— Hã!...

Oficina Perissinotto... antes da II Guerra Mundial... e durante a guerra, em 06 de novembro de 1943, junta-se a Waldomiro Perissinotto outro dono de oficina, o seu Mário Dedini e tava feita a sociedade! Nascia a Codistil... com um grande contingente de empregados — Rissieri Caldari, Vicente Munhoz, Santinho Romano... e juntos, vão reformando e consertando alambiques de pinga, de cobre, os antigos "cebolões" de vários formatos e tamanhos, os "alegria" e os "caldeira" e aventuram-se a fazê-los novos e maiores e "acertam", não parando mais de fazê-los novos e maiores, até chegarem aos modernos aparelhos contínuos para álcool, auxiliados pelo homem da técnica e da ciência, o saudoso professor Dr. Jayme Rocha de Almeida.

A partir dai, não deixou mais de crescer e de desenvolver-se, enveredando por outros tipos de máquinas e de equipamentos, chegando ao que é ela hoje — uma potentosa indústria.

Pena que aqueles amigos dos seus primórdios, já não estejam mais lá e cá...

E como oficina, também promissora naquela mesma época, havia do Sr. Martin Petta, no andar térreo do sobrado da Avenida Rui Barbosa, o único de que me lembro, na altura do número 600, mais ou menos, que dedicava ao ramo da mecânica e no fabrico de bombas à vapor (burrinhos) válvulas e outras peças delicadas. Estava a desenvolver-se e para tanto, construía já um novo barracão, através do seu amigo e companheiro o Sr. João Coletto, lá no Areião... mas, por um golpe do infortúnio, ambos morreriam sob a obra desabada durante um terrível temporal. E partiram, para sempre, interrompendo duas carreiras profissionais das mais capazes.

Oficina. Como soa bonita essa palavra! Melhor que "indústria"... que nos dá logo a idéia de coisa pesada, rústica, massificada, seriada... enquanto que

"oficina", nos indúz ao artesanato, à produção manual, individualizada, personalizada...

Oficina do Santin.

Rogério, Vicente, João, Walter e Girdo ou Hermenegildo. Parece até escalação de time de futebol, da antiga linha de ataque! E era mesmo um time, mas de trabalho, duro, diuturno, sem sábado, domingo ou feriado para descansar. Descansar? Como poderia, diante de tanto serviço?!... nem morto!

Instalada defronte ao campo do Atlético (hoje desativado), a oficina batalhava, incansavelmente, para ir conquistando a clientela "sobrante" da Dedini e da Codistil, que não davam conta da demanda dos mercados florescentes, compradores, das áreas do açúcar, álcool e aguardente, todos ligados à cana-de-açúcar. Progredira e muda de nome e de local, indo parar na rodovia Piracicaba-São Pedro, ao lado da Siderúrgica Dedini... é o "cordão umbilical" que não deixa a distanciar-se muito da casa-mãe!...

Amido Paulista... produzindo finíssima farinha de mandioca, de elevada pureza e qualidade... Onde? aqui na Vila?... num acredito!

É isso mesmo! E pertencia ao grupo Dedini e ficava antes do Corumbataí, ou como queira-se, de Santa Terezinha, dirigida pelos "seus" Albérico Parente e Dr. Paulo Geraldo Serra. Posteriormente, o local deu lugar à CIMAPE, Companhia Manufatureira de Papel e Embalagem, também da Dedini, que fabricava papel e papelão à partir de bagaço de cana-de-açúcar, sendo sucedida, mais tarde, pela Klabin.

Praticamente, todas essas indústrias que existiram e ainda existem aqui na Vila, hoje poderosas, nasceram como pequenas "oficinas", que, no sentido figurado significa "lugar onde se dão grandes transformações", e literalmente, é o "lugar onde se exerce um ofício". E Vila Rezende sempre fora isso mesmo: lugar de trabalho e berço de grandes transformações...

Um alambique para pinga, com aquecimento a fogo direto, inteiro de cobre; fotografia tirada no quintal da Oficina Perissinotto, Avenida Rui Barbosa, esquina com Avenida Dr. Morato.

MEMÓRIA DA VILA — XXV

Há quarenta anos atrás, aos domingos, passear no Mirante se constituía em um bom programa para os moços e moças da nossa Vila e, evidentemente, também da cidade. Antes, eu não poderia ter testemunhado, mas por certo, deveria também atrair para lá, as preferências da moçada, considerando-se a beleza do salto e do aprazível bosque com todas aquelas árvores centenárias e a rica vegetação característica do local.

Nas tardes quentes de verão, estar ali, sob as árvores e à margem do rio, parecia-nos estar à beira do mar, gozando da agradável brisa e do chuvisco que ela nos trazia ao carregar consigo a névoa que se elevava do choque das águas de encontro às pedras.

Sentávamos no chão de terra das suas alamedas para melhor apreciar o rio e admirar os pássaros que voavam de um ponto a outro; as garças graciosas, delicadas, brancas como se a luz do sol estivesse nas suas plumagens, paradas imóveis sobre alguma pedra ou, a voar em grupos, indo e vindo, continuamente; os peixes que saltavam entre as pedras, tentando vencer os degraus do salto e assim irem rio acima... Ah! como era bonito e gostoso aquele lugar!...

Alamedas. Tortuosos e estreitos caminhos, que nos propiciava caminhar ao longo do trecho mais bonito do rio e chegar-se até as suas barrancas íngrimes e cobertas de limbo, de samambaias, trepadeiras e capim, vendo-se os cipós caindo das árvores como se fossem os liames entre elas e o próprio rio...Quando meninos ainda, ao ficarmos ali, debaixo daquele paredão de rocha e vendo os ditos cipós a balançarem-se, fantasiosamente, víamo-nos transvestidos de piratas, prontos à saltar pelo caminho dos ares e vencer aquele formidável obstáculo, contagiados naturalmente, pelos filmes de aventuras que assistíamos do "poleiro" do Cine e Teatro São José...

Quando o rio estava na sua maior cheia, tornava-se perigoso aproximar-se das suas águas, tal a violência das suas corredeiras e o embate constante delas às pedras. Entretanto, no período de seca, podia-se caminhar sobre o leito do rio e explorar-se as cavidades daquela massa gigantesca de rocha vulcânica, cheia de mistérios, para nós, crianças, e familiares para os mais adultos que buscavam apanhar entre as pedras e nas poças dágua, os cascudos e os mandís, sempre abundantes, mesmo com o rio quase exaurido... enquanto que, com o seu nível normal, era comum vermos os formosos dourados e resplandescentes corimbatás saltarem em grande número nas quedas dágua, e os lambarís serem a coisa mais corriqueira por estarem por toda parte.

O "véu da noiva" dificilmente deixava de ser visto, fato que só acontecia quando se tornava imprescindível a limpeza do canal do Engenho e o único jeito para isso implicava no fechamento das comportas no ponto da captação das suas

águas, lá à altura do "poção", no final da "ilha dos namorados". Todo mundo gostava de ir vê-lo de perto, lá no final do "Mirante", isto é, de livre acesso do público e daquele ponto à diante, era área privativa da usina de açúcar, o tal do Engenho Central.

Aliás, bem pouca cidade no Brasil, podia ufanar-se de possuir no coração da cidade — como posição geográfica —, em pleno funcionamento, uma das maiores usinas de açúcar e não sofrer os danos da sua poluição ambiental, e ela realmente poluia, pelo menos a atmosfera, com aquela sua fuligem negra — o carvãozinho da cana — expelida pelas suas altas chaminés. Uma curiosa vizinhança — o salto e o engenho.

"Mirante". Havia um local realmente com essa finalidade, de permitir às pessoas, de se postarem com segurança e admirarem as belezas da imponentes cascatas, recebendo no rosto (e no restante do corpo) aquela névoa refrescante trazida pelo vento.

Cuidava-se do local; mesmo não contando com calçadas e guias de sarjeta, as alamedas não se apresentavam sujas e tão pouco com o chão esburacado e perigoso. Parece que essas coisas, desagradáveis, são conseqüências do descaso ou da incompetência que impera nos dias atuais!...

MEMÓRIA DA VILA — XXVI

Recapitular os acontecimentos e as lembranças queridas da minha querida Vila Rezende, baseado unicamente na memória, revelou-se um bálsamo como não imaginava possível acontecer para a minha alma. Conseguia lembrar-me de muita coisa, mas ao começar por escrevê-las, percebi que podia ver reconstituídos, ambientes completos, com pessoas, objetos, animais, árvores, como se materializados estivessem diante dos meus olhos e, impressionante, chegar até a ouvir as suas vozes, sentir os seus toques, os seus cheiros e perfumes. E me vi, boquiaberto, viajando pelo passado, como se dele, estivesse empreendendo a viagem ao tempo presente. É, isso mesmo. Ao invés de viajar de volta ao passado, estava eu vindo do passado, vivendo aqueles mesmos dias que vivera na minha Vila...

... Ei, negadinha! Vamo "puxá" cana?!... e lá estavam todos eles, os meus amigos de infância, à espera de um chamado meu, para sairmos todos, correndo, à caminho da " linha" (como designávamos as terras do Engenho)...

Estávamos indo à escola... Grupo Escolar "José Romão"... chegaremos tarde, devido ao convite irrecusável... e ainda teremos que ir nos lavar no tanque do recreio, para nos livrarmos do caldo de cana que escorrera pelo pescoço e pelos braços...e com toda a certeza, o nosso diretor, o Professor Leontino — Leontino Ferreira de Albuquerque, — deixará entrarmos na classe só depois de uma raspança, enfileirados no corredor...e dito e feito!

— Seus moleques safados! É sempre vocês, todos!... sempre os mesmos! É só começar a safra e lá estão à puxar cana!... a cambada toda!...

— "Negadinha", Professor!...

— Ca-la-dôôô!... "negadinha", negadinha!... só num levo vocês todos pro meu "gabinete", porque não cabem lá! Mas vão ficar de castigo, aqui! AQUI!...

A risadinha, mal escondida, estava a contradizê-lo... atrás daquele seu rigor todo, o nosso bom diretor se divertia com a nossa traquinagem.

— Dona Rafaelina!... dona Eudóxia!... essa molecada tá de castigo!... hoje não vão pro recreio!... sentenciava ele, e para nós, não poderia haver castigo maior — perder o recreio e a oportunidade de brincar alegremente com os amigos...

Felizmente, ele acabava se esquecendo da penalidade ordenada e os zeladores, os " seus " Lazinho e Alceu, não as aplicavam nunca! Então, pra que esquentar a " moringa "?!

No dia seguinte, a história se repetiria, até terminar a safra de cana...

MEMÓRIA DA VILA — XXVII

A meninada da Vila, dentre os quais me incluia, contava com uma única escola pública, com o curso primário completo — o já citado Grupo Escolar "José Romão" — que funcionava na Avenida Maria Elisa, próximo ao Engenho Central, de onde saira para um novo prédio na Avenida Manoel Conceição, deixando o antigo para os escritórios da recém-criada Copersucar, a poderosa Cooperativa dos Usineiros de Açúcar do Estado de São Paulo. Além dela, só havia uma dessas então chamadas "escolas isoladas" ou seja, uma classe com uma professora, reunindo na mesma sala e no mesmo horário, crianças de várias idades e em diferentes estágios do ensino primário.

Uma classe assim, existia funcionando no bairro do "Paieiro", precariamente, com muita pobreza portanto, sob a responsabilidade da professora dona Juracy de Mello Ferraciu, esposa do comerciante sr. Lívio Ferraciu, pais da Maria Eugênia, da Branca, ambas hoje professoras como a Da. Juracy, e dos meninos Atahualpa (um dos primeiros filhos da Vila a formar-se médico), João Otávio (hoje industrial também da Vila, com a Mefsa) e Luiz Antonio, este engenheiro agrônomo.

Lembramo-nos da dona Juracy indo todos os dias, a pé, bolsa cheia de livros e cadernos na mão e com a sua sobrinha protegendo a cabeça do sol forte, na direção do seu trabalho. Com sol ou com chuva, lá estava ela, no horário certo, cumprindo o seu juramento de apóstolo da educação e da salvação — "Ide e Ensinai". Um abnegado exemplo de amor ao próximo, em primeiro lugar, e, em segundo, de amor à Pátria. Estamos próximos ao "Dia do Professor". — hoje é dia 13 de outubro de 1988 —, e essa senhora, sem dúvida, bem se qualifica como merecedora da nossa homenagem à data, pelo seu exemplo na comunidade vilarezendina.

Mas, como me lembra o amigo Melo, filho da Carolina do Ignácio "Padeiro", "ao mencionar essa pessoa, você se esquecera de fulano de tar!..." e lá vem ele me chocalhar a memória... de fato, ao falar de "sapateiros" deixei para trás o Orlando do Buzzatto (que amputara uma perna e morrera prematuramente), o próprio Buzzatto e, um dos mais novos e populares... o Juca Sapateiro Santin... Ah! e de outro da Vila ainda vivo, portanto hoje com os seus 94 a 95 anos, o Sr. José Lourenço, viúvo da Dona Virgínia Portuguesa Verdureira, antigo empregado do Engenho Central e, segundo o Melo, ainda perfeitamente lúcido e prometendo muitos anos de vida à frente. É!... são gente da Vila, da boa e encantadora Vila...

Por falar em Buzzatto, que morava e possuia uma sapataria, no outro sobrado (que agora me lembrei), situado exatamente na esquina da Rui Barbosa com a dona Lídia. Era uma sapataria velha, já àquela época, com duas portas de

madeira, grossas e pesadas, para o acesso ao público, um balcão rústico que servia também de vitrina e por tráz, encostados às paredes, uns armários onde eram colocados as caixas de sapatos.

Ali trabalhei uns poucos dias, atraído por uma negrinha assanhada que sabia falar japonês, por ter vindo de Araçatuba, temporariamente, trazida pela filha e genro, professores, dessa cidade onde moram. Bem, os ditos sapatos à venda, poderiam muito adequadamente, figurarem em um museu, tal a idade do estoque. Os modelos femininos, partiam seguramente, do número quarenta para cima, sinal que as mulheres, naquele tempo, tinham um senhor pé!...

Outro sobrado, defronte ao Papini, na parte térrea servia de armazém de secos e molhados do Trombani e na parte superior, além de ser moradia dessa família, abrigava uma das primeiras sedes do Clube Atlético Piracicabano, com todos os seus troféus expostos nas estantes fixadas às paredes e, as saletas, como locais para o jogo carteado, não proibido à época. Claro que tinha bar... uma velha geladeira e um minúsculo balcão... com o nome de bar, dirigido pelo Miro e Zé Polenta (irmãos) Pinazza. Só muito tempo depois, ao adquirir o velho casarão da Sociétè de Sucreries Brèsiliennes, onde é hoje o Edifício Armando Dedini, é que a sede do Atlético adquiriu uma feição de sede mesmo e agora, também já se mudara para outro local em virtude do crescimento do clube. É o progresso!...

MEMÓRIA DA VILA — XXVIII

Como já dera para perceber-se (e como!), esta série está se parecendo, cada vez mais, com uma colcha de retalhos, tal a desordenação e a confusão dos assuntos e das épocas, sem citações de datas e de nomes completos de locais e de pessoas (físicas e jurídicas). Porém, é bom salientarmos, não tem ela a mínima pretensão de ser História da Vila Rezende, primeiro por não ser eu, a pessoa indicada e capacitada para um trabalho de tamanha importância e responsabilidade, e segundo, ao valer-me só da memória, não sou tão velho assim... daí, não passa de uma "colcha de retalhos", mesmo, mais para tapar o frio que sentimos ao avançarmos na idade da vida e não como um "cobertor" que agasalha devidamente todos os membros do grande corpo físico (e abstrato) da Vila Rezende, portanto, a sua História.

Estou mais a anotar os aspectos e as imagens que ficaram gravadas na minha mente e que, mediante um exercício dado a ela, voltam do passado com uma maior ou menor nitidêz. E como tenho alguns bons amigos, que me induziram a escrevê-las, me atrevo a vir à público, sujeitando-as, desde já, aos necessários reparos que elas requererão, com toda a certeza.

Ali na Rui Barbosa, onde é hoje a Farmácia do Zezinho, era o Bazar Santos (do Mário Português) e ao lado deste, o Papini, depois o Bertini, a minha casa (da minha nona Carolina) e finalmente o Açougue do Zillo. Do outro lado, depois do Mário, a casa do Martins, a sua oficina de arados (implementos agrícolas), a casa da Mariquinha (Vica, seu marido) Braião e finalizando a quadra, o armazém de secos e molhados dos senhores Lívio e Glaúco Ferraciu.

Os irmãos Wolney e Lico Martins, (aquele, o Picapau e este, o Moacyr), possuiam uma oficina onde produziam todos os tipos de implementos agrícolas — arado, semeadeira, grades, capinadeira, colhedeira e outros equipamentos mais, empregados na lavoura —, com bom número de empregados, sendo que eles próprios, o Lico e o Picapau, eram os artífices principais, pegando no batente duro, todos os dias. Nós, crianças, como todo mundo que aparecesse ali, tínhamos livre acesso a sua oficina, a Oficina Martins e nos encantávamos em ver o ferro avermelhar-se no fogo da forja a carvão e em seguida, tomar a forma desejada ao ser malhado de encontro à bigorna, pelas mãos dos hábeis ferreiros... e ficávamos horas e horas admirando o bater do malho e o martelar daqueles homens suados, avermelhados pelo calor do fogo... e depois, unidas as partes que comporiam cada equipamento daqueles... e finalmente, já pronto e pintado, para ser entregue ao comprador, que ia retirá-lo ali, na fábrica.

Os seus produtos eram bons e resistentes... e se eram! só por agüentarem aquela malhação e martelação toda!...

No quarteirão de baixo, em direção à ponte, tínhamos o dentista João Martins, a Zayra Papini, o escritório do Coba, de contabilidade, a Coletoria Federal, cujo chefe era o sr. Ângelo Fellippini, a Fábrica de Vassouras Elefante (outro sobrado! e dizia eu que era só um...) conjunta à casa do Joane (Vassoureiro) Ferrazzo, as casas do Mazzonetto e Sêga e o seu bar... é!... o Sêga tinha bar com cancha de bocce também, antes de se instalar ali, outra fábrica de Vassouras, a Princesa..., a lavanderia do Duílio Schievano, a sapataria (sapateiro) Matarazzo que depois cedera o lugar à Agência dos Correios, a casa do Caligiuri... Ah! Caligiuri... quem não se lembraria do "Barba-Russa"?!...

Bem, isso demandaria um pouco mais de tempo... vamos pois, deixá-lo para mais tarde...

MEMÓRIA DA VILA — XXIX

Para nós, todo árabe era logo identificado como "turco", não havendo distinção entre as diferentes nacionalidades que perfazem o mundo árabe, ou o Oriente Médio. Sírio libanês, iraniano, iraqueano, jordaniano, saudita, recebia de imediato o genérico qualificativo de "turco", e pronto.

E turco ali, no nosso bairro, era o "seu" Issa. Issa Antonio... pô! como pode o sujeito ter por sobrenome, um nome?!... e para confundir a nossa cabeça, a sua esposa chamava-se dona Amélia Issa, sua filha, Marlene Issa... mas e os seus filhos?... Manoel Antônio... Antônio Issa... dava pra entender?!... não, não dava! Era mesmo negócio de turco!

E como todo turco, tinha o seu Issa "una lodjinha"!... de tecidos, de armarinhos e de outras coisas mais... Na verdade, a sua loja tinha de tudo, inclusive uma extraordinária freguesia, incluindo a nossa família.

Estava estabelecido no estratégio ponto da Vila, bem na curva do bonde e início da Avenida Rui Barbosa, fazendo esquina coma Barão de Serra Negra. Até o ponto do bonde era conhecido com o seu nome — a esquina do Issa.

Homens notáveis, mulheres admiráveis... sob todos os aspectos... e padres?

Padre Gallo. Elevado ao título honorífero de "Monsenhor", todo mundo continuou chamando-o de "Padre", igualzinho ao Padre Jorge, que também é Monsenhor e, sucessor verdadeiro do nosso antigo e querido pároco.

Padre Jerônymo Gallo. Padre Jorge Simão Miguel. Ambos com suas vidas de pastores de um grande rebanho de almas, inteiramente dedicadas à Vila Rezende.

Quando o conheci, já estava entrando na idade na qual a pessoa não é mais nem nova e nem velha. Ele porém, me conhecera antes... ao batizar-me, enquanto que eu, só viria identificá-lo como nosso vigário quando atingisse a idade do discernimento, capaz de distingüir um homem comum de um padre.

E ele não poderia ser confundido nunca com um homem comum. Um homem extraordinário e um padre autêntico, como poucos, igual ao que ocorre com o Padre Jorge, em épocas diversas, evidentemente.

Severo, impunha silêncio no interior do templo somente com o seu olhar e, quando eventualmente interrompia o seu sermão dominical, podia-se ouvir uma mosca voando na abóboda da nave principal. Mas só aparentava tal severidade. No fundo mesmo, encontraríamos nele apenas bondade, uma profunda fé cristã, uma caridade sem limites e um testemunho vivo da humanidade franciscana. Usava chapéu e não dispensava o guarda-chuva quando tinha que enfrentar o sol forte.

Amava as crianças.

Tinha sempre uma bola nova, de capotão e tento, de reserva, para não deixar-nos sem o nosso divertimento favorito — o futebol — no páteo da Igreja, e, quando surgiram as bolas providas de válvulas, cuidou para que as tivéssemos também. Construíra um balanço, ou melhor, dois balanços, um ao lado do outro, para meninos e meninas, permitindo-nos usar tais brinquedos — a bola e os balanços — após as aulas de catecismo.

Não descurava nunca das congregações da sua paróquia, começando pelas infantis e terminando com as das pessoas idosas; assim, tínhamos respectivamente, por ordem de idade os aspirantes a cruzados, os cruzados, os coroinhas, as/os aspirantes a Marianos e Filhas de Maria, os Marianos e Filhas de Maria, as Irmãs do Sagrado Coração de Jesus, os Irmãos do Santíssimo (homens já quase todos de idade), que vestiam as suas "opas" cor de vinho, fitas e empunhavam os seus "porta-velas" e escoltavam o sacerdote nas suas locomoções durante as celebrações das missas e nas procissões penitenciais ou festivas.

Padre Jorge, como um bom "conservador", procurou manter intáctas todas essas tradições da fé católica, no entanto, há a se considerar que os tempos são distintos entre si e hoje, infelizmente, o povo está muito mais liberalizado e profanizado que há algumas décadas atrás.

Inegavelmente, ambos os "Padres" se notabilizaram, perante os seus paroquianos, através dos seus exemplos de vida, como autênticos pastores e... "monsenhores", ou sejam, "grandes pais"...

MEMÓRIA DA VILA — XXX

Na Vila não havia só homens e mulheres idosas ou senhoras esposas desses homens... não! Havia também muita moça bonita e outras, não tão bonitas, mas simpáticas e muito amigas. E nós, tínhamos amigas, mais velhas que nós, só porque haviam nascido antes, só por isso, pois nos pareciam da nossa idade, em tudo, principalmente na amizade.

E como amigas, nossas e entre si, lembramo-nos das senhoritas Judith Pinto Fonseca, Ada-Yolanda-Justina Papini e Theresinha, todas irmãs, Chiquinha Alleoni, por serem do nosso quarteirão e convivermos com essas moças. Não se casaram e não se cansaram de recusar os seus pretendentes. Simplesmente não quiseram aderir à vida matrimonial, como tantas outras moças do bairro, e de moços também, que preferiram o celibato.

Divertiamo-nos com essas senhoritas, com amizade e respeito fraternal, por serem elas de espírito alegre, extrovertidas, apreciadoras de um bom papo, incluindo nele as piadas e as brincadeiras, apimentadas, mas sadias...

Ferrenhas vilarezendinas. Este é um dos motivos que nos leva a distingüí-las, como referências a uma época. Cada um de nós evidentemente, se questionado, mencionaria outros nomes mais, de acordo com o seu círculo de amizades e o seu ambiente de convivência.

Theresinha discutia futebol como ninguém, pelo menos, capaz de superá-la, em conhecimento detalhado da vida dos clubes e dos seus atletas principais, da mesma forma que discutiria sobre cinema e os seus astros. Encontrávamos portanto, uma boa interlocutora na sua pessoa, desde que obviamente, não se falasse mal do Palmeiras ou do Atlético.

E por falar em Atlético, os seus jogadores todos freqüentavam o Papini, não existindo naqueles tempos, as restrições que hoje são impostas aos atletas e nem por isso eles abusavam da liberdade que lhes era dada e o time se apresentava mal nas partidas, mesmo quando pertencera à categoria profissional especial da segunda divisão. O mesmo acontecia com o glorioso XV de novembro, do outro lado do rio.

O fato de lembrarmos dessas moças, como nos lembramos de outras também, está preso ao sentimento de grande amizade que estabelecia entre as pessoas, de qualquer idades, e é claro, mais forte ele se manifestava entre os vizinhos mais próximos, cujas intimidades permitiam às confidências e aos papos mais soltos e desinibidos. E, à medida que crescíamos, que íamos firmando os namoros e chegava-se aos casamentos, essas amizades não se estremeciam, pelo contrário, aumentavam ainda mais. Então, essas moças, passavam a orgulharem-se de nós, encantando-se com os nossos filhos e felizes ficavam com os nossos sucessos na vida profissional e social.

Triste ficamos, conseqüentemente, com o desaparecimento de várias delas — quase todas —, mostrando-nos a vida, que o tempo passou e nós ficamos velhos e, inexoravelmente, esse tempo chegara ao fim para muitos de nós...

De todos os nomes que nos lembramos e fomos assinalando no papel, nos damos conta de que muitos deles já não habitam mais este mundo. Deixaram atrás de si, a marca de seus passos, das suas labutas, dos seus sacrifícios, dos seus ideais e dos seus sonhos. Ao contemplar o céu, salpicado de nuvens brancas em meio ao azul anil predominante, parece-nos ver no bojo de cada nuvem, um punhado de vilarezendinos queridos, que estão a passear nos seus novos veículos aéreos, para rever a sua Vila Rezende querida e à matar saudades... saudades dos velhos lugares e das velhas avenidas, do casario que ainda resta e dos belos recantos que ainda resistem aos avanços do progresso...

É a nossa Vila!...

MEMÓRIA DA VILA - XXXI

Quando pensava ter encerrado uma série, eis que uma amiga, ao ouvir-me , me põe reparos, importantes e oportunos, impossíveis de serem ignorados ou menosprezados. Assim, o nosso dever é acatá-los com agradecimentos e adicionar mais algumas linhas, nessas mal recordadas "memórias".

Primeiro: o senhor Paschoal D'Abronzo é que benzia caxumba, na base do "tiro e queda" e ensinou a bênção a sua filha Suzana... mas, o Sylvio, também D'Abronzo, não errava no alvo!...

Segundo: dona Madalena Matarazzo, benzia também "cobreiro" (provém de cobra, por isso se diz "cobreiro")... é uma espécie de doença da pele, que começa com um comichão e avermelhamento da pele e vai se tornando uma ferida, alastrando-se pelo corpo todo... não adianta passar remédio, sendo o único remédio, o benzimento!...

Terceiro: no capítulo do "seu" Berto Barbeiro", omitimos as suas filhas Arlete, Yvone e Dalva, sendo a Arlete, a nossa companheira de traquinagens, junto com as suas outras irmãs mais novas, a Diva e a Laura, a que mais bronca recebia do seu pai, pelo menos assim nos parecia, e que pode ser ilusório, dado o vozeirão que o seu pai tinha, principalmente quando berrava: "Déte!... sua...!"

Quarto: os irmãos da amiga Lurdes Bertini... Soave... este por força (e que força!...) do seu marido, o professor Deoclécio — dos quais nos ocuparemos depois...) — Néis e Hélio, não só foram os primeiros moços a terem um automóvel, como incumbiram-se de "desmontar" inteirinha a Fiat, do pai, o "seu" Romano, para o total "escândalo" do mais "expert" dos mecânicos da época — o seu Galézi...

Quinto: e esta sua observação, é a que mais nos sensibiliza, por dizer-nos: "Não pare! Vamos escrever as "coisas" da Vila!... Mas, são bobagens, retruco eu... e ela responde: "Podem até ser, mas são caras para todos nós!... vamos escrevê-las... eu dito e ocê escreve!... "Então, me atreverei a ir registrando a "memória da Vila"...

E estávamos naquele explendido salão de festas da Sociedade Amigos da Vila Rezende, na bacalhoada da Vª. Festa da Primavera, totalmente tomado pelos convidados do Rotary. Como poderia negar-lhe alguma coisa, nesse ambiente? Estava ali, presente, quatro centenas de amigos, reunidos, para um fim especial — auxiliar a Creche Ada Dedini Ometto. Dá pra recusar?!... Não, claro que não!

A Sociedade Amigos da Vila nasceu de uma reunião em 1958, na sede da Sociedade Italiana, com as presenças de Luciano Guidotti, Sebastião Sêga, Aninha D'Abronzo, Augusto Costa, João Vendemiatti, Reynardo Alleoni, Cláudio Dezuó, Guerino Trevisan, Oswaldo Paulino e outros vilarezendinos que se faziam atuantes e participativos (enumeraremos adiante os nomes todos)... e agora, trinta anos

depois, ostentava toda essa realização maravilhosa!... admirável exemplo de trabalho — comunitário!

E correndo os olhos por todas aquelas mesas cheias de gente, vamos enumerando-as, uma a uma, as que representam uma parte das realizações alcançadas em benefício do bairro e da cidade; vamos anotando-as e indagando aqui e acolá, de outras que não vemos ali presentes... com receio de estar à cometer alguma gafe!...

— Como está fulano?

— Morreu!...

— ?!

— Você não soube?!...

— Não, não soube!...

Cumprimentamos um casal de velhos amigos, logo outro e outro... e de cada um recebemos lembretes, ditos por eles ou por soar uma campainha dentro da nossa cabeça, lembrando-nos de fatos passados, permanecidos ali como se estivessem aguardando o momento adequado para voltarem vivos diante dos nossos olhos.

— Você se lembra quando começou a circular ônibus urbano na Vila?

— Claro! Era um ônibus norte-americano, cujas portas abriam-se e fechavam-se hidraulicamente!...

— Isso mesmo! Nós o apelidamos de "Girdão"!... Eh, Eh, Eh!...

— E você se lembra porque?

Bem, isso é outra "estória"!... vamos deixá-la pra outra ocasião... Girdão!

MEMÓRIA DA VILA — XXXII

Uma parcela grande dos homens, trabalham no Engenho Central, a maior indústria situada no próprio bairro, produzindo açúcar e álcool bem no coração da cidade e ao lado do seu mais belo ponto turístico, o Salto de Piracicaba; outra parcela, incluindo as mulheres, na Fábrica de Tecidos da Boyes, do outro lado do rio e também ao lado da famosa queda dágua; uns poucos homens, na usina geradora de eletricidade e na estação de tratamento de água e esgotos; outra parte, na Oficina Dedini, então florescendo como indústria e mais tarde se tornando a mais poderosa da região; uns poucos, nas demais pequenas micro-indústrias e no comércio (quase todos, seus próprios proprietários e familiares); um e outro, esparço, como profissional liberal ou autonômo.

Pela manhãzinha, bem cedo, poder-se-ia ver o pessoal subindo e descendo a Avenida Rui Barbosa, cruzar a ponte, a pé, dirigindo-se para os seus trabalhos. Com o crescimento da Dedini, o movimento de homens nessa avenida podia ser observado de manhã, na hora do almoço (11 horas) e à tarde (às 17:00 horas), caminhando apressados nas horas de saídas, de volta à casa, impelidos pela fome, naturalmente. Sabia-se que eram da Dedini pelas suas roupas sujas de graxa... e ouvíamos as nossas mães nos dizerem: "Você vai tamém pegá na graxa, quarqué dia, si num istudá!..." — uma velha ameaça, para fazer-nos ir à escola... Os operários do Engenho diferenciavam-se por portarem as suas cestinhas de bambu, dentro das quais levavam as suas magras comidas, e na volta, invariavelmente, continham alguns toletes de cana para as suas criançadas... Bons tempos... de dureza!...

Cortadores de cana. Não eram poucas as pessoas da Vila, lá da Bimboca, Nhô Quim, Areião, Pitá, que na época da safra, se empregavam como cortadores de cana, fáceis de serem reconhecidos pelas roupas, chapéus, lenços e podões que usavam... os ditos "bóias frias", são antigos!...e iam suplementar a mão-de-obra fixada na lavoura, nessa época do ano e depois perdiam o emprego.

O "nono" também plantava cana no seu sítio, fornecendo-a ao Engenho Central. Como no mês de julho tínhamos férias escolares, e estava-se no auge da colheita, gostava de ir passar uns dias na sua casa e assim também participar do divertido (para mim, é claro!) corte de cana. O pessoal todo da casa, punha-se, madrugada ainda, na frente do talhão de cana e só parava quando estava ele todo abaixo, cortado, limpo e enfileirados os feixes de cana, prontos para serem postos nas carroças e levados até à "carregadeira", ou seja, o local onde eram transferidos aos vagões do trenzinho da usina; o divertimento meu e das minhas tias pequenas como eu, consistia no momento de seguir no topo da carroça e empoleirar-nos no vagão e ver os meus tios ajeitar os feixes de cana para as suas viagens até o engenho. Bons tempos!... de moleza, para nós, crianças!...

Toda vez que toco no assunto relacionado com o sítio, sinto uma grande nostalgia, certamente por ter a certeza de que ele pertence a um passado que não retornará jamais, mesmo que voltemos a um sítio, até bem parecido com aquele, mas, não será nunca "aquele" sítio. Não voltaria a caminhar pela estradinha de terra, sinuosa, com as velhas mangueiras carregadas de saborosos frutos maduros e aguardando a nossa chegada, ou, o bando de rolinhas que seguia adiante dos nossos passos, voando espavorecido à cada pedra que atirávamos na sua direção, sem nunca acertar em uma qualquer; o subir e descer das árvores ou o rolar pelo barranco de piçarra, esfolando as pernas e braços e enrustindo o fundo das calças... é, com certeza, não estaremos mais lá!

E fazia ele parte da Vila, por ser a sua zona rural, onde moravam a outra parcela da sua população nativa... os caipiras mais caipiras do bairro... Água Santa, Tanquinho, Cruz Caiada, Guamium, Itapiru, Corumbataí, Banco, Santa Lídia, Recreio, Santa Rosa, São José, Costa Pinto, Capuava, Tamandupá e outras tantas localidades limitantes da Vila Rezende com as cidades vizinhas...

Zona rural, aliás, a única "zona" da Vila, que, por uma razão qualquer, ou especial, nunca teve situada nas suas áreas uma "zona de meretrício". Pelo menos, se existira, não pertencera ao nosso tempo...

MEMÓRIA DA VILA — XXXIII

Pelas avenidas da Vila costumava passar boiada, conduzida por "valentes" cavaleiros ou "boiadeiros" montados em seus cavalos enfeitados com vistosas selas e toda aquela parafernália tão ao gosto dos boiadeiros. E vinham através da ponte do Mirante, tangendo o gado e fazendo soar, de espaço a espaço, os seus "berrantes", uma verdadeira loucura para a meninada que via estampada naqueles homens queimados de sol e de enormes chapéus de feltro ou de palha mesmo, os protótipos dos seus heróis do matinê do Cine Theatro São José.

Passava a ponte e subia a Rui Barbosa; depois, quando essa avenida se tornara mais "civilizada", subia a Barão de Serra Negra e vinha pela dona Lídia e em seguida, só pela Dona Francisca, buscando a saída da Vila na direção do Matadouro Municipal do Corumbataí. A cada ano, com o avanço do progresso urbano, o trajeto ia sendo "empurrado" para outras avenidas menos movimentadas até acabarem de vez os seus trânsitos livres, com os bois e vacas soltos, passando a serem "embarcados" nos caminhões ou vagões de trem.

Enquanto perduraram, as "boiadas" se constituíam em atrativos para nós e também motivos de muito susto e correria, quando havia algum boi bravo ou meio teimoso. O primeiro — o bravo — dava correria e muita estrepolia; o segundo, quando "empacava", causava um trabalho danado para dissuadí-lo e muita risada... E quando havia um "estouro" da boiada, era um "Deus nos acuda" e fora os sustos, boas gargalhadas ao vermos a velharada (e os menos velhos, também!) sair correndo da rua, buscando um refúgio mais seguro para escapar dos bois... Felizmente, o nosso vizinho, o seu Vitório Zillo e seu filho, o seu Sylvio Zillo, além de fortes, eram homens que lidavam com bois como quem brinca com seus animais de estimação, e não temiam enfrentar as "feras", por mais bravias que fossem.

Donas Benedita e Carmem dos Santos, eram duas irmãs inseparáveis. Moravam juntas, portanto, ali naquela casinha elevada, na Avenida dona Lídia, encostada na casa do Waldomiro Perissinotto, esquina com a Jeronymo Gallo. Dona Bêne, professora primária, dessas abnegadas mestras que iam dar as suas aulas nas escolas de sítios e fazendas, distantes, não dispondo de condução própria e ter que contar com as "jardineiras" e as charretes, os troles e a pé mesmo. Jamais se casara, e também não se cansara, da sua vida de solteira e de mestra, consumindo a sua vida nas suas salas de aula. Em compensação, encontrara um outro amor na sua vida — o amor ao próximo. Amou os seus incontáveis alunos e as famílias deles, indistintamente. No entanto, não se dera por satisfeita com esse seu intenso trabalho, indo complementá-lo com a prestação de seus préstimos na Igreja Matriz da Vila, a Imaculada Conceição, quando o vigário era o Monsenhor Jerônymo Gallo. Companheira da dona Rosa Maniero, outra abnegada a serviço do próximo, na paróquia.

Dona Bêne cuidava dos registros paroquiais, ou seja, manter atualizados os livros onde são anotados os batizados, os casamentos e outros apontamentos que são importantes para o histórico e o oficial da paróquia. E as congregações. Pertencera a todas e delas zelava com carinho e devoção. Cruzadas, Filhas de Maria, Zeladoras do Sacrado Coração de Maria. Já em idade avançada, viamô-la caminhando lentamente na direção da sua Igreja Matriz, com o corpo a balançar, a cada passo, levando na sua mão esquerda o seu Missal e na direita, recatadamente, o seu terço e não era nada de se estranhar se a vissemos a rezar enquanto caminhava...

E a dona Carmem? Uma senhora morena, alta, gorda, de cabelos sempre presos por um coque, na nuca e que parecia ser ainda mais gorda devido ao seu vestido longo e o avental. Interessante, as senhoras, quase todas, naquela época, vestiam-se assim: vestidos longos, quase sempre escuros, avental na cintura e cabelos longos presos. Uma pessoa alegre, muito alegre! Falava alto, forte e ria... transmitindo otimismo e felicidade...

Gostavam de mim. E eu, igualmente, de ambas. Costumava ir à sua casa e apanhar o dinheiro miúdo — as moedas recolhidas na igreja, nos ofertórios das missas e nos cofres de esmolas —, para servirem de troco no dia de pagamento da firma. Moedas de cem, duzentos, trezentos, quatrocentos e quinhentos réis... e, vez ou outra, alguma moeda de prata, de dois mil réis... dada evidentemente, por alguma pessoa mais caridosa ou mais "abonada" da paróquia... Durante horas, ficava na companhia das donas Bêne e Carmem, separando, contando e empacotando as moedinhas, ouvindo as suas "estórias" e das vezes que a dona Bêne me fazia passar pela janela da "jardineira" e assim auxiliava os meus pais a embarcar e a desembarcar naquela única condução disponível...

— "É o Pedrinho!..." exclamava Dona Bêne... "Carmem!... abra a porta para o Pedrinho!...", esmerando-se sempre em bem pronunciar as palavras, em um Português correto e claro, como boa professora que sempre seria...

Porque será que as pessoas boas e santas, um dia nos deixam?... e o vazio que fica, no lugar de cada uma, seguirá sempre vazio?...

MEMÓRIA DA VILA — XXXIV

A menina namorava, apesar da vigilância dos pais e... dos irmãos. Dava-se um sinal para a namoradinha, lá na frente da Igreja e até no seu interior, durante a reza e ia-se namorar na rua que ficava logo atrás da Igreja ou no Campo do Atlético. Isso acontecia com todos nós e só muito tempo depois, já mais crescidos, é que aventurávamos a quadrar o jardim da Praça da Imaculada de mãos dadas com a namorada. Aí então, os irmãos mais velhos já haviam aderido e aprovado o namoro e passávamos a nos tratar mutuamente de "cunhado".

O Zé Sartori, era "cunhado" da maioria dos nossos e seus amigos, pois o chamávamos de "cunhado" por duas razões: uma que ele ficava logo bravo conosco, seus amigos; outra, porque as suas irmãs eram bonitas, mesmo! E, não nos davam a mínima atenção, além da natural amizade, tanto é, que todas se casaram com os seus moços preferidos. Já o seu primo, o Milton Sartori, levava a brincadeira como ela era de fato — brincadeira... e divertia-se conosco, amigos de ambos.

Não brincávamos apenas com o Zé e com o Milto. Todos aqueles que tinham irmãs, mais ou menos das nossas idades, passavam pelo mesmo tratamento e, quase sempre acabavam de fato cunhados oficialmente, no Cartório e na Igreja. Aconteceu comigo, para a minha felicidade! Gostávamos de namorar e cedo ingressávamos no doce mistér.

O único cineminha da Vila, se é que podia-se chamá-lo assim, funcionava no salão paroquial da Igreja, com uma máquina projetora de 8 milímetros, sem som, que mais arrebentava os filmes (mudos e sovados) do que outra coisa; se não me engano, o Duílio Schievano é que se encarregava da sua operação; depois, o Padre Romário Pazzianotto, conseguira uma outra máquina, de 16 milímetros, sonora e então as projeções ganharam outra dimensão e qualidade, enchendo mais o pequeno e calorento salão, que ficava ainda mais abafado devido a necessidade de ter de se fechar (precariamente) os vitrôs com cortinas de pano preto e grosso para se tentar impedir a entrada da luz dos postes de iluminação pública, rentes ao salão.

Só muito tempo depois, com inauguração da sede do Atlético, a poucos metros da Praça da Imaculada — era só atravessar a rua — é que a Vila veio a desfrutar de um cinema e mesmo assim, improvisadamente, além de beneficiar só os associados do clube.

Mas, para que cinema, se namorar era (e é) muito melhor?... embora no dito cujo também se namorasse!...

Nessa época, construira-se o Seminário Diocesano, no local até então ocupado pela velha casa paroquial do Monsenhor Gallo. Com isso, o antigo páteo ficou menor e deixou de ser de uso público, isto é, de livre acesso nosso, ficando

restrito aos seminaristas e aos inúmeros padres diocesanos que ali passaram a morar, como professores do Seminário, e dentre eles, o nosso querido Padre Jorge, recém-ordenado. O nosso vigário assumira o posto, se não me engano, em a 955, nele permanecendo sem interrupção até hoje; celebrou o nosso casamento, batizou a maioria dos nossos filhos (e netos) e o casamento de nossa primeira filha casada... e vai continuar, como ele costuma dizer: "vocês vão casando que eu vou batizando!...".

O Seminário trouxe inovações na paróquia. Maior número de padres, um bom número de estudantes seminaristas e o ingresso de vários amigos nossos no Seminário, influenciados pelo novo ambiente religioso que se criava. A maioria desses "despertos futuros padres" deixaram-no logo, ao descobrirem que a "vocação" não era bem aquela imaginada. Alguns, tornaram-se efetivamente padres, para a glória de Deus e da Igreja.

A casa paroquial se transferiu para uma casa velha — antes do Galvani, o Elídio, meu amigo e companheiro de infância que prematuramente desaparecera —, no mesmo lugar hoje ocupado pela nova (já quase velha) residência do senhor Vigário. O próprio Seminário deixou de existir e agora não se sabe qual o destino que se dará aos seus velhos prédios; provavelmente, erguer-se-á ali, algum edifício para enfeiar o local e ofuscar a nossa Matriz. Tomara que isso nunca aconteça e o nosso querido Bispo permita transformar aquela área em um anexo da Matriz, preservando assim um patrimônio de propriedade, de fato, da nossa paróquia, embora, de direito, pertença à Diocese. Oxalá isso aconteça!

****

MEMÓRIA DA VILA — XXXV

A primeira livraria e papelaria instalada na Vila, modesta, acanhada mesmo, nascera da iniciativa de um moço recém-chegado aqui; vindo de onde? Da Itália, ora!

Aldo Dedini. Solteiro, folgazão, namorador, como todo bom italiano o é, ainda mais quando se é solteiro e bom de papo! E isso, inquestionavelmente, o Aldo não deixava por menos... sem contarmos o fato de ser parente do Sr. Mário Dedini e de todo o prestígio dessa valorosa família italiana-vilarezendina.

O "seu" Mário-Português-dos Santos, se mudara para um prédio novo (hoje o Unibanco) e no seu lugar se instalou o Aldo, tentando suprir as necessidades específicas do ramo — indústria, comércio, escolas, famílias —, embora dispondo de um diminuto estoque de mercadorias e pouca variação.

Durou pouco tempo. Um dia o Aldo resolvera voltar a sua querida Itália e cerrou as portas do seu nascente comércio...

O primeiro Carteiro que tivemos na Vila, com a função de fazer a entrega das correspondências nas casas das nossas principais avenidas, chamava-se Ezídro Pereira (agora já aposentado, merecidamente) e o fato se constituiu em uma tremenda novidade para todos nós, habituados tão somente com o Sr. Dario Giusti, chefe do Correio.

De farda e boné — na realidade um quépe, como os militares, com o emblema do Departamento dos Correios e Telégrafos - se parecia mesmo com um militar. E as crianças pequenas, como as minhas primeiras filhas, logo ao vê-lo despontar na esquina, gritavam-lhe, carinhosamente, "polícia"!...polícia!...", saudando-o assim e recebendo dele a mesma exclamação, como um éco.

O Ezidro tinha por corruptela, o nome do Egidio e não se importava com isso. Nas horas vagas, exercia a profissão de barbeiro ambulante, isto é, atendia à domicílio, para o corte de cabelo ambulante , isto é, atendi a à domicílio, para o corte de cabelo e barba de uma determinada clientela. Bom de papo, amante de futebol e fanático quinzista, metido no coração dos inimigos do seu time — os atleticanos —, ele era capaz de gastar horas à conversar com os amigos, ou sejam, todos os vilarezendinos. Portanto, a sua distribuição da correspondência do dia, que era acrescida também dos jornais vindos de São Paulo, impunha-lhe algumas horas a mais na sua jornada normal (sem ganhar hora extra!) e se sentia feliz, fazendo-nos também felizes com a sua amizade. Era o nosso primeiro Carteiro... vindo depois, para auxiliá-lo, o sr. Osvaldo de Paula... outro bom papo!

— O senhor não quer ficar assinante do Jornal de Piracicaba?... era o amigo Osvaldo!...

— Fique também sócio do XV!... era o amigo Izidro!...

Zé Alemão não era daqui e como o apelido revelava, deveria ser da Alemanha. Não era. Seu nome é Josef Lacknner, austríaco de nascimento, paulistano de vivência, vilarendino por adoção dupla — por si mesmo e por ter se casado com uma nativa do bairro, a srª. Iracema Dedini, filha da dona Stella Biondo Dedini e irmã do falecido sr. Leopoldo Dedini; profissão — vendedor-viajante — posteriormente, também comerciante e finalmente, vendedor viajante-industrial-comerciante, englobando tudo, talvez de tanto vender válvulas globo... de gaveta, de gacheta e macho, acessórios industriais, etc...

Vinha tanto à Piracicaba, ou melhor, à Vila Rezende, que os seus amigos acabaram sendo todos daqui e como era solteiro, enamorou-se da Iracema e os dois resolveram se casar. O "Zé da Rex" passou a ser o "Zé da Iracema" e fim de papo!... o "alemão" deixou de vez de ser alemão, e nem na prova da cerveja conseguira mais sobrepujar os seus novos "compatriotas"! O fascínio da Vila se impunha, novamente...

Outro viajante-vendedor que se tornara um apaixonado da Vila, chamava-se sr. José Rossetti, também paulistano de vivência e italiano de nascimento. Pintor, graduado em Humanidade em Roma, vinha aqui vender os produtos da Bardella só para rever os amigos e mais tarde, nem os vendia, vindo aqui unicamente pelos amigos da Vila... É! A Vila atraia mesmo! Tanto é verdade, que os amigos da cidade vinham se reunir no Papini, todos os fins de tarde e aos domingos pela manhã!...

§§§§§§§§§

MEMÓRIA DA VILA — XXXVI

Mário Dedini.
Falar da Vila é falar de Mário Dedini.
Falar de Mário Dedini é falar da Vila.
Não há Vila sem Mário.
Não há Dedini sem Vila.
Mas a Vila é anterior a Mário.
Sim.

Em 1914, desembarca no Porto de Santos, rumando para Ribeirão Preto; em seguida para Santa Bárbara D'oeste.

No dia 13 de maio de 1961, o Jornal de Piracicaba publicava essas palavras de Mário Dedini:

"Em setembro de 1920, vim para Piracicaba a convite do meu cunhado Bepe Corrente, para estudar a possibilidade de comprar a Oficina de José Sbravatti, situada numa propriedade de minha sogra, na Avenida Conceição, 3, 5 e 7. O preço da Oficina era de oito contos e quinhentos mil réis dos quais eu tinha somente três contos. Meu irmão Armando tinha quinhentos mil réis e, cinco contos muito gentilmente me emprestou o meu patrão Dr. Luiz Lombardi, da Usina Santa Bárbara, onde eu ainda continuei no meu trabalho, dando a minha assistência técnica por vários anos. Em 1920 encontramos oito pessoas trabalhando. Em 1921, aumentamos para dez. Em 1930, quarenta. Em 1935, cento e cinquenta. Em... "e não parou mais de crescer... até hoje, através de seus familiares e descendentes...

Carpintaria e ferraria (peças para troles, carroças, carroções, charretes), implementos agrícolas (bicos de grades e arados, arados)... "Oficina Irmãos Dedini"... "Oficina Dedini"... M. Dedini S.A... e dezenas de outras subsidiárias surgiram, se transformaram e são hoje expressivas empresas nos cenários industrial e comercial brasileiros, projetando os nomes da Vila Rezende e de Piracicaba além dos nossos limites territoriais.

Se Mário Dedini progredira financeira e economicamente, tanto a Vila como o restante da cidade se beneficiaram com o seu progresso, obtendo através dele, vantagens e benefícios imensuráveis ao longo desse tempo. Incontestável esse fato, como é admirável o seu feito como empresário e incomensurável o seu desempenho como cidadão durante toda a sua vida dedicada ao trabalho e às causas piracicabanas.

Como pessoa emérita e benemérita para Piracicaba, poderá encontrar algum paralelo que o igualasse, porém, superá-lo, nunca.

Homem católico, nutria grande amizade ao seu vigário, o Padre Gallo e aos seus sucessores, até chegar ao nosso atual, o Padre Jorge. Participativo,

apoiava todas as atividades paroquiais, dando-lhes o seu valioso auxílio pecuniário e moral, com a sua bolsa e com o seu prestígio pessoal, com igual desprendimento, nas épocas boas e más, ou em outras palavras, "nas épocas de vacas gordas ou magras", podia-se sempre contar com ele...

A Igreja Matriz tornara-se pequena com o passar dos anos, pelo crescimento populacional da Vila. E ele sentia isso, aos domingos, quando ia à missa, a última do dia — a missa das nove horas — e se postava de pé no fundo da Igreja, depois do último banco, no canto esquerdo, onde estava a imagem de Jesus Crucificado e ficavam os homens durante a cerimônia religiosa. Não faltava ao seu dever dominical e sentia portanto, o acanhamento físico daquele velho templo e se decidira:

— Padre Jorge!...

— Pois não, seu Mário!...

— O que o senhor acha de construirmos uma nova Igreja Matriz?... esta aqui está um tanto pequenininha, não?!...

— Mas, seu Mário, isso custaria muito dinheiro!...

— Padre Jorge!... o senhor não vai se preocupar com o dinheiro!... só com a Igreja!

— ?!

— Vamos construí-la!... igual a da minha querida Lendinara!...

... e se construiu a majestosa Igreja Matriz da Imaculada Conceição, substituindo o velho e pequenino templo, quase inteiramente por conta do senhor Mário Dedini.

Evidentemente, a memória do senhor Grande Oficial e Comendador Mário Dedini, ocuparia sozinha, um volumoso livro, e, o trabalho de uma pessoa realmente competente para elaborá-la à altura da sua rica e humana personalidade. A nossa, é apenas uma lembrança pessoal, de um cidadão comum.

MEMÓRIA DA VILA — XXXVII

— Vamos pescar amanhã?...
— Vocêis é que sabem! eu to pronto!...
— Pois nóis também!
— Intão vamo!

E lá iam eles, felizes para mais uma pescaria. Não iriam distantes, não. Estariam lá pro lado de Itapiru, nas barrancas do rio Piracicaba mesmo. O dia seria o do domingo, como sempre e sempre o dia também seria todo do "seu" Domingos... Torres. Tinha nome e sobrenome no plural, mas era um homem singular.

Estatura mediana, magro, pele curtida pelo Sol. Assemelhava-se a esse típico homem brasileiro, valente, teimoso por lutar contra todas as adversidades só com as suas próprias forças, e conhecer todas as matreirices do mato e dos rios. O Domingos era assim.

Pescar e caçar, era com ele mesmo. Pescaria, de todo jeito e forma. Caçada, de espingarda cartucheira. Bom no tiro e bom no timão de um barco, no manuseio das linhas, redes, iscas, varas, sondais e aquela tralha própria de pescador traquejado.

Quando retornava das suas incursões, nós, a criançada, corria à porta da sua casa para vermos os peixes e as aves que trazia, junto com os seus companheiros de divertimento. Vinham de automóvel — dos seus amigos — e o porta-malas daqueles modelos antigos, americanos, —, estava cheio. Lembro-me de uma ocasião, que o Jaú mal cabia no porta-malas, e só se mantinha ali por estar amarrado, com a enorme cabeça e a cauda ficando ambas do lado de fora, não se fechando o seu tampo. Morava ao lado do atual Unibanco, ali na Rui Barbosa.

O seu Lázaro Pinto Sampaio, sua esposa dona Matilde, moravam em uma das casas mais bonitas naquela época, na avenida dona Francisca, esquina com a Dr. Morato, na qual, por último morador, teve o sr. Luiz Paulillo, que teve que sair dela por força de um incêndio que a destruiu completamente, em poucos minutos. Foi o único incêndio que eu presenciei na Vila, felizmente. O saudoso amigo Lázaro, morou ali por muito tempo, enquanto exerceu a sua alta função na Oficina Dedini, homem de confiança que era do sr. Mário Dedini. Contador, muito culto, falava e escrevia muito bem, exercendo a vida pública como vereador, presidente da Câmara Municipal e Secretário das Finanças do Município. Tentara se eleger prefeito, sem êxito, tal a liderança exercida por outro grande homem público da nossa cidade, o sr. Luciano Guidotti, muito popular e um excelente executor de obras públicas.

Finanças era o seu forte. Igualmente, dominava a complexa legislação fiscal, societária e trabalhista, só não sendo um bom e renomado advogado por não

ter cursado uma faculdade de direito. Com ele, eu, como outros rapazes, aprendemos muito de contabilidade, finanças e legislação pelo simples fato de trabalharmos ao seu lado. Gostava e tinha prazer em ensinar, incentivando-nos no estudo e na apreciação de bons livros e de bons autores.

Guardo comigo, até hoje, o seu último bilhete, que me enviara, pedindo-me para ajudá-lo na sua última candidatura. Diz o seguinte:

"11 de outubro de 1968. Caro Pedrinho. Formulo o presente para solicitar um orçamento para uma dúzia ou duas dúzias de votos, preço e condições de pagamento, com prazo de entrega para o dia 15 de novembro do corrente ano. A entrega deverá ser feita na boca da urna. Como pagamento por conta seguem os agradecimentos do amigo às ordens.

Lázaro."

Seu filho Wilson fora o nosso amigo de infância, acompanhando-nos nas traquinagens de rua e compartilhando conosco a sua amizade e o companheirismo que nos unia fraternalmente.

Só não nos conformamos da sua partida deste mundo, feita de modo inimaginável para todos nós — de uma queda de cima de uma árvore! É possível?! Mas, infelizmente, acontecera...

MEMÓRIA DA VILA — XXXVIII

Quando falamos do seu Mário Dedini, com grande respeito e admiração, logo nos veio à mente, a sua família — seus filhos Ada, Nida, Armando, e sua segunda esposa, Ottília, da qual não tivera filhos. Armando, ou Armandinho para os vilarezendinos, era o que mais se aproximava do " povão ", dado ao seu espírito alegre, divertido, boêmio e esportivo, convivendo com a " galera ", de igual para igual.

Nutria pelo Atlético uma verdadeira paixão, chegando a defender a camisa tricolor com real valor e brilho como " beque " titular do primeiro time. Se quizesse, poderia comprar o clube todo, só para si, mas não o faria nunca, indo humildemente disputar a sua escalação para o jogo do domingo na mesma condição que os demais rapazes iam — com sangue, garra e muito treinamento... e o Atlético se projetava no cenário esportivo interiorano.

Seu Mário queria que ele estudasse e se preparasse adequadamente para sucedê-lo na Oficina. E o Armandinho, segue para os Estados Unidos, com o fim de estudar e de se formar lá, como desejava o pai, mas não o filho... e segue divertindo-se, como sempre e quando retorna ao Brasil e a sua Vila Rezende, traz consigo a sua esposa, a sra. Norma Dresset Dedini, que imediatamente se integra na nossa comunidade.

Do casal, nasce o filho Mário — o " Mallo " —, o qual, como se diz popularmente, também "teve o seu umbigo enterrado na Vila", curtindo por ela o seu amor filial...

É!

A Vila é a Vila!... não é trocável por nada!

— Onde está o Armandinho?

— Onde?... na Vila, ora essa!

Não saía daqui. Estaria com os seus amigos e companheiros da Vila, tomando cerveja, batendo bola, jogando bocce, namorando, pescando, contando piadas, rindo, dançando, brincando com a molecada, almoçando e jantando nas casas dos amigos, acertando uma caçada e, acidentalmente, trabalhando na Oficina... isso tudo, a vida inteira.

Falou em festa, era com ele mesmo!... não havia tempo " quente ", isto é, não precisava-se " esquentar a moringa "... Generoso com tudo e com todos!... Não negava a sua ajuda _ anônima a ninguém... Pelo Padre Jorge, devotava o mesmo carinho que o seu saudoso pai dedicava ao nosso vigário e às causas da paróquia, não deixando-o " nunca a pé "...

Escolas, creches, clubes de futebol, cordão carnavalesco, entidades assistenciais, pessoas carentes ou em dificuldades por motivo de uma doença grave, todos podiam contar com a sua ajuda generosa e incondicional.

Quando vemos uma nuvem brincalhona, fofa, passeando de um lado para

outro, pelas bandas da Vila, temos certeza que no seu bojo, alegremente, estaria o Armandinho, revendo e matando saudade da sua terra querida... e, se ela "poitar" sobre o rio Piracicaba, aí não teremos dúvida — é ele mesmo!...

MEMÓRIA DA VILA — XXXIX

O Jordão (Giordano) Boscolo era Tesoureiro da Banda e o Toninho (Antonio) Nardin o seu Presidente, cujos cargos vinham sendo ocupados, sucessivamente, pelo pessoal da Vila — João e Mário Coletto, Lázaro Pinto Sampaio, Waldomiro Perissinotto, o próprio Jordão —, " compondo " a diretoria enquanto os Petermann iam "compondo" as músicas, e os operários, tocando os seus estimados instrumentos. Portanto, a Banda União Operária – patrimônio de Piracicaba –, pertencia, na verdade, à Vila.

Pobre, mas vivia. Quando " perigava ", demais, o seu caixa, e os uniformes estavam poídos, vinha em seu auxilio o seu sócio benemérito, o "seu" Mário Dedini e, também, outros inúmeros beneméritos. E seguia tocando... a vida, e as suas músicas maravilhosas...

Meu primo, José Roberto Caldari, recém formado advogado, juntamente com o nosso amigo Cássio Paschoal Padovani — ex-prefeito, e ex-sócio do Roberto, resolveu assumir a presidência da Banda, aceitando o desafio de dar-lhe uma sede própria e aquilo que ela nunca tivera — um salão de ensaios e de aulas – e também, de levá-la à exibir-se na Rádio Nacional, no Rio de Janeiro. Tarefa dada, mãos à obra!

E lá estou eu fazendo-lhe campanhia, como Tesoureiro da Banda. Eu sempre quizera tocar um instrumento musical, sem nunca conseguir, e eis-me, finalmente, " tocando gaita "... na Banda!...

O Mário Coletto encarregou-se de pôr abaixo a casa velha onde morava o maestro Oswaldo Petermann e sua família, o salãozinho do fundo de quintal, e, com os seus pedreiros, inicia a nova sede social da Corporação Musical " União Operária "... com muita teimosia, luta e sacrifício.

A sede fora concluída, e inaugurada, solenemente. A viagem ao Rio de Janeiro, realizada, e nesse dia, o sr. Jânio da Silva Quadros renunciava à presidência da República.

Tarefa dada, missão cumprida!... e a Vila Rezende plantava na rua Santo Antonio, nº 502, a sua Embaixada na cidade...

Ao citar o amigo Cássio Paschoal Padovani, não poderíamos deixar de dizer que a Vila, teve, na sua pessoa, um grande admirador e amigo, e ele, no seu jeitão simples e " caipiracicabano " (como diz o caro sr. João Chiarini), procurava testemunhar o seu gosto pelo nosso bairro, sempre que podia, mantendo aqui um vasto círculo de amizade, principalmente com o chamado " grupo da terceira", — Walter Stolf, Carnera, Sérgio Ferrão, José Roberto, Inhana, Pingüim, Vasco, Bergamim, Mortaia, Babico e outros —, mesmo quando cumpria o seu mandato de Prefeito Municipal de Piracicaba, aliás, no exercício desse cargo, conseguira manter a sua simplicidade de sempre, sem nenhuma afetação.

Divertia-me muito com ele, por ocasião em que nos preparávamos para prestar o vestibular de Direito (é!... eu também, quase me tornava advogado!...), recebendo aulas do Prof. Benedito Cotrim, de Latim, Português, Literatura e Francês, perfazendo o grupo de candidatos à tal faculdade, composto do Cássio, do meu primo José Roberto, do Ivan, do Fogaça e eu. O Cássio era muito distraído, e conseqüentemente, dada a variação das matérias, com o mesmo professor, vivia misturando o Francês com o Latim, a Literatura com o Português, armando uma confusão danada e... gostosas gargalhadas. Boa época, essa.

MEMÓRIA DA VILA — XL

A Sociedade Italiana de Mútuo Socorro situava-se na Vila Rezende.

— Mentira!

— Pois é verdade!...

Ficava defronte a atual Praça da Imaculada, exatamente no local da sede desativada hoje, do Atlético, o Edifício Armando Dedini; adquirido o velho imóvel, muito maltratado, com recursos financeiros do sr. Mário Dedini, fora imediatamente demolido, e no seu lugar, erguera-se a sede do tricolor.

— Que lhe parece o novo prédio?

— Magnífico! Esta sede, com este tamanho, vai servir ao clube além do ano 2000!...

— Você acha?!:

— Num tenho dúvida!

E antes, muito antes mesmo, a sede ficara minúscula, sendo substituída por outra maior e, agora, novamente, passará por outra ampliação.

O velho casarão, recuado da rua, metia-nos medo, tal o seu abandono e o aspecto sinistro que isso lhe dava. Claro que a dita Sociedade já não funcionava mais ali. Mas tinha um morador, o sr. Abílio Dick, que não se amedrontava com as "estórias" que contavam do lugar. Nós, as crianças, não nos atrevíamos adentrar naquele casarão. Nem mortos!...

Fidélis Stolf era marido da dona Matilde e morava, onde hoje, o Mário — Curvinha – Crivellani ainda tem o seu " estúdio " fotográfico, no meio do primeiro quarteirão da Rui Barbosa, subindo da ponte. No salão da frente, possuía um armazém de secos e molhados. O seu Fidélis era pai do Walter, industrial bem sucedido com a sua metalúrgica.

Sylvio e Xandrico D'Abronzo, possuíam um armazém de secos e molhados na esquina de baixo, onde hoje há um posto de gasolina — Rui Barbosa, Maria Maniero e Barão de Serra Negra.

O seu José Bigatton também era dono de outro armazém, na travessa João Theodoro com Rui Barbosa, na esquina, onde hoje, é um bar.

No meio do quarteirão seguinte, na Rui Barbosa, defronte à antiga Cavalinho, da Carmignani, e hoje, a Comercial Dedini, era o armazém dos srs. Antonio e João Mazzonetto.

No seguinte, a cem metros do Mazzonetto, no mesmo lado da calçada, o armazém do Trombani... do lado oposto, nas duas esquinas da Rui Barbosa e dr. Eulálio, de uma banda o armazém do seu Lívio Ferraciu e da outra, do seu João Braião... e virando a Rui Barbosa, já na avenida Conceição, o armazém do Duílio Giovannetti, e pra arrematar, já perto da Estação Barão de Rezende, da Sorocabana, havia o maior de todos esses armazéns — o Valler.

A "italianada" era boa de garfo, mesmo! Com tamanha proliferação de armazéns de secos e molhados, era necessário comer-se bem e bastante!... e entre um e outro, inúmeros, bares... bem... não eram tantos, não!... Sêga, Papini, Caldari (Ernesto e Mariquinha)... Augusto Cardinalli, depois, mais o Elpídio Grizotto e José Galhardo e, o Santin...

MEMÓRIA DA VILA — XLI

Se, ouvindo falar "Carolina do Ignácio", todo mundo sabia de quem se tratava, falar de "Melo da Carolina", não soava estranho à ninguém!

— É logo ali!... daqui há pouco ele vai pro Dedini!... Melo?... já o procurou no Juca?!... Hã, o Melo?... deve tê ído pescá cô Armandinho!...

Homero Jersey Martins.

— Num conheço nenhum hóme cum esse nome!... É da Vila, mesmo?!

— É...

— Num sei quinhé!...

— Poxa! E agora, como vô achá esse tal de Melo?!...

— Melo?!?... óia ele ali!... purquê num perguntô logo?!...

Nasceu dentro da Oficina Dedini e nunca saira dela. Só depois de aposentado, e ainda, para seguir trabalhando na companhia de seu outro grande amigo e companheiro de serviço e de divertimento — o Nino (sr. Narciso Gobbin) —, lá nas oficinas da Codistil e naquilo que aprendera fazer desde menino — soldagem —, de qualquer tipo e forma, não importa qual... tratou-se de unir duas partes para torná-las uma só, e definitivamente, o negócio é com ele mesmo!

Filho de dona Carolina e de Ignácio Martins; oito irmãos de sangue e um de criação, na verdade, um para cada irmão, vivera com maisde um, adotados pelos seus humanitários pais, cuja casa mantinha-se aberta para todo mundo, principalmente, aos pobres e humildes.

Logo, não poderia ser diferente a resposta quando alguém indagasse sobre o "Melo da Carolina"...

Pescaria.

Barranca de rio. Botes grandes ou pequenos. Motor de popa. Cozinha.

Mentiras. Evidentemente, não poderiam faltar, em se tratando de "pescador"!... bem, essas a gente aceita, por serem inocentes e inconseqüentes... desde que não caíamos na tolice de "desmentir" o pescador!

Bom amigo, bom companheiro, em casa e na rua, tal qual os seus pais.

Hoje, vivo apelando à sua memória, para auxiliar-me nessa coletânea, e juntos, temos passados bons momentos de "reconstrução" mental das nossas antigas avenidas, procurando localizar as pessoas que habitavam-nas, mais nas suas calçadas do que dentro de suas casas, pelo simples fato de estarem sempre à busca dos amigos e compartilharem mais da vida comunitária...

— Você se lembra do Guerino Schievano e da sua mulher, a dona Nina Torres?... e do Victório Zagatto e da Nai Cazellatto? ele tinha sido lutador e era forte como um touro... e, surdo!... e do Capitão Ricardo Mazzonetto?... e... lá se vão surgindo os nomes todos, de homens, mulheres, casas comerciais e oficinas,

como se tudo estivesse do mesmo jeito, e a vida, na Vila, prosseguisse perene, com todo o seu encanto natural e humano...

— Melo, você lembra o nome daquele farmacêutico...?!

— Péra um pouco!...

— Espero!...

MEMÓRIA DA VILA — XLII

Memória não é sinônimo de passado antigo, de coisa velha, que caminha celere para o esquecimento. É lembrarmo-nos, também, de fatos que aconteceram no passado imediato, isto é, no dia de ontem e que, como os fatos antigos, passados os anos, se tornam igualmente antigos.

Pois bem. Então, vamos mencionar um recente, de cinco anos passados, que vivenciamos com pitadas de dúvida, ansiedade, angústia, surpresa e satisfação.

Um belo dia (bonito mesmo!) o Nino, — sr. Narciso Gobbin —, como é conhecido na Vila e alhures, desde quando aqui chegara, ainda menino, vindo da Itália, me chamara para auxiliá-lo na realização de um de seus inúmeros desejos, voltados ao bem-estar social da Vila, seguindo o exemplo que o seu tio, Mário Dedini, lhe dera, e disse-me:

— Você poderia me ajudar em uma coisa que eu e a Lygia (sua esposa) temos pensado muito e que nós, ela e eu, gostaríamos de fazer pra Vila?...

— Com prazer!... se eu puder ajudá-lo em alguma coisa!...

— Nós pensamos em construir uma creche... o terreno já tá comprado e é grande.

— Vamos pensar, então, como executá-lo e o que é preciso para funcionar.

— Isso, isso mesmo! É isso que precisa. Você veria como se faz para construí-la e pô-la em funcionamento?...

— Ótimo!... mãos à obra!

Inúmeros contatos depois, eis uma revelação surpreendente: a Vila não precisava de mais nenhuma creche! Tinha uma capacidade ociosa e capaz de atender o crescimento da demanda por muitos anos, ainda... e assim, o projeto se perdia...

— Mas nós queremos dar uma coisa significativa para a nossa Vila! Tem que ser na Vila e já!

— Poderia propor ao senhor outra coisa, sem estar ligada à criança?... E, tenho certeza, até de maior significado social...

— Ué, porque não?

E assim, trocou-se de projeto, de terreno (escolhendo outro local), e de data (pelo tempo gasto com pesquisas e burocracia) de execução — conclusão da obra.

Concluídos os prédios — de um, imaginado, passaram a ser dois —, vistosos, imponentes, prontos para serem inaugurados; nova decepção nos aguardava, e dessa vez, séria. Simplesmente, a instituição orientadora e inspiradora do projeto, declina da doação e da responsabilidade de colocá-lo — o núcleo local — em funcionamento. E agora, José?!?

Uma batata quente nas mãos!

Experiência? Nenhuma! Exemplo igual em operação? Igual, nenhum!... semelhantes, muitos, de uma única sala... e nós, com aquele mundareu de salas, salões e anexos?!... e descobrimos que estávamos "sem lenço e sem documento..."!

Viagens, Leopoldo Gobbin e eu... reuniões, aqui, em São Paulo, aqui e ali... nada! e o tempo vai passando, passando, rápido e preocupando-nos cada vez mais a idéia de termos criado "um elefante branco" e desperdiçado um valioso patrimônio, por erro grosseiro... seria um total absurdo!

Mais reuniões e finalmente, tomamos uma decisão: se ninguém tem experiência, como nós não a temos, nós assumimos o seu funcionamento!

E comunicamos ao doador, a decisão:

— Nós vamos criar uma sociedade civil, elaborar os Estatutos, organizar os serviços e iniciar o funcionamento!...

— Muito bem!... e a inauguração?

— Quando estiver funcionando, providenciaríamos a inauguração oficial... o senhor concorda?

— Não tenho dúvida! Sendo vocês, tenho muito mais confiança de que dará certo!

Mais uma prova de confiança, de ânimo e de incentivo, nos era dada pelo "seu" Nino...

E assim, no dia 3 de junho de 1985, o funcionamento se deu, e no dia 2 de dezembro do mesmo ano, solenemente, a inauguração oficial aconteceu, com as presenças das autoridades maiores da cidade, do doador, sua digna família, de convidados especiais de outras cidades e do povo da Vila. Estava inaugurado e funcionando o Ambulatório "Dona Palmira Dedini Gobbin", com a finalidade de prevenção e combate ao Câncer, obra comunitária, assistencial, pioneira na região de Piracicaba... e, na Vila!

MEMÓRIA DA VILA — XLIII

O povo da Vila sempre fora composto de gente simples, boa e amiga. E prova disso, tiramos, ao enumerar as pessoas que marcaram as suas impressões digitais na história da nossa querida terra natal, e digitais é um modo de falar, pois a grande maioria dessas pessoas, marcaram mesmo, as suas impressões, com o suor dos seus corpos cansados de tanto trabalhar. Trabalho no campo, nas oficinas, nas fábricas, nos balcões do comércio, nas ruas, nas cozinhas das suas casas, nos tanques de lavar roupa, nas mesas de passar roupas, nas salas de aulas das escolas, nos consultórios, nos laboratórios das farmácias, nos escritórios, enfim, nos seus respectivos locais de trabalho. Trabalhando, sempre.

A Vila nunca dispôs de muito lazer. E ainda hoje, ouvimos de muitos homens e mulheres daqui, ou que aqui nasceram e passaram boa parte de suas vidas, que não sabem fazer outra coisa senão trabalhar e, o dia que páram, por ser feriado, e não dia de domingo, não sabem o quê fazer e, ficam cansados!... cansados por não fazerem nada! Pode, isso?!?... são mesmo uns "pancadas"!... e saibam que a maioria deles, tem dinheiro vivo!

— Puta merda! ficá um dia sem tê o quê fazê!... ficá " bundiando ", num dá!

E " bundiar " é um verbo nosso, caipira, que significa "colocar a bunda em lugar algum, por não ter o que fazer — é o mesmo que "vagabundiar ", sem o " vaga "... Logo, para quem só sabe trabalhar, em dia de semana, vagabundear, é palavrão pro vilarezendino, do Padre Jorge (como era pro Padre Gallo), e, " bunda " pra eles (nóis), é " palavrão "!... e seguimos à frente, trabalhando...

— Quantos anos você tem de Dedini?

— Quarenta anos!

— Já aposentou?

— Já!...

— E o que ocê tá fazendo?

— Trabalhando... no Dedini!... e ocê?

— No Santin!

— Aposentô?

— Já... e continuo lá mesmo, na oficina!...

E eles sabem de uma coisa certa: se pararem de trabalhar, de vez, morrem '... — Veja só fulano, beltrano!... e enfileiram os nomes de amigos seus, que morreram, por pararem de trabalhar... então, se aposentaram na condição de poderem continuar com os seus trabalhos, obedecendo às antigas rotinas e normas às quais se habituaram e incorporaram às suas vidas.

O Zé Bertini, o " seu " José, deixou a sua alfaiataria e loja de tecidos, após a morte do irmão e companheiro de serviço, o " seu " Romano, ao seu filho " Gêra

" — Geraldo — e não saía da " nova " loja; quando saiu... morreu! E os exemplos se sucederiam, infindáveis. Se quiserem saber de outros, é só perguntar para um vilarezendino, como ao Babico — o nosso amigo João Carmignani —, que também não pára de trabalhar'...

Para esse pessoal, " descançar e carregar pedras " é a mesma coisa, então, " enquanto descansam, vão carregando pedras "... e vão edificando, e solidificando obras e entidades assistenciais e sociais, participando nas " horas vagas ", dos trabalhos comunitários, das suas diretorias, administrações, promoções beneficentes, campanhas de arrecadação de fundos, de construção, de reformas e tudo que se fizer necessário. Clubes de serviço, paróquias, creches, não importa quais sejam — é só precisar que eles estarão lá!... trabalhando.

— Qué comprá uma rifa?

— Domingo, no São Luiz, tem armoço!

— Vamo tê reunião, domingo cedo!

— Num dá!...

— Num dá, porquê?!

— Vo trabaiá!... Tchau!...

MEMÓRIA DA VILA — XLIV

Estava eu, um dia desses, a caminhar pelas avenidas da Vila e a observar aqueles lugares todos, que considerava, até então, familiares. E vi, espantado, que já não me eram assim, tão familiares. Haviam mudado, e muito!... e confesso, não me agradaram muitas das suas mudanças, mesmo que justificadas com aquela expressão conhecida e batida: " coisas do progresso "!...

Em inúmeros pontos, onde antes existiam árvores, estão transformados; transformados, inutilmente, pela mão insensível do homem, de um novo e estranho homem, diferente, sem dúvida, daqueles que conheci outrora, senhores daqueles lugares' todos. E não foram só algumas pobres e inofensivas árvores, não! O casario antigo, também fora, sob a ação da marreta, da pá, da picareta, e nos seus antigos lugares, outras construções se ergueram e em alguns, nada se fizera, ficando o chão nu, frio, sem vida, sem cor, sem alegria.

Mudado.

Abandonado.

Coisa pública, dá até para entender, por ser já um hábito. Mas coisa particular? Como é possível, isso? Está mesmo ficando feia a situação da nossa terra!

E porque a " coisa pública ", está sendo assim, tão maltratada? Parece que o homem " público ", de hoje, é mesmo um " público ", desprovido do sentido do dever e da responsabilidade, só se atendo ao "poder" e não ao "dever"...

Está acontecendo isso com a minha cidade, e pior, com a minha querida Vila, sem que haja, de parte de alguém, um protesto, pelo menos. Triste, muito triste, tudo isso!...

— Bom dia!...

— Bom dia!...

E sigo caminhando... Ah! que bela avenida! Ficou boa, de fato, e enfeitou o lugar, relegado ao abandono que estava, desde o último trem da Sorocabana passara por aqueles' trilhos; durante décadas, se assentavam ali, sempre muito bem cuidados, em leito de pedregulhos, dormentes de guaratã tratado, e, enfileiradas, ao longo desse caminho, as touceiras de erva cidreira perfumada, verdejante, viçosas; caminho limpo, graças as capinações feitas periodicamente, com zêlo e responsabilidade. De fato, a nova avenida devolvia, sob outra forma, a beleza àquele espaço, e só seria, ainda mais bonito, se levasse o nome que os vilarezendinos desejavam dar-lhe... mas o "homem" da cidade, do outro lado do rio, não lhe deu... pobre Vila, mais uma vez, você não teve vez!...

Olho para o lado do rio e lá está ele... com as suas águas barrentas, correndo rápidas sobre as pedras, fazendo ondas, e fazendo-se ouvir... é o barulho gostoso do rio, igualzinho ao que costumávamos ouvir, quando passávamos por

ali, no silêncio da noite... auxiliado pelo vento, esse mesmo marulhar, chegava até o nosso quarto, e deitados, sentíamos o sono chegar através dele... e junto, também o sonho... e sonhávamos, com tantas coisas boas, bonitas, alegres, felizes... volto a olhar a extensão toda daquela beirada do rio, com a Ilha dos Namorados, ainda preservada parcialmente, pois muitas das suas árvores já não mais enfeitam-na e não mais lançam as suas ramas nas águas do canal do Engenho... tão pouco, os seus galhos fortes, através dos quais nos balançávamos, de lado para o outro, fazendo deles tranpolins para os saltos e mergulhos, imitando o herói de todos os meninos que iam, aos domingos, no matine do São José, para verem o Tarzan e a Chita... Ah! como seria bom, se todo aquele trecho, ainda restante, se tornasse definitivamente, um parque natural, tal qual desejam os vilarezendinos... mas, será que o "novo homem", do outro lado do rio, também desejará isso?!...

Sigo o meu caminho, mais triste do que estava, quando cheguei... qual seria o motivo? E pensar que sai para espairecer, um pouco, a mente machucada e triste!...

Ah! Vila minha Vila... como nós mudamos!... eu e você...

MEMÓRIA DA VILA — XLV

— Que bicho dá hoje?!...
— Burro!!!
— Outra veis?!...
— Ocê que é burro!...
— ?!?
— Vê se cala essa boca! grita-lhe o barbeiro, enquanto dá uma tesourada a mais (e demais) no cabelo do infeliz freguês...
— Êh!... tamém num precisa gritar, né?!...
— Fala baixo, ô seu descuidado! Num sabe que a polícia tá dando em cima da gente?!
— É?!
— É!...

É o " seu " Berto Barbeiro, o sr. Alberto Pinto Fonseca, que está à advertir o seu habitual cliente, duplamente cliente, do salão de barbeiro e do salão de jogo-de-bicho, agora colocado na " contravenção " por fazê-lo proibido em todo o território nacional. E na Vila, também!

Aqui, porém, como em toda a parte, de nada adiantara proíbi-lo, e a polícia, reprimi-lo, pois o povão continuou e continua fazendo a sua " fezinha " diária, na esperança de acertar numa milhar e tirar o pé da miséria.

A casa do seu Berto era tradicional na feitura desse jogo. Quando livre e aberto ao público, em geral, jogava-se no salão da barbearia mesmo e, à tarde, retirava-se o resultado inscrito em um papelzinho retangular, minúsculo, o dito " prêmio ", direto do balcão defronte a cadeira onde se cortava o cabelo e se fazia a barba, colocado em meio aos potes, canecas, escovas, tesouras, navalhas e maquininha de cortar cabelo.

Caso se tivesse ganho no jogo, e não fosse uma " bolada ", o freguês recebia o seu dinheiro ali, na hora mesmo; se a importância era grande, portanto, uma " bolada ", a receberia no dia seguinte, religiosamente.

Além do seu Berto, ocupavam-se da banca de jogo, as suas filhas mais velhas, enquanto que um de seus filhos, encumbia-se de levar os " boletos e as listas " à cidade, e de trazer os resultados no final da tarde, entre às quatro e seis horas. Judity, Yvone, Bertico e Tuna e mais o seu Berto como " centro avante "; da linha de jogo. Havia outros locais, ali mesmo na Rui Barbosa, que se podia jogar, mas o preferido, sem a menor dúvida, continuava a ser do seu Berto.

Combatido, o jogo passara a ser feito na sua sala interna — a sala da sua casa — que ficava entre o salão da barbearia, a cozinha e os dormitórios, chegando-se até ela através de um lance de escada de uns dez a doze degraus, fechado com cortina de tecido.

Não se camuflava nada, de modo à ocultar alguma coisa. Apenas não fazia a coisa, tão aberta, como antigamente. Como sei de tudo isso? Muito simples: eu, menino, ia fazer o joguinho da minha nona, aliás, como todas as crianças da vizinhança, e não havia, como ainda não há, nada de mau nisso, tanto é verdade, que o jogo-de-bicho vem sendo defendido por muitos governos estaduais como um jogo tão lícito quanto os demais explorados pelo governo federal — loteria, loteria esportiva, loto e sena. E daí, qual a diferença entre um e outro? Nenhuma, pois todos são jogos, de azar ou de sorte, dependendo se a gente ganha ou perde, em quaisquer um deles!...

— Que bicho deu hoje?!...

— Burro!

— Outra veiz?!...

— Pois é!... eu não falei?!...

MEMÓRIA DA VILA — XLVI

Vilarezendino que se prezasse, torcia para o Atlético Piracicabano, e falar bem do XV de Novembro, seria o mesmo que convidar pra briga. O confronto dos dois times, onde quer que fosse, tinha sururu na certa. Velha rivalidade entre os moradores de um lado e do outro do rio, que eram ligados por uma única ponte, a antiga Ponte do Mirante.

Antes de passar por sua primeira grande reforma, a ponte tinha a sua estrutura toda de ferro, assentada sobre pilares de pedras e tijolos, com uma passarela a cada lado do leito carroçável, pavimentado com parelelepípedos, sendo elas providas de passarelas com piso de madeira fixadas em esquadrias de ferro. O peitoril era feito de grades também de ferro com corrimãos de madeira, pintados apropriadamente. Com o decorrer do tempo, as tábuas se soltavam, devido ao apodrecimento natural, e tinha-se de tomar cuidado para não falsear o pé e correr-se o risco de um acidente grave. Felizmente, os que abusavam da bebida, não eram muitos, e assim, os acidentes acabavam não acontecendo.

Sobre essa estreita passagem, corriam as linhas do bonde e da estrada de ferro — Sorocabana —, limitando o trânsito de veículos, principalmente quando seguia, adiante, as carroças puxadas por animais, muito em uso então, que impediam as ultrapassagens. Tudo seguia, lentamente e não adiantava nada, se ter pressa. Quando ocorria algum acidente, interrompia-se o trânsito, coisa que até há pouco tempo era um problema sério no local, mesmo com o acréscimo das pontes alternativas do Lar dos Velhinhos e do Morato. Levara muito tempo para tais melhorias ocorrerem, mesmo se levando em conta a importância que elas representavam à cidade.

Não sei qual seria a origem da rivalidade, entre os moradores dessas duas partes da cidade. O saudoso professor Ivo Ducatti deve tê-la pesquisado, como amante que fora da sua querida Vila. Pena que, bem pouca coisa, há registrada da História da Vila, e ele, o nosso culto amigo, já partira...

O fato é que ela existia e, as moças e os moços, daquela época, não tinham grandes facilidades de estabelecerem os seus namoros... sem brigas! Mas, como namorar, sempre foi gostoso, e o proibido ou o difícil, ainda mais, não foram poucos os casamentos resultantes e isto, certamente, contribuíra para ir minimizando a rivalidade, e hoje, quase não existe, com exceção de alguns remanescentes como eu, o Babico, o Mário Mantoni, o Gera Bertini, o Waldomiro Scarpari, os meus primos Sérgio e Roberto, o Padre Jorge, o Pingüim e o Bergamin, o Walter Stolf e alguns mais, que ainda são briguentos vilarezendinos...A vila resistiu, valentemente, aos "progressistas" de outras bandas, que, indo lá morar, acharam que "cidade"era-lhe mais adequada, ignorando o seu sentido bucólico, e pior, o sentimentalismo da "italianada". Foi uma "paulera", só!... depois, a idiotice de

querer dar-lhe "autonomia política-administrativa", como coisa que isto significasse à retirada do coração de uma pessoa sã, e viva, para implantar-lhe um outro artificial e inútil.

Futebol. Grandes nomes sobressaíram-se das fileiras dos dois clubes piracicabanos, XV e Atlético, glorificando o nosso esporte nacional e conquistando o estrelato, até no exterior. Citamos apenas dois, como exemplos, sem desmerecer os outros — De Sordi e Mazzola —, um de cada lado do rio, para equilibrar a coisa... E continuam, ambos, cada qual com os seus valores, e suas dificuldades, engrandecendo e enriquecendo o esporte...

Palmeiristas e Corintianos.

Só para "envenenar" a italianada, católica fervorosa, desde o tempo das donas Rosa Maniero, Benedita dos Santos, do Senhor Gustavo Paulino e família, das Bertini e Giovannetti, Papini e Bruzantin, Carmignani e Degaspari, Gobbin e Simioni, Sêga e Matarazo, Ducatti e Diniz, Ferraciu e Dedini, Furlan e Giannetti, só para lembrarmo-nos de parte desse povo todo, tínhamos que ser contemplados, como continuador, do Monsenhor Jerônymo Gallo, com outro Monsenhor, de genuíno nome itálico — Jorge Simão Miguel — e ainda, por cima, "corintiano"!... Só para contemporizar, um pouco, agora ele foi à Roma, e certamente, fixará na Sacristia a sua fotografia junto com o Santo Papa, João Paulo II... Só faltar-nos-á, estar ele com uma bandeirinha, do "coringão", na mão!... da "Carta de São Paulo aos Corintianos", ele já nos apresentara, anteriormente, comprovando-nos a secularidade do seu "timão"!...

É a velha Vila!

São os piracicabanos, de um lado a outro, do belo Rio Piracicaba...

MEMÓRIA DA VILA — XLVII

A Biblioteca Pública da Vila Rezende nascera por uma iniciativa do Rotary Club do bairro, na gestão do rotariano Ernesto Paterniani, no ano de 1969, ao considerar a sua importância àquela comunidade, com grande número de estudantes, e evidentemente, de pessoas que se beneficiariam com mais esse serviço de utilidade pública.

Modesta, com poucos livros e precariamente instalada em uma sala defronte ao antigo campo de futebol do Atlético, na avenida Dona Lídia, conseguia atrair a atenção mais pela novidade do que pela oferta que podia oferecer, de livros, jornais e revistas, inclusive pedidos aos seus clubes co-irmãos de outros países, dado ao entusiasmo do Sr. Sérgio Pucci — um italianão idealista —, e, em pouco tempo, já contava com alguns milhares de livros, novos e usados, didáticos, científicos, literários (romance, ficção, poesia, história), enciclopédias, e jornais e revistas periódicas.

Novo endereço e com o apôio municipal, ela progride. Está na Rui Barbosa, graças a colaboração do Babico, Sr. João Carmignani —, que cedera graciosamente a sua antiga residência e do Sr. Prefeito Municipal, Cássio Paschoal Padovani fornecendo uma bibliotecária. E assim sobrevivera, com altos e baixos até ser incorporada definitivamente à Savire, Sociedade Amigos da Vila Rezende, que lhe deu não só uma nova estrutura funcional, como também, um novo prédio, na sede da entidade e... mais no coração (geográfico) da Vila Rezende.

O Ernesto Paterniani, como filho ilustre da Vila, a brilhar no corpo docente da nossa gloriosa Luiz de Queiroz, a tão renomada Escola Superior de Agricultura, na cátedra de Genética, só poderia ter tido aquela iniciativa, bem apropriada à sua carreira de mestre — criar uma biblioteca pública —, própria portanto, da sua filosofia de vida. "Ao invés de dar-lhe uma vara, para pescar, se você lhe der um livro, ele não só aprenderá a pescar, como também criará o peixe". Seriam essas as suas palavras, mais ou menos, ou pelo menos, a idéia que nos procurou transmitir.

E de fato, se ao homem dermos um livro, e ensinamô-lo o quê o livro contém, estaremos dando-lhe "cultura", e ele, por si só, progredirá na escala social. Plantar biblioteca é como semear um campo fértil... boa colheita será obtida e multiplicar-se-á a riqueza, a riqueza cultural do povo.

Devemos registrar que o Rotary Club Piracicaba — Vila Rezende foi fundado aqui, em 20 de março de 1967, tendo como primeiro presidente o Sr. Jairo Araritaguaba Filho, então gerente do Banco Moreira Salles S.A., primeiro banco "moderno" a se instalar no nosso bairro, e se situava no local da antiga Oficina de implementos agrícolas de Wolney e Moacyr Martins. Foi o primeiro clube de serviços criado na Vila, congregando os seus representativos profissionais em torno do ideal de servir e que bons frutos viria produzir, continuamente.

Guerino Trevisan, também pertencera a esse clube, como um dos sócios fundadores. Aliás, o Guerino militou em todas as entidades comunitárias e agremiações que se ligavam à vida da Vila, desprendidamente, dando sempre, o melhor de si em prol dos seus semelhantes. Vereador, "brigou" na Câmara Municipal pelas necessidades da Vila como ninguém (vereador, é claro...) e foi alcançando as melhorias almejadas, uma a uma. Atlético, Rotary, Savire, Ginásio Jerônymo Gallo, Instituto Baronesa de Rezende, Juiz de Paz da Vila, Rezende F.C., Biblioteca Pública, construção da Matriz de Imaculada... lá estava ele, sem contar o seu lado profissional, de contador da Carmignani — a Cavalinho — do seu amigo inseparável Babico... até que, por uma fatalidade, uma dessas que chegam sem avisar, o atinge com um duplo golpe, levando, prematuramente, ele e sua filha, para sempre... e assim, perde a Vila um dos seus filhos mais dedicados. Guerino Trevisan, um nome imperecível, e um grande exemplo de cidadão.

MEMÓRIA DA VILA — XLVIII

A dona Gigetta Papini era uma pessoa alegre, sempre de bom humor, falante (no bom sentido!), dizendo as coisas sempre à voz alta, para todo mundo ouvir, aliás, um costume das pessoas dali, que não faziam segredo das suas conversas, como acontece em família, de muitos sobrenomes, portanto, entrelaçada por vínculos de sangue, de amizade, de parentesco, gerado pelo "apadrinhamento" e pelo " compadresco ".

Vivia ela, invariavelmente, enterrada na sua cozinha, da casa e do bar, uma coisa só, onde imperava absoluta, comandando as auxiliares na arte do seu inteiro domínio — cozinhar.

Polenta com frango, arroz, macarronada, pastéis, pão-de-ló, peixadas, risotos, frango assado e à alho-e-óleo, enfim,pratos e mais pratos, ela sabia-os fazer, e como!...

— Como qualquer coisa! É da dona Gigetta? pode trazer, que eu como!...

— Quantos pastéis ocê quer?!

— Uma dúzia... misturado!

— Eu quero um!

— Eu tamém!

— Precisa esperar um pouco! tá fritando!

Isso ocorria nos dias de domingo, principalmente à tarde... hora que ela descansava, fazendo pastel!... Mas, nos reservava outras " horas de descanso ", para fazer-nos o seu delicioso pão-de-ló, vendido em fatias, cortadas generosamente...

— Já acabou o pão-de-ló?

— Mas tá fazendo outro... espere um pouco!

— " Seo " Ernesto... me dá um capilé.

— Tamarindo!... e depois um de Groselha!

— ?!... ocê vai ficá " aguado "!

— Eh, Eh, Eh...

Na época de pesca — e sempre era época de pesca, naquele tempo em que o nosso rio Piracicaba não andava poluído, e tinha peixes em abundância —, havia também mandís e lambaris fritos, sequinhos, " na pedida ", para acompanharem uma boa cervejinha bem gelada... mas isso era prá "gente grende", e nós, crianças, tínhamos que nos contentar com o capilé, mesmo! Bebida alcoólica? só depois dos dezoito anos! Disso cuidava o " seo " Ernesto, zelosamente.

Dona Gigetta vestia-se discretamente, como as suas amigas — vestidos longos, avental na cintura gorda, chinelos, sem adornos — e os cabelos longos presos com um coque na nuca ou no topo da cabeça e, estando à cozinhar, com um lenço para não deixar cair nenhum fio dele nos seus caprichados pratos, coisa que seria um " escândalo ", imperdoável, se por ventura acontecesse. Gostava de um " joguinho de bicho " e de jogar tômbola, além de bater papo, com as amigas e

vizinhas e de dar gostosas risadas. Nas noites livres, a roda de cadeiras se formava defronte ao portão de madeira, lateral ao bar, para o bate-papo e o crochê.

Lá no fundo do seu quintal, ficavam as suas galinhas, frangos, patos, marrecos e até perus, que seriam servidos aos seus fregueses, de acordo com as necessidades do restaurante. O seu " cabrito " era famoso, e quando ouvíamos os seus berros, sabíamos que no dia seguinte haveria um banquete ali; as leitoas também berravam alto, com freqüência, e intensamente, nas vésperas de casamentos e de cada primeiro de maio (festa da Banda União Operária).

Brincava com todos, independentemente da idade ou da condição social de cada um, mas nós, as crianças do seu quarteirão e por estarem conosco o seu neto Renê — os seus sobrinhos Foca e Vadinho, levávamos alguns pontos de vantagem sobre os demais, havendo sempre alguma coisa de especial na sua cozinha, reservada para nós.

O tempo, esse inexorável devorador de vidas, não deixa ninguém para trás ou como se diz: " para semente ninguém fica " ... e levou-a para o Paraiso, certamente para auxiliar na preparação do " grande banquete divino "...

— Menino, fala pro São Jorge i pegá o franco... hoje quero " frango com polenta "!

— Mais " Seo " São Pedro, o senhor num comeu isso onte?!

— I o sê acha que o franguinho da dona Gigetta injôa!... vai, vai logo, menino!...

MEMÓRIA DA VILA — XLIX

Uma das minhas grandes dificuldades na vida, é a de guardar nomes de pessoas e as suas datas de nascimentos. Recordo de fisionomias, fatos, acontecimentos, lugares, mas nomes e datas, uma lástima! Por outro lado, se anotasse-as, poderia recorrer-me aos apontamentos, e como também não gosto desse tipo de cuidado, acabo sem nada, além da memória, com todas as suas falhas.

Um dia desses, estava com um amigo à conversar e ele me pergunta:

— Você se lembra de tal caso?

— Lembro!

— E quanto ficara a " estória " toda?

— Num me lembro!

— Mas eu descubro, já!... é só procurar no meu apontamento...

E " mergulha " na pilha de blocos e cadernos, à busca da sua "anotação"...

— ... eu sei que tenho tudo anotado... data, nome, valor, o pagamento... e vai revirando tudo, folheando, lendo, separando informações que buscara, em outras ocasiões, sem encontrá-las, e que agora, " aparecem "...

— ... tava aqui, óh!... por aqui!...

— Num tá achando-a?

— Espere um pouco, que eu já a acho...

— ... está já no fundo do armário e... nada!

— ... bem, num tô achando-a, mas " eu sei " que foi isso!...

Eis a razão que me levou sempre a não me importar com anotações... elas tomam tempo e lugar e, quando as buscamos... não as achamos!

A vida da nossa Vila assemelha-se ao caso acima. Há muita anotação feita e espalhada por inúmeros armários de famílias e de entidades, e outro tanto, contido só na memória das pessoas mais velhas e de algumas poucas mais novas, que as "ouviram contar", sobre fatos, pessoas e acontecimentos relacionados com a história da Vila. E logo, alguém fará aquela mesma pergunta para obter a mesma resposta: — "Você se lembra...? – Lembro!... — E ...? — Num me lembro!... " Logo, à uma pergunta incerta ", uma resposta " vaga ", e tudo acabará se perdendo, com o passar do tempo.

Há uma " estorinha " aqui, que não dá nome aos seus personagens e nem referência geográfica, para não ligar nomes e pessoas, do passado e do presente, seguinte:

O moço veio de longe, se instalou aqui, atraído pelos seus parentes. Ganhou mais idade e muito dinheiro, boa parte dele de herança e de presente. Casou, ficou mais rico, e quanto mais rico ficava, mais queria, só para si, insaciavelmente. Depois, começa a devolver algumas migalhas do quanto amealhara para " agradar " a comunidade e " tapear " a sua consciência, julgando-se

"compreendido" através das "homenagens" que lhe eram prestadas em resposta a cada gesto seu... uma migalha, uma medalha! e vai enchendo o peito, estufando-o de ar, só para ampliar o espaço para as tantas "medalhas"... outra, outra, mais outra e... de tantas, o seu corpo verga-se ao peso do metal polido, e o faz tombar, de bruços, ao chão duro... uma forte pancada na "cara", e, literalmente, como se diz, "quebrou a cara"!... ficando ao res no chão e na sua grotesca posição real, isto é, na posição que sempre se postara: ao rés do chão!

— Você se lembra?

— Lembro!

— Eh, Eh, Eh!...

— Eh, Eh, Eh!...

Poxa, como tem gente de memória boa, sô!...

MEMÓRIA DA VILA — L

Para se comprar carne, ía-se aos açougues do Zillo ou do Bruzantin, ou não se tinha carne à mesa, em toda a Vila Rezende. Nós, meninos, ficávamos admirados com a chegada do caminhão do frigorífico, com todos aqueles enormes quartos de boi dependurados nos ganchos e ainda com o sangue à escorrer-lhes, à encharcar o seu piso de tábuas, a ponto de deixar marcas no chão onde ele estacionava. Os entregadores, admiravelmente, enfiavam-se debaixo das enormes carcaças e saíam carregando-as sem se importarem com o sangue que ía manchando os seus jalecos e gorros brancos até torná-los totalmente vermelhos.

Depositadas em outros varais — os do interior do açougue —, toda aquela carne fresca era trabalhada; entretinhamo-nos em ver o açougueiro cortar as peças de carne de acordo com as suas diferentes partes e qualidades, com uma facilidade de hábeis cirurgiões. E usando aquelas enormes facas, machadinhas e serras... Época das vacas gordas!

O "seu" Mário Português — o sr. Mário dos Santos —, iniciou a sua vida de comerciante na Vila Rezende, na Avenida Rui Barbosa, alguns metros acima do bar do Papini, com uma quitanda! Nada estranho até aí, considerando a tradição portuguesa para esse ramo de negócio, mas, acabar com uma loja de artigos para presentes, roupas, brinquedos e outros escambares, é que é estranho!... Comerciante nato, tendo à correr nas veias, o sangue mercantilista de seus antepassados, navegantes dos sete mares, o seu Mário resolveu "navegar" entre São Paulo e Piracicaba, trazendo nas suas valizes e baus, toda sorte de bugigangas que encontrava na Capital, a "preço de banana", e comercializá-las aqui, na Vila, encantando os "índios paraguaios"... e tantas viagens fizera, que acabara entortando até o pescoço... progredindo, crescendo e transmitindo o negócio ao seu herdeiro-varão-comerciante, como ele,... e aposentou-se.

Farmacêuticos?

São Benedito e seus discípulos — apóstolos, Alfredo (Mercúrio), Rodolfo, Zézinho, Sbravatti, e companheiros "seus" (santos) Cornélio e Albérico ... sobrenomes? Ah, sim: Neves, Caldari, Gandini, Arantes de Carvalho, Silveira e Sampaio. Todos marcaram (efetiva e literalmente) épocas na vida do bairro, estando alguns, como o Zézinho, ainda na ativa... e todos, igualmente, encarregaram-se de transmitir os seus conhecimentos aos inúmeros discípulos...

"Padaria do Sol". Que nome bucólico, para uma padaria! Só mesmo, na Vila!

A família Fecchio mantém a tradição de padeiros, e só a dona Iracema, já passou dos quarenta anos... de balcão! O seu Péricles entregava-nos o pão, de casa em casa, com o seu carrinho de padeiro puxado a cavalo — a trazeira era toda fechada, com um tampo de dobradiça que se erguia e mantido aberto por uma

travessa ou sarrafo, articulado, de madeira — e fazia o trajeto todo da Vila, duas vezes ao dia — às primeiras horas da madrugada e à tarde —, e era a passagem da tarde que agradava às crianças, por trazer, além da bengalona (era um enorme pão!), filãozinho, pão-avião, também o pão-doce, e os sonhos, recheados com creme...

De relógios, se o "seu" Waldomiro — Miro — Scarpari entende, hoje, alguma coisa, fora graças aos seus experimentos (?!) em consertos que fizera aqui no bairro. Parece até que, ao vir para cá e se instalar quase no início da Rui Barbosa, adquirira o direito de exclusividade, afinal, é o único relojoeiro aqui, até hoje, ou então, esse nosso pessoal, por ser uma italianada "pão dura", continua madrugando com os galos, e assim, dispensam os relógios!...

Fotógrafos. Mário (Curvinha) Crivellani, pois a sua "Rolleyflex", em matéria de idade, só se rivaliza com a do seu colega Cícero Correia dos Santos!... e saibam que ambos, as compraram novas, assim que foram lançadas no mercado!... só muito depois é que surgiu o Roberto Turim. Sábados e domingos, o "studio" do Curvinha se convertia no centro das atenções dos acontecimentos sociais da Vila, tal a profusão de noivas e noivos, crianças que faziam a primeira comunhão, e famílias inteiras, que faziam-se fotografar; homens e mulheres em busca de fotos 3 x 4 para os seus documentos, afora os moços e moças, que queriam retratarem-se em poses galantes, para trocar fotos com os namorados... Êta Mário Curvinha danado, que era (e é) capaz de fazer desaparecerem as rugas, as espinhas e o olho vesgo, graças ao seu lápis mágico e a sua lupa!...

Bem, por falar em lupa, acho que está na hora de ir dormir, pois já sinto os olhos cansados, em função dessas duas pesadas lupas que me permitem, ainda, enxergar!... Vou dormir e sonhar, sonhar com esta nossa Vila Rezende, e rever, mais alguns amigos...

MEMÓRIA DA VILA — LI

— Num acredito!

— Não acredita no quê, ô, meu?

— Que você escreveria cinquenta " porcarias " dessas!

— Porcaria?! O Senhor vê lá como fala, ouviu bem?!... Porcaria! ora essa, agora!

— Você sabe que tô brincando, não!?

— Obrigado, Senhor! Ocê é meu Criador ... por isso, compartilho com o Senhor, esta obra...

Pois é!

Cinquenta tópicos sobre coisas da Vila, ou de pessoas da Vila, inclusive de pensamentos que ela suscitara, ao longo dessa " recordação ".

Farei um breve intervalo aqui, para um fôlego e para recolher subsídios importantes, talvez capazes de invalidar algumas das minhas afirmativas anteriores, por ter sido traído pela " memória ". Afinal, quem não se esquece ou não se confunde com alguma coisa, depois de um certo tempo? Ainda mais, sem contar com um apontamento, com um lembrete qualquer. Devo ter cometido um bom número de erros, principalmente, com relação aos nomes de pessoas. Dissera já, e volto a repetir: não pretendi dar uma de " historiador ", e sim, de " estoriador ", o que é bem diferente, em tudo, merecendo os fatos, de parte do historiador, um melhor tratamento e uma seriedade total, ambas as coisas a que não tive e não me ative, como devia-lhes.

Com este breve intervalo, as correções acontecerão, naturalmente, e é exatamente isto que objetivei, ao escrevê-los — de chamar as atenções dos vilarezendinos às riquezas que estão " enterradas " nas suas memórias, às quais correm o risco de virem, realmente, a ser " enterradas " em definitivo. Então, a Vila não teria, mesmo, nenhuma memória! E é isso que não queremos que venha a acontecer conosco, pois a Vila, somos nós, os seus filhos.

Toda observação será bem recebida, e de imenso valor, para todos nós.

Obrigado!

MEMÓRIA DA VILA — LII

— Ô, meu! isso é agora recordação de família?!

— Ué! porque, num pode?

— Nesse caso, você precisa falar das outras famílias da Vila, também!

— É só questão de tempo e de dados... e o que eu tenho agora, é isso aí!

— Bem, acho que é até melhor você falar mal, da sua família, do que a dos outros!...

Então, me animo a ir em frente, mais como um exercício mental, e ver se realmente, consigo me lembrar dos fatos passados...

E do lado materno?

Bem, a relação é grande... Começando pelas mulheres, são as seguintes: Isa ou Isabel, Catharina (minha mãe), Angelina, Sula, Lídia, Zaíra e Antonieta, esta última, mais nova do que eu, de um a dois anos; homens, são: Guerino, Domingos, Maximiliano, Palmiro e Fortunato. Ao todo, doze filhos vivos, e mais quatro falecidos, com pouca idade, que não cheguei a conhecê-los, prova portanto, de que a italianada "trabalhava" mesmo!; não contava com rádio, televisão, logo, dormia cedo.

Família grande, grandes confusões. Em compensação, a felicidade e a alegria, também eram grandes. Dos netos, apenas eu os segui, com seis filhos... minha casa ficava ao lado da estrada de ferro Sorocabana... felizmente. E como os meus avós, eu não me arrependo disso, pelo contrário, só agradeço essa dádiva de Deus, diante das tantas alegrias que os filhos nos proporcionam.

Bem, acho que devo registrar os nomes de meus "nonos", responsáveis diretos que são por terem gerados os meus pais e estes, a mim, para o "azar" dos meus leitores, que se atreve a escrever essas "memórias", incluindo a minha família nelas, por pertencer às típicas famílias da Vila, e esta, uma imensa colonia italiana, o quer dizer, uma imensa "famiglia".

Ângelo — Andoim — Furlan e Thereza Gallina Furlan. Pedro — Piero — Caldari e Carolina Bottene Caldari. Como se pode ver, os quatro italianos e os seus pais e "nonos", igualmente italianos, seguindo a linha ascendente, no único sentido. Por conseqüência, meus parentescos com a população da Vila estaria por volta de cinquenta por cento, e a minha esposa, com outra parcela igual... logo, é parentesco "pra burro"! Querem um exemplo? Pois bem: o Emílio Caldari, irmão do Ernesto, casado com a Mariquinha, (Schievano) e da Antonia, casada com o Waldomiro Perissinotto, era meu primo; casou-se com a Rosa Everaldo, que era irmã do Leandro, pai da Apparecida, a moça com quem me casei... e o meu primo Emílio, virou meu tio, a partir dai!...

Por esse motivo, havia um costume, entre os vilarezendinos, quando uma pessoa de fora começava a falar a respeito de pessoas, de logo avisá-lo:

— Ocê, quando for falar mar de arguém, aqui, é miór ocê num falá o nome da pessoa, pois ela é sempre parente da gente!...

— ?!

_... e ocê pode acabá apanhando!... e o sujeito, prestando um pouco mais de atenção, nas conversas, acabava entendendo que de fato, as pessoas por ali eram todas parentes umas das outras.

MEMÓRIA DA VILA — LIII

De meus tios todos, que não são poucos, tanto do lado do meu pai como do lado de minha mãe, guardo gostosas recordações, e de alguns, por terem já partido deste mundo, grandes saudades, imorredouras saudades.

Irmãos de meu pai; a minha querida tia Antonia, por ser a mais velha, assemelhava-se, em muito, ao meu pai. Gorda, grande, dona de uma calma impressionante, era capaz de fazer-nos, igualmente, calmos, só de ouvi-la a falar conosco. Alegre e sorridente, punha logo as pessoas inteiramente à vontade, fazendo-as suas amigas — outra das características do meu pai — e essas, também, amigas dela.

Dado ao seu corpo enorme, movia-se lentamente, ou assim nos parecia ser. Sua voz mansa, pausada, calava em nós de uma maneira gostosa, tornando os bate-papos mais agradáveis e mais demorados, mesmo quando se tinha a pressa por companheira nas nossas visitas a sua casa. Aliás, isso é só um modo de dizer, pois, quando se adentrava na sua casa, a pressa ficava do lado de fora. Um cafezinho logo apareceria, servido em xícaras de porcelana, com pires, bule e bandeja, e, um pedaço de bolo feito em casa — por ela ou pelas minhas primas.

Minha querida tia demonstrava por mim, um carinho especial, assim o sentia... e os meus outros primos e primas, também diziam isso... logo, dava-nos, a todos, um carinho especial, individualizado, porém, igual no seu modo de ser.

Nascera no sítio, vivera no sítio e viera por fim, morar o restante da sua vida na cidade — na Vila Rezende. Mas não perdera o seu jeito de mulher do sítio. Cozinha com fogão à lenha, cachorro passeando pela casa, galinhas no fundo do quintal, horta verdejante, portas e janelas escancaradas... fogo sempre aceso, para manter quente o café contido no bule mergulhado na panela com água...

— Toma um café!

— Obrigado, tia.

— Mas toma um golinho!... tá quente! E vamos conversar um pouco! Faz tempo que você não vem visitar a sua tia, seu ingrato!

Como poderíamos, depois disso, recusar o seu café? E lá ficávamos, durante horas... gostosamente.

Minha tia Irma. Mesmo sem o "til", era (e é) a "irmã" de todos, tal a bondade que irradia em volta de si.

Mais magra que o restante da família, fazia essa sua fragilidade física, aparente, se ter a impressão certa ao seu respeito — de ser uma pessoa delicada. Delicada e forte, provavelmente a mais forte de toda a irmandade, para suportar com serenidade, otimismo, perseverança, alegria e entusiasmo, toda a carga que a vida colocara sobre os seus frágeis ombros.

Feliz. Uma mulher feliz por ser mulher. E essa sua felicidade está em fazer os outros felizes. É a sua "marca registrada", genuina.

Tia Cezira. A simplicidade incorporada na figura de um ser humano. Tão simples e humilde, que nos faz ver, em volta da sua cabeça nevada, a auréola que recebera, ao nascer, sob a forma de mulher, tanto é verdade, que gerou um frade capuchinho, um franciscano... meu primo Saul, o qual mereceria um capítulo só para ele.

Acrescentar algo sobre "bondade", a essa tia, é redundância.

— Toma um cafezinho!

— Obrigado, tia.

— Toma mais um pouquinho!

— Obrigado, tia, esse já é o terceiro!...

Tias Irene e Linda.

Nessas, eu me "amarraria" um pouco mais, se não morassem longe daqui, não por serem melhores daquelas já mencionadas, mas pelo fato de eu ter nascido na casa delas, quando ainda jovens e solteiras... então, elas me tiveram como sendo o "nenê" da casa. Me "paparicaram". Não diferem das suas irmãs, quanto ao temperamento, aos sentimentos fraternais de amor e de solidariedade. Claro que, para elas, o "Pedrinho" aqui, nunca crescera e nem envelhecera... só para elas!

Meus tios, não os maridos delas, mas os irmãos de meu pai, são dois: Eduardo e Gentil Alfredo.

O "caçula", infelizmente, nos deixou mais cedo. Apesar de ser mais velho do que eu, sempre nos uniu uma amizade mais aberta e íntima, nascida naturalmente, pelo fato de ter sido ele o caçula da família e eu o "nenê" que nascera na sua casa, ou seja, na casa de "nona", sua mãe. Isso deveria ter aberto, entre nós, um canal de comunicação mais livre e usado com maior freqüência, como ocorre entre os irmãos verdadeiros.

Gentil Alfredo. Farmacêutico. Boêmio. Curtia a vida... alto, forte como um touro... suas mãos, enormes e pesadas...

— Vai tomar a injeção?!

— S-i-m !... e como fugir dele, se a sua outra mão já estava "abraçada" no braço do "paciente"?!...

No entanto, apesar de todo o seu corpanzil, o primeiro nome — Gentil — era-lhe como uma luva. Suas "injeções" não se faziam sentir, nem durante e nem depois... só antes de tomá-las (àqueles que a tomariam pela primeira vez). Mas ninguém o conhecia por esse nome, apenas por Alfredo, ou melhor, por "Mercúrio", seu apelido de menino aprendiz do mestre "seo" Dito da Farmácia.

— Vo caçá uns papacapim!... qué i junto?

Esse, a fazer tal convite, seria sem dúvida, o meu tio Eduardo. Passarinheiro nato, não perdia nunca a oportunidade de ir caçar alguns de seus passarinhos preferidos — curió, bicudo, azulão, correntino, caboclinho e, papacapim — , junto com os seus amigos da redondeza, que não eram poucos, e nem menos apaixonados pelas avezinhas cantoras que existiam, em grandes quantidades, em quase todos os lugares.

Homem forte, confirmava, ao formar o trio de filhos homens da família, que realmente o meu avô tinha sido um italianão massudo, do qual só tinha,

conhecido, a sua fotografia de "meio corpo", tirada na companhia da minha avó para a tradicional foto de álbum de família, ou seja, a feitura da "reprodução", retocada e até "colorida", para ser fixada em um quadro na sala de visita da casa...

Ah! que saudade nos trás...

MEMÓRIA DA VILA — LIV

— Hoje vamo comê codorna e rolinha com polenta!

— Com salada de armeirão!... Hum, hum, que bão!

E de fato, no jantar daquele dia havia uma panelada de rolinhas e outra de codornas, exalando o cheiro gostoso de alho tostado no óleo, e, um enorme tabuleiro de polenta fumegante, convidativa, tanto quanto a salada de almeirãozinho tenro e fresco, colhido há poucos minutos apenas.

— Óh!, que horror! comer essas pobres avezinhas!

É! mas haviam tantas, ali no sítio, que algumas delas não fariam falta e nem desequilibraria o meio ambiente. Não morriam, aos milhares, em decorrência dos inseticidas, dos herbicidas e dos adubos químicos, das águas contaminadas, poluídas. Então, uma dezena, a mais ou a menos, não fazia diferença alguma...

Meu "vira" morreu, neste dia 11 de outubro de 1988... bem, não era meu, e sim, da Apparecida, que o ganhara de presente do meu sogro. Leandro. Ficamos todos muito tristes com o seu súbito passamento, ocorrido sem qualquer aviso prévio, ou um leve sinal sequer.

Para os mais educados, polidos, seria um "pássaro preto"; para nós, caipiras, era um "vira", um genuino "vira-bosta", do melhor que já tínhamos visto em cativeiro. Canto limpo, prolongado, com gorjeios volteados, dobrados, altos e indicativos da sua presença no " pedaço "... um admirável espécime da sua espécie... invejado, cobiçado e elogiado pelos bons entendedores da arte " passarinheira ".

Aquela madrugada ficara silenciada e, ao abrir a porta do quintal, uma triste gaiola permanecia sem o seu balanceado harmonioso... o poleiro estava, simplesmente, vazio, e no fundo de madeira da gaiola, jazia ele, tristemente... e eu, que ia-lhe dar a sua fruta preferida — uma fatia de laranja e receber de volta, imediatamente, um canto alegre, como se ele me agradecesse pelo fruto!...

De tão negro, parecia até que a luz refletia-se nas suas penas, encantando a nossa vista no seu rápido saltar, de um poleiro a outro. Apesar dos seus oito ou dez anos conosco, continuava arisco, e se batia com a aproximação de qualquer pessoa. Mas não era um agitar assustado, e sim, um movimento seu para manter-se altivo naquele seu espaço. Tanto é verdade, que respondia com os seus agudos gorjeios aos movimentos que via do lado de fora e culminava com um cantar alegre e longo, de um autêntico "vira-bosta".

Passarinheiros da Vila.

Quantos seriam? Não se saberia dizer, mas sabia-se muito bem, aquele que nutria o gosto por um bom papacapim ou corentino, azulão, curió, "vira-bosta ", caboclinho, bicudo, canário da terra, foguinho, patativa, coleira, pintassilgo.

Babico (João Carmignani), Pingüim (Eduardo Caldari), Zé Polenta (José Pizazza), Oriente Spolidório, Leandro Everaldo, João Martins, Lico (Moacyr) Martins, Vasco Magagnatto, só para citarmos alguns deles, dos antigos. Esses foram "mestres" na arte " passarinheira ", e como tais, fizeram escola, graduando algumas centenas de seguidores aplicados.

Há quem condene essa atividade, porém, estará equivocado, se pensa, que assim agindo, promove a defesa da fauna. Passarinheiro não mata passarinho! Defende-o e permite a preserverança das espécies. São amigos dos pássaros! E são portanto, grandes amantes da Natureza, incapazes de fazer-lhe o menor mal.

— Vamo caçá domingo?

— Vamo, mais a minha namorada vai bronqueá!

— Minha irmã?! e ocê é de dá " bola " pra muié!

— É, mais o véio é " brabo "!

— Eu controlo o véio!... mais pra quê controlá?! ele vai tamém!...

MEMÓRIA DA VILA — LV

Um industrial que deixamos, propositadamente, de mencionar no início, devido a sua indecisão política, de sair ou não candidato a prefeito da cidade, e como já dissemos, mais uma vez predominou o espírito vilarezendino sobre ele também, não aderindo à política e sim ao trabalho, é o senhor Mário Mantoni.

— Você conhece o Mário?

— Mantoni?!

— É... o Mário Mantoni!

— Barbaridade, sô!

Figura ímpar. É outro "filhote" da oficina Dedini, onde iniciara-se na arte de fundir o ferro e o aço e trabalhá-los, nos tornos e frezas, transformando-os em rolos de moedas, como também, o bronze, para fabricar as bombas à vapor, os tais "burrinhos", como eram conhecidos no linguajar caipira.

Atleticano ferrenho ou fanático, só se contentou quando conseguira eleger-se presidente do clube, e levar avante, a construção do Parque Recreativo, até concluí-lo. Mas não se conteve e tão pouco se acalmará um dia, tal o entusiasmo que nutre pelas coisas da Vila. E não são só da Vila, não. É o Centro das Indústrias e do Comércio, o Lar dos Velhinhos e outras entidades e obras comunitárias... lá está ele, o Mário.

Jeito simples, palavreado despreocupado e folcloricamente rico (como bom e típico piracicabano, felizmente!), com ele não há "tempo quente" que o assuste, e lá vai o seu "recado"!

— Me desculpe o dotor, mais o negócio tem que sê feito de quarque maneira!... cunversa mole num dianta!... disimbucha logo essa coisera e vamo trabaiá!...

— Mas, Mário, há necessidade de fazer-se uma coisa mais caprichada!

— Depois ocê faiz!... agora vamô tacá o pau e acabá logo com o problema!

Caboclo despachado. É isso aí... italiano, também se "acaboclou", com o passar do tempo, e agora, não mais perde o hábito do caipira. Dono de franqueza extremada, primeiro fala e depois pensa, daí aquele seu jeito característico de remendar com um "descurpe, num era isso que eu queria dizê!..."

— Tá descurpado, Mário! Mais me diga uma coisa: é verdade essa "estória" dos burrinhos?!

— Má fique queto, rapaiz!... má me acontece cada uma!... o negócio é o seguinte: eu tinha que mandá umas peças pro Norte, e intão, carreguemo o caminhão, e como ele ia vortá vazio, pedi pro animar do meu chofer, que me comprasse, na vorta, uns "burrinhos" véio, de bronze... foi mais ou menos assim:

— Ocê sabe o que é "burrinho" véio?

— Pô! quim num sabe?!

— Óia: Na vorta, me compre aquilo que o seu dinheiro dé. Ocê vai vortá vazio mesmo, intão oce proveita a carga do caminhão!...

— Pode ficá discansado!

... Passô uns vinte dias, recebo um telefonema na oficina...

— Mário, é o motorista que tá no Norte, pro ocê...

— Qui ele qué?

— Êle diz que está preso na barreira rodoviária!

— ?!... O que acontece, ô meu?!?

— É os tar do burrinho... a polícia prendeu o caminhão e só sorta si eu pagá o imposto e as murta!

— Ué, paga intão i vê se vem logo que eu tô precisando deles...

... Dois dias depois, chega o caminhão.

— Mário, os burrinhos tão aí!

— Descarregue eles!

— ?!

— O quê ocê tá oiando?... descarregue!

— Num dá, Mário!... eles escapam!

— ?!

— É! precisa prendê eles!...

... fui oiá o caminhão, i num é que o mardito tinha comprado um caminhão de "jegue", e tudo véio!... Eh, Eh, Eh!... intão mandei eles prô Zoológico da Vila!... são aqueles uns qui ocê pode vê lá!... Eh, Eh, Eh!

Esse é o Mário.

O bom, e esportivo, Mário Mantoni...

MEMÓRIA DA VILA — LVI

A idéia vinha sendo amadurecida desde há muito tempo, principalmente depois de compartilhada com vários amigos e companheiros de tanta labuta pela melhoria do bairro, sem obterem lá aquele progresso ou sucesso desejado. Faltava algo a eles, e eles, sentiam cada vez mais isso.

— João, nós precisamos conversar com o pessoal sobre a Vila. Do jeito que tá, nós não vamos à parte alguma!

— Também tenho pensado nisso... que tal a gente se reunir lá na sede do Atlético, uma noite dessas e ouvirmos as opiniões de todos?

— É uma boa idéia!

Tinham antes, se reunido com o mesmo propósito, ora na casa de um, ora na casa de outro, trocando idéias e até chegando a um consenso; faltaria alinhá-las e propor ao grupo uma medida mais objetiva.

O Augusto Costa incumbiu-se de convidar alguns amigos, o João Vendemiatti outros, o Guerino também, o Sebastião Paulo Sêga encarregou-se de mais alguns e ficou delineado um plano de constituição de uma sociedade de amigos da Vila. O farmacêutico faria a exposição do projeto, dada a sua facilidade de falar, e certamente, por conseguir decifrar a caligrafia de qualquer um, e assim, não engasgar na leitura daquelas anotações todas.

Na noite de 26 de novembro de 1958, com a sede cedida pela diretoria do Atlético, ali na avenida Barão de Serra Negra, acabou por acontecer a reunião tão aguardada. Até o Prefeito Municipal comparecera, o Comendador Luciano Guidotti, o vigário da Paróquia, o Padre Jorge Simão Miguel, para ouvirem a proposição da comunidade.

Com desenvoltura, o orador-farmacêutico, José Sidney Ferraz dera conta do recado e por unanimidade dos moradores presentes, fundou-se a Sociedade Amigos da Vila Rezende, sob a presidência daquele que seria também aclamado como o seu primeiro presidente eleito — sr. João Vendemiatti. Usaram da tribuna o senhor Prefeito, o pároco, e vários dos presentes. Por final, subscreveram-se como sócias-fundadoras, as seguintes pessoas: Ana D'Abronzo, Anita Sêga, Cláudio Dezuó, Guerino Trevisan, Irineu Diniz, João Vendemiatti, José Sidney Ferraz, Jacira Sbravatti Rizzolo, Oswaldo Paulillo, Raul Carraro, Remo Nivaldo Papini, Reynardo Alleoni, José Roberto Caldari, Sebastião Paulo Sêga, Tarcísio A. Mascarim e Waldomiro Scarpari.

Os Estatutos da Sociedade, que teria a sigla de SAVIRE, foram elaborados pelo advogado José Roberto Caldari e pela assistente social Anita Sêga, como uma sociedade cicil, tendo por finalidade "Trabalhar para melhorar as condições sociais, educacionais, culturais, econômicas, urbana do distrito, bem como ter um departamento de serviço social dos casos que necessitam de auxílios materiais e orientações, desenvolvendo também atividades de serviço social de grupo e de

comunidade". Portanto, um objetivo de grande amplitude e de enorme profundidade social, com muito trabalho pela frente e... enormes dificuldades. Estava apenas iniciando a sua longa caminhada de reivindicações, pleitos, súplicas, campanhas, trabalho e mais trabalho e quando chegava ao final de um deles outros já estavam em curso... sem dinheiro, sem "lenço e sem documento", primeiro, porque de nada adiantava chorar e segundo, com dinheiro, qualquer um é capaz de realizar coisas, mas aquela sociedade não era para "qualquer um", e tão pouco se propunha a fazer "qualquer coisa"... era para congregar cidadãos autênticos e concretizar obras duradouras.

João Vendemiatti presidiu-a de 1958 a 1962; Ana D'Abronzo, de 62 a 64; Waldomiro Scarpari, de 64 a 65; Cláudio Dezuó, de 65 a 67; Augusto Costa, de 67 a 70; Sebastião Paulo Sêga, de 70 a 72; Paulo Francisco Fonseca, de 72 a 74 e Paulo Sêga volta a presidí-la em 1974, ininterruptamente desde então, devendo terminar o seu mandato em junho de 1990.

Em 24 de maio de 1977 inaugurou o funcionamento experimental da Creche e Berçário "Ada Dedini Ometto", com oitenta crianças, cuja construção do seu primeiro prédio se fez em tempo recorde, uma vez que fora iniciada em fevereiro de 1976, com uma área de 700 m² em um terreno de 4480 m² doado pela Prefeitura Municipal. Mais uma vez a Oficina Dedini se fez presente, na pessoa do seu presidente, dr. Dovílio Ometto, em memória da sua saudosa esposa e filha do Comendador Mário Dedini.

A partir desse marco histórico, o sucesso da SAVIRE não parou mais de ser uma realidade concreta, em todos os sentidos, porém, não sem dificuldades, sem lutas.

Novos prédios, maiores áreas construídas e abrangidas pela obra comunitária; mais responsabilidade; outros desafios são aceitos e enfrentados e novas realizações... salão de festas (o segundo)... biblioteca pública e não vai parar nunca!

— Bem. pessoar... agora que terminemo o novo prédio, vamo cuidá de num dexá essa criançada na rua... é preciso que nóis achemo uma ocupação, pras maior de sete anos, até os quatorze!... vamo profissionalizá elas!... É o presidente Sêga, mais uma vez timoneirando o barco da "SAVIRE" em meio ao turbulento "mar da vida" — a falta de amparo à infância e à adolescência —, na sua visão do grave problema que atribula a sociedade em meio aos "males da vida"...

— Nóis tamo de acordo! o quê precisamo fazê?

Bem, isso é outra "estória", por enquanto, e como conhecemos esse "pessoar" todo, logo, será "história" mesmo, à engrandecer a "memória da Vila"... é só esperar!.

Missa no altar-mor da antiga Matriz da Imaculada Conceição (demolida para dar lugar à nova Matriz); celebrante: Con. Romário Pazzianotto, Vigário da Paróquia da Vila Rezende.

S. PAULUS
S. PETRUS

MEMÓRIA DA VILA — LVII

Escutava-se uma tosse prolongada, ora surda, ora alta e forte, seguindo em um tossir mais abrandado mas contínuo; não era preciso nem olhar para se saber de quem se tratava... era o "seu" Pedro Segatto, que vinha vindo.

Um homem forte — pudera, pra agüentar aquele "tossir", tinha que ser forte! —, troncudo, brincalhão e um bom contador de piadas e de "causos", vivia rindo e fazendo todo mundo rir. Além daquela sua tosse inconfundível, tinha um vozeirão, grosso, sonoro, próprio de um italiano, e o seu nome não poderia ser confundido com o de outra raça... Segatto.

— Pierim, Pierim! meu "xará"! e brincava comigo, por levar o mesmo nome que o seu, e por gostar de crianças, e seguia cantarolando enquanto caminhava na direção da "sua" oficina, a Dedini, assim a considerando, tal a quantidade de anos que tinha "de casa" e a sua amizade com o "seu" Mário.

Chapéu na cabeça, paletó atirado sobre o ombro, passos firmes dados de um jeito que fazia-o balançar o corpo lateralmente, lá vinha ou ia ele, todos os dias, religiosamente, para o trabalho, e, aos domingos, na direção dos amigos, lá no Papini, para papear e jogar a sua partidinha de bocce.

Tossia e muito, mas não deixava nunca de ter o seu "paieiro" na boca, ou caso não fosse o "paieiro", era um desses cigarros comuns,de maço. Um fumante inveterado, à vida toda.

Um artífice da madeira, em especial a de cedro. Ninguém a trabalhava com maior habilidade, principalmente naquela sua especialidade tão complicada — fabricar os moldes ou modelos para a fundição de peças de ferro, aço, bronze, alumínio ou de qualquer outra liga metálica.

Um artista, sem dúvida alguma. Conhecia todos os segredos da sua profissão e o que dela se fazia necessário para obter-se o desejado resultado na fundição, tanto para aquelas monstruosas engrenagens, aos enormes rolos e roletes de moendas, às delicadas válvulas e turbinas à vapor e... às cabeças de Cristo que seriam fixadas nas paredes de alguma Igreja, ou os seus sinos. Tudo isso saía, naturalmente, da seção de modelos do Pedro Segatto, um dos lugares mais sagrados da Oficina Dedini.

Casado com a Albina (Dezuó), tinha duas filhas, a Teresinha e a Téia, ou a Zinha e a Esmeralda, que tinham como namorados o Luduwik Hahnn e o Izidoro Lopes, respectivamente, e, por serem muito bonitas, uma legião de admiradores confessos... os meninos do quarteirão, bem mais novos que elas e completamente ignorados, por não passarem de meras crianças.

Tínhamos pelo seu Pedro, uma grande admiração e ele, por todos, uma atenção sem limites, nunca se negando a dar uma mãozinha de ajuda a quem quer fosse, bastava pedir-lhe, ou simplesmente, ele saber da necessidade da sua

colaboração e lá estava ele, solícito, prestativo, atencioso e na maior camaradagem, adicionando, de "lambuja", uma piada engraçada para também transmitir um pouco da sua alegria.

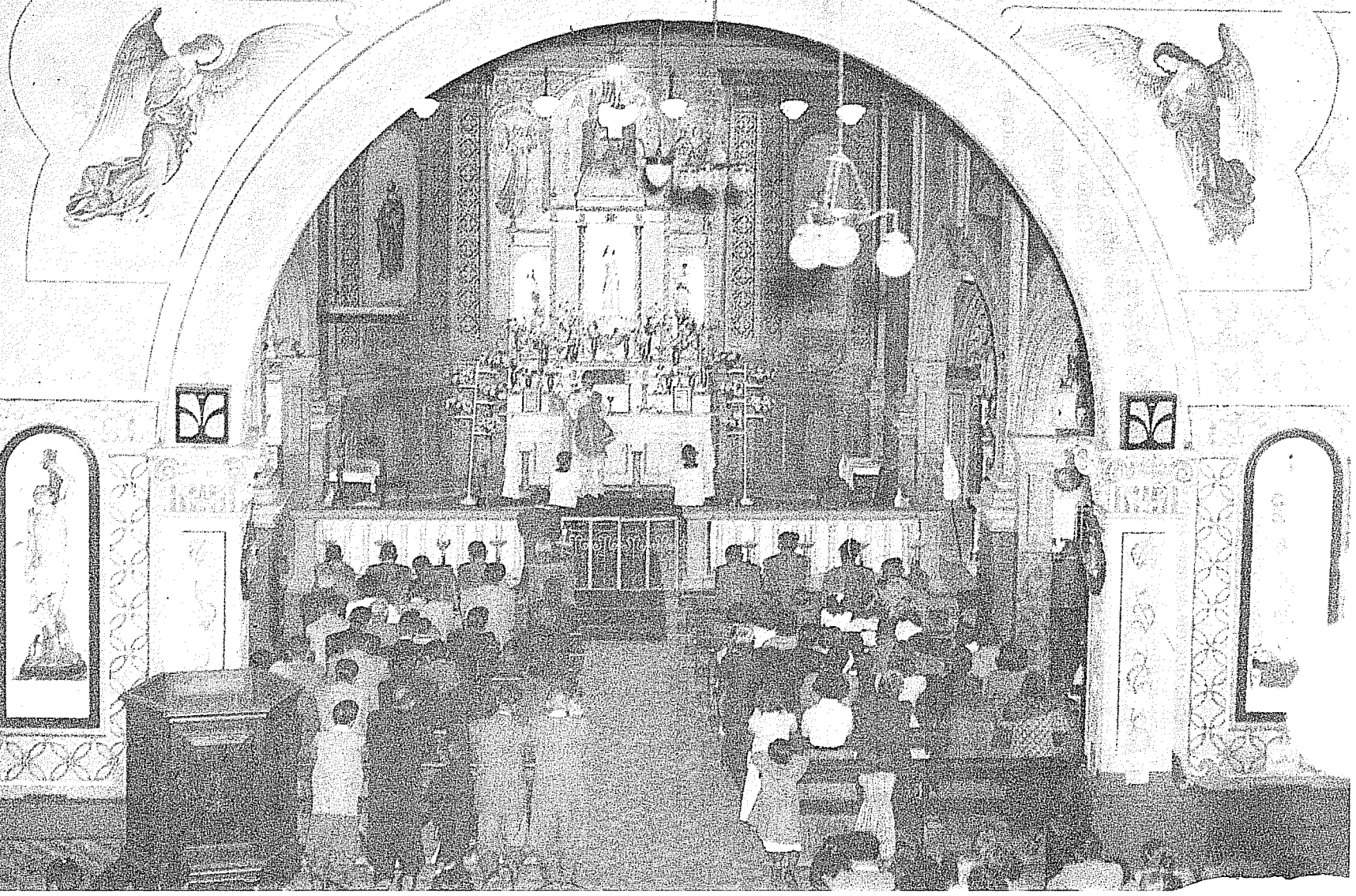
Acho que ele sempre trabalhou na Dedini, até aposentar-se...

E o Armando Dezuó?... o famoso "Biscotin"! Era cunhado do seu Pedro. Apreciava uma bebida, o danado. Pedreiro, vivia de fazer "biscates" por conta própria e assim ia tocando a sua vida, mesmo tendo uma porção de filhos — Suzana, Ada, Irineu, Cláudio, Vanderlei, Antonio, José. Irmão do Cláudio, um dos batalhadores pelas causas sociais da Vila, desprendidos e abnegados, pacientes perseguidores do sucesso que beneficiaria a comunidade toda.

— Biscotim! Biscotim!!... grita-lhe a criançada, fazendo-lhe troça, para vê-lo irritado...

— Biscóto!... venha me consertar a soleira da porta da minha casa!... Biscotim, você num vem arrumar mais o meu muro?!...

... Dona Gija Tôrres era irmã da Nina Schievano, casadas respectivamente, com o Domingos e com o Guerino... dona Gigetta Papini era irmã do Victório Zillo... o seu Adolfo Schievano, pai da Mariquinha e sogro do Ernesto Caldari, foi quem mandou construir a primeira casa na Bimboca e lá foi morar... Waldomiro Perissinotto casou-se com a irmã do Ernesto e comprou o terreno, da esquina da avenida dona Lídia, do Pedro Segatto, e o João Coletto construiu a sua casa, a mais bonita da época na Vila toda... o Bêne e seu irmão Berto Giannetti, construiram, também através do Coletto, as suas casas, iguaizinhas, na Manoel Conceição, atrás da Igreja Matriz... e Péricles Fecchio reformou a Padaria do Sol, fazendo dela uma atração do bairro... coisas corriqueiras, hoje, mas não naquele tempo!...



MEMÓRIA DA VILA — LVIII

Luar.

Noite bonita,de céu sem nuvens e pontilhado de um sem números de pontos que piscam sem parar, coloridos, e alguns descem até bem próximos de nós e desaparecem, indo ressurgir mais adiante, e, à circunscrever círculos e parábolas, sem parar... Oh! são vagalumes!... e eu, tolo, pensando que fossem uma chuva de estrelas! São os irriquietos bichinhos luminosos; as estrelas, brilham mais intensamente e permanecem fixas no firmamento, ou assim pensamos que sejam, por não vê-las mudar, repentinamente, de lugar. Vez e outra, uma estrela risca o quadro negro do céu e desaparece... é um meteorito, e lá o nosso pedido em segredo, certo de que ele será atendido...

Ouvia encantado, as "estórias" desses meus tios, envolvendo muito da crendice popular, sobre a existência de fantasmas, de assombrações, de misteriosos acontecimentos ocorridos em outras épocas, principalmente com pessoas que se atreveram a desdenhá-los, rindo deles... é a crença popular, sem tirar e nem pôr... são as riquezas do nosso folclore caipira... felizmente. O que seria do nosso povo humilde sem ele? Ser humilde não é ser burro ou ignorante. Há muita gente "educada" que não deixa de ser burra e ignorante,em tudo.

As horas passam e se dão conta que é preciso dormir e descansar, preparando-se para a jornada do dia seguinte.

—Amanhã cedo você vai conosco pra roça! Trate pois de dormir e acordar cedo.

Uma ordem ou um convite? Uma ordem, afinal, a vida não é uma brincadeira eterna e para se viver é preciso trabalhar. Mas iria, eu também trabalhar como eles? Não, evidente que não, por nada saber fazer no contato com a terra, e simplesmente, iria acompanhá-los por um dia inteiro, no meio do grande canavial. E assim se dera, permitindo-me apreciar o trabalho daqueles homens, enfrentando as asperezas das folhas cortantes dos pés de cana, o calor abrasador do sol, o suor incomodante e o gosto da terra ao sentir a saliva misturar-se com a poeira trazida pelo vento. Nove horas, o almoço... doze horas o jantar... entremeando-se o saciar da sede, com a água, fria e salobra, contida nos corotes de madeira mantidos à sombra de alguma árvore solitária... uma cana madura, descascada ao fio do podão, e à tardezinha, o retorno à casa grande para o banho de tina, e finalmente, a ceia da noite...

— Gostou?

— Gostei!

— Tô vendo, pela sua fome! Eh, Eh, Eh!...

Vista do interior da Matriz durante uma das missas dominicais.

Mas eles acabaram vindo, todos, um a um, para a vida na cidade, expulsos do campo pelas adversidades artificialmente geradas pelo sistema governamental, pela omissão, pela incompetência e até pelas irresponsáveis políticas, e porque não, até por tudo isto, misturado em um indigesto prato?!... a evasão do homem do campo ou o seu enxotamento?!

As grandes propriedades se tornaram ainda maiores, e as pequenas, desaparecendo uma a uma. As velhas casas, postas a baixo, surgindo as máquinas poderosas, gigantescas, à traçar riscos fundos no chão duro, e o rastro negro do óleo queimado, nos ares outrora puros e saudáveis... desaparecem os casarões antigos, os seus currais, as suas pocilgas, os seus terreiros de secar café, de malhar o feijão, de secar arroz, os seus paiós de milho e as suas rudimentares engenhocas de açúcar batido e de pequenos alambiques de pinga a fogo direto... agora, nos seus lugares, há um mar de cana...

— Tio, o senhor se lembra...?!

— Lembro!

— O senhor voltou, alguma vez, lá?...

— Sim... uma vez e não reconheci nada! nada mais!...então, nunca mais voltei...

E nunca mais voltará... pra quê?

MEMÓRIA DA VILA — LIX

À família grande, matéria grande, mesmo dividindo-a em partes. A primeira parte, ficara com a família de meu pai; agora, é a vez da minha mãe.

Angelina. Seu nome teria sido escolhido em honra do meu nono? Acho que não, pois eles tinham outros critérios na escolha dos nomes para os seus filhos e, na maioria das vezes, escolhiam os nomes tocados por um poder de magia, que os levavam a associarem o nome ao temperamento e ao caráter que anteviam nas suas crianças e... acertavam em cheio!

Simples, uma mulher extremamente simples nas suas maneiras, traquejada que fora no trabalho duro da roça, como as suas outras irmãs mais velhas, que faziam igual tarefa do homem do campo, independente das suas condições de mulheres.

Mulheres do campo. Há muitas décadas atrás, o serviço ou o trabalho na agricultura, não distingüia sexo e nem idade, bastava se ter dois braços e duas pernas e era o suficiente para empunhar uma enxada e uma arado, conduzir um animal, dedicando-se em tempo integral nos mistéres do cultivo da terra.

Dessa parte do rio Piracicaba os limites do município, a agricultura se constituia na grande força econômica da cidade, vindo dela a riqueza, que mais tarde, a impulsionaria no rumo da industrialização e novos horizontes abriria para a mão-de-obra local. Deve-se a essas mulheres anônimas, às muitas Angelinas e Marias, um tributo de gratidão pelos seus trabalhos que enfeiavam as suas mãos a calosidade adquirida nos cabos de enxada.

Essa minha tia e as suas irmãs, inclusive a minha mãe, tinham, nas faces, a marca do campo. Ao vir para a sua nova casa na cidade, evidentemente, não apagaria da sua maneira de ser e de viver, o hábito antigo da vida do sítio, enraigado que estava no seu íntimo. Engraçado... sempre que me lembro dela, vêm-me à mente, a sua casa no sítio...

Com a Isa, ou Isabel, quase não muda nada com relação a Angelina, a não ser a lembrança da sua casa, no sítio de seu marido, o Angelim — Ângelo — Feltre, que era vizinho ao do meu nono. Íamos a pé até ele, brincando pelo caminho encascalhado, cheios de curiosidade e admirando tudo o que víamos como se tudo se constituísse em inteiras novidades, até chegarmos à casa grande, semelhante a de meu nono por ser aquela também uma família enorme, com um bando de crianças, da nossa idade, e ainda com outras, mais pequenas, com as quais poderíamos brincar à vontade.

Alegre, extrovertida, seguia o exemplo dos demais, falando alto e cantando, carregando nos erres simples e encurtando nos duplos... e trocando o éle pelo erre. Êta italianada!

Minhas outras tias mais novas, seguiam as irmãs, em quase tudo, pouco diferindo entre elas, principalmente quanto ao trabalho duro da roça. Naturalmente, as mais novas, tiveram os benefícios oriúndos do progresso, que também chegava aos sítios, como por exemplo, a criação de escolas primárias, ou melhor, classes "isoladas", arrebanhadoras das crianças para ensinar-lhes o "beabá" mínimo à alfabetização, coisa que, aos mais velhos, nem isso lhes era proporcionado. É o Brasil... de ontem e de hoje... as conclusões ficam por conta do leitor...

E os homens?

No sítio, o menino se torna "homem" bem cedo, no momento que se revela capaz de suportar nos ombros o peso de uma enxada... mas já, "homem-cidadão", dificilmente consegue lograr ser assim reconhecido e respeitado, se por infelicidade, de baixo de suas unhas a terra se encravar, confundindo o branco da lâmina córnea com o vermelho do sangue. Estranha repulsa desperta no homem da cidade, não àquele comum como ele, que também tem as unhas sujas de graxa, mas àqueles de "colarinho branco", e, têm as bundas acomodadas nas cadeiras da política...

Os homens da casa. A força mais bruta, a fazer algo mais além do trabalho compartilhado com as mulheres.

— Vô atrelá os animar.

— Eu já vô indo ajudá ocê!

— Intão pega a quaiêra qui eu já tô indo!

— Eu vô arrumando as ferramentas... diz o terceiro, entre um gole de café e um bocado de pão feito em casa (e poderia ser de outro lugar, ali?!).

Guerino, Domingos, Maximiliano, Palmiro e Fortunato. Uma linha de ataque que engrandeceria qualquer equipe de futebol, pelo menos no seu poderio de chute, considerando o vigor físico dos seus integrantes, ou pelo menos, o "Arranca-Toco Futebol Clube".

Entre eles havia não só a fraternidade de sangue, mas também, uma profunda solidariedade humana edificada com a argamassa do trabalho umedecida de suor e pintada com as cores vivas dos sonhos... sonhos simples, de gente humilde, de fácil entendimento, tais como: conquistarem as moças de seus ideais, casarem-se, terem as suas casinhas, as suas rocinhas e um monte de bacuris alegres e saudáveis... e eles, realmente, viram realizados os seus sonhos.

Na companhia deles, sentávamos na cerca do curral, empoleirados naquelas travessas de madeira, após o jantar e sob a luz do luar. A escuridão da noite não é tão escura assim, quando os nossos olhos se habituam à luz natural da lua e das estrelas, no descampado do sítio... logo vamos distingüindo tudo à nossa volta, como impressionante nitidêz. E admirar o céu estrelado é uma coisa linda, digna de ser vista, incansavelmente.

Luar do sertão...

E compreendemos então, os verdadeiros sentimentos dos nossos poetas caboclos, os cantadores de moda de viola e de cururu, que fazem poesia tão apenas por traduzirem nas suas estrofes aquilo que sentem ao admirarem as coisas da Natureza, nas simplicidades das suas almas de caboclos...

MEMÓRIA DA VILA — LX

Desde o tempo de criança, sempre tive uma queda pelos passarinhos da nossa terra, tanto é, que nunca deixei de ter em minha casa, várias gaiolas, com alguns até bons, no conceito refinado dos grandes "passarinheiros" da cidade.

Herdei tal gosto de um tio, não muito mais velho do que eu; morávamos juntos, na casa da minha saudosa "nona", uma senhora italiana da gema, que cedo enviuvara com um montão de filhos, morando no sítio e, diante do infortúnio, se mudara para o bairro de Vila Rezende, uma verdadeira colonia italiana no coração de Piracicaba, fazendo dali, a sua morada, até os seus últimos dias de vida. E não poderia ser diferente, e nem melhor para ela (e para nós também!), afinal, morar no mesmo quarteirão, ou melhor, no mesmo lado da calçada da Avenida Rui Barbosa, vizinha dos Papini, Bertini, Zillo, Braion, Bruzantin, Schievano, Carraro, Senedezi, Trombani, Broggio, era o mesmo que se morasse na querida Itália...

Ali nascemos e crescemos, não os meus tios, que haviam nascidos nos sítio e só viveram as suas adolescência ali. Casa grande, com um quintal enorme, cheio de frondosas mangueiras, abacateiros, pitangueiras, jabuticabeiras, frutíferas, produzindo em abundância, para a nossa delícia. Os quintais das casas, separados por frágeis cercas de pau-a-pique, unicamente com a serventia de marcar a divisa das propriedades, não impediam que as pessoas, em especial as crianças passassem de um quintal a outro, o que era facilitado por inúmeras falhas nas cercas, que nunca foram consertadas por ninguém.

Assim, nós nos locomovíamos livremente, de uma casa à outra, no quarteirão, sem sermos molestados e, na época de cada fruta, todos compartilhavam-na irmanamente. Por esse motivo, por muitos anos, nunca se instalou no trecho, uma quitanda. Tínhamos tamarindo, caqui, jaca, jabuticaba, sabará, laranja de várias qualidades, uvas também, fruta-do-conde e cabeça-de-negro, ameixa, amoras, mamão e morangos, fora algumas outras que já não me lembro.

E iguais ao meu tio, também outros moradores do bairro, tinham verdadeira paixão pelos passarinhos. Caçá-los, na época, não era problema como hoje é, dada a fiscalização da Polícia Florestal, uma real necessidade para se preservar as várias espécies, que pouco a pouco, vão sendo extintas. Em quase todas as casas, com raras exceções, existiam gaiolas e viveiros cheios de passarinhos — papacapim, correntino, curió, azulão, bicudo, canário da terra, pintassilgo, foguinho, coleira do brejo, pássaro preto, caboclinho, trinca ferro, cardeal, galo de campina, canário do reino, sabiá, araponga e tantos outros.

Nos dias de domingo e feriados, os passarinheiros se reuniam, ora aqui, ora ali, cada um trazendo uma ou duas das suas gaiolas, para exibirem e vangloriarem diante dos amigos, as qualidades dos seus passarinhos preferidos. Resultava conseqüentemente, a realização de negócios e um ia "possuindo" o passarinho do outro, por barganha e por compra mesmo (rara porém); o "possuir"

significava "adquirir" e essas relações recebiam um cuidado muito especial e assim, muito respeitadas pelos membros da verdadeira "confraria"; não se rompiam os tratos.

Acompanhando-os, aprendi logo as artimanhas do grupo e dado o meu interesse e a ajuda no cuidar das gaiolas, colocando-lhes comida e água, e limpando-as quando sujas, recebi desse meu tio, o presente de algumas gaiolas velhas e de alçapões. Com a quantidade de passarinho existente nos nossos quintais, não foi difícil enchê-las de papacapins, correntinos e tizios. Duro mesmo, era conseguir o dinheiro para o alpiste!...

Os anos passaram e a gente foi crescendo e tendo outras ocupações importantes, como escola, trabalho, namorada, casamento, filhos e mais trabalho para poder enfrentar as dificuldades e as ambições da vida. Mudamos fisicamente, inclusive de casa. Cada um para o seu rumo. No meio da tralha de cada um, várias gaiolas...

Não são poucas as pessoas hoje, a condenar o cativeiro de pássaros em casa. Grande é o número porém, de outras (e estou certo que muito superior àquelas), que não trocam por nada o prazer de ter, em um lugar carinhosamente reservado, uma ou mais gaiolas, com os seus passarinhos preferidos e de poder sentarem-se quietas, contemplativas, a ouvi-los cantar...

O passarinho solta o seu canto e encanta com a sua magia melodiosa, fazendo o seu maravilhado vivente *sonhar*... e sonha com o seu tempo de criança, com os seus amigos "passarinheiros", com a sua velha vila de ruas de terra, do bonde, das estradas de ferro nas terras de Engenho, com os bandos de passarinhos que vinham comer e se agasalhar nas árvores do seu quintal... e vai sonhando, melancolicamente, lembrando dos amigos, das namoradinhas e do tempo que se fora...

— Vovô, que passarinho é esse?!... Você dá ele pra mim?!...

— Dou, meu bem!... é seu...

Está nascendo ali, naquele instante, um novo "passarinheiro"!...

Por essa razão, afirmamos com convicção: o passarinheiro jamais deixará de existir. É nato este prazer, no brasileiro. Graças a Deus!

MEMÓRIA DA VILA — LXI

" Louvando a Maria!

.....

.....

Ave! Ave! Maria.....

Ave! Ave! Maria!.....

— Crianças! crianças!... silencioso agora, que o monsenhor vem aqui para falar com vocês!... prestem bem atenção, quietinhos!

Estava o bando acomodado, nos bancos da esquerda, os meninos e nos da direita, as meninas.

— Odete!... psiu!... mande-os ficarem bem quietinhos... ordenava às catequistas, às jovens Odete Sarcedo e Elza Paulino, enquanto se dirigia à sacristia seguindo os passos da sua amiga e companheira, d. Benedita dos Santos.

— Já estão prontos, d. Rosa?

— Sim, Monsenhor!

— Vamos, então!

Tendo à frente o Monsenhor Jerônimo Gallo, voltava aquela senhora, a D. Rosa Manieiro, para o momento culminante do zeloso trabalho: o exame final dos seus ensinamentos de catecismo, aos meninos e meninas que preparara durante meses para fazerem a primeira comunhão. E lá está o padre, a inquirir, uma a uma, sobre os fundamentos da religião católica apostólica romana, indispensáveis para que essas "suas" crianças fizessem a comunhão. E postada ao seu lado, lá estava a incansável dona Rosa, preocupada com cada resposta de cada uma das crianças, como se filhas dela fôssem... e ela era solteira! imagine-se pois, se tivesse tido filhos!...

Dona Rosa Maniero. Assim nós a conhecíamos, por ter já uma certa idade, mais até que as mães das crianças daquele grupo. Para os mais velhos, apenas Rosa Maniero.

Uma mulher como poucas. Alma pura, como puras são todas as almas daqueles que, conscientemente, decidem dedicar as suas vidas a Deus, renunciando de tudo o mais que pertença ao mundo terreno, material, pessoal e se voltam inteiramente ao plano espiritual. Dona Rosa era isto — um ser espiritual — , preocupada com o bem estar dos seus semelhantes antes do seu próprio. Não se casara pelo simples fato de já ter uma família imensa, tremendamente grande, com todos os problemas do mundo e também, todas as alegrias do mundo. Então, porque preocupar-se-ia em formar uma família só sua? Não, com toda certeza, Deus a havia incluido dentre aqueles seus filhos que santificariam as suas vidas no trabalho de balisamento da longa estrada que os irmãos pecadores deveriam

percorrer para chegarem à casa do Pai, e conseqüentemente, não teriam tempo para pensarem em si mesmos.

Rosa. Nome perfeito para uma pessoa perfeita. E ainda há quem diga que não acredita em Deus!...

Caridade.

Bondade.

Amor ao próximo.

A Vila sempre deu mostras de ter bem despertos esses três exemplos nas atitudes de seus filhos. Aliás, uma coisa que não se conhecia na Vila, há muitas décadas atrás, era mendigo... outra conseqüência do "progresso". O Brasil cresceu e empobreceu, e se a coisa toda continuar nesse ritmo, não sei o que acontecerá! Óh, dona Rosa, intercedei por nós!... e pede pra dona Bêne ajudar a senhora!

MEMÓRIA DA VILA — LXII

"Seu" Albérico Sampaio, farmacêutico, era proprietário da Farmácia Nossa Senhora Aparecida, na Rui Barbosa, esquina com a dr. Morato, no lado esquerdo de quem sobe a principal avenida da Vila. Morava também ali, proporcionando assim, o dito "plantão permanente".

— Dona Tita!... Dona Tita!... o seu Albérico está?!

— Está!... um momentinho só!... E lá ia aquela senhora gorda, gigantesca, a chamar, com a sua voz possante, o seu marido.

Homem de altura mediana, cabelos grisalhos, usando óculos, o farmacêutico impunha com a sua presença, um respeito muito grande nas pessoas, por ser considerado um verdadeiro médico e até mais do que isto, pelo fato de ser aquele que primeiro socorria os doentes aflitos e se lhes ministrava as medicações consideradas adequadas, prontamente. O nosso querido "Zezinho" da Farmácia Drogavila fora um dos seus discípulos e fiéis seguidores, e quem, em Piracicaba, não conhece o Zezinho?!

O seu filho mais velho tocava piano, divinamente. Nós costumávamos sentar debaixo da janela da sua sala, na calçada, para ouvi-lo tocar durante os seus ensaios, coisa que fazia diariamente, sob os olhares atentos e prazeirosos de sua mãe, a dona Tita, pois o moço, como todo artista, tinha uma vida boêmia e despreocupada.

Por falar em música, sanfoneiro animado como o "seu" Nicola Pizzelli, pai do Armando, poderia haver igual, superior não. Ele e sua sanfona, eram inconfundíveis, enchendo de alegria os salões de festas de casamento, batizados, noivados, juninas etc.; outra das suas paixões, estava na construção de miniaturas de locomotivas, bondes, parques de diversões, com o aproveitamento de materiais dos mais diversos, improvisando-os engenhosamente, e com isso, divertia a criançada, e os marmanjos também.

Músicos amadores... autodidatas, que aprenderam sozinhos a tocar os mais variados e complicados instrumentos... bandolin e cavaquinho, Arthur "Do Pito" Breviglieri... violão, Otávio Arthur e Vicente Munhóz... todos eles muito alegres e dispostos a vararem noites inteiras tocando, tocando, sem parar.

E tocando sem parar, ou melhor, paravam sim, por alguns minutos no final da linha, na estação de trem, Barão de Rezende, havia os velhos bondes, que percorriam as avenidas Rui Barbosa e Conceição e iam parar novamente ao lado da Catedral de Santo Antônio e se encontrar com os que iam dali até à Agronomia e à Estação da Paulista. Um sistema de transporte coletivo dos mais saudáveis, eficientes e econômicos que se tem notícia, só comparável aos trens, que, por motivos tolos, foram suprimidos para darem lugar ao ônibus.

Como era gostoso andar de bonde!... todo aberto nas laterais, princi-

palmente viajar de pé, nos seus estribos, de um lado, quase rente aos postes e às árvores da calçada, e do outro, sobre quase à metade do leito das ruas... bancos de madeira com encosto reversível, mudados de posição no final da linha... cobrador, motorneiro e fiscal, fardados, com bonés ou quépes, todo na cor cáqui, de gravata... nas noites de sábado e de domingo desciam cheios, rumo à cidade e no final da noite, tornavam a voltar à Vila, lotados de gente... passear de bonde... escola, trabalho, cinema, lá estava o velho bonde a servir-nos, cumprindo o horário...

— Poxa ! Perdi o úrtimo bonde!

— Más já são 23:00 horas?

— Já!... agora, é no "pé dois"!...

— Tchau, negão!

E mesmo sendo tarde da noite (vinte e três horas é tarde?!:), a gente não tinha nenhuma preocupação em andar a pé, sozinho, pela cidade. Não precisava andar-se carregando nenhuma arma na cinta ou na "argibera", para garantia ou segurança pessoal. Por falar em armas, ali na Rui Barbosa, quase no cruzamento com a dona Francisca, morava o "seu" Antônio Oss, que lidava com qualquer tipo de armas de fogo — revolver, garrucha, espingarda (de carregar pela boca ou cartucheira), fuzil, enfim, quaisquer armas ele saberia desmontar, consertar, ajustar e montar de novo, deixando-as melhores do que estavam ao sairem de suas fábricas.

Máquinas de costura, relógios, tesouras, canivetes, facas, também poderiam ser levadas ao "seu" Antônio Oss que ele dava um "jeito" pra gente!... habilidade não lhe faltava, nunca, sendo portanto, muito procurado pelos amantes das armas de caça e pelas donas-de-casa...

— Seu Antônio... o senhor conserta isso pra mim?!

— Mais que boneca linda!... aliás, duas "bonecas"!... Eh, Eh, Eh!...

— Obrigada, "seu" Oss!... tchau!

— Tchau, tchau!... olha a sua chupeta, aqui!... tamém, cum uma boneca tão linda, só ia esquecê memo!...

— Tá pronta minha espingarda?!

— Tá!... leva tamém a chupeta da sua menina... ela esqueceu-a aqui!...

MEMÓRIA DA VILA — LXIII

Já falamos de uma porção de gente e de inúmeras atividades profissionais que destacaram os seus "praticantes" e então, achamos oportuno agora, cuidarmos de alguns "praticantes de caldeiraria" que fui conhecer ao ingressar no fabuloso mundo de uma oficina de caldeiraria — a Oficina Perissinotto — precursora da Codistil dos dias de hoje, uma potência da indústria nacional.

Em 1943 ele já estava lá. Nessa época ele realmente poderia ser considerado um "praticante de caldeiraria", ou seja, uma pessoa que se iniciava na difícil arte da caldeiraria. Mas é tão difícil, assim, ser " caldeireiro "?

É.

E nos ídos de 1943, ainda mais, se levarmos em conta a precariedade dos instrumentos que se achavam ao alcance das nossas incipientes indústrias e, do fato de estar em curso a Segunda Guerra Mundial, terrível, preocupante, e na qual, logo mais, também estaríamos participando.

Trabalhar o cobre, o latão, o ferro, o laminado plano ou em perfil, o tubo, o vergalhão; riscar, cortar, dobrar, arcar, bolear, soldar, garfar, martelar... martelar até dar-lhe a forma e o tamanho desejado... o caldeireiro trabalha-o sozinho, quanto muito com o seu ajudante. Nesse momento, assume ele o papel de desenhista, de projetista, de traçador, de cortador, de soldador, de analista, de crítico... de artista, e como artista, pode não gostar daquilo que acabara de criar e destruir a sua obra!

Vicente Munhóz. Como o seu sobrenome revela, um " espanhór " (filho de espanhor, na verdade) e como tal, um " turrão de marca maior ". Ele estava naquela oficina, em 1943, e só sairia dela aposentado " compulsoriamente ", por idade e não por tempo de serviço. Eu o conheci bem e gozei da sua intimidade, por muitos anos a fio.

— Pedrinho, Pedrinho! cuidado com os ferros no chão!... não ande na oficina sem antes olhar bem o caminho que você vai percorrer!... cuidado com as pontes rolantes, com os cabos das máquinas de solda, com os cabos de aço!... eram os seus conselhos, dados pacientemente.

— Vicente.

— Pois não!

— Você acha que dá pra fazer isso?

— Deixa-me ver; hã, hã!... posso mudar isso?!

— ?!

— Vou tentar!

Decorrido um tempo, poderíamos ter a certeza de encontrá-lo com a peça pronta, perfeita, melhor do que o esboço concebido.

— Mas está ótima!

— Poderia estar melhor! sentenciava ele, como o seu " pior " crítico de si mesmo, aliás, uma peculiariedade, não da sua pessoa, mas do profissional caldeireiro.

Vicente Munhóz, José Maria Bortolazzo, dois artistas no trabalho em cobre e latão. Antônio de Deus, Fortunato Furlan, dois artistas na traçagem; Arthur Breviglieri e Ismael Pateti, dois hábeis artesões no trabalho em aço-carbono (ferro); Alcides Perissinotto, Celso (Tarzan) José Rovina, Mário Bortoletto, Olívio Diório, Irineo (cri.-cri) e Armando Rochetto, Lourival Brógio, Décio Bortoletto, José e Reynaldo Ravelli, Adércio Ravelli, são alguns dos melhores caldeireiros que já passaram pelas portas daquela caldeiraria.

Fizeram algum curso, em alguma escola?

— Mais craro!

— Onde e quando?

— Na Oficina Perissinotto... a vida toda, ué!

Salto de Piracicaba. Vista do Mirante, situado no lado da Vila Rezende.

1

Cheguei a pensar, algumas vezes, em escrever uma monografia a respeito da minha experiência profissional, ligada a uma única empresa, à qual dediquei toda a minha carreira. Depois, refletindo, solitariamente, acabava por abandonar a idéia, por parecer-me um tanto cafona e sem interesse à ninguém, a não ser, a mim mesmo — protagonista e destinatário final... logo, uma tolice aquela minha idéia. Assim, deixava-a de lado e ia-me distrair com outras coisas... mas, passado um tempo, eis que voltava ela à provocar-me. Não, deixa pra lá!... seria uma chatice piéga, um blá-blá idiota... No entanto, é uma idéia persistente, insistente...

Em 1945 entrei no primeiro ano do grupo escolar, no "José Romão", o único existente na Vila Rezende. As aulas eram das 8 às 12 horas; em 1948 concluí o quarto ano e recebi o diploma que, para a maioria da criançada daquela época, seria o único e o conduziria ao trabalho duro, sem outra expectativa senão aquela de se tornar mais um trabalhador braçal ou quanto muito, um operário especializado de alguma das oficinas da cidade ou do comércio local. Nesse mesmo ano, no período da tarde, ao invés de estar na rua, já me levaram a ingressar na oficina — na Oficina do Perissinotto, como era então conhecida a Codistil, recém transformada em uma sociedade, entre o seu antigo proprietário, Waldomiro Perissinotto, e o senhor Mário Dedini, dono da Oficina Dedini —; a Codistil, Construtora de Destilarias Dedini Ltda., nasceu (pode-se assim dizer) em 06 de novembro de 1943, tendo por sócios cotistas os senhores Waldomiro Perissinotto, Mário Dedini, Armando Dedini, Nida Dedini, Ada Dedini, Otília Furlan Dedini e Lázaro Pinto Sampaio, naquela época, se não me engano, todos tinham cotas de capital iguais — e se deveu ao fato do senhor Waldomiro desejar expandir os negócios da sua pequena e acanhada oficina de conserto e de fabricação de pequenos alambiques de cobre para pinga, e avançá-los na área do álcool, ainda na fase de indústria incipiente e de pouca expressão no País.

Com apenas dez anos de idade, incompletos, lá estava eu no Almoxarifado, sentado ao lado de uma velha bigorna solta no chão de tijolos à vista, meio esburacado, à endireitar pregos velhos... o pesado martelo de caldeireiro batia tanto nos pregos como nos dedos!... mas o "seu" Waldomiro estava sempre de olho no nosso canto, coisa necessária pois, caso contrário, não vascilávamos em escapulir pelos fundos e ir trepar nas mangueiras, laranjeiras e abacateiros existentes no quintal da sua casa, e dali, pulando as cercas, ganhar a rua e tchau mesmo!... voltávamos só no dia seguinte, trazidos pelas orelhas, pelas mãos de meu saudoso pai.

— "Seu" Parmiro, (Palmiro Berno) segura esse "bicho" e se ele fugir de novo, meta a cinta nele!

— Pode dexá!... exclamava o chefe, com aquela sua voz fina e fanhosa, que imitávamos, só para vê-lo bravo e tornar-se ainda mais fanhoso do que era, por natureza...

— Como vai indo o menino, "seu" Parmiro?... perguntava todos os dias o sr. Wardomiro, ao passar para ir ao seu escritório, que se situava ali ao lado, na

então Avenida Dr. Eudálio (hoje rebatizada com o nome do Monsenhor Jerônymo Gallo, homenageado logo após o seu falecimento)... e recebia um "relatório" verbal da nossa conduta... um olhar sério para o nosso lado e, um certo sorriso disfarçado...

— Muleque, muleque!...

2

A vida é uma escola.

É talvez, a única e verdadeira escola, não passando os tais estabelecimentos, que chamamos de "escolas", senão classes específicas para certos "ensinamentos" que se originam e se aprimoram nas ruas das cidades, nos lares, nas oficinas, nos campos, nos mares e nos ares povoados do Mundo. Então, a "vida", é a grande e universal "mestra" de todos nós, a nos ensinar continuamente, sem parar um único segundo de tempo; mesmo estando a dormir, a nossa mente segue trabalhando, ora em doces sonhos, ora em terríveis pesadelos, ora fazendo-nos "viver" os já vividos estando acordados ou que os imaginamos como possíveis realidades concretas... são os tais sonhos alimentados pelas forças do idealismo e do espiritualismo que existem dentro de cada um de nós.

E estamos na "escola da vida". Então, aquele "muleque", simples endireitador de pregos enferrujados, endiabrado, aprendia que devia empunhar o pesado martelo e bater com maior atenção no duro arame estampado, e "acertar" as suas marteladas... afinal, os dedos doiam quando tomavam o lugar do prego, entre os ferros duros e frios, da bigorna e do martelo... ai, ai, ai!... e como doiam, principalmente quando arrancavam as unhas dos dedos!...

— Presta melhor atenção, menino! Senão, você acaba sem os dedos!

— Puta merda, sô!

E meditarmos... 1943... 1948 ... 1988... 1989... poxa! já se passaram quarenta anos, desde o dia que aqui adentrei, pela primeira vez!... quarenta anos! É! tô ficando véio!...

— Ocê trabaia aqui?

— Trabaio!

— Será qui não me arrumam um imprego aqui?!

— O que ocê faiz?

— Óia, se precisá, até indireito prego!...

— Eh, Eh, Eh...

— Ué, do que ocê tá dando risada?!?

— Tá querendo o meu lugar, é?!

— ?!?

Não, evidente que não estava buscando o meu, ou o lugar de alguém... buscava o "seu" lugar, como afinal, todos o buscavam na vida. Nós é que acabamos pensando que outros estão à encurralar-nos, quando não é nada disso. Costumo dizer (e estou certo que é a repetição de uma frase que ouvi há muito tempo!) aos jovens, a respeito do assunto, "que, a um bom profissional, nunca haverá falta de vaga no mercado de trabalho!", e aconselho-o a preparar-se bem, profissionalmente.

Casamento dos jovens Ernesto Papini e Gigetta (Luíza) Zílio, no ano de 1913. O cortejo foi fotografado na Avenida Rui Barbosa, esquina da Avenida Jerônimo Gallo (então Dr. Eulálio); a primeira casa, a partir da direita era o açougue do Sr. Vitório Zílio; a seguinte da "nona" Carolina, onde o autor viveu a sua infância.

3

Do Almoxarifado, pouco a pouco, fui adentrando na "oficina", com inteira liberdade e naturalidade...curiosidade? Ah, nem se fala! Ainda mais com aquela idade, quando tudo nos chama a atenção e nos desperta o interesse. Oficina. Pequena, vai crescendo, devagarinho... primeiro, um "puxado" aqui, outro ali... depois, se transforma em um novo galpão, com chão de terra pisada, mesmo, vindo a receber posteriormente, piso de tijolo e uma camada de cimento áspero... logo se repete o processo e conseqüentemente, outro galpão surge... e mais outro e outro. De repente, o quarteirão todo estava tomado pela "oficininha" e passa para o outro lado da rua. Está solidificada a empresa. É agora, uma "firma grande", como diz o povo, no seu linguajar simples, caipira.

Mas, andar pelas diferentes seções daquela oficina, brincando com todo mundo, despreocupado com as coisas da vida adulta, enchia o tempo, não sentindo o passar das horas. A mecânica fascinava... aqueles tornos à girar e à "comer" o ferro, o bronze, o alumínio facilmente... a caldeiraria, a fundição de bronze, a carpintaria, a ferraria, a soldagem e... as "pernas" das moças do escritório!... tudo com um enorme fascínio, e uma enorme fonte de conhecimento a serem adquiridos, pouco a pouco. Aprendiz. Era exatamente isso: um aprendiz.

Almoxarifado, oficina, seção de desenho, fazedor de café, auxiliar de escritório, mensageiro, telefonista, escriturário, contabilista, tesoureiro, calculista, vendedor, comprador, orçamentista, financista, diretor. Quarenta anos!... indo e vindo, em um estonteante passeio pelo organograma... ora no topo, ora no rodapé, sem "dar no pé"!...

Quando a gente diz "escriturário", há mais de trinta anos atrás, é preciso que esclareçamos o que vinha a ser essa função; tratava-se de um "faz de tudo" em matéria de escritório — datilografia, arquivo, extração de notas fiscais, faturamento, livros fiscais, movimento bancário, folha de pagamento e registro de pessoal e, também "escrituração" contábil —, coisa que, com o passar dos anos e com a introdução das modernas técnicas de controle financeiro — contábil-administrativo e evolução trabalhista, ela se desdobrou em inúmeras funções específicas, gerando especialidades profissionais, deixando de existir os tais "faz de tudo"... coisa do passado ou, resultado do progresso, como se queira dizer.

— Função que o senhor exerce?

— Escriturário.

— O Senhor escreve?... é escritor?!

— Não... escriturário, mesmo.

— ?!

Deixemos pra lá!... é coisa ultrapassada mesmo.

A pequena Oficina crescia. De seis operários, em 1943, contando com o proprietário, o "guarda-livro" (o contador), e, um acanhado barracão, evoluiu para algumas dezenas de empregados, um prédio mais apropriado e um escritório amplo, anexo. E é para esse escritório que sou transferido, a título de "promoção".

Deixo de lado as roupas sujas de óleo e de ferrugem dos pregos, o martelo e a bigorna velha e me ponho na melhor roupa "domingueira"... nos pés, ainda, estão as velhas "alpargatas" sovadas!

— Cadê os sapatos, muleque?

— Num tenho!

— Mas como?!?

— É!... Pobreza, seria a resposta exata, mas naquele tempo, não ligávamos à essas coisas e tão pouco sentíamo-nos pobres ou infelizes... No entanto, para se trabalhar em um escritório, era preciso calçar — sapatos, e assim, ganhava também um par de sapatos novos em folha — apertados, os desgraçados! —, e fui introduzido no ambiente, tão cobiçado quanto complicado, da administração empresarial privada.

4

Avenida Dona Francisca nº 125... Avenida Dr. Morato nº 39, respectivamente, oficina e escritório; depois, aquela passa para o nº 215 e ambos os lados da rua são só oficinas, com "apêndices" nas Avenidas Rui Barbosa e Jerônimo Gallo. A vizinhança já começa a reclamar do barulho noturno, do movimento de caminhões durante o dia, incomodada com as atividades da indústria; são centenas de operários e dezenas de funcionários administrativos e técnicos; à beira das calçadas, os automóveis vão ocupando os espaços, e em pouco tempo, não há mais lugar para estacioná-los todos; no início, só os patrões possuíam-nos... mas logo, também os empregados os adquiriram... sinal de que, igualmente, melhoravam os seus níveis sociais, graças ao progresso da empresa.

Já não fazia apenas reformas e pequenos alambiques, reservatórios e dornas de fermentação; ingressara no campo do álcool, resolutamente, com o assessoramento de um fabuloso homem — em todos os sentidos —, grande idealista e nacionalista, que, por ser também um homem da ciência, impulsionaria a empresa no rumo certo do seu progresso e do seu desenvolvimento tecnológico. Esse homem chamava-se Jaime Rocha de Almeida, professor-doutor da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", catedrático da Cadeira de Zimotecnia, mais tarde o fundador do Instituto Zimotécnico daquela instituição de ensino superior e que, muito justamente, levaria o seu nome, como reconhecida homenagem póstuma, dos seus pares e discípulos.

O Dr. Jaime transferia os seus conhecimentos científicos à prática empresarial privada, promovendo a tão desejada (e ainda hoje é o desejo de todas as nossas grandes universidades brasileiras!) integração "universidade-empresa", encontrando na empresa recém-formada, o decidido apôio dos senhores Mário Dedini e Waldomiro Perissinotto; os primeiros aparelhos para a fabricação de álcool são produzidos, em cobre, destinados às usinas açucareiras da região — Costa Pinto, Iracema, Boa Vista, Tabajara, São Jerônimo, Da Barra — e não parou mais, indo atingir as mais distantes regiões do País e do exterior. Ao lado do Dr. Jaime, outro grande técnico alcooleiro viria se postar, unindo os seus conhecimentos práticos aos conhecimentos científicos — o engenheiro químico, Dr. Henrique Grimberg, especialista no fabrico de álcoois, com experiência e vivência internacionais.

Evoluiu rapidamente no campo do álcool e o seu crescimento se fez notado ao absorver a sua principal concorrente, também daqui de Piracicaba, a Morlet S/A., que passou o seu controle acionário a integrar o patrimônio da Codistil. Já então, as suas atividades não se restringiam às áreas do álcool e da aguardente e, de alguma coisa do açúcar, mas incursionava, com sucesso, nos importantes setores da química — indústrias químicas propriamente, de texteis finos, de resinas, de fertilizantes, de inseticidas —, e farmacêuticas e alimentícias. Os seus braços frágeis e curtos, de repente, passam a ser fortes e longos... indo além das fronteiras nacionais... e não parou mais de crescer e de desenvolver-se.

Consolidou-se no mercado como estava fadada a ser: uma poderosa empresa nacional, respeitada e admirada, internacionalmente.

Almoço tradicional do dia 1.º de Maio, no Papini. Reunidos com a Banda da Corporação Musical "União Operária" as maiores personalidades da Vila e da Cidade, podendo-se observar os senhores Pedro Ometto, Mário Dedini, Monsenhores Nardin e Gallo.

MEMÓRIA DA VILA — LXIV

Funcionou por muito tempo, no "fim da Vila", atrás da então Estação da Sorocabana, Barão de Rezende, uma fábrica de tecidos de seda, a SULSEDA, que prosperou, possuindo enormes instalações e depois, por motivos específicos do ramo textil, entrou em colápso e acabou encerrando as suas atividades aqui.

Mas, enquanto funcionara, contribuiu positivamente à vida do bairro, por empregar um bom número de moças e homens também. Fora por bom tempo, uma opção de trabalho às mulheres, coisa difícil àquela época, uma vez que a elas só restavam trabalhar como domésticas, nas suas próprias casas ou nas casas das suas "patroas", ou então, na Fábrica de Tecido Arethusina (Boyes), ou na roça.

Hoje, felizmente, as mulheres têm ampliadas as suas possibilidades de trabalhar decentemente, disputando com igualdade (pelo menos assim diz a nova Constituição de 88!...) de condições com os homens e assim, realizarem-se profissionalmente, coisa que algumas décadas atrás, não ser-lhes-iam possível.

— "Lugar de muié é em casa!... fia minha num veste carça cumprida, nunca!... Muié?! pra mim só serve pra..." e assim por diante, eram as exclamações dos tais "machistas".

Igualdade de direitos.

Na Vila, como em qualquer outro lugar do nosso País, a mulher sempre fora o ser humano que mais trabalhou na vida; quando solteira ajudando os pais; uma vez casada, cuidando do marido, dos filhos, da sua casa, e, lavando roupa "de ganho"; como doméstica em casa de família; nas fábricas de tecido; puxando a enxada; cortando e capinando cana e... rezando! Então era chamada de "beata" e de "puxa-saco" do padre!... coitada da mulher!

Por esse, e outros motivos óbvios, eu devo (e todos os homens devem-no!), um grande respeito e uma enorme admiração, pela mulher. Ela é o esteio da família — tanto para o esposo como para os filhos — e está sobre os seus frágeis (?!) ombros o peso maior da responsabilidade familiar e social.

— "Fulana não presta!..."

— "Num diga!"

Coitada... tá frita! Todo o mundo a condena, mesmo sem ter a certeza ou o direito de nada... o homem erra, ninguém fala nada!... até o "louva" pelo seu "machismo"!

Gigetta, Henriquetta, Amábile, Gija, Nina, Rosa, Maria, Carolina, Madalena, Bêne, Carmem, Amália, Adéli, Elvira, Anunciata, Virgínia, Catharina, Margarida e tantas e tantas outras admiráveis mulheres de nossa Vila, que ajudaram a contruí-la, anonimamente.

Mas os seus exemplos ficaram nas nossas lembranças.

Diversas das nossas avenidas perpetuam nomes como Francisca, Lídia, Maria Elisa, Conceição... mas faltam outros, importantes e dignificantes. Não precisamos buscar nomes de gente de fora para dar-lhes às nossas ruas... há

muitos próprios do bairro, que dizem muito com relação a nossa história, as nossas tradições... é isso aí, senhores vereadores da Vila! Ou será que vocês não são vilarezendinos?!?...

MEMÓRIA DA VILA — LXV

— Nome?

— Geraldo Vieira da Silva.

— Trabalha há muito tempo aqui?

— Mais ou menos.

— Tem outro apelido ou nome como é mais conhecido aqui?

— Tenho!

— Qual seria?

— Coringa.

— É o senhor?!?... e porque não o disse logo?! Então o senhor é o senhor Coringa?! Poxa!... o meu avô trabalhou com o senhor!

— É?

— ... mas já se aposentou... faz tempo.

Coringa. Está na Dedini há tanto tempo, mas há tanto tempo, que a sua idade só poderá ser determinada com precisão se lhe fizer o tal "teste do carvão", ou seja, esse exame que se aplica na determinação dos fósseis pré-históricos. Deve ter iniciativa a sua carreira junto com o Com. Mário Dedini, lá pelos Idos de 1920...

E por falar de "carreira", o Coringa foi mesmo um cara de correr... em campo, não só os noventa minutos regulamentares de uma partida de futebol, não, mas sim, de jogar no segundo time, trocar de camisa e jogar em seguida no time titular, para defender as cores do Atlético Piracicabano, desde a época que este chamava-se Sucriérie.

Atleticano "roxo". Um dos mais completos atletas do nosso futebol, bom de bola, de fôlego e de garra. Poderia muito bem ter alcançado o estrelato em quaisquer um dos grandes clubes do Brasil, se se desprendesse das amarras que o retinham nas Oficinas Dedini, onde o conheci quando ainda não havia estreiado a minha calça comprida e o meu primeiro par de sapatos... aliás não fora na "portaria" da Dedini que o conheci, junto com o seu Ferrúccio Rizzollo, Irineu Diniz, Genoca Senedezzi, mas sim, no campo de futebol.

Amigo de todo mundo, jamais perdera aquele seu bom humor, o gosto pelas piadas, que conta e inventa magistralmente até hoje, das quais até o "seu" Mário gostava de ouvir, sem falar no Leopoldo Dedini, Dovílio Ometto, Armando Dedini, Nino Gobbin, os quais ele vira crescer sob os seus olhos.

— Ocê já conhece aquela do caipira... e lá vai ele contando a piada, com a maior naturalidade e dá a sua gostosa gargalhada, juntando-a às de seus atentos ouvintes...

— Que risada é essa, lá fora?

— É o Coringa!

O usineiro, antes de entrar no escritório da Dedini, primeiro ia procurar o seu amigo Coringa, e depois, só muito tempo depois, é que iria cuidar dos seus negócios... já ouvira algumas piadas, as últimas do futebol, como "andavam" as

suas encomendas e já estava mais tranqüilo...

— Em que posso servi-lo?

— Já conversei com o Coringa!...

— Então, só resta-nos tomar um cafezinho!...

Qual a função desse extraordinário senhor, na Dedini? É o que aquela mocinha, lá no início, quer saber:

— Função do senhor?

— Coringa!

— Mas esse é o seu nome, ou melhor, o seu "apelido"!

— Coringa!... ocê num sabe o que é "coringa"?

— ?!

— É o que eu sempre falo!... num adianta pôr menina nova nesses serviços!... nunca sabem nada!

É isso aí.

Coringa.

MEMÓRIA DA VILA — LXVI

"Seu" Antoninho... de Pádua.

Logo, deveria ser chamado de Santo Antônio, pois de Pádua, já era, por herança de seus pais.

De fato, o homem era bom. De coração e de conduta — profissional e familiar.

Conheci-o no Grupo Escolar "José Romão", como "zelador", uma mistura de inspetor de alunos, servente da escola, guardião do patrimônio e... "quebrador de galhos", que estava o tempo todo ocupado, verdadeiramente ocupado, com os seus muitos afazeres dentro da escola.

Toninho, Alceu e Lazinho — trio de ouro do time do "seu" Leontino, nosso dileto diretor, o "baixinho" com vóz de trovão! Êta vozeirão, sô!

— Tó-ni-nhô-ô-ô!... a escola inteira ouvia-o chamar pelo seu eficiente ajudante.

— Pois não, seu Leontino!... o senhor me chamou?

— Ponha essa "mulecada" de castigo, pra aprendê a não fugir mais da escola e ir "puxá cana" no Engenho!

— Sim, senhor!

Cara de bravo, queria imitar o chefe, mas não ia além da intenção. E nem podia, com aquele seu coração bondoso.

Não mudava, fisicamente. Baixo, moreno, cabelos lisos e penteados todos para tráz, com um repartido do lado; magro; forte, porém, indicativo de uma massa só cérne; quando tirei o diploma, ele permaneceu lá e ainda por um tempão mais, até aposentar-se.

Possuía um monte de filhos e outro tanto de netos, confundindo tudo, filhos, netos, noras, genros, naquela sua casa na dona Francisca, próxima da Igreja.

Ah! a Igreja! aposentou-se da escola primária e ingressou em tempo integral (parcial já estava) a serviço da Matriz... e assumiu o papel de "sacristão", fazendo dupla com o "seu" Antônio Peron... dedicando-se aos mistéres da sua querida Igreja Matriz e, em especial, de abnegado auxiliar do Monsenhor Cecílio Cury, então completamente cego, e mesmo assim, cumprindo as suas funções sacerdotais. O Antoninho, pacientemente, o conduzia pela nave da Igreja, levando-o ora à casa paroquial, ora ao Instituto Baronesa de Rezende, ou até o Mosteiro das Carmelitas, e a tantos outros lugares que se fizesse necessária a presença de um padre...

Tornou-se um Ministro da Eucaristia, logo que os leigos foram admitidos à função. E continuava do mesmo jeito, talvez um pouco mais gordo, os cabelos tendendo a alguns sinais de brancura, imperceptivelmente; sempre de terno e gravata e ar sério, coisa só conseguida devida ao pesado óculos que usava.

— Seu Toninho... queria marcar uma missa... Seu Toninho, será que o Padre Jorge chega logo?...

— Toninho! Toninho!... me leva pra casa!

— Um momentinho, Monsenhor!

Um dia, ele se foi... e hoje, com certeza, está ao lado do seu Monsenhor.

— Toninho!

— Pois não, Monsenhor! O senhor quer ir a algum lugar?

— Não, Toninho, hoje, quem vai ser conduzido é você! Venha, o Senhor o espera! ...

MEMÓRIA DA VILA — LXVII

— Isso é com o meu "guarda-livro"!... espere um pouquinho!

— ?!... "guarda-livro"!... mas eu preciso é falar com o contador!

— Pois é! "o guarda-livro" já vem já.

Mané Alarcon — Manoel Lopes Alarcon — foi "guarda-livro" do Valentim Valler, a Comercial e Importadora Valler S.A., só que, naquela época, não era sociedade anônima... o Coba, o Guerino Trevisan, o Egídio Mauro, o Jordão Boscolo, o Tito Ducatti, o Euclydes Rizzollo, o Cláudio Dezuó, o Ernesto Magagnatto, também exerciam as funções de "guarda-livros", ou seja, de contabilistas; o único "contador" era o Lázaro Pinto Sampaio... José Ítalo Ceron, Geraldo Di Nardi, Luizinho Paiva e tantos outros, só surgiram muitos anos depois na árdua missão de contabilistas, formados na famosa "Academia do Zanin", a Escola Técnica de Comércio "Cristóvão Colombo" do professor Antônio Zanin, de saudosa memória, da qual também fui aluno e do qual ouvi as suas inteligentes "tiradas" filosóficas, dadas nas horas e nas ocasiões mais variadas.

Contabilidade; naquela época, significava "escola de gente pobre" e para lá iam estudar aqueles meninos e meninas que não tinham chance de ingressarem em uma das escolas de maior renome — havia só duas mistas, o Colégio Piracicabano e a Escola "Sud Menucci" e uma só para meninas, a Escola Assunção, — e, então, tínhamos que ir parar na "escolinha do Zanin", forma diminutiva e depreciativa que os mais "abonados" davam-lhe. E nós, da Vila, na sua maioria, entrava mesmo na "Zanin", para adquirirmos um diploma profissionalizante, ou então, ir logo para a Escola Senai e mergulhar na "graxa".

Ser contabilista não significava grande coisa na vida, apesar da importância que a Contabilidade, como ciência, sempre teve e continua hoje, mais do que nunca, tendo para as empresas e pessoas físicas. Mas ser professor, fazer o científico ou o clássico, para se ingressar em uma das faculdades públicas, era muito mais atraente e importante, e nós, pobres, filhos de operários, de lavradores e de pequenos comerciantes, não tínhamos opção... era ir logo ingressando na "Academia do Zanin", e fim de papo!

— Menino, você vai entrar no Zanin!

— Mais, seu Wardomiro, eu num tenho dinheiro!...

— Vai trabaiá comigo, ué!... vai lá co Jordão e começa a trabaiá amanhã!...

Foi isso aí, comigo. E outros passaram pela mesma experiência, com o "seu" Wardomiro, com o "seu" Mário e com outros "seus" da Vila...

Faculdade? Um sonho... só alcançado muito tempo depois, quando já casado e pai de três lindas meninas...

Arrependido? Nem um pouco!

Tudo que entra, deve.

Tudo que sai, tem haver

Deve haver de tudo, um pouco.

Faculdade?

Óh, que maldade!
Aprendizado na Academia
Graduado em Economia
Mamamia!

MEMÓRIA DA VILA — LXVIII

— Mas que linda vista você tem daqui!

— A melhor, para mim!

— Pelo rio, que se vê?

— Não. Pela casa que imagino rever ali!... bem ali, olhe!... naquele prédio alto, do Waldomiro Scarpari... está sobre o terreno da minha casa!... nesse lugar eu vivi a minha infância...

Ah! infância, infância!...

Os "amigos do peito"... já mencionei vários deles, lá atrás e acabo vendo que outros deixei, ao olhar daqui deste lugar, a avenida Rui Barbosa e, vejam!... olhem lá naquela esquina! é o Napeva (Tarcísio A. Mascarin), o Japão (Augusto Benedito Perissinotto), o Décio e o Jayme Brogio, o Rodiney Brogio, o Quico (José Roberto Caldari), o Pizelli (Geraldo Bertini), o Nardo (Reynardo Alleoni), o Flávio Rizzollo, o José Ricobello, o Tuna Fonseca... Zito Zampiéri, Jarbas D'Abronzo, Sérgio D'Abronso, José Sorsen, o negrinho Cido que tinha uma só orelha, Jáuto Féchio, Io Ferrazzo...

Como a vida da gente é imprevisível! Brincamos, juntos... sonhamos muitos sonhos, juntos... crescemos, juntos... e quando grandes, vamos perdendo o contato com os amigos, com a maioria deles... e quando adentramos em uma certa idade, buscamos os "amigos" que foram parando diante de seus caminhos, e por eles enveredaram, seguindo ou perseguindo os seus sonhos...

— Com licença!... é aqui que mora o Tuna?

— Não!... não o conheço... mas, espere um pouco! ocê não é o Pedrinho?!

— Sou!

— E ocê num lembra mais de mim? sou o Campion!

— Poxa!... é você?! óh, meu caro amigo!...

A alegria de rever, inesperadamente, um velho amigo, é imensa e gratificante, levando-nos quase sempre, às lágrimas...

... Agora mesmo, ouço um som familiar: o desarmar de um alçapão — "zap!..." e vou olhar lá fora... — Olhe! apanhei um tíziu!... e dos pretinhos!... parecia-me estar ouvindo a vóz de um amigo meu!... não, não era, infelizmente...

... São seis horas, da tarde. Poxa, é preciso correr, senão vou perder a hora!... daqui a quinze minutos o bonde "sobe" e se eu o perder, quando estiver "descendo", vou ter que ir a pé!...

É!... havia terminado o período da nossa vida, durante o qual, não tínhamos preocupação alguma com horário, condução, escola, trabalho e... dinheiro! o maldito dinheiro, sem o qual não se faz nada, nessa nossa "civilização" educada, educada na base do vil metal e "ensinada" a perseguí-lo durante a vida toda, sempre criando-nos novas situações, novas dependências, quando não nos transforma em verdadeiros "escravos" do mesmo, incutindo, dentro de nós, o "gosto pela riqueza", essa riqueza que tem o dom de desumanizar o homem e fazê-lo esquecer-se dos valores maiores, como por exemplo, do amor a Deus e... dos

amigos... dos amigos "do peito"...

— Vamo joga uma trucada?

— E os parceiros!

— Vamo buscá mais dois amigo nosso!

— Temo ainda?!

— O quê?

— Mais dois amigos?

— Ô, meu!?! qui que é isso!?!

— É isso aí!

Tem gente que não consegue mais formar uma mesa de truco... e olhe lá, são necessários só quatro amigos!...

E, em quatro (não de quatro!) viajamos...

MEMÓRIA DA VILA — LXIX

...Íamos a caminho de São Paulo, um tanto quanto tensos devido ao propósito da viagem. No banco dianteiro, eram dois irmãos; no detrás, eu e um companheiro de trabalho que, dado o nosso convívio diário, de quase três décadas, é mais do que um irmão meu.

Quatro homens feitos, muito íntimos, e ali, próximos uns dos outros, seguiam tensos... bem que trocariam aquela apreensão toda por um maço de baralho, um punhado de milho, e em quatro (não de quatro!), iniciariam uma boa trucada!

— Truco!

— Seis!!! ladrão!

— Bamo vê!

— Táqui ó... é o zápe!

— Pô!... eu estava de setecopa e dois treis...

— Passa os tento!

Geralmente, durante viagens semelhantes, só se fala de coisas corriqueiras, completamente dissociadas do propósito, que nos leva a uma determinada cidade, a negócios, por várias razões, tais como: não dar a conhecer, ao motorista, algum sinal de preocupação, pela seriedade ou gravidade dos nossos assuntos profissionais; se estamos ou não, atrasados com o horário; não o desgastarmos mentalmente; e, exatamente para que ele, o motorista, possa conduzir o veículo com a maior naturalidade, logo, com a maior segurança possível.

Mas ali, naquele momento e caso, não se aplicariam tais razões.

Tito e Napeva, na frente; Arnaldo e eu no detrás. E a uma certa hora, enveredamos a falar da nossa vida passada na Vila, ou seja, a mencionarmos fatos e pessoas, que vivemos e conhecemos, nessa parte da cidade.

— Você se lembra do Papini?

— Puta merda!... é o Tito, a exclamar.

— Quem não se lembra?!... é o Napeva, ao afirmar e confirmar, mediante uma pergunta-resposta.

— Então, Tarcísio, dê uma lida nisso, e veja se está razoável... e passo-lhe o rascunho sobre a "memória" da dona Gigetta... e ele o lê, detidamente...

— Você esqueceu de mencionar a coisa mais gostosa que ela fazia!... e outra coisa: nesse outro rascunho, você misturou os nomes, das minhas irmãs, com os nomes das filhas do Berto Barbeiro!...

— Barbaridade!... mais que coisa gostosa era?!

— O "mata-fome"!

— Poxa!... é mesmo!

— Óia, só de lembrá dele, já tô cum fome... exclama o Tito.

— Vou corrigir esses rascunhos... digo eu, meio envergonhado por ter misturado os nomes, justamente das irmãs de ambos os irmãos. Puta merda!

Mas o vexame não iria tão longe, entre nós, por sabermos, muito bem, que

a confusão de nomes se devia ao espírito de fraternal amizade que unia todas aquelas meninas e meninos do nosso quarteirão... então, pra que esquentar a moringa?! Tava tudo em casa, mesmo.

— Vamos tomar um café?

— E comer um "mata-fome"!...

— Ah, Ah, Ah!...

MEMÓRIA DA VILA — LXX

À medida que vou acrescentando algo aqui, vou me compenetrando, cada vez mais, de estar à distanciar-me do objetivo inicial desta série: de resgatar algumas "lembranças" do passado da Vila; vou, pouco a pouco, dando-lhes a minha versão do passado, confundindo a realidade com a fantasia, a minha fantasia, não a da pessoa mencionada. E, me certificando, do "atrevimento" que estou cometendo, ao associar nomes reais, a fatos irreais. Era o meu temor, desde o início. E agora? O que devo fazer? Já não seria capaz de dissociar a realidade da fantasia, dada a tremenda confusão que criei dentro da minha cabeça.

— Ocê me empresta uma xícara de açúcar?

— Pode pegá no guarda-comida...

— Depois eu devorvo!

— Num carece!... eu acho que tô te devendo o pó-de-café de onte!

Naqueles dias, havia o hábito de se tomar emprestado essas pequeninas coisas de consumo e de uso doméstico, com a maior naturalidade do mundo. E ninguém se importava com isso. Hoje, com os preços que andam as coisas, tais "liberdades", simplesmente, desapareceram! E ainda dizem, que hoje, as coisas estão melhores...

— Nóis num acha!

Evidentemente, não queremos passar por ignorantes, ao não admitirmos os avanços que ocorreram nos mais distintos campos das atividades humanas — ciência, tecnologia, social e econômica. Foram progressos fenomenais, em todos os sentidos. Mas ocorreram, também, retrocessos.

O velho costume do "empréstimo". Emprestava-se de tudo, ou quase de tudo, pois não se emprestava "mulher ou marido", e algumas outras coisas mais, que cada um ia definindo... ouvia do meu professor Benedito Cotrin, que a gente não devia emprestar " a mulher, a caneta e o automóvel"; outro, dizia: "mulher, dinheiro e dentadura", e assim por diante. A Vila, como uma comunidade relativamente pequena, há muitas décadas atrás, cultivava esse tipo de solidariedade.

E por falar em empréstimo, a Vila demorou muito tempo para ver, instalado, o seu primeiro Banco, de verdade. Foi o Banco Moreira Salles S.A., que convenceu o Wolney e o Lico Martins a cederem a sua oficina e loja de implementos agrícolas para ali situar a sua agência. Depois, só muito tempo depois é que se instalou o Banco do Commércio e Indústria de São Paulo S.A., e só recentemente, o Banco do Brasil S.A. O pessoal daqui, quando queria aplicar as suas "economias", procurava as indústrias, como a oficina Dedini e a Codistil, para "colocar o seu dinheiro a juros", como dizia-se... e recebia os juros todo fim de mês... de um por cento ao mês, sem correção monetária, por não existir ainda essa "novidade"... eram as suas "cadernetas de poupança", garantindo-lhes uma renda a mais daquilo que recebiam de ridículas aposentadorias do antigo I.A.P.I. (hoje

INPS ou IAPAS)... vê-se portanto, que o "sofrimento" do aposentado é secular neste País!

De fato, não justificava mesmo a presença de uma agência bancária no bairro tipicamente operário, predominantemente pobre, e para pobre, tanto hoje como ontem, banco não emprestava dinheiro... então, pra que precisávamos de banco na Vila?... os únicos, úteis, seriam os bancos de jardim!

MEMÓRIA DA VILA — LXXI

— Sabe bater à máquina?

— Não, não sei!

— Então, não posso empregá-la, infelizmente...

— E você, sabe?

— Sim, senhor!

— Vamos fazer um teste... pegue aquela máquina lá... e datilografe esta carta!

— E a senhorita, vê se entra na escolinha da dona Hilda! Tá?!.

— Tá!... obrigada!

— Tchau!...

Quantos jovens já teriam passado pela escola de datilografia da senhora Hilda Costa Gobbo?! Provavelmente, somente a nossa cara amiga Hilda saberia dizer, através dos seus registros particulares, após todos esses anos de contínuo ensino da utilíssima arte da datilografia.

De fato, é uma " arte " a datilografia, com aquelas " centenárias " Remington, verdadeiras preciosidades da engenharia mecânica e da antigüidade; a primeira, por resistir a tantos alunos; a segunda, pela " idade " de cada uma das tais máquinas (ou machinas?!).

Não há, aqui, nenhuma crítica à dona Hilda, não. Quando eu fiz o meu "curso", lá na Escola de Datilografia Morais Barros, da dona Rosinha do Canto, as máquinas eram semelhantes em tudo; as mesmas Remington.

Hoje, não sei qual o tipo e o modelo das máquinas da escola da Hilda, mas sei de uma coisa — a meninada aprende mesmo a manejá-las, com habilidade e destreza, em pouco tempo.

Hilda merece o nosso respeito e a nossa admiração, pelo seu exemplar trabalho desempenhado, por tantos anos seguidos, nessa sua escola profissionalizante. Sim, é uma escola profissionalizante, por excelência, pois o diálogo que exemplificamos acima, é uma realidade do nosso cotidiano, e eu, apenas reproduzi uma das tantas conversas que tive com a garotada que admiti na empresa, no início de carreira.

Não fui aluno da Hilda... mas da dona Rosinha, sim... e vejo-me diante daquela fila de máquinas, uma dúzia pelo menos, contidas dentro de uma sala relativamente pequena, lá na rua XV de novembro, encima da bicicletaria do sr. Grizollia... toc, toc...toc...toc...toc...,toc... toc,toc,toc...

— É pra escrever sem olhar, sem olhar!... olhar só no papel que está na mesa!

Dona Rosinha na cidade, dona Hilda na Vila. Duas almas dedicadas à juventude.

Falando de Hilda, me faz lembrar do seu irmão e meu colega de grupo, o Reynaldo, companheiro de traquinagens. Um dia, comunicou-nos ele, todo sorridente e com enorme barulho, que iria com o seu pai, o Augusto Costa, viajar

à Portugal... e de fato, foram. E o que o Reynaldo tinha à contar-nos, ao voltar? Que perdera um dos seus sapatos (ou sandália), no mar! E nós, caipiras, que não tinhamos idéia da imensidão do mar, principalmente do alto mar, indagávamos-lhe: " mas você não parou o navio, pra apanhar?!"... êta caipirada ignorante, sô!... no entanto, para nós, naquela época, sapato não era coisa que se pudesse perder sem um profundo lamento... Navio, oceano, Europa, o nosso amiguinho " Portuguêis ", Portugal... quanta coisa junta, para mexer com a nossa imaginação! Uma coisa engraçada: não o invejávamos!... apenas admirávamos o fato dele ter ído viajar de navio!

Portugal, Império... nobresa, Vila Rezende, Barão de Rezende... Logo nos vem à memória, a figura dessa família, a do Barão de Rezende. O que sabemos dela? Ou melhor, o quê significa ela à Vila?

MEMÓRIA DA VILA — LXXII

Barão de Rezende.

Como teria sido ele?

No dia 13 de agosto de 1909, o Jornal de Piracicaba publicava uma extensa matéria sob o título "Barão de Rezende", em editorial, cujo primeiro parágrafo dizia:

"Urgidos pela avançada hora em que nos chegou a infausta nova, notificamos hontem, em pouquíssimas linhas, o fallecimento do venerando ancião exmo. barão de Rezende, occorrido às 11 e meia horas, em sua chácara próxima a Vila Rezende".

Dia 12 de agosto de 1909, às 23:30 horaas, na chácara São Pedro: falecia o Dr. Estevam Ribeiro de Sousa Rezende, Barão de Rezende. Filho do Dr. Estevam Ribeiro de Rezende, Marquês de Valença e de dona Lydia Mafalda de Souza Queiroz; casado com a sra. Anna Cândida da Conceição, filha dos Barões de Serra Negra; deixava duas filhas: sras. Da. Francisca de Rezende, esposa do dr. Américo Brasiliense e Lydia de Rezende.

Apesar do adiantado da hora, a notícia correu célere na cidade e fora dela, pois o Barão inspirava um grande respeito e uma estima ainda maior no País inteiro.

— O senhor Barão morreu — diziam as pessoas, em tom baixo e grave, entristecidas.

Noticiaram-o: "O Jornal de Piracicaba", " A Comarca" Mogi—Mirim, "Correio Paulistano", "Commércio de Campinas", "Gazeta de Piracicaba", "O Estado de São Paulo", "Comércio de São Paulo", e certamente outros mais.

Uma crônica do Jornal de Piracicaba, de 17 de agosto de 1909, assinada por Antônio de Pádua Prado dizia:

"Um Justo.

Na longa jornada da vida, não são muitos os que tocam seu termo sem grandes erros e, por vezes, sem graves desvios.

É tormentosa e demorada a travessia, que do berço se distende ao túmulo.

As provações que ao viajeiro a terra, as paixões que o atingem, determinam, não raro, na reta do dever, curvas dolorosas, que lhe ensombram penosamente os restos da existência.

Preencheu, porém, bem os seus dias na terra o dr. Estevam de Rezende.

Sempre caracterizou-lhe o perfil austero inexcedível probidade.

Refletiam sempre todos os atos de sua vida as fulgurações da extrema bondade que, como foco vivíssimo de luz, irradiava seu grande coração.

Mais que seus talentos e a notável cultura de seu espírito, avultava nesse homem a grandeza de seu carater e sua extrema bondade.

Não é que o não assaltassem dolorosas provações, torturas cruciantes. No culto enflexível da honra e da dignidade pessoal, encontrou, porém, ele a

couraça que o devia resguardar de possíveis vacilações ou franquezas, que ambições insofreáveis ou as desgraças inerentes à condição humana soem determinar.

Perdera, muito moço ainda, dois de seus diletos filhos; perdera a máxima parte de sua grande fortuna; perdera todas as posições políticas, com que o Império lhe galardoara o mérito; e, todavia, o seu grande espírito se não conturbara.

Ereto, ele pôde assistir ao descair talvez de seus mais caros ideais, quase a coincidir com o desmoronar das instituições políticas de sua cara Pátria.

As desventuras, porém, que o afligiram, nos contrastes a que deram lugar, serviram, unicamente para mais destacar-lhe o mérito e avultar-lhe a grandeza moral.

Sua morte, pois, não poderia deixar de ser senão o que foi: o anoitecer do dia de um justo.

Veneramos-lhe a memória, cultivando as virtudes que mais o assinalaram — probidade e grandeza d'alma. Piracicaba, 16 de agosto de 1909".

Quando D. Pedro II, Imperador, a sua filha princesa Isabel e seu esposo, o Conde D'eu, em 1886 estiveram em Piracicaba, hospedaram-se na casa do Barão, amigo seus.

O Engenho Central fora criado por ele, e mais tarde, tornara-se seu proprietário ao desfazer-se a companhia.

Da ata de 17ª sessão ordinária da Câmara de 13.08.1909 (Corrêio Paulistano de 14.08.1909), extraímos: "... Chamado muitas vezes a ocupar cargos de eleição popular, o Barão de Rezende soube dar a todos eles um desempenho eminentemente patriótico e notável, desde a simples cadeira de vereador, em Piracicaba, terra que ele adotou, passando pela antiga assembléia provincial, de que foi vice-presidente, até ao parlamento do Império, — o ilustre homem político deixou um traço luminoso de sua passagem, com honra para o seu nome e com proveito para o País... Continuou o Barão de Rezende, em vários triênios, a ser ornamento da edilidade piracicabana... Mas a política, por assim dizer, passava para um segundo plano nas suas cogitações, pois que ele, enrolado à bandeira sob a qual servira, e que tanto dignificara, desdobrou o pálio branco da caridade, e fez-se, em Piracicaba, o centro diretor de todo o movimento em benefício dos seus semelhantes atingidos pela desgraça... Santa Casa de Misericórdia, Hospício de Alienados e o Hospital de Lázaros, Sanatório São Luiz (fundação empreendida pelo generoso coração de sua nobre filha, eram as instituições que ocupavam e absorviam quase que por completo a atividade do Barão de Rezende, que se fazia engenheiro, mestre de obras, mordomo, tudo enfim, a benefício desses asilos do humano sofrimento..."

"Ornamento da edilidade piracicabana"... e pensar que hoje, 80 anos depois, encontraríamos certas "preciosidades" da atual "safra" de políticos à engrandecer os anais da antiga casa de leis!... é o fim da picada!

E, é no "fim da picada", que se eregiu o antigo templo da nossa Igreja

Matriz... encontramos uma anotação manuscrita, anexada a um recorte do jornal "A Comarca" (deve ser a de Mogi-Mirim), datado de "Sexta-feira, 23 de julho de 1909, que reproduzia um artigo "D'O São Paulo" com o título "Bello Templo", que registra:

"O terreno onde está construída a Igreja foi doado pelo Barão de Rezende, em terreno de sua propriedade na Vila Rezende, entre as avenidas Barão de Serra Negra, Manuel Conceição dos lados a Avenida D. Lydia, na frente e avenida D. Francisca nos fundos. O lançamento da 1a. pedra, para a fundação da igreja realizou-se a 08 de dezembro de 1904 — cincoentenario..." Portanto, o dito terreno foi doado à paróquia da Vila, no início do século...

MEMÓRIA DA VILA — LXXIII

" Bello Templo ".

Terreno doado pelo Barão de Rezende, de uma parte da sua propriedade maior.

Sob o título supra, "O São Paulo" publicava, em 1909, uma singela crônica, que prazerosamente, reproduzimos:

" Na aprazível Villa Rezende, à margem direita do rio Piracicaba, frenteando a cidade do mesmo nome e empolgando a vista do visitante, ergue-se encantadoramente belo, no seu atraente estilo, de um modernismo delicado, habilmente planejado pelo Dr. Ramos de Azevedo, — o belo templo da Imaculada Conceição.

É uma obra de adiantada arquitetura, de pequenas dimensões, quer externas, quer internas, porém suficientes para comportar em seu recinto, o dobro dos fiéis atualmente existentes na florescente vila, outrora solo fértil, destinado pelo seu proprietário, o Sr. Barão de Rezende, ao plantio de cana, e, presentemente, um dos mais belos subúrbios da hoje Piracicaba, a princesa das cidades paulistas.

A igreja da Imaculada Conceição, interiormente ainda em construção, teve, felizmente, por iniciador de sua edificação, o mesmo cérebro imaginoso e culto da gentil senhorita Lydia de Rezende, que a ideou, tendo em vista impulsionar, desse modo altruisticamente cristão, o desenvolvimento da vila, onde a natureza vegetal tem arroubos de poesia, desdobrando-se aqui, em campos imensos, semeados de verdura e flores silvestres; ali, mostrando novos e velhos canaviais; além, árvores anosas, onde se enroscam teimosas parasitas, imagens da vida social e política.

É incontestavelmente um fato notável e digno de encômios nesta quadra de dolorosa penúria, em que todas as classes imploram ao Céu para que ele nos venha tirar deste transe amargurado em que jazemos, os vermos a benemérita senhorita Lydia de Rezende, sem outra pessoa a seu lado, senão o seu venerando pai, que a encoraja na direção das obras do referido templo, com o produto, ora de esmolas, por meio de caixas, ora de espetáculos variados, que ela muito bem organiza, ora de diversões de mil modos, etc..., tenha conseguido o seu intento louvabilíssimo: dotar a formosa vila Rezende com um templo católico, digno dos seus habitantes, entre os quais — que belo exemplo! , o trabalho é Evangelho, a honra um Sacramento e a Caridade a mais bela das Virtudes.

Templo de uma só torre, mas belíssima em sua artística simplicidade, todo o seu lindo aspécto faz lembrar o comovente esplendor de uma terna e carinhosa mãe que, de braços abertos e angelical sorriso, chama os filhos transviados, fazendo também recordar estas palavras dum modesto e virtuosíssimo pároco, quando, apontando para uma tosca ermida, dizia a um mancebo andrajoso, que se fizera ateu: — "Ide, tornai a vossa Casa; no seio dela que é vossa

Festeiros da Nossa Senhora da Conceição, defronte da antiga Matriz, vendo-se no centro (lado esquerdo) o Vigário, Monsenhor Jerônimo Gallo.

Mãe, encontrareis o alívio dos tristes, o bálsamo santo para todas as dores. Ide, meu filho..."

Sublimes palavras! São elas que animam a dizer: Ide, Ide, impulsionados pelo vosso espírito caritativo levar à mensageira do Bem, à benemérita empreendedora de obras úteis, os vossos óbulos, para que o belo templo da vila Rezende, em curto espaço de tempo, possa ter o seu adequado altar mór, sub-altares, imagens, alfaias, etc., concluindo a gentil senhorita, dessa arte, o seu salutar empreendimento.

Sim, voltemos todos a nossa vista para a igreja da vila Rezende, onde Maria Santíssima, tão meiga, nos acolherá em seu seio imaculado de Virgem Mãe".

Quem seria o autor dessa gostosa crônica? E quando a teria escrito? Testemunhara, evidentemente, o empenho da senhorita Lydia e vira com os seus próprios olhos, a nova construção da nossa desaparecida Igreja Matriz, que dera lugar ao novo templo.

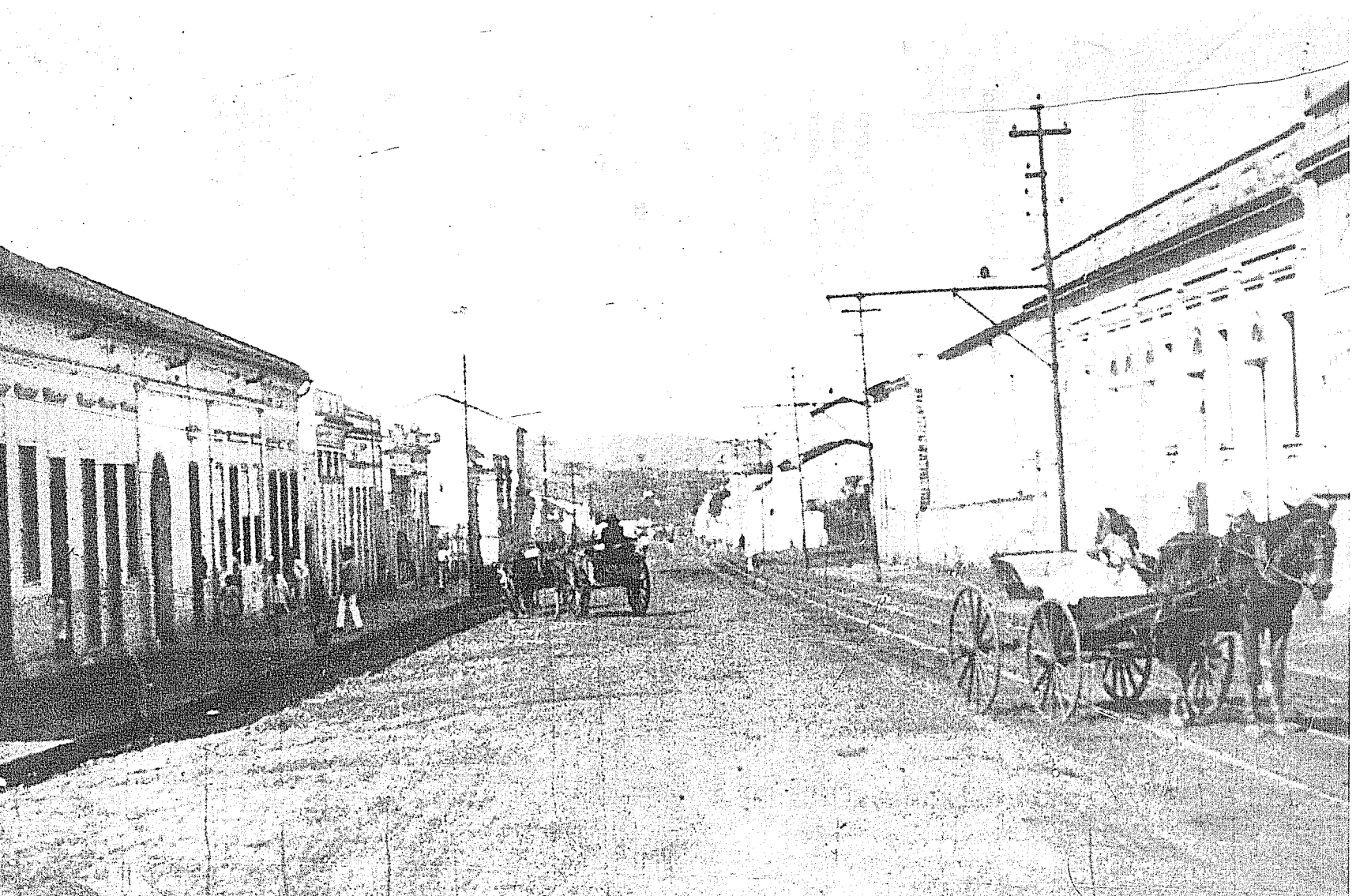
Verificamos através dessa publicação, o trabalho da jovem Lydia de Rezende, em prol da sua comunidade vilarezendina, nos primeiros anos deste século, que já caminha ao seu final.

Em 1922, novamente dona Lydia brindaria a Vila com outra de suas realizações: funda e ergue o Instituto Baronesa de Rezende, como uma Escola de Economia Doméstica e Agrícola, com as Irmãs Franciscanas, exatamente no local que ele ainda hoje se situa, na esquina das avenidas Barão de Serra Negra com a dona Lydia; era um casarão de esquina, com uma varanda na frente, coberta, medindo uns cinco por quinze metros, e a casa, de uns vinte por trinta metros, com pé direito de uns oito metros de altura, e ao fundo, em continuidade na avenida dona Lydia, mais uma construção com salas de aula e um recreio coberto; a área livre deveria ter sido a quadra toda, hoje diminuida de uma parte — a casa paroquial e uma faixa entre a Barão de Serra Negra e dona Francisca, que pertence a vários proprietários particulares.

E a propósito, sobre esses imóveis, no que se referem aos espaços ocupados do lado da Igreja e da Avenida Manoel Conceição, são todos eles originários da doação do Barão de Rezende para neles ser construída a Igreja da Imaculada Conceição. Não importa o que teria ocorrido nesses quase cem anos, se passaram à Diocese ou não; o que nos importa, é continuar a área toda, como um patrimônio da Igreja Matriz da Imaculada Conceição — da vila Rezende —, portanto, respeitadas as vontades do Barão e da sua filha Lydia. Importa-nos sim, a destinação futura que venha a ser dada aos prédios inativos do extinto Seminário Diocesano da Vila Rezende, uma vez que fora ele transferido para outro local.

A Vila quer preservar aquilo que sempre fora dela: nome, sobrenome e o pratrimônio que herdara do Barão!... nada mais... nada menos, também!

Vila Rezende, 1922... Avenida Rui Barbosa; no primeiro plano, o trecho entre as Avenidas dr. Morato e dr. Eulálio.



MEMÓRIA DA VILA — LXXIV

— Xii, muié!... a coisa tá preta! num sei o que vô fazê!... as duplicatas tão no pau e não há dinheiro!...

— Mas, e aqueles que nos devem dinheiro?!

— São todos pobres!... vivem de salários... há uma crise danada "correndo solta" na praça!... num entra dinheiro algum...

— Mas, mas...

— ... num é nem mais e nem menos! É só menos, menos... e menos! Tamo fritos!

— Vamos tomar emprestado!

— É o jeito... só que, os juros, são um absurdo!

— É ... mas fazer o quê?!

E assim aconteceu. Um empréstimo, tomado com um agiota da praça... logo venceria e não seria saldado... mais empréstimo e maiores os juros... menores as possibilidades de chegarem a uma solução dos seus problemas financeiros, oriundos do seu pequeno comércio varejista. Crise econômica, problemas financeiros na família comerciante, na família micro-empresária... e surge então a tal dependência "agiotária", a terrível dependência de um mercado financeiro paralelo.

Menos dinheiro, baixa rentabilidade comercial, os estoques de mercadorias vão se escasseando, as prateleiras vazias e só com "encalhes". A dívida — engrossando! E um dia, um "feio dia", a duplicata apontada no cartório não é liquidada e surge a primeira execução, depois a segunda, a terceira e a falência está eminente.

Faliu.

Assim acontecera com ele, um tradicional e bem sucedido comerciante da Vila. De repente, descobre que não tem mais nada ... só a vergonha, pois sempre fora honesto e cumpridor das suas obrigações comerciais, sociais e familiares; idôneo, íntegro, moral e financeiramente. Mais uma vítima de um problema conjuntural.

Faliu e cobriu-se de vergonha... e começou a morrer, aos pouquinhos, um pedacinho por dia... à prestação. Coitado, se danou por vender à prestação, a fiado e ainda vai purgar a sua dor à prestação, em 365 parcelas, distribuídas eqüitativamente no período de cada ano, até o final de sua vida... terminou o ano, novas 365 prestações terá pela frente!...

De patrão voltou, repentinamente, à condição de desempregado, afinal, um patrão, que não tem mais a sua base patronal, mesmo só de si mesmo, é o pior tipo de desempregado. Não encontra nem emprego, na sua profissão, e vai então, subempregar-se em condição humilhante, degradante psicologicamente. Uma triste situação, essa, a sua.

— Que vamo fazê, muié?!

— Vamo abri um bar!

— Bar?!

— Ocê fica no barcão e eu na cozinha!

— Tá bão!... barcão, de novo! ...

Pinga picada, cerveja, refresco, chopp... abre a porta e nunca saberá a hora que irá fechá-la... é tarde, muito tarde, e "aqueles" cara num discunfia de nada!... e pede mais uma pinga!...

— Ufa! até que enfim foram embora!... vô fazê o caixa!... num deu nem pro gasto da luz!

E assim, "acaba" com o negócio que estava "acabando" com eles!... balanço geral ... total apurado: menos ainda do que tinham ao reiniciar no comércio!...

— Ué!?! fechou o bar?!

— Faliu!

— Outra veiz?!

— É!... já tava na merda mesmo! acabô se esmerdiando mais!...

— Eh, Eh, Eh!... eu num falei?! Eh, Eh, Eh...

— ?!

— Ocê num sabe quem precisa de dinheiro emprestado?!... cobro pôco!

— Sai de mim, bicho!...

MEMÓRIA DA VILA — LXXV

Um dos mais hábeis vendedores que conheci, ao longo desses anos todos, descendia de uma família de italianos, e sem dúvida alguma, radicada à Vila Rezende de corpo e alma. Vivia e trabalhava ali, com um dinamismo incomum, mais se parecendo a uma máquina do que a um ser humano, sem ter dia e hora para entrar e sair do seu reduto favorito — a sua sala de trabalho.

Um comerciante nato. Seria capaz de vender geladeira pra esquimó! muito embóra esta expressão não seja nossa, e também, não sabemos se adequada como exemplo de " poder de persuação ", coisa que ele, inquestionavelmente, dominava com a maior naturalidade. Era um peixe dentro dágua; ninguém se sentia melhor dentro do comércio do que ele... era o seu " habitat ".

— Eu precisava de uma... e enumerava o equipamento desejado.

— Olha, o que o senhor precisa mesmo, é de uma... e lá ia a sua idéia de negócio, e dai a alguns minutos, já estaria com a venda feita e o seu " Cliente " todo satisfeito.

— Comprou o que precisamos?

— Não; mas " encomendei " uma nova caldeira e mais dois ternos de moenda!...

— Mas e a engrenagem?!

— Poxa vida!... esqueci! Passe ocê lá, e encomende-a...

— Eu precisava de uma...

— Sabe, o seu irmão teve aqui, e ele " encomendou "... mas sabe, fartô umas coisas...

— Comprou o que precisamos?

— Xii!... mas eu compretei a sua "encomenda"!

Fora de série.

Vendedor arrojado. Empresário habilidoso. Capaz de deslocar-se de um ponto a outro, dentro e fora do País, com rapidez e eficiência, para realizar um negócio e empreender uma atividade lucrativa. Vencia distância e concorrentes, como um corredor fundista, com barreiras, corre e vence uma disputa qualquer, baseado na sua consciência de ser um campeão... nato, logo, não haveria " campeonato " que se lhe resistisse, sem que ele arrebatasse logo o primeiro lugar.

Passou quase a vida inteira dentro das Oficinas Dedini... também levava o sobrenome Dedini!...

Leopoldo Dedini.

Marcou época, na empresa e na Vila. Vivia no mundo dos negócios...

.....

— Mas que negocio é esse?!

— É um papagaio!...

— Ele é o quê?'

— Um papagaio... uma nota promissória.

— ?!

Nota Promissória - é um saque por conta do "futuro". Muita gente "sacou" por conta do futuro e acabou dando o "calote"... desaparecera... sumira da praça, e a geração seguinte, "pagou o pato"!

.....

Mundo dos negócios.

A Vila se tornou o centro dos grandes negócios da cidade, graças ao fabuloso parque industrial que se desenvolveu em seu território, gerador de milhares de empregos, de centenas de milhares de toneladas de produtos manufaturados, de alta tecnologia, de aço, ferro, metais não ferrosos, e de quase tudo que se pode imaginar. Máquinas, equipamentos, engenharia de ponta, fábricas completas. Somas fabulosas de moedas, como faturamentos, lucros, impostos... fonte de progresso, do desenvolvimento, do enriquecimento, de ilusões, de ambições, de frustrações...

Mundo dos negócios...
Mas não fizeram, da Vida
Um negócio
E sim, do negócio, a Vida...
Trabalhando
Edificando
Amando — Vida e...
A Vila!...

MEMÓRIA DA VILA — LXXVI

— Chegou o circo! Chegou o circo! Ele voltou!...
— Voltou?!
— Tá lá! tão descarregando ele!
— Então vamos lá!

De fato, havia chegado o circo, o tradicional Circo e Teatro Moreno, dos Irmãos Moreno. Os caminhões estavam descarregando a tralha toda, no terreno vazio, que existia entre a Rui Barbosa e dona Francisca, onde hoje é ocupado pelos barracões da antiga Codistil.

Lonas, mastros, arquibancadas, cadeiras desarmáveis, bilheteria, camarins, cabos, fios, ferragens, luzes, muitas luzes, coloridas... trapézios, o grande globo do equilibrista, e, aquilo que chamavam de casas, casas dos artistas...

Ah! os artistas! Ei-los todos ali, empenhados na descarga e na arrumação daquele mundo de coisas velhas, pintadas, desbotadas, amassadas, remendadas... a enorme lona da cobertura, com os inevitáveis remendos de cores berrantes... e aquele imenso rolo do fechamento lateral, de pano mais vagabundo, quase que transparente pelo intenso uso.

Para nós, meninos e meninas daquele quarteirão, a festa começara com o anúncio da chegada do circo. Vê-los — os artistas, aliás todos ali eram artistas —, movimentando-se intensamente na armação do circo, já se constituía um grande reboliço, no qual encontraríamos uma forma qualquer de também participar, tal a familiaridade que já tínhamos com aquele pessoal. Ocupar-nos-íamos na arrumação de pequenas coisas, na expectativa de virmos a ser recompensados no processo de escolha do corpo de auxiliares locais, no período de espetáculos, que logo teria início — vendedores de amendoim, pipoca, balas, pirulitos de açúcar com groselha, abacaxi e limão feitos no próprio circo, e, para alguns poucos felizardos, a inclusão no elenco circense —; isso, além de nos assegurar a entrada gratuita nos espetáculos, nos daria um "status" privilegiado diante dos olhos das meninas do bairro.

Em poucos dias estaria pronto e as funções de cada um dos artistas recebendo os acalorados aplausos do público, lotando as arquibancadas e as cadeiras.

— Senhoras e senhores! Senhoritas!... distinta platéia! Atenção, Atençãooo!... O Circo e Teatro Moreno, tem a grande honra e a enorme satisfação, de estar aqui, novamente, com todo este admirável e grande público, para mais uma temporada de sucesso, com os fabulosos espetáculos de picadeiro, e os inesquecíveis dramas teatrais, com o nosso inigualável elenco, com os maiores artistas do Mundo!...

Estava dado o tiro de partida, para a largada de estréia... palhaços, equilibristas, mágicos, futebol com cães (viralatas ensinados), trapezistas, não faltando os "mágicos"... e, como coroamento da noite, o "drama", reprisado não sabia-se quantas vezes já, mas para nós, sempre autênticas novidades... afinal,

circo seria sempre circo, e portador das novidades do "mundo dos espetáculos"...

Os "dramas", dos quais nos lembramos, seriam: o Ébrio; Coração de Mãe; O Conde de Monte Cristo; A Paixão de Cristo; Maria Madalena; Bernardete; Três Corações; Romeu e Julieta; Os Miseráveis; e, as comédias, levavam as mais disparatadas denominações para atrairem o público.

Vieram tantas vezes à Vila, que acabara fixando raízes aqui, ou seja, acabara concluindo que era mais vantajoso deixar um "mastro" fincado no nosso bairro, e arrumar um outro "itinerante"... E como conseqüência, ocorreu, com o tal circo, o inverso que acontecia com os seus similares — de levarem consigo, novos seguidores, arrebanhados nas cidades por onde passavam —, e, ao invés de aumentar o "elenco", perdeu parte dele; assim, pelo menos uma família inteira de "artistas", resolvera fixar-se na Vila, trocando o picadeiro pelas oficinas da Dedini e da Codistil – a família "Granje", e, de galãs e de trapezistas, passaram a caldeireiros e até a enfermeiro...

Novamente o fascínio da Vila predominava...

MEMÓRIA DA VILA - LXXVII

O bom samaritano não faz o bem na expectativa de ser louvado, de receber qualquer agradecimento ou uma prova de gratidão qualquer. Ele o faz silenciosamente, e se possível, ocultando-se no anonimato e, até o fazendo misteriosamente.

— Recebi um donativo sem qualquer identificação!

— Sem nome?!

— Sem nada! E a importância é grande...

Ao mencionar o seu nome, certamente receberia dele uma reprimenda, e de modo " ardido ". Seus parentes, igualmente, reprimiriam se o revelasse. É um mal de família!

Quando ocorreu um significativo gesto seu, de grande generosidade, não era o primeiro e tão pouco seria o último, felizmente. O anonimato estaria implícito no gesto — era uma condição que impunha, sempre.

— Mas isso deveria ser divulgado!

— Pra quê?! Não sou candidato a nada!

— Mas...

— Nem mais, nem menos... é uma condição inquestionável!

— Tá bem, então!

Um mal de família.

Aprendera a agir assim desde os seus primeiros anos de vida, e não mudaria nunca. Fazia " escola ", tal qual o Mestre... e novos " discípulos " iam sendo " doutrinados " na cartilha do amor ao próximo...

— Eu sou seu amigo! Será que você não entende isso?! Sou só um " pouco " mais velho, nada mais! É isso aí, companheiro!... vamos em frente, vamos trabalhar!

Pessoas, entidades, da cidade, de outras localidades; no entanto, se fossem da Vila, haveria uma maior satisfação de sua parte.

Fora sempre rico?

Não.

Teve a sorte grande?

Não.

Então?

Trabalhou durante a sua vida inteira e, quando poderia já " parar ", aí é que impusera a si mesmo, um maior rítmo de trabalho. Aliás, o seu alfabeto começava com a letra tê, o seu calendário só continha " segunda-feira ", e " feriado," sempre fora coisa de burocrata; todo profissional mereceria o seu respeito, mas aquele que só tinha uma camisa, conseguia aproximar-se mais do seu coração.

— Eu não tenho camisa.

— Leve a minha!

O bom samaritano.

Veio pra vila.

Veio pra ficar.
Bom professor, bom amigo, bom companheiro, bom papo...
Simples. Homem do povo.
— Será que ele me ajudaria?
— Ajuda!
— E como eu faria pra chegar até ele?!
— Num sei!
Com toda a certeza, não conseguiria chegar até ele... ele é que que far-se-ia chegar antes, anonimamente.
— Ué, ocê num ia pedir-lhe...?!
— Óia, aconteceu um negócio engraçado!... num entendi, ainda!...
— Eh, Eh, Eh...
— Do que oce tá dando risada?!
— Nada, nada!... é que me lembrei de uma outra coisa!
... tinha ele, peito e grande!
Mas não era para medalhas...
Não arquearia, portanto,
Tão pouco,
Bateria a cara no chão!...
" De quatro "?
Só pra uma boa trucada!

MEMÓRIA DA VILA — LXXVIII

Já dissera, mas vale a pena repetir, que a fatia maior das realizações da Vila fora feita por mãos de homens anônimos — donas-de-casa, mulheres operárias, homens simples, operários das fábricas e da lavoura —, durante décadas, sem as quais nada se tornaria possível, e até mesmo a existência da Vila não ocorreria e estaríamos vivendo ainda a hipotética cena, pincelada grotescamente, nas primeiras páginas desta coletânea.

Cada um de nós, ao seu modo de ver, e de avaliar as coisas que nos cercam, enumeraria uma série de pessoas que mereceria ter os seus nomes perpetuados pela nomenclatura das nossas ruas e praças públicas, bem como, registrados nos anais da vida da cidade. No entanto, permanecem no mais obscuro anonimato, tal e qual acontece com a maioria das pessoas no mundo todo, não é somente aqui, não.

Por esse motivo, gostaria de reverenciar a memória do cidadão anônimo que, diligentemente, cuidou de limpar as ruas da minha vila, de vigiá-la durante o nosso sono, de consertar o cano d'água rompido, de entregar o pão e o leite nas manhãs frias ou chuvosas, de tantas outras pequeninas coisas importantes à nossa vida. Se fosse prefeito, daria o nome a uma das nossas praças, de "Praça do Cidadão Anônimo ", em homenagem a todos eles... pelo menos poderíamos nos reunir nela, na certeza de encontrar à sombra de cada árvore, um vulto de alguém que nos daria a impressão de ser-nos familiar... — " Olhe! aquele não é o João Eva?!..., e assim por diante...

O tempo passa, e com ele se vão as pessoas, continuando ele, na sua marcha inexorável, encarregando-se de ir apagando as marcas deixadas pelas passagens de cada um de nós, simples cidadãos temporários deste mundo... como o vento apaga as pegadas na areia... Isto nos faz pensar, e muito, sobre as tolices todas que cometemos durante a nossa vida, preocupando-nos, em demasia, com certas particularidades efêmeras, com vaidades egoistas, com ambições descabidas.

E assim, a vida passa.

E nós, passamos tão somente pela vida como passageiros? Ou assumimos, nas horas devidas, o papel de condutores da vida?

Hoje, ao passar pelas principais ruas da minha Vila, parece-me ver ainda, transitando por elas, alegre, sorridente, toda aquela gente amiga que um dia eu tive a felicidade de conhecer e de conviver com ela, exatamente ali. São hoje, sombras, que se misturam, e se fundem em uma só, à ampliar o espaço de sua abrangência, como se o Sol se aproximasse da linha do horizonte, mas na plena força dos seus raios de meio-dia, e assim, projetasse a sombra, de um canto a outro da nossa terra, daquele mastro, que ajudamos a elevar, para que nele fosse hasteada a bandeira que escolhemos para a nossa forma de vida...

... o mastro do circo... Moreno

Não o " circo " que nos armaram, e

Sim, nos amaram!
E morenos, somos todos nós...
"Tostados" pelo sol da vida,
Esse " sol " que não é " aquele "...
Da Vila!...
Óh, minha Vila!
És, ainda, uma " anônima "...

MEMÓRIA DA VILA — LXXIX

— O senhor é aquele que está escrevendo essas coisas sobre a Vila?

— Sim, sou eu.

— Pois queria dizer-lhe uma coisa: parece-me ser uma tolice sua!... ninguém liga mais pra essas bobeiras todas!

— Como assim?!

— Isso mesmo! Só servem pro senhor!...

— O senhor tem certeza no que está dizendo?

— Tenho!

— Mas, eu pensei que serviriam, pelo menos, para entreter as pessoas, com algo nosso, muito nosso...

— É... tão " seus ", mais tão " seus ", que já encheram o "nosso" saco!... pô!

— E o senhor, é de onde?

— Eu?!

— Sim, o senhor!

— Sou da Capital... estou de passagem, por aqui... mas moro na Vila!

— Ah!

De fato, esse " papo ", não diria " nada ", a uma pessoa de fora... O que significaria para ela, realmente, aquele " silvo " de trem?! Nada. Para nós, o " apito " do trenzinho, eram toneladas e toneladas de suculentas e doces doces canas! E o nome do Professor Ivo Ducatti?! Nada. Para nós, um referencial de cidadania.

Professor Ivo Ducatti...

Abraçou a carreira dos abnegados trabalhadores do quadro negro, desses que se impregnaram do pó branco do giz, e encontraram a razão de suas vidas, no ensinamento das primeiras letras a um bando endiabrado de meninos e meninas, como se filhos seus fossem, ganhando uma insignificância como " salário ".

— Ocê!... vai de paletó e gravata?'

— Vou! você se esqueceu que eu sou o professor?'.

— É, mais esse terno é o único que ocê tem!

— E o que tem! Num tá bão?!

— Tá... eu já " escovei " ele!...

— Tchau!

Lecionar. Professor primário. O que seria de nós todos, se não existisse professor primário?

Idade da pedra.

Ainda bem que homens, como ele, aprenderam a usar a pedra, para se escrever nelas!...

Austeridade, responsabilidade, probidade, humildade... brasilidade.

Juiz de Paz; membro do Clube esportivo, da associação de pais e mestres, da comissão paroquial, da comissão de festas, da sociedade amigos do bairro, e de

tantas outras " insignificâncias " comunitárias. Seriam "insignificâncias", mesmo? Não, não eram e nunca serão.

Um apaixonado pelas coisas da Vila. Por um largo período, foi o responsável pela secção "Vila Rezende é notícia " ou "notícias da Vila", publicada pelo Jornal de Piracicaba, que de início, trazia uma página inteira, semanal, com fatos da Vila, projetando-a ainda mais no cenário da cidade e da região.

Batalhador incansável, não declinava de seus compromissos e de novos convites para participar de alguma iniciativa eminentemente comunitária, conseqüentemente, desprovidas de quaisquer vantagens pecuniárias para si mesmo.

Vantagens pecuniárias... isso parece coisa que não predominava no pensamento desse pessoal todo, que não se preocupava em amealhar fortuna pessoal, e assim, ia se satisfazendo com uma vida mais ou menos remediada, em paz com a sua consciência e com os seus princípios cristãos...

MEMÓRIA DA VILA — LXXX

Dois amigos encontram-se na Praça da Imaculada e travam um breve diálogo, casualmente ouvido por nós:

— Cumé?... tá eleito, vereador?!

— Má fique queto, sô!... qui vergonha!

— Ué?! mas eu votei no ocê!?

— Uma merda, que votô! só tive um voto! O meu... nem minha muié, a disgraçada, votô ni mim!... Puta merda, que vergonha,sô!

— Eh, Eh, Eh!...

— Óia, ô meu! num goza, tá?!

— Quá, quá, quá... nem a sua muié!... Quá, Quá, Quá!...

— Do quê ocêis tão dando risada?... pergunta um terceiro, também amigo, recém-chegado à praça.

— Quá, quá, quá!... a muié dele num votô nele!... quá, quá, quá!...

— Hi, Hi, Hi!... (a risada desse, era diferente!)... isso é qui é sinceridade!... Hi, hi, hi...

— Sinceridade é... e soltou um palavrão impublicável!... E quasi qui nem um voto eu ia tê, pois eu achava qui candidato num vota em si mesmo, mas, pensei comigo: e si mi fartá um voto?... e aí, votei ne mim!...

— Quá, Quá, Quá!...

— Hi, Hi, Hi!...

— Eh, Eh, Eh!...

É isso aí.

Eu não dissera que vilarezendino, não dá pra essas coisas?!

Eh, Eh, Eh!...

A expansão da cidade se fez notada nas administrações do senhor Luciano Guidotti, um homem dinâmico, empreendedor e extremamente simples; não tinha estudos e tudo aquilo que alcançara, material e socialmente, fora decorrente do seu trabalho e da sua capacidade empresarial. Ao envolver-se na política, local, aquele seu jeito, caipiracicabano, de falar e de agir, sem preocupar-se com a forma de expressar-se, nas palavras e nos atos, inscreveu-o na nossa História provinciana, como uma figura também, folclórica; a imprensa registra centenas de exemplos atribuídos a ele, que hoje, estão incorporados à linguagem piracicabana.

Político, esportista, benemérito colaborador das obras sociais — saúde, educação, cultura, lazer —, empresário, religioso; deveria ter, ainda, outras virtudes mais, mas, o que queríamos dizer, ao mencioná-lo, é que Piracicaba se desenvolvera muito à partir da sua administração pública. Homem prático e despachado, não se deixava prender por pequeninas coisas, ou por demagogias, e ia em frente com as suas idéias e com as suas iniciativas. Dessa maneira, realizava obras de acordo com as prioridades definidas e ordenadas pelo seu conceito pessoal de administração, empurrando os limites da cidade para muito além dos pontos que ela não ultrapassava, há bastante tempo, apesar dos bons prefeitos que o antecederam.

A Vila também crescera, graças ao poderoso parque industrial que se instalara em suas terras, nascido ali mesmo, com gente e recursos econômicos gerados e reinvestidos no bairro — típicos exemplos, são a Dedini, a Carmignani, a Tatuzinho, a Santin, a Motocana, as usinas de açúcar e álcool Modelo, Costa Pinto, Capuava, e tantas outras indústrias e casas comerciais. Pode-se dizer, sem ser demasiado crítico, que ela se desenvolveu por si mesma, não contando com grande ajuda do poder público local, fato este que perdura até os dias de hoje, infelizmente.

Falta de representatividade.

Política.

O nosso bairro nunca se preocupou em ocupar uma parte do espaço, que lhe é de direito, no cenário político de Piracicaba. Sempre se contentou em ser contribuinte de impostos e fornecedora de votos, recebendo de volta, apenas as migalhas das verbas municipais... é o ônus da sua não participação na partilha do bolo público, isto é, da "burra pública"!...

E onde entrará o Sr. Guidotti, nessa nossa "estória"?

Ele construíu novas pontes sobre o rio Piracicaba. De concreto. Tínhamos apenas uma, velha, estreita, de ferro, pedra e cimento; e ele fez aquilo que outros tantos, e durante décadas, não fizeram — construíu quatro grandes pontes —, dando à Vila, um acesso mais rápido, eficiente e econômico. Abriu assim, em um passo de mágica, as portas do desenvolvimento para o velho bairro vilarezendino.

Uma importante e imensurável contribuição desse inesquecível "italianão".

MEMÓRIA DA VILA — LXXXII

No meu começo de Rotary, desconhecia muita coisa, principalmente com relação ao espírito de companheirismo - ponto alto dessa organização mundial — , e fui, pouco a pouco, me habituando a esse relacionamento extremamente humano, e por isso mesmo, franco, cordial, amigo, ou melhor dizendo, fraterno; então, passei a desfrutar de uma infinidade de coisas, de valores imensuráveis, a começar, da amizade.

Quem não se lembra das "famosas Pílulas do Dr. Ross"?... "pequeninas, mas resolvem!..."

Um querido amigo, que infelizmente, já se fora, era um italiano formidável — em tudo — e por isso, objeto das nossas brincadeiras todas... Pucci... Sérgio... quase dois metros de altura e dono de duas poderosas mãos capazes de segurarem duas bolas de basquete, sem o mínimo esforço... um gigante! Na sua juventude, servira ao exército italiano, primeiro como guarda da Rainha, e depois, imagina só?!... "pára-quedista — combatente"!... com todo aquele seu corpanzil, imaginemos o tamanho do pára-quedas!?... e assim, a cada menção nossa, a este detalhe, quase recebíamos dele um poderoso safanão! "Maledeto!... " E ríamos, gostosamente.

Pois bem. O caro Pucci, resolvera inaugurar no horário da palavra "livre", que sempre existira no nosso clube, as suas "pílulas"... e lá vinha ele à apresentar informações interessantes, úteis, muitas das quais até inéditas.

Baseadas nelas, resolvemos registrar nestas "memórias", as nossas "pílulas", que, em primeiro lugar, servem para homenagearmos esse querido amigo, o sempre querido Sérgio Pucci. Então, vamos apelidá-las de "Pílulas de Pucci".

O nosso clube — Rotary Vila — quiz homenagear o companheiro Pucci, com uma festa "surpresa", em sua casa, lá na chácara Dedini, onde estava localizada a Cerâmica Dedini, a qual ele dirigia, como um grande especialista em cerâmica que era. Cada um de nós deveria levar um prato de salgados, feito, de casa, enquanto que a bebida, seguiria, camufladamente, com a cumplicidade da sua esposa, a amiga Eloisa. Tudo fora feito no maior dos "conformes", e, aparentemente, na mais perfeita discrição. Chegada a hora, o amigo Albertinho Sachs vai, no volante de seu carrão, tendo por companhia o amigo Mário (Português) dos Santos... que, a certa altura da "viagem", com aquela sua "pureza e candura" de português, estabelece o seguinte diálogo de rotariano novo:

— Bertinho, que maravilha é o Rotary!

— Sim, Mário, é uma formidável organização!... pondera o Albertinho, com a sua afinada observação de professor.

— Imagina, Bertinho, como me senti, hoje, quando vi o Pucci! Não me contive de alegria! E disse-lhe, discretamente, sem que ele desconfiasse: Pucci, hoje, estão os companheiros preparando-lhe uma festa surpresa! Vão à noite, na sua casa... que maravilha! Isso é que é amizade! Como o Rotary é bonito!...

— ?!... ocê disse o quê! ô, Mário, o quê ocê falô pro Pucci?!

— Que nóis ia fazer uma surpresa pra ele, ué!... e num é isso mesmo?!

— É!... Eh, eh, eh!... é! uma surpresa pra ele! Eh, eh, eh!...

Claro que, para o Pucci, como bom italiano, tudo tinha o sabor de "surpresa"!

— Má quê se suchéde?! Óh, mamamia! Má que maraviglia! Tuti quanti, quá, má qui coisa linda!... lindíssima! Ô Eloisa! Eloisa!!! ma veni verdi! Mamania! Que surpresa!!!... Exclamações a não mais caberem no papel!

Outra, que registramos como pílula, era a brincadeira que a garotada da Vila fazia na linha do bonde — enchia os trilhos de sabão e o pesado veículo não conseguia vencer o trecho ensaboado, e as suas rodas, de ferro, giravam em falso... o cobrador e o fiscal precisavam jogar areia e terra nos trilhos para que o bonde andasse... enquanto isso, a molecada fazia a sua estrepolia nos balaustres, saltando de um lado para o outro.

.....

O Tiganin — Ítalo Alleoni — gostava de motocicleta e fazia misérias com a sua máquina potente, se não me engano, uma "BMW" de 500 cilindradas ou mais. Corria, como um louco, pelas avenidas da Vila, principalmente na Rui Barbosa. Um dia, levava o Dr. Cláudio Mahn na garupa, nessa época ainda estudante de medicina... subiam e desciam a avenida, em alta velocidade, divertindo-se com a moto... até que, por uma infelicidade, ao passar defronte ao Armazém do Mazzonetto, à altura do número quinhentos ou seiscentos, um caminhão, inadvertidamente, dá a partida e causa o choque com a moto, que bate no rodeiro dianteiro; o Tiganin cai sob a pesada motocicleta e fratura a perna, enquanto que o Cláudio, é projetado como um foguete e passa sobre o cofre do caminhão e vai se estatelar no chão, do outro lado, sem se ferir, felizmente; mas, nesse seu vôo, o Cláudio levara algumas pancadas e devia sentir dores pelo corpo, evidentemente; é levado, andando, até a farmácia do "seo" Benedito, para ser examinado e medicado... vai mancando, acentuadamente, de uma perna, assustando-se com aquele "problema"!

— Tô mancando! Devo ter machucado a perna!

— Tá doendo?

— Não, mas tô mancando, mesmo!... e o coitado vai ficando ainda mais nervoso, até ser "examinado", lá na farmácia.

— É! você tá mancando, mesmo! Mas é por causa do sapato!... você perdera o salto do sapato!

— Verdade?!

De fato, o salto havia se soltado na batida, e ele, sem perceber, caminhava "desnivelado", com um dos sapatos sem o salto, fazendo-o "manco", portanto.

MEMÓRIA DA VILA LXXXIII

As "papinadas", assim se chamavam, de fato, as reuniões de amigos feitas no bar do Papini para degustarem o "polastro" com "polenta e radicce" da dona Gigetta. O artigo do Sr. Nicolla De Cillo, publicado pelo jornal de Piracicaba, no dia 18.12.88, resgata do nosso saudoso passado, interessantes aspectos do querido casal vilarezendino — Ernesto e Luiza (Gigetta) Papini -, lembrando de coisas gostosas, tanto para o paladar, como para o espírito, daquele tempo memorável para os piracicabanos: "as papinadas".

Realmente, como lembrou o Sr. Nicolla, o "seo" Ernesto era um excelente músico.

Trombete, violão, bandolim.

Um apaixonado pela música. Gostava de executá-la, e de ouví-la, executada por seus amigos, principalmente quando se tratava da banda União Operária. Nós, meninos e meninas, nos infiltrávamos nas tais comemorações degustativas, quando elas entravam pela parte musical. Aí, então, não havia problema algum à presença da criançada nos salões do bar do Papini. Podíamos ficar à vontade, mas nunca além das nove horas da noite, quando deveríamos estar entrando nas nossas casas e tratando de ir dormir. Dez horas? Já não havia ninguém na rua, nem mesmo nas noites de sábado e de domingo.

As pessoas se visitavam habitualmente, naquele tempo, e era comum sentarem-se todos defronte à casa da família visitada, fazendo uma roda de cadeiras, e assim, ficarem à bater-papo até às 21:00 à 21:30 horas (no máximo 22:00 horas)... conversavam durante horas, tendo assunto para alimentar a gostosa reunião familiar, muito diferente portanto, dos dias de hoje, causando-nos estranheza o fato das pessoas dizerem, que não encontram assunto para um bom "papo", nem mesmo com os seus familiares de casa, quanto mais então, com estranhos!... é a tal da falta de diálogo, no tempo que se afirma ser a "comunicação" a coisa mais importante na vida moderna!

Mas, por falar em comunicação, uma ausência notável na Vila, é a inexistência de um jornal, local, um simples periódico, desses semanários; os únicos, que me lembro, pertenceram a empresas industriais — de circulação interna e restrita —, o "Destilando" da Codistil, e o "dedininforma" do Grupo Dedini... resistiram alguns anos e depois deixaram de existir. O saudoso Ivo Ducatti assumira por um bom tempo, a responsabilidade de editar uma página com assuntos da Vila, no Jornal de Piracicaba, que levava o título "Vila Rezende Notícias"... infelizmente, definhou, até desaparecer, de vez... e não fora por falta de bons articulistas "nativos", não.. É uma coisa curiosa, esse fato.

Diamante bruto: Uma pedra, aparentemente, sem valor algum. Para um experiente garimpeiro, uma gema valiosa. Uma lavadela, um olhar mais arguto, uma leve avaliação do seu peso, nas mãos calosas mesmo, e pronto! Tá avaliado o seu valor.

— Um milhão de cruzados!

— Quinhentos!

— Um milhão e meio!
— Oitocentos!
— Dois milhões!
— Novecentos e fim de papo!
— Fechado!
— Ocê paga a conta do bar!
— Eh, eh, eh!

Um leilão. Com o valor das pessoas não se faz leilão; dá-se-lhe o justo valor... assim era, na Vila, e os valores humanos iam se despontando, às vezes, nas mesas do bar do Papini, outras, nas rodas de bate-papo...

MEMÓRIA DA VILA — LXXXIV

Mas, o tempo, encarrega-se de muita coisa... como por exemplo, de tornar o discípulo melhor que o próprio mestre...

— Raul! ocê recebeu linho novo?

— Recebi!

— Intão, vô fazê um terno novo!

— Vamos lá!

O Raul Carraro vai retirando da prateleira as peças recém-chegadas de puro "linho 120", nas colorações modernas — cinza, preto, esverdeado, azul-anil... — e não pára por aí, não!... há o tradicional branco e bége... acetinados, rústicos, leves, mais encorpados... são todos, puros linhos!

— Raul!... quero este, e mais um igual a este!

— Tá!

O alfaiate Raul Carraro.

Vinha concorrer com os irmãos Bertini — José e Romano... e mais alguns outros, mais antigos, como os novatos viriam, posteriormente, fazer-lhe "concorrência", por exemplo, o Paulo Barella, isto na Vila, sem contarmos com os alfaiates da cidade, famosos e disputadíssimos... mas nós preferíamos os nossos, daqui.

A Alfaiataria não era apenas o local onde se fazia ternos, não. Era também, ponto de encontro dos amigos para gostosos bate-papos, onde se falava de tudo, principalmente de "namoro"... e então, encontraríamos ali, os amigos Idivan Spolidório, Elídio Galvani, Ângelo e Adhemar Falcade, Flávio e Antoninho Rizzollo, Geraldo Bertini, José Waldemir Macari (o Bolachinha), Rudney Brogio, Guido Bertini, Remo Nivaldo (Valdinho) Papini, Hélio Viccino... aí a coisa "esquentava"!

A Alfaiataria do Raul ficava na esquina da Rui Barbosa com a travessa Dr. Eulálio, ao lado do Açougue do Sylvio Zillo, onde funcionara antes, a sapataria do meu sogro, o Leandro Everaldo, primeiramente só para conserto e fabricação de sapatos sob encomenda, pois ele sempre fora um excelente sapateiro, isto é, o melhor que eu conheci... e o amigo Raul não tinha horário livre não! trabalhava sem parar, sábado, domingo, feriado, de dia e de noite, lá estava ele, envolvido com a pilha de linho, casimira, tropical, brim, gabardina, lã... traçando, cortando, alinhavando, costurando, passando a ferro... calças, paletós, coletes, até vê-los prontos e entregues aos seus fregueses e amigos.

Nas manhãs de sábado e de domingo, reuniamo-nos à volta das suas máquinas de costura e da sua longa mesa de trabalho e íamos desfilando as nossas ilusões idílicas, expondo os nossos sonhos juvenis... claro que as idéias sobre política, economia, religião, atualidade mundial, trabalho, também entravam nas discussões. E como!

E como eram gostosas aquelas reuniões! Ríamos muito e pensávamos muito, em decorrência das longas conversas entre amigos... Ah, minha Vila!...

MEMÓRIA DA VILA - LXXXV

O caipira é um ser diferente, muito diferente do seu semelhante da cidade, isto é, do caipira da cidade. Não nos referimos, portanto, ao seu ser semelhante, citadino, esse "metropolitano ou cosmopolitano" não!, que difere entre os seus "pares", quanto mais, então, com um pobre caipira da cidade pequena, provinciana, ou do sítio, mesmo! É a água e o vinho.

Tava o dito cujo à pescar... na beira do rio... vara na mão... linha tensa, por estar sendo arrastada pela forte correnteza; rio cheio, encorpado pelas águas das chuvas de verão... e as águas barrentas, avermelhadas, se parecem com o chão molhado das barrancas desnudadas em poucos pontos, enquanto que o restante, à sua maior parte, é tomado por verdejantes capinzais e todas as espécies de ervas e arbustos silvestres que viscejam com as grandes chuvas...

Mistura-se ao meio ambiente e se confunde com as touceiras... quando menos se apercebe, está adentrando na água e se aprofundando no leito pedregoso... à atirar a linha, lá naquele ponto que imagina encontrar o mandí amarelo brigador... e recolhe a linha e recoloca uma minhoca no anzol... e "tch"!... lá se vai, mais um intento, e mais um olhar atento!... e a água, correndo forte, bate nas pedras e vai salpicando o seu rosto com as gotículas geladas, tão gostosas, tão contrastantes com o calor do sol!... o sol vai alto, ardente, inclemente... uma fisgada... é, é agora! uma rápida puxadela na linha, e a esperada surpresa se desvanece, com um incômodo aparecimento de um galho de árvore desgarrado, ou desgalhado... nova "iscada" e lá se vai mais um pouco da expectativa contida... ah! agora eu o pego!... ah, se eu o pego!... ah!... a água chega-lhe à altura da cintura, fazendo-o sentir o seu frescor agradável, convidativo para um longo e demorado banho de rio... como naqueles bons tempos de menino travesso, que não perdia, — nunca, a oportunidade de mergulhar nas águas barrentas vindas com o início do Verão à engrossar o seu majestoso rio...

Mais num tava sozinho, não! havia um bom número de outros caipiras, igualmente empenhados, à pescar, cada um se envolvendo à sua maneira naquela faina... alguns, privilegiados, estão à bordo de pequenos botes movidos a motor de popa; outros com apenas os seus remos, frágeis e que pareciam inúteis naquela forte corredeira...

Logo abaixo do salto... depois daquelas grandes pedras, dispostas desordenadamente, ou melhor, acidentalmente dispostas, pelas forças misteriosas da Natureza, há milênios, quando então, não deveria ali existir nem água e nem homens, ou, provavelmente, apenas água e rochas, sendo que estas provinham das entranhas da terra, ainda na forma incandescente, como magma desprendido convulsivamente, expelido pela fúria de um ou mais de um vulcão... sim, é isso mesmo! Tudo aquilo, o leito do rio e as suas duas margens, era fruto de uma erupção vulcânica do período pré-histórico, só mudado recentemente, isto é, nos últimos milênios que deram à origem dos homens na face da Terra..., e eles, os caipiras, estão ali, exatamente ali, absortos nas suas pescarias!, como se nada disso se lhes passaria pelas suas cabeças, à semelhança dos índios que, um dia, dominavam aquele aprazível lugar e faziam-no sua morada permanente.

O sol forte ilumina o belo salto, fazendo as espumas, das cristas das águas revoltas, se parecerem mais brancas ainda, contrastadas com a vermelha cor de barro que o rio Piracicaba ostenta nessas épocas de cheias no início do Verão... mas aqueles homens, não se queixam da inclemência dos raios quentes que queimam-lhes as faces, os braços, os peitos nus, escurecendo-lhes as peles... como também, não reclamam por estarem sem apanhar algum peixe, e os poucos conseguidos, pequeninos, iam sendo devolvidos ao rio para que continuassem a crescer, na expectativa de voltarem a ser pescados no futuro... assim, pescavam e não depredavam.

Na outra margem do rio, um enorme paredão de pedra, parte natural, parte erguida pelas mãos do homem; a água bate com violência, de encontro àquela barreira protetora da barranca, respingando, continuamente, na vegetação nativa e naquelas enormes árvores centenárias, verdejantes, viçosas, que se misturam com as pedras, formando uma compacta mata, pequena, mas que ainda resiste, valentemente, aos avanços do concreto armado, do asfalto e da devastação ambiental irresponsável.

Barrancas do rio Piracicaba... margens do salto... abaixo das grandes cachoeiras... pescar, por puro lazer e prazer, pouco se importando com a quantidade ou com o tamanho dos peixes... encantando-se mais com a beleza do rio cheio... e por saber que, exatamente naquele lugar, a sua cidade nascera...

MEMÓRIA DA VILA — LXXXVI

Como há em toda comunidade, na nossa também, tínhamos aquelas figuras pitorescas que se destacavam das demais e serviam de referência quando se queria mencionar alguma coisa.

— Se você não comer tudo, o "Barba Russa" vem pegar você! A mãe dizia isso e o menininho procurava comer logo o seu almoço, pois sabia de quem se tratava o tal do "Barba Russa".

— Ocê tá iguarzinho ao "Néco da Tchéa"!' Aludia ao pacato solteirão, que não fazia nada de mal a ninguém, e só era um tanto atrapalhado, por ser um pobre simplório, que, além dessa sua deficiência de intelecto, adquirira uma quantidade impressionante de calos nos pés. O seu caminhar portanto, assemelhava-se àquele caminhar "sobre ovos".

O seu Néco era uma pessoa bondosa, e certamente, nunca praticara qualquer ato intencional de maldade. Era apenas um simplório. Fazia serviços simples, domésticos e prestava-se aos pequenos mistéres de ir à padaria, ao bar, à quitanda, a levar o joguinho do bicho (quando este ainda não era reprimido, como contravenção).

Muito religioso, freqüentava muito a Igreja Matriz, ajudando o vigário e o sacristão, em algumas pequenas coisas sem grande responsabilidade. Nos seus momentos livres, por sinal a maior parte do seu tempo, costumava caminhar com aquele seu passo pitoresco, pelas avenidas do bairro, no seu trecho principal. Sentia prazer em estar junto de nós, meninos, nas nossas brincadeiras, apesar da diferença de idade que havia entre nós e ele, já um adulto.

Diziam que, na época do antigo vigário da Vila, o lendário Padre Gallo (Monsenhor Jerônimo Gallo), ele NÉCO, auxiliava mais assiduamente nos trabalhos da igreja e da casa paroquial, freqüentando-a muito. E que, em uma ocasião muito solene, na realização de um almoço na casa paroquial, estando presentes importantes personalidades, o nosso querido Néco estava também lá, auxiliando as senhoras, por certo na arrumação da mesa, nada além disto e, justamente no momento que todos se preparavam para sentarem-se à mesa, ele passa por detrás do Padre Gallo e retira-lhe a cadeira. O pobre padre, sem saber, senta-se no vazio e cai de costas, com grande estardalhaço, para o espanto de todos, seguido das inevitáveis gargalhadas que tais quedas sempre provocam, por serem engraçadas. Daquele dia em diante, o pobre Néco não servira mais na casa paroquial. Não pretendia derrubar o padre; nem pensara nisso.

Com aquele seu jeitão peculiar, falando e cantarolando em voz alta, tinha livre acesso a qualquer lugar. Ninguém se preocupava com a sua presença, por não perturbar e nem ser inconveniente, dada a sua inocente simplicidade. Servia de motivo para brincadeiras e até para desanuviar ambientes tensos. As moças e senhoras mais idosas, também faziam-no objeto de suas brincadeiras, algumas mais picantes, provocavam-no com piadas e alusões à namoros, só para verem as suas reações. Ria muito e, encabulado,saía resmungando, fugindo daquelas conversas.

Nós, garotos, também o provocávamos. Conosco, chegava a ralhar, dizendo-nos que aquilo era pecado, e nós, "uns sem-vergonhas".

Com o passar dos anos, o seu caminhar ia ficando mais difícil, devido aos seus famosos calos. Já casado, morando perto da sua casa, as minhas filhas também conheceram-no, e brincavam com aquele senhor engraçado, simples, ingênuo. Costumava pedir-me cigarros, só isto. Quando eu lhe presenteava, com alguns trocados, para comprar o seu cigarrinho, ficava muito contente e ria.

Todos gostavam daquele homem simples, de andar cauteloso e lento, que ia mexendo com as pessoas por onde passava sem diferenciar idades e sexos. Não demonstrava pressa, em ir de um ponto a outro, e não se importava com a eventual falta de atenção daqueles a quem dirigia a palavra.

Uma figura pitoresca da nossa Vila, sem dúvida. O "Néco da Tchéa", ou seja, o "menino" da dona Tchéa, sua mãe, e, o amigo de todos nós...

MEMÓRIA DA VILA — LXXXVII

Nem todos os pescadores e caçadores são mentirosos, mas quase todas as mentiras, inocentes, provém da fertilidade imaginativa dos ditos cujos. E não vai aqui, nenhuma crítica ou censura a essas notáveis pessoas, por reconhecer nelas, os seus méritos na institucionalização do nosso folclore e da muita beleza que incorporaram à cultura "caipiracicabana", como diz o nosso querido mestre João Chiarini.

Outros "mentirosos", abundam do nosso País, como mentirosos mesmos, pouco inocentes e nada patriotas, enquanto que, nos nossos autênticos "contadores de causos", a mentira faz parte da saborosa simplicidade da nossa gente, e dá-lhe o toque de magia, que nos faz prisioneiros das suas narrativas fantasiosas.

Quando nos contam as "estórias" inventadas pelo saudoso "Limão", figura popular na Vila, há algumas décadas, rimos com saudade, dele e daquele tempo. Pena que muito disso tudo, está já desaparecido e às vias de desaparecer por completo, por nada ter-se registrado, como deveria tê-lo sido, pelas penas dos cronistas. Louvável sem dúvida, o recém lançado livro desse notável artífice das letras piracicabanas, Cecílio Elias Netto, no seu delicioso "Arco, Tarco e Vérva", imortalizando o lingüajar do nosso povo, tal qual ele é, sem frescura e sem falso pudor, pois, não devemos confundir "palavrão" com "maledicência", não!

Pois é!

O "Limão", dizia que em uma ocasião, quando morava na Fazenda Monte Alegre, no início de funcionamento da usina de açúcar que existira lá, até alguns anos atrás, fora pescar no rio Piracicaba, para garantir a "mistura" da sua numerosa família; o rio estava cheio e os mandís pulavam fora dágua feitos doidos, tal a quantidade deles, devido a cheia. Faz um parêntese: há muito a sua esposa vinha pedindo-lhe uma máquina de costura e como o dinheiro era "manga de colete", ia-lhe "enrolando", com desculpas. E prossegue, com a sua "estória"... e lá está ele à pescar, escolhendo só os peixes mais graúdos, devolvendo ao rio os miúdos... de repente, quando já se preparava para ir embora, ao recolher o "sondar", sentira a linha presa, e já começava a se lamentar pelo inconveniente... insiste em puxá-la, procurando não rompê-la, e eis que a sente ceder, mas com um enorme peso preso na ponta oculta... e vai puxando, devagarinho, e depois de muito esforço, conseguira retirar de dentro dágua uma... máquina de costura, novinha, e ainda por cima, da marca "Singer"... e aqui está a única mentira: as gavetas dela estavam cheias de cascudos!...

Outra dele mesmo, a respeito da sua sanfona de dezoito baixos que viera da Itália (que acompanhara a sua família): era tão boa, e com uma sonoridade espantosa, que os seus bailes (tendo-o como "tocadô") lá no Monte Alegre, o pessoar da Fazenda Santa Rosa (na banda de cá do rio) dançava a noite inteira, sem parar, com a mesma música!... Êta sanfona e sanfoneiro bão, sô!...

Falava sério. Tão sério, que ao contar-nos uma outra de suas "estórias", quase brigou conosco por rirmos dela.

Começa dizendo que possuía na tal Fazenda, uma criação de porcos

admirável, e para melhor alimentá-los, fizera uma plantação de mandioca ao lado da pocilga. Tudo ia indo muito bem, com os porcos cada vez mais gordos e numerosos,até que um belo dia ouviu:

— Ô Antônio!... cadê a porcada?!... ocê vendeu eles?!...

Antes de responder a sua apavorada esposa, deu uma espiada e assustou-se, vendo o chiqueiro completamente vazio.

— Cadê os porcos, muié?! E sairam os dois, à procurá-los, e depois de um tempão, é que descobriram o mistério dos seus desaparecimentos. É que a terra, alí, era tão fértil, que as mandiocas cresciam, barbaridade... e os porcos, acabaram encontrando uma das raízes despontando dentro do chiqueiro, e foram comendo-a, e adentrando na terra... e cruzaram o rio Piracicaba, sob o seu leito, e seguindo a raíz da mandioca... e para espanto, e também alegria dele e da mulher, foram encontrá-los todos na Fazenda Santa Rosa, ainda mais gordos e sadios!...

E isso tudo, pode ter um pouco de exagero, mas não é mentira não!... Eu, pelo menos, acredito!... o seu Antônio, "Limão", era o irmão caçula da minha nona!...

Tanto é verdade, que as mentiras, a gente esquece, e as verdades, elas sempre prevalecem.

MEMÓRIA DA VILA — LXXXVIII

Nos bons tempos de criança, esta nossa cidade oferecia coisas que, infelizmente, o "progresso" incumbiu-se de suprimí-las por sua própria conta, sem nos consultar antes, rotulando-as como coisas do passado provinciano e conseqüentemente, como não mais adequadas à uma cidade evoluída.

Leite e pão, a gente recebia-os em casa, depositados na soleira da porta, registrados os seus valores nas cadernetas que permaneciam nas mãos do leiteiro e do padeiro. Era o "fiado", mensal. Não se tinha o dinheiro, mas não nos faltava o crédito.

Leite fresco e na quantidade que queríamos, assim como o pão, feito no dia e na qualidade que nos dá saudade... Litros limpos e papel de embrulho branco... o litro, a gente lavava até deixá-lo transparente, como se fosse do mais fino cristal, para continuar a nos ser servido nos dias seguintes... o papel de embrulho, prestava-se à folha de anotações, lição de casa e para fazermos os nossos barcos de papel...

Não continham água e nem bromato.

O sorveteiro, ambulante, com aquele seu carrinho de mão, se fazia anunciar ao som de uma corneta, reconhecida pela criançada a quilômetros de distância... Sorvete de "palito", mantido no estado sólido enquanto durasse a barra de gelo, a qual, uma vez finda, encerrava a jornada de trabalho do seu "Zé"... "Olha o limão, o abacaxi, nata, côco, groselha!... "berrava ele... e claro, o de groselha era o primeiro que se esgotava, deixando atrás de si, um rastro de bocas manchadas de tintura vermelha...

O homem do amendoim torrado, o velho seu Amadeu e sua esposa, os "Amadeu do amendoim", em suas cestas, trazíam-nos além do próprio amendoim em casca, a paçoca em canudos de papel, a paçoquinha, o pé-de-moleque, e sempre havia alguns amendoins àquelas crianças que não tinham dinheiro...

A verdureira, uma portuguesa, sem dúvida..., a dona Virgínia, de lenço amarrado prendendo os cabelos, avental longo e colorido escondendo toda a frente do seu vestido comprido... passava todos os dias, na mesma hora e ia deixando as suas verduras frescas, o cheiro-verde, a cebolinha, a erva-doce, o manjericão, a hortelã, o poejo, a camomila, a pimenta... poxa, quanta coisa cabia naquela sua cesta! ...

E tínhamos o Agente dos Correios... e telégrafos... carteiro? não, não tinha, então!... levávamos e apanhávamos as nossas correspondências diretamente à mesa do senhor agente postal e telegráfico. Pra que carteiro? Quando a carta era importante, ou aguardada, o "seu" Dario deixava o seu posto e vinha-nos, pessoalmente, entregá-la e ficava vendo-nos abrí-la para certificar-se se era mesmo aquela que aguardávamos!... e nunca se soube, alí, que alguém entrara na agência, enquanto estivera fora, e dela houvesse retirado algo!...

Jornais, também chegava-nos em casa, coisa que felizmente, perdura até hoje, graças a esses notáveis meninos madrugadores, assíduos, pontuais e dotados de uma memória fabulosa!... os "jornalistas", como o meu pai e minha nona costumavam chamá-los, e tinham eles total razão pela importância desses

meninos à vida do jornal! ... sem eles, ou por deficiência deles, nenhum jornal sobrevive... mas, àqueles que não podiam ser "assinantes", sempre podiam contar com a "mesa de leitura" bem provida e sortida do bar do "seu" Ernesto Papini...

E o bonde? Palavra, que até hoje, não consigo entender o motivo (ou a ignorância! que levara a Prefeitura a desfazer-se deles!... o melhor meio de transporte coletivo que jamais existira igual!... e lá se foram ele, transformados em ferro velho...

Dia de jogo de futebol no campo do Atlético... domingão... podíamos ingressar no estádio pelo caminho normal, correto, isto é, pelo portão de entrada!... mas, não tinha aquele mesmo "gosto", de entrarmos "saltando o muro", burlando a vigilância (?!) dos zeladores!...

Saudosismo, dirão alguns, ao lerem estas recordações. Saudade direi eu, por não ter queda para viver mergulhado no passado, estando o presente, à chamar-nos à realidade.

Saudade, é outra coisa.

MEMÓRIA DA VILA — LXXXIX

Quem visse e ouvisse aquela senhora de estatura mediana, forte, de cabelos brancos e presos com um coque à nuca, de vestido escuro e simples, sem nenhum adorno, teria a nítida idéia de estar diante de uma italiana típica, vinda há pouco tempo para aqui fixar-se, ou apenas temporariamente, como uma das tantas visitantes que vem rever os seus familiares, e logo partem, de volta à sua querida Itália.

Estaria em parte, certo, quanto a sua nacionalidade, e errado, quanto ao tempo da sua permanência no nosso País. Conhecêmo-la já com uma idade próxima dos sessenta anos, e a vimos partir, aos noventa e dois anos, presumidamente, por informação sua, verbal, sem nunca termos visto um documento oficial seu, perdidos que foram todos eles, inexplicavelmente. Suspeitávamos não ser aquela, a sua idade real, pois, como uma mulher vaidosa, como todas o são, quanto a sua idade, a diminuía em alguns anos; me lembro bem, quando ela atingira a marca dos setenta anos..., pelo menos, cada ano, levava o dobro dos dias para virar o calendário!... logo, ou nós, fazíamos anos a cada seis meses, ou ela os cumpria, a cada dois anos!... uma inocente forma de encobrir a sua idade verdadeira.

Falava um português bonito, quando queria; na maior parte do tempo, falava a sua língua pátria, nada estranho naquela comunidade, predominantemente, italiana. Aprendera o idioma com os pais e avós, com os tios e tias, aqui no Brasil; praticá-lo não era problema, com tantos irmãos que tinha, além dos vizinhos e das freqüentes vindas de novos italianos, atraídos pela colonia, e também, pela beleza do bairro que, sem nenhum exagero, realmente o faz, até hoje, o mais bonito e o melhor recanto da cidade. E veja-se um fato interessante, a seu respeito e a essa sua predileção pela língua italiana: viera para cá na mais tenra idade, isto é, quando ainda bebê; não conhecera a sua terra natal pessoalmente, dela só se inteirando através dos relatos de seus pais e familiares, e daquilo que lia a seu respeito nos jornais e revistas, especialmente no jornal "Fanfula", que circulava pelas casas da redondeza toda; sabia muito de tudo que acontecia na Itália, dela falando sempre com muito carinho e respeito, e claro, sobre o Vaticano e o Papa, duas coisas sagradas para ela, como sede da Igreja Católica, e como representante de Deus, na Terra.

Casara-se cedo, como era comum à época, quando atingira quinze anos, e logo iniciara a formar uma nova e numerosa família, completando uma dúzia exata de filhos, isto porque, por um infortúnio, enviuvara também cedo. Vivendo no sítio, com um bando de crianças pequenas, a situação não poderia ser nada fácil em condições normais, com a participação do marido, imagine-se então, sozinha... Face as suas dificuldades, não vira outra alternativa senão vender o seu sítio, e mudar-se com os filhos, para uma casa na cidade. E foi isso que a fizera instalar-se na Vila Rezende, primeiro na avenida Santo Estevão (hoje Mário Dedini) e logo em seguida, na Avenida Rui Barbosa, nº 446, permanecendo alí por

mais de cinquenta anos, só se mudando para outro local em decorrência do desenvolvimento comercial e imobiliário da cidade.

Mas como era, afinal, essa senhora?

Uma notável mulher, afeita ao trabalho árduo, que não se atemorizava diante das dificuldades materiais e sociais, considerando-se as limitadas oportunidades que existiam então, às mulheres, ainda mais em se tratando de mulheres viúvas, com um montão de filhos e sem nenhum estudo e profissão, além de ser dona-de-casa, e, pobre. As restrições ao trabalho feminino, se hoje ainda persistem, é fácil avaliarmos os problemas enfrentados há muitas décadas e quando ocorria uma guerra mundial com todas as suas conseqüências, diretas e indiretas, na qual estávamos envolvidos e sentindo na pele, a sua crueldade. Ora, nessa guerra, um dos inimigos nossos, era exatamente a Itália! Veja-se só! De repente, a italianada toda do bairro,virava inimiga dos brasileiros e como tal, não mais merecedora da amizade e da simpatia da sua outra parte que ali nascera, crescera e se estabelecera como cidadã brasileira!... Estava estourada uma outra calamidade pública, se fosse encarada com o rigor político.

Bem, a vida não é moleza, não! O dinheiro não nasce em árvores e tão pouco cai do céu! O negócio é trabalhar, dar duro no batente e conseguir o bastante, pelo menos, para viver modestamente, sem fazer fortuna.

E assim racionando, a jovem senhora procura arranjar empregos aos seus filhos, mesmo sendo, na sua maioria, menores de idade. São meninos e meninas, alguns adolescentes, sem profissão alguma; são porém, sadios, fortes, simples, freqüentando a escola, e todos, desejosos de logo encontrarem ocupações, em qualquer lugar.

As meninas mais velhas, são empregadas na fábrica de tecido, única empresa a utilizar mão-de-obra feminina, sem discriminação, teoricamente, pois na verdade, a preferia, dada a habilidade das moças em manipular os delicados fios, de algodão e de seda, utilizados nos velozes teares, máquinas infernais pelo barulho e pela engenhosidade mecânica de suas concepções, e, a experiência com as mulheres nos seus manuseios se revelara superior ao desempenho dos homens. Os rapazes, tiveram diferentes rumos; um, mais velho, empregado no engenho de açúcar, em uma função dura, perigosa, com jornada alternada, em períodos noturno e diurno, difícil portanto, de ser suportado por muito tempo; outro, colocado como aprendiz na oficina — nome que se dava a qualquer indústria —, na tentativa de aprender uma profissão no campo industrial, o mais promissor na época; o menor, por ser um menino pequeno e franzino, e ter que ir à escola primária, a senhora convencera o farmacêutico, um senhor bondoso, humano e competente, a aceitá-lo como um de seus auxiliares, depois que voltasse das aulas, servindo na entrega de remédios e pequenas encomendas à domicílio, e a outros pequenos mistéres de farmácia. Estavam assim, colocados os filhos todos em trabalhos decentes e que lhes propiciariam um certo ganho, auxiliando na manutenção da numerosa família.

Evidentemente, a soma de todos os ganhos individuais, daquele grupo inexperiente e sem "estudos", além dos rudimentares ensinamentos ministrados pelo grupo escolar, não dava para as necessidades essenciais da família — alimentação, vestuário, saúde —, embora todos trabalhassem, sem cometerem

faltas ou atrasos nos seus empregos. Conseqüentemente, as mulheres da casa, tinham que completar o orçamento doméstico com tarefas adicionais, tais como: lavar roupas de outras famílias, nos tanques e na mão, mesmo (não se conhecia máquina de lavar, ainda...), depois passá-las a ferro (de carvão fumegante, pulverizador-distribuidor de cinzas e de fagulhas) pesado e incômodo, e, engomá-las ao gosto de cada um, coisa que não se dispensava naqueles tempos!...; costurar roupas, ou seja, o fabrico de vestidos, blusas, calças, camisas, de concepção simples e sem grande complexidade de execução, a partir do emprego de uma máquina, comum e velha, de costura (a famosa Singer da família!...); bordados, crochê, tricô e outros artesanatos aprendidos com as avós, por exemplo.

Podia-se dizer que ela sabia administrar, com eficiência, uma casa complicada, não pela família, mas pela época que se vivia.

Mas, falemos um pouco mais dela mesma, ao invés daqueles que viviam ao seu redor. Nascera no século XIX, e no dia 02 de novembro de 1988, estaria com mais de cem anos, provavelmente, 103 ou 104 anos, lá na sua querida Itália, na cidade de Pádova, creio eu. Conheci-a já idosa, mas pelas fotografias, que guardava consigo, podia-se vê-la jovem e bonita, de traços bem definidos, que davam-lhe além da beleza, a elegância esbelta. Olhos pequenos, puxados, castanhos escuros, tão pequenos que, quando ria, e gostava de rir, pareciam fecharem-se por completo; cabelos lisos e negros, assim preservou-os até avançada idade, mediante as suas tinturas secretas, deixando-as, em dado momento, e assumindo a brancura real dos mesmos, sem mais constranger-se.

Com tantos filhos, tinha igualmente, muitos netos e netas, merecendo todos, o carinho seu. Entretanto, um deles gozava da sua predileção, explicável por várias peculiariedades. A primeira, por ter nascido, e viver sempre na sua casa, enquanto os outros, não; segunda, por ser aquele que levava o mesmo nome do avô — nome e sobrenome —, fato este que não haveria mais possibilidade de vir a ser igualado, dada a sua primazia absoluta; terceira, e esta tem o sabor só comparável com o do afeto maternal-filial, é que, por morarem em uma casa com poucos quartos para tanta gente, e, não dispor-se também de dinheiro com qualquer folga, o menino fora logo acomodado na grande cama de casal da avó, a mesma que conservava desde o seu casamento, passando a compartilhar da sua companhia naquele enorme leito por muitos anos a fio. Quando atingira os seus seis ou sete anos, ganhara então, uma cama de solteiro, a tal "cama-patente", como era chamada por todos, em função da sua marca de fabricação; ganhara uma cama nova, sua, sem entretanto, ganhar também um quarto! continuaria no mesmo quarto que ocupava, junto com a avó!... como se poderia esperar, esses eram motivos, mais que suficientes, para causar uma enorme rivalidade entre os inúmeros primos e primas, considerando-se preteridos das atenções da vó...

Tinha um acuidade tremenda com os seus negócios financeiros. Brincava e brigava, com os números e com os algarismos monetários, com grande disposição; "brigava", dissemos, por levar o orçamento da casa sob o mais rígido controle (os nossos atuais ministros da Fazenda e do Planejamento teriam muito à aprender com ela!...), levando-a à administrar a receita e a despesa, com mão de ferro; cuidava de recolher, no dia do pagamento, os envelopes de todos os filhos, que trabalhavam (mesmo o casado), ainda "fechados" e providenciava pessoal-

mente, a liquidação das contas feitas no "fiado" — armazém, leiteiro, açougue, padaria, farmácia, bar, loja de tecidos e de roupas feitas, dentista —, do carnet da Sulamérica de Capitalização (uma espécie de poupança com sorteio de prêmio em dinheiro) e de várias prestações, sempre pequenas e restritas ao mínimo indispensável; do que restasse, seria devolvido aos filhos sob a forma de mesada, naturalmente bem abaixo da que esperavam ter, em mãos; "brincava", lembramo-nos bem, com o seu joguinho de bicho diário, feito após ouvidos os relatos dos " sonhos ", os seus próprios "palpites" e a estatística que fazia colecionando os papeizinhos de resultados pacientemente, alimentando-se da fé, de um belo dia, ganhar uma "bolada" na milhar seca, na centena ou no grupo, que lhe permitiria realizar alguns dos seus velhos sonhos e fazer assim, alguma extravagância maior!... inocente sonho, louvada esperança!... através deles, nutria a visão de um futuro mais risonho, mais feliz!...

Gostava de um bom vinho. Sinal da sua origem italiana, inegavelmente, mas não dispensava um copo de cerveja, ainda mais daquela preta, forte, de cheiro característico acentuado — a Caracú —, como a sua segunda bebida predileta; alegrava-se mesmo, com o vinho, mantendo sempre que possível, uma garrafa dele ao lado da cabeceira da sua grande cama, no chão, oculto no vão entre a cama e o seu grande baú de madeira, nas franjas da colcha que descia da beirada da cama até o chão; tomava-o, ou melhor, degustava-o em pequenos cálices, moderadamente, como se estivesse a tomar um "santo remédio"... e, por falar em remédio, conhecia uma infinidade deles, para todos os fins, à partir sempre de ervas — folhas, raizes, sementes, flores e talos — que, mediante fervuras, curtimentos e misturas, se transformavam em beberragens de gosto nem sempre agradável ou para esfregações e emplastrações, quase sempre com ótimos resultados... portanto, uma reclamação, de dor de barriga, acabava com um chazinho para "acalmar as bichas" (lombrigas), sem esquecermos dos "benzimentos", nos quais botava uma fé inabalável!

Seu gênio era forte, aliás, nem precisava dizer isto, considerando o seu desempenho como "chefe" de família, em uma época dura, de guerra e de miséria (sem contar os percalços da nacionalidade, naquele momento, "inimiga"...), enfim, de grandes dificuldades, enfrentando-as com altivêz, dignidade e sem esmorecimento.

Mantinha um vasto círculo de amizade, observável no grande número de visitas que recebia e fazia, para longos bate-papos alegres, divertidos e ricos em detalhes da vida (não da "alheia"!...), através dos quais, como atentos ouvintes, podíamos saborear os fatos do passado, as suas "estórias", os "causos" que ouvira contar e aqueles que "jurava" serem verídicos, apesar dos exageros que continham..., das grandes rodas de cadeiras que se faziam, logo às primeiras horas das noites quentes de verão, à beira de calçada larga fronteiriça à sua casa, reunindo as mulheres e os homens das casas vizinhas, e um bando de meninos e meninas sentado ao seu redor...

Interessante o fato este, que nos lembramos, agora, de tanto ela, como as suas amigas e companheiras, estarem durante essas ocasiões de entretenimento, sempre de mãos ocupadas, isto é, a fazerem os seus crochês, tricôs, bordados...

ah! ela tinha uma habilidade fantástica com a sua agulha de crochê!... e, findas as conversas, alguma das filhas, noras ou netos, tinha já, o seu "presentinho" garantido, na forma de uma colcha, de um centro de mesa, de uma toalha, de uma blusa ou de um vestidinho!... Reuniam o "útil ao agradável", sem dúvida alguma!

Um belo dia ela partira, para sempre... e se fora com suavidade angelical.

Um frade capuchinho, com a sua candura franciscana, emocionado pelo fato adicional de também ser um neto seu, encumbira-se de dar-lhe a despedida cristã... e falou: "tchau, nona!... a sua bênção!..." e chorou!

Assim, a nona Carolina partiu...

MEMÓRIA DA VILA — XC

Em comunidade pobre, a única coisa que não se vê, com facilidade, é a presença de médico, dentista, oculista, e advogado, pois esses profissionais não são habitualmente solicitados, não porque não se precisem de seus serviços, mas pelo fato, das pessoas que dela fazem parte, não possuirem recursos financeiros para pagá-los. Conseqüentemente, não se instalam ali, tais consultórios, e se hoje acontece isso, imagine-se então, há mais de cinquenta anos atrás. Não havia condições de se manterem, tendo de extrair, do trabalho, os seus meios de vida.

Com o progresso urbano e o florescimento da indústria e do comércio, houve uma melhoria no meio de vida e o antigo centro habitacional operário acabou por ser "empurrado" para outros pontos mais distantes, dentro daquela teoria que a população pobre acaba sendo expelida dos seus antigos locais e volta a ocupar áreas menos valorizadas no mercado imobiliário. Onde morávamos é hoje um centro comercial, com poucas residências e mesmo estas, normalmente como parte do estabelecimento comercial, como um anexo.

A nossa comunidade, a Vila Rezende, há muitas décadas atrás, não passava de um conglomerado de casas modestas, tendo entre elas, grandes espaços vazios a servirem de pastagem aos animais, ou como pomares, hortas e pequenas plantações; um típico exemplo de como as cidades surgem e crescem, invadindo o campo e expulsando o lavrador para mais além ou integrando-o na cidade, e dessa forma, o mesmo acaba não sendo nem lavrador, e nem um citadino, por um certo tempo.

Os moradores, em sua maioria, trabalhavam na incipiente indústria local — oficinas pequenas de conserto de máquinas e equipamentos para os engenhos de açúcar e de aguardente da região, de implementos agrícolas, engarrafadoras e fabricantes de refrigerantes e de aguardente, uma ou outra oficina de reparos de automóveis, fábrica de vassouras —, no pequeno comércio varejista e no meramente prestador de serviços como sapateiros, alfaiates, barbeiros, açougueiros, pedreiros; uma boa parte trabalhava mesmo nos engenhos de açúcar e nas suas lavouras de cana-de-açúcar.

Como profissionais liberais, havia bem poucos, que eu me lembre, e olhe que não sou tão velho assim, não! Seriam dois dentistas, um médico e nada mais. E como doença é coisa que nunca falta, mesmo se considerando que antigamente, parecia ser o povo mais forte e saudável, menos sujeito às tantas enfermidades de hoje, o fato é que os problemas com a saúde se resolviam à base de remédios caseiros, benzimentos e à "medicação" administradas pelos farmacêuticos, mais "práticos" da profissão, do que propriamente, farmacêuticos formados.

Na Vila Rezende, marcaram época os senhores: Cornélio, Albérico e Benedito, sendo que este, o "seu" Dito da Farmácia, teria o seu equivalente hoje, na pessoa do nosso querido "seu" Zezinho da Farmácia. Tanto um como outro, dos mencionados, prestaram relevantes serviços humanitários no mistér de suas profissões — sacerdócio, como ainda presta o "seu" Zezinho, cada qual com o seu inestimável valor comunitário.

De quem nos lembramos bem, sem dúvida, é do "seu" Benedito. Um senhor franzino, de baixa estatura, calvo, muito brincalhão e sempre de bom humor. Metido no seu "Guarda-pó" branco — assim nós aprendemos chamar essa peça do vestuário, muito comum então, que as pessoas usavam sobre as roupas, para se protegerem da poeira das estradas de terra, quando se locomoviam de uma localidade à outra, os ditos "viajantes" —, a sua figura se destacava, pela sua cor de mulato contrastante com o branco do tecido, parecendo ganhar uma maior estatura da que realmente tinha, dando-lhe uma outra imponência.

Aprendera os segredos farmacológicos, desde cedo, e se aprofundara na profissão com verdadeira abnegação sacerdotal, em pouco ou nada, se preocupar de extrair dela um meio de enriquecimento ou de projeção social, ao contrário, diria eu, mais se satisfazendo com o benefício social que podia proporcionar do que propriamente às vantagens financeiras auferidas.

Benedito Neves, logo, a sua farmácia se chamava "São Benedito". Não sabemos se o "São", era devido ao "Santo" da Igreja Católica, ou ao "santo" farmacêutico que a todos atendia com as suas miraculosas curas à todas as doenças do corpo; portanto, para simplificarmos a "estória", vamos dizer que o nome do estabelecimento era duplamente merecido, por ser uma casa de cura e de caridade cristã.

Não concorria com os médicos e não praticava a medicina ilegal, como se possa imaginar erroneamente, ao desconhecer-se a realidade da época, com tão poucos médicos na cidade e, a Vila, só vir a contar com um em passado recente. Como bom farmacêutico, manipulava as drogas com competência, fabricando remédios de acordo com formulações dadas pelos médicos nos seus receituários, bem diferentes dos atuais, pois, invés de darem o nome do remédio, especificavam as drogas, e as dosagens, a serem combinadas pelo farmacêutico; os remédios, com exceção das injeções, eram acondicionados em frascos de vidros, de variados tamanhos, conforme a quantidade receitada e levavam um rótulo manuscrito, contendo nomes do remédio, do paciente, do médico, e o modo que deveria ser administrado, além do timbre da própria farmácia. Muito mais esclarecedor, do que é informado, hoje, onde o "farmacêutico" se limita a anotar na embalagem do produto "um a cada tantas horas" ou "duas vezes ao dia" e nada mais, ficando o resto por conta das "bulas" complicadas, que mais assustam-nos do que nos esclarecem.

Com o seu Benedito, ou "Dito da Farmácia", ou ainda, o "Ditinho", como o chamavam os seus amigos mais íntimos, trabalhava o seu irmão, o "seu" Nabor, mais afeito aos trabalhos de escrituração contábil e de controle do "fiado"; um homem muito simpático e parecido fisicamente com o seu Benedito, sendo um pouco mais gordo que ele e mais novo também. O seu Nabor, desempenhava um outro papel importante no bairro, junto do Cartório de Registro Civil do sr. Mário Telles, na qualidade de Juiz de Paz, cabendo-lhe portanto, oficiar os casamentos civis que ocorrecem nesta parte da cidade.

Eu, pessoalmente, recebi desse notável farmacêutico, muitos cuidados, por viver dando topadas na rua; ele , acabou por arrancar muitas de minhas unhas quebradas, chegando uma vez a suturar uma veia cortada do meu pé, com extrema habilidade, não se fazendo necessário sequer um curativo seguinte.

O seu gosto pela bebida também se fazia notável, tornando-o um assíduo freqüentador dos bares da redondeza; apreciava igualmente, de um joguinho de cartas com os amigos. Farmácia, bebida, baralho. Uma estranha mistura, sem dúvida; no entanto, uma coisa não interferia com a outra, em termos da excelência dos seus serviços farmacêuticos e de "médico dos pobres"; tanto é, que acabou formando nas pessoas de seus aprendizes, ótimos profissionais em farmácia, dentre os quais, um tio meu, que desenvolvera, graças ao seu Dito, uma impressionante capacidade de diagnosticar qualquer doença como se um bom médico fosse.

Como ele, outras pessoas marcaram as suas passagens pela Vila Rezende, como moradoras participantes da vida comunitária do bairro, ajudando-o a crescer e a evoluir socialmente, fazendo-se merecedoras portanto, da gratidão do seu povo. São exemplos dignificantes de homens e mulheres, iguais ao seu Benedito da Farmácia, que fazem deste nosso bairro, um grande bairro.

OBS.: O nome correto da Farmácia, não é "São Benedito", e sim " São João ". Já não existe mais e o seu antigo prédio fora demolido; no local construído outro ("O Cacau"). Insistimos no "São Benedito", por ser esse, o nome mais conhecido, à época.

MEMÓRIA DA VILA — XCI

A viagem a ser empreendida fazia-se precedida de uma euforia sem conta, parecendo que o viajante se dirigiria a um outro país, distante, lá permanecendo por largo tempo. Não havia apenas entusiasmo, mas também uma boa dose de ansiedade, dando origem à continuadas perguntas sobre as horas e se de fato aquele era o dia que o avô viria buscá-lo.

Depois de tantas perguntas e de arrumar, desarrumar e arrumar as poucas roupas dispostas em uma sovada sacola de pano, feita em casa, finalmente chegara a hora da partida. Acomodado no único assento da charrete, ao lado do seu avô, um velho forte, robusto e de elevada estatura, com a cabeça emoldurada pelos seus cabelos lisos e brancos, escondidos sob um enorme chapéu de abas largas, tendo a sua sacolinha atirada no fundo do piso, mal se despede do pessoal de casa, e já vai fixando os olhos na direção que iria seguir, para chegar ao seu desejado destino — o sítio do avô.

A sua alegria estava estampada no rosto, cheio de orgulho, por cruzar as ruas do bairro e sentir a inveja dos seus amiguinhos, ao vê-lo na charrete a caminho do sítio, ao lado do seu avô.

Logo mais adiante, já estaria saindo da cidade e a longa estrada cheia de curvas, com morros, descidas e subidas, avançando através de descampados, de pastagens cercadas de arame farpado, para impedir a saída do gado bovino, de capões de mato e extensos canaviais, enchiam a cabeça do menino de um mundo cheio de fantasia e imaginava-se personagem de uma grande aventura.

— Vô, tá escutando um barulho esquisito?...

— Não, meu filho, não escuto nada de estranho... é o barulho do vento.

— Mas o vento faz esse barulho?!...

— Claro. Quando ele agita as canas, o barulho é grande... vá se acostumando com isso, que lá em casa, é assim também.

Ia observando com curiosidade, tudo que via pela frente, ainda mais quando a estrada cortava um pedaço de mato ou uma plantação de eucalíptos, feita para prover de lenha os inúmeros engenhos de aguardente e de açúcar existentes na região, tipicamente canavieira, em virtude dessas prósperas indústrias. Nessas matas, a quantidade de pássaros impressionava, saindo em bandos, à medida que ouviam os passos do animal atrelado à charrete.

— Olha um nambú!...

E a cada animalzinho que via, exclamava, admirado, chamando a atenção do vô, que, já habituado a vê-los todos os dias, em grande quantidade por ali, não se importava com eles, a não ser quando se dispunha a caçar alguns nambús e codornas para comê-los; então, tomava da sua velha espingarda e dos apetrechos e saía de madrugada, com os seus cães perdigueiros e só voltava quando o sol estava a pino, já com uma fieira dos pobres animaizinhos, não mais entretanto, do suficiente para um jantar da família naquele dia.

No meio do caminho até o sítio, situava-se um vilarejo pequeno, com casas

espaçadamente construídas, dos dois lados da única rua. Parava na única venda existente, uma espécie de bar, armazém, de loja de tecidos e de sapatos, de ferramentas de todos os tipos, que servia aos moradores do lugar e da circunvizinhança. Um entreposto entre a cidade e o sítio, servindo para refazer as provisões essenciais, ficando as compras mais sofisticadas ou completas, para serem feitas nas ocasiões que se ia à cidade.

Pararam na dita casa e aproveitaram para esticar um pouco as pernas e dar água ao animal suado pela caminhada até ali. Conhecido de todos, o avô iniciava uma animada conversa, enquanto se deliciava com um cálice de aguardente, da "pura", sua companheira de sempre no encontro com os velhos amigos e compadres do lugar. Segue-se um longo bate-papo e o garoto aproveita para inspecionar o estabelecimento. Volta animado, trazendo nas mãos, um alçapão para caçar passarinhos e pede ao avô para comprá-lo.

— Num precisa. Nós temos vários deles lá em casa. Coloque-o de volta na prateleira...

— Tá!... Recoloca-o no lugar e segue a ver as outras coisas dependuradas pelas paredes da venda, demorando-se diante daquelas que lhe chamavam mais a atenção, pela novidade, não por ser algo recém lançado na praça, mas por ser próprio para a zona rural.

Esgotada a curiosidade e tendo o avô já saciada a sua sede e os papos com os compadres, retomam o caminho de casa. Não custou muito a chegar, apesar de percorrer a outra metade da distância aparentemente em um tempo maior, é apenas uma impressão falsa, causada pela vontade de chegar ao sítio.

Uma nova festa aos olhos, a vista da velha casa grande e de tudo aquilo a sua volta, já conhecidas das outras vezes que estivera alí, de férias escolares.

Imagine só a alegria do menino, ver a avó, os tios e as tias, principalmente as que tinham quase a mesma idade dele e por isso, suas companheiras inseparáveis, nos dias que se seguiriam. Mal acabara de chegar e já estava correndo junto com as meninas, suas tias, pelos quatro cantos da casa e pelos seus arredores.

Ao entardecer a mesa já estava sendo preparada para a ceia da noite, de acordo com o costume na casa dos avós; o dia para eles, começava bem cedo, quando o galo cantava pela primeira vez, saudando o amanhecer e anunciando o início da jornada de trabalho; o café estava coado, o leite fervido e o pão feito em casa disposto em grossas fatias sobre a travessa de porcelana, deixando-o mais apetitoso pela mostra do seu miolo branco e macio, emoldurado pela casca dourada besuntada de manteiga e assada no forno à lenha da vovó; o grosso pote de manteiga feita em casa, tornava-o mais saboroso e nutritivo, uma vez generosamente lambuzado nela; assim se fazia a primeira refeição, reforçada, do dia, preparando-se para o trabalho duro na roça. Com os primeiros raios de sol, a turma toda já estava a caminho, levando sobre os ombros, os seus instrumentos de trabalho: — enxada, foice, rastelo, forca (um tridente ponteagudo e perigoso); às 9:00 horas, vinha lá de casa, o almoço, arrumadinho nas cestas de bambú trançado, coberto por um guardanapo limpo, de tecido de algodão branco e enfeitado com os bordados das moças da casa, muito bonitos; às doze horas, quando o sol se punha no zenite e exercia todo o seu ardor, era o momento de se fazer o jantar, lá na casa grande; a vovó já preparara tudo, com redobrado capricho — uma grande

polenta derramada sobre uma grossa tábua limpíssima, já meio endurecida, pronta para ser cortada com o fio de linha preso por uma das pontas na borda do tabuleiro; cada um se servia, cortando-a em fatias no tamanho do seu apetite, que não era pequeno, e assim, em pouco tempo, a grande polenta desaparecia completamente; o frango, ou melhor, os frangos, cortados em pedaços e cozidos no panelão, no molho espesso de tomates e cebolas, batatas em pedaços pequenos, se constituía na única "mistura" do dia, isto é, daquele jantar; como bebida, água fresca tirada do poço, límpida e com um gosto meio saloba, muito saudável pela sua pureza; terminada a refeição, todos voltavam ao trabalho animados e falantes, não faltando as brincadeiras e as gozações, para alegrar o grupo; quando já escurecia, era chegada a hora de voltar pra casa, esquentar a água e se tomar banho na grande tina de madeira colocada no meio do banheiro — uma saleta própria só para o banho, e que ficava ao lado da cozinha com o seu grande fogão à lenha; o jantar da cidade, ali, chamava-se ceia e todos comiam com vontade e apetite; estava terminando o dia de trabalho.

Não havia luz elétrica. Os lampiões eram acesos, para iluminar a casa, e se restringiam apenas à área da vasta sala principal. Para os demais quartos, usava-se pequenas lamparinas, com os seus pavios mergulhados no querosene, exalando o cheiro característico desse combustível, quando queimado, além do fio de fumaça preta emanada da chama que clareava pouco. Divirtíamo-nos em pretejar os dedos naquela fumaça, e quando pretos, em passá-los no rosto do outro, e rir com as manchas assim deixadas, até que recebíamos um "pega" e a ordem de irmos lavar os rostos e as mãos.

Lá fora, a noite, na sua quietude envolvente e convidativa, atraía-nos à meditação, admirando a lua e as estrelas, visíveis com muita clareza, pela escuridão da roça. O céu negro, deixava ver, nitidamente,a profusão de estrelas, mesmo nas noites de luar intenso e belo, que se derramava lá do alto e ia iluminando o chão, deixando à mostra as silhuetas das árvores, das construções e dos talhões de cana, que iam se extendendo até desaparecerem no horizonte.

Nesses momentos, ouvíamos as "estórias" dos tios mais velhos, umas alegres, outras, propositadamente, de fantasmas e assombrações, assustadoras, contadas com exagerada seriedade, para amedrontar os seus pequenos e atentos ouvintes e com isso, fazê-los ir dormir mais cedo e unidos, uns aos outros, no grande quarto das crianças.

Terminava assim, o dia, aquele dia...

MEMÓRIA DA VILA — XCII

O sítio do meu querido "nono" situava-se no bairro de Santa Elídia, nas cercanias da cidade. não muito distante, portanto, apesar de nos parecer, quando tínhamos menos de dez anos de idade, uma enorme distância, desde a nossa casa na Vila Rezende até a sua porteira, à beira da estrada de terra. Quando o nono Andoim se propunha a levar-nos consigo, explodíamos de alegria e nada poderia ser comparada a nossa felicidade.

As viagens pelas estradas, parte na estrada intermunicipal e parte nas vicinais que iam cortando as propriedades e se infiltrando nos campos cultivados, enchiam-nos de grandes emoções, por vermos saciadas as nossas inocentes curiosidades com tudo que se relacionasse com a vida campestre: as diferentes culturas (cana-de-açúcar, arroz, feijão, milho, batata, amendoim, algodão), as casas rústicas, os poços de água potável, os pastos, os animais, os pássaros e os próprios lavradores. Tudo tinha o seu encanto e o sabor da novidade, muito embora nada disso fosse-nos desconhecido em decorrência das inúmeras vezes que lá havíamos estado. Quando se é criança, a mesma coisa pode se repetir, por várias vezes sem perder o sabor da novidade e nos despertar o entusiasmo de novas descobertas. Uma peculiaridade da criança, só dela.

Nesse sítio, o meu nono possuia um engenho de açúcar batido, bastante rudimentar, como todos os engenhos da época. Consistia de um galpão construído por ele mesmo, com a ajuda dos meus tios. Os seus pilares eram feitos de grossos troncos de árvores nativas, extraídas da mata existente no próprio sítio, assim como todo o madeirame, que sustentava o seu telhado, provinha do mesmo lugar; a cana passava por um esmagamento na moendinha de três rolos de ferro fundido, acionada por um conjunto de engrenagens e um eixo fixado, verticalmente, entre mancais de bronze eternamente lambuzados de graxa-manteiga; a extremidade superior do eixo ultrapassava as luvas do mancal, indo fixar-se, por meio de parafusos, a uma grossa vigota de madeira, de secção quadrada, pesada, mantida a uma altura acima do solo de uns três metros, projetando-se paralelamente ao solo, dos dois lados do conjunto da moenda, em partes iguais; nas duas extremidades dessa vigota, desciam dois varões fortes de ferro, nos quais se atrelavam dois burros ou duas mulas que, quando postos a andar, se constituiam nos "motores" que acionariam as engrenagens e moviam a moenda. Então, era só introduzir-se a cana cortada e obter a garapa.

A garapa seguia, verde e espumante, pela canaleta de madeira até um recipiente de ferro, e dali, para um menor, feito de cobre batido a martelo — um tacho grande —, o qual assentava-se sobre uma fornalha, recebendo o fogo direto, que a aqueceria e cozeria o caldo de cana, evaporando a água e concentrando o açúcar nele contido.

O processo era demorado e consumia para produzir o fogo, todo o bagaço da cana moída (esmagada) e mais uma certa quantidade de lenha. Quando chegava no "ponto", escoava-se o líquido grosso, quente e de cor cobreada escura,

esparramando-o por dois tachos de madeira retangulares, baixos, nos quais procedia-se o "batimento" da massa de açúcar, até torná-la uma massa quase seca e solta. A "ciência", ou a "arte", no fabrico do açúcar batido, estava no "ponto" do cozimento e na "batida" continuada e rápida da massa, que se fazia com o uso de enxadas (limpas e só para esse fim, é claro!).

Adorávamos presenciar o desenrolar de todo o processo, principalmente no pé da moenda, para bebermos a gostosa garapa fresquinha e espumante nos canecões feitos com pedaços de bambú gigante e, do momento que o açúcar batido chegava nos cochos de madeira, quente, fumegante, para extraírmos longos fios de "puxa-puxa", verdadeiros caramelos moles e grudentos, extremamente deliciosos para se comer e para se lambuzar com eles!... Ah, que gostosos que eram!...

Sentíamos um prazer, enorme, em participar do trabalho, ajudando na colocação das canas na boca da moenda, de carregar nas costas as tiras de bagaço úmido e melado, indo depositá-los no monte perto da fornalha, e de ensacar o açúcar pronto, ainda morno. Só não nos permitiam acercarmo-nos, perigosamente, da moenda, da fornalha, do tacho de cozimento e, obviamente, dos cochos, na hora de intenso trabalho.

Outro prazer desfrutado ali, naquele engenho, estava em subir no monte de bagaço seco, que chegava até o teto do galpão, e ficar ali deitados por um bom tempo, à espreitar pelos buracos do telhado a bela paisagem do campo que se descortinava, verdejante, como um tapete composto de retângulos, quadrados, os leves contornos das colinas com as suas curvas de nível, os capões de mato, a grande árvore isolada e ilhada pelo canavial. Ah, como era bonito de ver dali, do alto, tudo aquilo, mergulhado em um silêncio só quebrado pelo canto dos pássaros, pelo cacarejar das galinhas ou do mugido das vacas no pasto!...

Hoje, quando me lembro do velho engenho, sinto uma saudade muito grande das boas coisas que encontrávamos sob o seu teto, tão simples, e ao mesmo tempo, tão adoráveis, como a garapa e o "puxa-puxa"!...

MEMÓRIA DA VILA XCIII

— Meu caro, está na hora de você vir pra casa!

— Desculpe-me, mas não dá para esperar-me um pouquinho mais?!

— Não, é hora já!

— Mas é só começo de mês!... o senhor sabe que eu costumo "cumprir" o mês!

— Eu sei... mas está na hora...

— Senhor, eu precisava "cumprir" o mês!... eu, logo eu, que nunca deixei de cumprir um mês, em todas as minhas obrigações, meus compromissos... minhas contas todas... é!... precisaria cumprir mais este!

— Você não toma jeito, mesmo! Tá sempre me comovendo!... lembra a sua vida, lá na Vila?!... lembra?!

— Se me lembro! Como poderia esquecê-la?... a sorveteria, ah! os sorvetes, de massa e de palito!... ah! a minha Vila!

— A "nossa" Vila!... ou você se esquece de quem sou Eu?!

— Não, não! absolutamente!... mas, como é gostoso poder dizer "a minha Vila"!...

— Bem, a conversa está boa, mas é hora de você ir comigo!

— Deixa-me "cumprir" o mês!?!... só este mês!

— Olha... vamos fazer um "negócio"!... nem pra mim, nem pra você! vamos rachar no meio! Dia quinze, tá!?

— Tá!... num é bem o que eu gostaria, mais acho justo! Dia quinze, então.

E o dia quinze chegara.

E com ele, levara o bom homem.

Chovia, mansamente. Chuva persistente e as gotas dágua eram frias, trazidas pelo vento... batiam de encontro aos rostos, fazendo-os sérios, ainda mais sérios do que é normal, em tais circunstâncias... como poderiam mostrarem-se alegres?... claro que não! A própria chuva, embora sendo de Verão, não emprestava a alegria que, costumeiramente, trazia consigo... o céu estava cinzento, com o seu grande farol ocultado pelas grossas nuvens carregadas de vapores dágua... céu cinzento, da cor da dor...

Dor?

Mas como, se ele já havia sentido-a, há pouco, e não só uma vez, não!

Mas ele era forte, muito forte. Um golpe só, não o nocautearia, não! Afinal, era um "italiano", e tinha vivido na Vila! Só isso o faria da têmpera do mais duro aço... ou não?... dizem que o bom aço é aquele que agüenta as mais fortes pancadas, ou seja, os mais duros golpes de outro duro aço... e contra ele, duros golpes foram desferidos, sentidamente.

Encorpara-se.

Tomara forma.

Estava temperado.

Dia quinze de janeiro de 1989. Nesse dia, cedinho, ele partiu, de volta à

casa do Pai... à tardezinha, chovia copiosamente como se lá do alto, sentidas lágrimas estivessem sendo derramadas...

Bar e sorveteria... casa de artigos para casa... cacarecos comuns, trens de cozinha... depois, artigos mais finos, brinquedos e cristais importados, utilidades domésticas e para presentes... a "coqueluche" da Vila! e logo ali, na virada do bonde, final da Rui Barbosa e início da dona Conceição... ficavam a Casa Cardinalli e o Bar e Sorveteria do "seu" Gustinho (Augusto) e da dona Ida Cardinalli... respectivamente, a melhor casa de presentes e o melhor sorvete da cidade toda!...

MEMÓRIA DA VILA — XCIV

Chapéus.

Usava-se o chapéu, naqueles tempos, assim como os bonés e os lenços à cabeça, as mulheres, é claro... os homens usavam-nos, habitualmente.

Sol, chuva, neblina, sereno... os homens estavam mais tempo submetidos às interpéries do que hoje, não há dúvida, e isso os fazia usar o chapéu ou outra cobertura qualquer, capaz de proteger-lhes a cabeça. Camisa, de manga longa, também eram comuns... ainda hoje observamô-las nos hábitos dos "bóias frias" da região... é a sua proteção à incidência maléfica dos raios do sol, grande causador do câncer de pele... o homem protegia-se sem saber que os raios do sol eram os causadores dessa terrível enfermidade, mais uma prova da imensa sabedoria do homem do campo, apesar da sua simplicidade e da sua falta de educação.

E o pessoal da Vila usava chapéu...

— Vô, dexa pegá o seu chapéu?

— Pode, pode...

— Oba! oba!...

E nós nos encantávamos com o enorme chapéu de feltro, de abas largas, que, uma vez na nossa cabeça, encobría-nos os olhos e as orelhas e não deixava ver nada, a não ser, a "cara" da felicidade!...

— Eh, Eh, Eh... vô comprá um chapéu pro ocê!... Eh, Eh, Eh...

— Zé! (José Bertini)... me vê um chapéu pro menino! ... Prada, viu!... Devia ser da famosa marca "Prada", fabricado aqui próximo, em Limeira... e ponha na minha conta!

— Ocê que manda, "seu" Andoim!.

O bonde, naquele tempo, parava a cada cem metros, ou seja, na esquina de cada quarteirão, quando havia passageiros para desembarcar ou embarcar... e para parar, puxava-se o cordão da sineta. Nós, meninos malandros, costumávamos viajar na cozinha, isto é, no final do bonde, junto com o fiscal e o cobrador (quando este não estava no seu mistér)... então, quando os dois diligentes funcionários não estavam prestando atenção, nós segurávamos o cordão, não deixando a sineta tocar... conseqüentemente, o motorneiro não recebia o sinal para parar e o furioso (a) passageiro (a) tinha que caminhar um pouco mais!...

— Muleques safados! Vô contar pras suas mães!

Muito bem. As paradas do bonde obedeciam um critério e uma determinação lógica, de acordo com as condições da época. Era válido, e aceito, por todos os cidadãos do bairro.

Pois bem. O "seu" Ernesto Papini, quase não saía de seu bar e restaurante e, conseqüentemente, da Vila. Mas, pelo menos uma vez por mês, deveria ir à cidade e cumprir com os seus compromissos — pagar impostos, contas bancárias etc. —; para essas "ocasiões", punha-se no seu melhor terno (o único talvez?!)... calça, camisa, paletó, colete, gravata e chapéu "côco"... e ia apanhar o bonde... na

esquina?!... não! para ele, o bonde parava defronte a sua casa — no meio do quarteirão!... na ída e na volta. Tamanha deferência, nem o prefeito recebia... claro, "seu" Ernesto Papini, era apenas um!...

— Gigetta! me faça uma lingüiça de lombo de porco! Como de sempre, tá!?

— Sim, senhor!... tava boa a úrtima?!

— Si, si, si, táva!... nem exprimentei! acabaram com ela antes de eu poder experimentar um pedacinho!... Eh, Eh, Eh...

— Eh, Eh, Eh... vô fazê um pouco mais, desta veiz!

O "seu" Mário Dedini, só comia lingüiça, de lombo de porco, feita pelas mãos mágicas da dona Gigetta... e quem era bôbo?!

Então, dá para compreender-se o porquê do bonde parar, exclusivamente, diante da casa do "seu" Ernesto, para apanhá-lo ou para desembarcá-lo?... Respeito, veneração, diante de uma figura ímpar e, acima de tudo, humana, extremamente humana.

"Seu" Ernesto e "dona" Gigetta. Um monumento deveria ser-lhes eregido no coração da "Vila"... em reconhecimento aos seus magníficos exemplos de civilidade, de humanidade e de amizade... está lançada a proposta... pode situá-lo,ao lado do outro, do seu grande amigo: Mário Dedini, lá na praça da Imaculada...

MEMÓRIA DA VILA — XCV

Uma grande "famiglia"!

Assim se consideravam os empregadores (patrões) e os empregados (operários) do nosso bairro, principalmente no caso do "seu" Mário Dedini — da oficina Dedini —, ao qual mais nos referimos em decorrência da nossa vinculação profissional "familiar" ao grupo de empresas, que da antiga "oficina", tivera origem.

Encontramos, com a família do "seu" Pedro Segato, algumas fotografias que ilustram esta nossa afirmativa, como por exemplo, a do almoço de confraternização oferecido pelo "seu" Mário. Pelo aspecto do local, deveria ter sido no Papini, na cancha de bocce... Veja-se a macarronada, o "palastro", os assados, as travessas de arroz e farofa, não faltando as bebidas... cerveja, gengibirra, cotubaina e... felicidade!... mais adiante, uma outra foto, de muitos anos depois, mostrando a homenagem aos "Pioneiros das Oficinas Dedini", uma grande festa especialmente instituida para enaltecer os funcionários que atingiam vinte e cinco anos, trinta, trinta e cinco, e mais anos de serviços prestados exclusivamente às oficinas Dedini... jantar festivo, medalhas e relógios de ouro e, mais um cheque como prêmio...

Hoje, são poucas as empresas que ainda fazem esse tipo de confraternização e de homenagem aos seus colaboradores... é o progresso!... é o avanço social... ah!

— Tamém, como ocê qué que se faça um armoço daqueles?!... num tem mais o Papini!

— É... ocê tem razão!

Mas, recordar, é bão!

E como é bom ver aquela fotografia da casa do "seu" Pedro Segato, com ele e as filhas Téia e Zinha, lá no terraço e, aquela outra, anos depois, com as filhas e os netos todos...

Vamos seguindo na trilha da recordação e, de foto em foto, reativando a memória, garimpando no passado, ainda não muito distante; infelizmente, há também, muito entulho acumulado, inútil, mas, como todos nós estamos cansados de saber, eles existem em todo lugar, e ainda bem que outros "garimpeiros" se juntam a nós e vão nos dando valiosas "mãozinhas", como também, alguns puxões de orelhas pelas pedras, sem nenhum valor, que juntamos equivocadamente...

Quem sabe se ainda não acabamos com uma valiosa "gema" nas nossas mãos?...

MEMÓRIA DA VILA — XCVI

Naquela parte da cidade, pelo menos, poder-se-ia dizer que todos se conheciam bem, desde há muito tempo e assim, cada um sabia com o que poderia contar da parte do outro, tanto em matéria de serviços como de amizade. Havia, por conseguinte, uma interdependência entre as pessoas que ultrapassava os limites do interesse comercial e adentrava no terreno do sentimento humano mais puro, que é o da amizade, coisa que hoje, lamentavelmente ocorre o contrário, ou seja, quando se menciona a palavra "negócio" desaparece o laço da amizade.

"Negócio, negócio; amizade, à parte!... " Triste mudança operada, em troca por aquilo que se denomina de "progresso".

O comerciante buscava enxergar, lá no fim da avenida, um sinal do carroceiro de aluguel, que deveria trazer-lhe a encomenda vinda de São Paulo, pela Estrada de Ferro da Companhia Paulista. Olha, de espaço a espaço, à porta da rua, orientando-se pelo avanço dos ponteiros do relógio fixado na parede do estabelecimento. Está inquieto, pois precisa daquela mercadoria toda, para atender os seus fregueses.

Eis que chega o dito cujo, surpreendendo o negociante, por surgir ele pelo lado oposto da rua, fora portanto, do seu itinerário habitual.

— Boa tarde, moçada!... tá brabo o sór!... tem aí uma água fresca?!...

— Puxa!... pensei que ocê num vinha mais!...

— É que a danada da mula, com esse sór, num há meio de andá!... coitada!... mais cheguei! num cheguei?!...

É! "seu" João Eva, um velho gordo, com proeminente barriga que teima aparecer, ao fazer a camisa saltar para fora das calças, com um largo sorriso naquela sua cara redonda, de maçãs salientes e rosadas, que se lhe destacam ainda mais quando o sol é forte e intenso; de pequena estatura, o corpo gordo dá-lhe uma graça especial, principalmente vendo-se a sua calça, presa por uma cinta larga, de couro, sempre abaixo do ponto que o seu dono desejava que estivesse; não adiantava nada, o seu esforço em mantê-la arrumada — a barriga, irreverentemente, se mantém à mostra —, que, depois de algum tempo, desiste e deixa-a à vontade; a sua carroça de aluguel parece que faz parte integrante do seu corpo, tal a familiaridade que se estabelece entre ela e o seu dono, sem contarmos com o carinho que dedica ao seu animal, a velha égua pangaré, cuja idade ninguém sabe precisar, mas certamente, deveria equiparar-se a dele; chamava-a de "Eva", não sei se por brincadeira, ou por um traço filosófico, seu...

Entregues as mercadorias, a sua próxima parada seria no bar do Papini ou da dona Mariquinha, por sinal, esposa de um primo meu, e, interessante, também de nome Ernesto, igual ao "seu" Papini; ambos os bares situavam-se quase na mesma direção, um do outro, separados pela avenida Rui Barbosa; era só atravessar a rua, em ligeira diagonal. Alí, ora em um, ora no outro, os amigos se encontravam para a imprescindível cervejinha bem gelada, servida em copos de vidro fino e impecavelmente limpos e trocados a cada rodada, com religiosi-

dade franciscana; disso não descuidavam, tanto os donos dos ditos bares, como os exigentes apreciadores da boa cerveja.

Diariamente reuniam-se alí, os amigos inseparáveis, para os longos bate-papos, na mais democrática reunião que se poderia imaginar; veríamos em torno da mesa, o nosso carroceiro de aluguel, o dono da sapataria, o construtor e empreiteiro de obras, o farmacêutico, o alfaiate, o industrial, o empregado da oficina, o mecânico de automóveis, o vassoureiro, o coletor de impostos, o agente do correio, o açougueiro, o dentista, o usineiro, o fabricante e engarrafador de pinga, o dono do armazém de secos e molhados e outros mais... evidentemente, não todos, de uma só vez, pois o bar não seria grande o suficiente para contê-los todos, mas, todos eles lá compareciam, compartilhando da companhia daqueles que lá estivessem, sem constrangimento de quaisquer espécie.

— Quer vender a égua, João?!...

— Posso vendê quarqué coisa, menos a égua!...

— Então vamo tomá uma cerveja!...

— Isso, sim!... — E lá iam eles, felizes, fazendo da "cervejinha" apenas um pretexto para alimentarem horas de conversa, tão natural quando as pessoas cultivam sinceras amizades... tão escassas já, nos dias de hoje!...

MEMÓRIA DA VILA — XCVII

Quando eu falei sobre os inveterados fumantes de "paieiros", não mencionei o detalhe de que eles, quando fumavam, tinham o costume de colocar os seus cigarros de palha, acesos ou apagados, nas orelhas... isso mesmo: prendia-os no vão da orelha... entre a delicada "orelha" e os cabelos! Um absurdo, porém, verdadeiro.

— Ui, ai, ui, ai... "maldito" cigarro!... mi queimô a orêia!

— Ah, Ah, Ah... tamém, ocê é burro!

— Burro é a "fiaduncórno" da sua...! !...

— Qui ocê falô?! repita!

— Descurpe!

— Hã!

— Mais cadê o "fórfe"?!

Hábito.

Não havia como deixá-lo. Fazia-se o cigarrinho com tanta "devoção", que atirá-lo fora ou depositá-lo em um cinzeiro não estava em cogitação... então, o negócio era guardá-lo no "vão da orêia", mesmo... mesmo que a queimasse.

— Rissieri, qui é isso na orêia?!

— Queimei!

— Eh, Eh, Eh...

— E ocê, porquê tá cum um remendo na camisa?!

— Queimei!

— Eh, Eh, Eh...

Uma ocasião, não sei precisar quando, surgira na praça, os pacotinhos de palha para os "paieiros"... foi um sucesso, no princípio, mas logo depois, só se prestavam ao consumo dos menos "ardorosos" apreciadores do fumo de palha... deixavam de lado um a parte do ritual sagrado: a escolha da palha, o seu amaciar ao fio de canivete, o corte e... o prazer de levar no bolso trazeiro da calça, uma espiga de milho, ou melhor, da palha de uma espiga de milho... caipira?! E dai?!

— Sô de Pêracicába!... i da Vila!...

MEMÓRIA DA VILA — XCVIII

Ao reformarem o Mirante, construíram no local, à beira do rio, quase adentrando no coração do salto famoso e belo, um magnífico restaurante. Uma construção arrojada, para a época. Uma afronta, uma agressão à Natureza, diriam os "ecologistas" de hoje.

No entanto, localizaram um ótimo restaurante, no principal ponto do sagrado mirante. Um grupo de cidadãos Srs. Antônio Benitz, Antônio Fernandes, dentre outros —, adquirira o direito de exporá-lo por concorrência pública e soubera muito bem fazê-lo, sem "agredir" o ambiente. Muito pelo contrário, disto estamos certos, se não existisse ali, o restaurante famoso, o local estaria relegado ao mais completo abandono e definitivamente perdido, tal o pouco caso com que são tratados os verdadeiros patrimônios da nossa comunidade.

Duvida? Vá ver pessoalmente o local! Há cinquenta anos atrás, aquilo era uma maravilha! E hoje? Um lixo!

Ah! homens públicos! Se eu publicasse o que pensam os nossos conterrâneos a seus respeitos, veriam que são mesmo "públicos"!... e as senhoras, suas mães, não merecem isso!

— O quê vai?
— Peixe na brasa!
— E o senhor?
— Brasa no peixe!
— ?!
— Ponha uma pimentinha no bicho, tá?!
— Ah! pode deixar!
— E dois chopinhos!...
— Tá anotado!

Hoje, o Carlinhos, o Agostinho e o Vado... todos Benitz, encarregam-se de manter a tradição de seu pai... o querido Toninho! Êta japonesada danada!

— Japonêis?!
— Num é?!
— Só minha mãe!... meu pai?... não!
— Vá, vá, vá!...
— Outro chopp?!
—... e a conta!
— O Carlo já pagô!
— Gustinho, Gustinho!... num venho mais aqui!...
— Eh, Eh, Eh...

Não há nada comparável a nossa Vila. Um dia desses, estava na companhia do nosso bispo, Dom Eduardo Koaik, na casa do Mons. Jorge. Ele, ali sentado, degustando uma saborosa pinga cum limão, perguntava-me sobre a Vila... e ao lado, o nosso amigo Leonil Bertoncello... dentre as tantas coisas que falamos veio a questão da autonomia da Vila.

— Queriam então mudar o nome da Vila?
— Sim. Queriam chamá-la de "cidade" Rezende.
— E ainda falam nisso, arremata o Leonil.
— Uma idiotice!
— Tamém acho!
— Quê?!?... nem morto!... é o padre Jorge, que intervém!
— É isso aí, senhor bispo!... digo eu. — Uma idiotice sem tamanho!
— Eu "briguei" e continuarei brigando! completa o Padre Jorge!...
— Vila... vila; vila... que coisa linda!... É o senhor bispo que se deixa levar pela bucolidade da doce palavra... Vila, vila, vila!...
— Ah! minha vila!...
Como és doce...
suave, cheia de encanto!
Igual?
Não há!
Só há uma Vila...
você!

MEMÓRIA DA VILA — XCIX

Por muitas vezes, saimos juntos, só nós dois, para visitar alguns amigos passarinheiros e aproveitávamos para comprar alpiste, painço, quirera fina, ração e também, passarinhos; esses a gente comprava e trazia ocultos, camuflados, para não levarmos uma "bronca" da minha esposa e sua filha... um esforço inútil, pois ela logo descobria a nossa trama toda.

— Outro passarinho?! Ocêis, hein!?

— É só um!...

— Mais um, né!

Em pouco tempo, a casa se enchera de gaiolas e de alegres cantos... começavam de madrugada e só paravam quando já era noite; mesmo à noite, havia aqueles que só se calavam estando na mais absoluta escuridão.

— Seu Leandro, viu esse papacapim?

— Vi... é bão, sô!... é o melhor deles.

— É aquele que o senhor me deu!

— Aquele?!... num falei pro ocê que ele ia dá bão?!... eu num erro, mesmo!...

Não errava, não. Quando batia o olho em um passarinho, sabia logo se ele era bom ou não, principalmente se não estava "afinado".

— Separa aquele canarinho pardo, fino! Vamo levá ele!... e o bicho acabava ficando bão pra burro.

Íamos freqüentemente, nas casas de pássaros só para vermos o que elas dispunham de novidade. Ele adorava fazer isso, só pelo prazer de rever os velhos amigos; era também, o seu meio, o ambiente que vivera quase toda a sua vida. Mas, em determinado momento, viu-se em dificuldades e resolvera então, ouvir a opinião da sua esposa e as de seus filhos solteiros, sobre a situação enfrentada.

— Vamos nos mudar... vamos pra São Paulo... lá há mais trabalho, maiores oportunidades... e quem sabe se não será a nossa sorte?!...; foram morar naquela infernal metrópole, tão diferente daqui, uma cidade pacata, provinciana, onde todos se conhecem. Deixava pra trás, um mundo de coisas que lhe eram caras, que o fazia feliz — coisas simples, como por exemplo, os seus passarinhos, as suas galinhas, as suas rodas de amigos —, e, evidentemente, os seus maiores bens terrenos: uma parte dos seus filhos, todos os seus netos, e, os seus irmãos.

Enfrentou um novo serviço, em um ambiente totalmente hostil aos seus velhos hábitos e costumes, próprio de uma cidade grande, com aqueles milhões de habitantes e um trânsito maluco.

Um, dois... cinco anos se "arrastaram", penosamente, até que um belo dia, um dia realmente belo, pôde voltar de vez à sua querida terra e à sua família... ah! que alegria imensa, imensa!

Enfim, estava feliz.

Casinha pequena, à beira do campo, pois, mais alguns metros adiante, o campo recomeçava... nova horta, novo galinheiro, uma pocilga... até poço dágua

tinha lá!... cerca de bambu, misturada com arbustos à formar uma cerca viva... flores, no chão e nos vasos, nos muitos vasos feitos de latas de óleo vazias, de barro barato, de caixas de acumuladores (baterias) de carros inutilizadas... flores, muitas flores. E as gaiolas e o grande viveiro?! Reapareceram, então, mais vistosas, mais numerosas e o recanto se reencheu de encanto e de cantos... tal qual era o seu gosto e prazer.

— Vô, vô!... que passarinho é esse de cabeça vermelha e corpo cinza e peito branco?

— Um "galo-de-campina"...

— Canta?

— Si canta!

— E aquele ali?!

— Um "trinca-ferro"!

— Tamém canta?!

— Puxa vida, si canta!... vamo arranca um pé de mandioca pra sua mãe!...

— Mandioca? Tem aqui?

— Eh, Eh, Eh...

Por muitos anos ainda, viveria naquele lugar; mudar-se-ia, tempo depois, para outro bairro da Vila... as dificuldades da vida nunca deixaria de perseguí-los, a ele e a sua esposa; ambos continuariam dando duro na vida, lutando com dificuldades, sem conhecerem os prazeres de uma situação de folga financeira, de uma casa novamente de suas propriedades e de poderem contar com a tranqüilidade que todos os casais aspiram desfrutar, no final de suas vidas...

MEMÓRIA DA VILA — C

Izidoro Lopes. Há quase quarenta e cinco anos, esse moço está na Vila. Passara por-lá e se enfeitiçara por uma das moças mais bonitas... e não é que o danado do "espanhorzinho' conquistou-a?!? provava a tradição de seus antepassados — os conquistadores espanhóis...

Namorou a Téia... Segatto, por cinco anos e casou-se com ela... "maledeto" de espanhór!... isso diziamos nós, os meninos do bairro, com inveja pela sua "conquista" de uma das mais bonitas moças do bairro... no entanto, inofensivas invejas, por não passarmos, naquela época, de méras crianças!

Participante ativo das iniciativas da comunidade, o amigo Izidoro viria mais tarde, não só ganhar a nossa simpatia, mas também, compartilhar da sua amizade para conosco... e dar-nos a oportunidade de comprovarmos o quanto amigo ele nos é!... e, de ser realmente, um vilarezendino autêntico... e, como "espanhór" que é, quem pode com ele?!

E é também, um "garimpeiro" do passado. Com ele, vamos revolvendo o entulho que está à destruir o passado... uma pá, faz pouco, mas duas ou mais, são capazes de desmontar verdadeiras montanhas...

— Pierim! ocê tá lembrado do Bellini?... o corchoeiro?!... e das festas de fim de ano?!...

— Izidoro, onde tá o "ólio"?!

— O "azeite", né?!

— É, é isso mesmo!

— Tá aqui... é de oliva, puro, espanhór!... Eh, Eh, Eh... uma xicra pro ocê e uma pra mim!... Eh, Eh, Eh... podemos beber pra burro! Eh, Eh, Eh...

— Uma pra mim, outra pro ocê.

Estavam prontos para a verdadeira "maratona" que iriam empreender pelas casas do bairro, naquela noite de Natal e que iria repetir-se, mais acentuadamente, na noite de Ano Novo.

A festa começava em cada casa, com todos os familiares reunidos... e a partir de cada uma, a série de visitas. Mesa farta... comida, bebida, sobremesas, presentes... amizades, muita amizade.

Os melhores licores e conhaques, vinhos europeus, nozes, castanhas, avelãs, uvas passas, bolos, pudins, Whiskies das melhores marcas escocesas, copos de cristal, pratos de porcelana européia... cervejas, gengibirras, cotubainas, "pinga-cum-limão", vinho tinto de São Roque, Valinhos, Rio Grande do Sur... e também, Groselha e bolo de fubá... carne, carne de frango, de porco, de vaca, de cabrito, de leitoa, de peixe... é noite de Natal, é noite de Ano Bom!... ah! que bom!

— Américo, num güento mais!

— Güenta, sim! ô "espanhór" de merda!

— Merda é ocê, ô "italiano" fajuto!

— O quê?!

— Tô brincando!

— Ah!

A visita ia primeiro à casa do Wardomiro Perissinotto, depois, pela ordem, às casas de Pedro Segatto, Américo Perissinotto,... Bellini,... Alleoni, Antoninho, Luizinho Paulino, Lázaro Pinto Sampaio, João Coletto, Albérico Sampaio, Manéco Diniz, Antônio Schievano, Mário dos Santos, Berto Barbeiro Fonseca, Ernesto Caldari, João Brógio, Alberto e Jota Carraro, Ângelo Mascarim, José e Romano Bertini, Ernesto Papini, Carolina Caldari, Silvio Zillo, Francisco Mazzonetto e... Wandomiro Perissinotto... e Américo Perissinotto...

— Que hora é, agora?

— Seis horas...

— Já?!

— Quer um "sonrizar"?!

— Café!

— Eu vô acabá com essa cerveja!

— Me dá um copo!

— Eh, Eh, Eh...

MEMÓRIA DA VILA — CI

De quantas coisas deixamos para trás, por não podermos levá-las todas conosco?

Ficam dispersadas pelo caminho, atiradas ou simplesmente caídas, como aquelas pequeninas que nos parecem ser de nenhuma importância e por serem insignificantes, as ignoramos; ficam pelo caminho, abandonadas, desprezadas... até que, um belo dia, nos damos conta de que não eram assim tão desprezíveis, e sim, muito importantes e valiosas. Então, vamos revolver o passado, à busca das pequenas coisas que deixamos de lado, em alguma parte do nosso passado. Mas onde?

— O quê ocê tá procurando?

— Umas coisinhas!

— Onde você as perdeu?!

— Se soubesse, não estariam perdidas, não é?

— É!... Eh, Eh, Eh...

Então, busco reviver aquelas coisas que ele fazia, corriqueiramente, todos os dias do ano, anos após anos, ali, bem ali, junto de nós e para nós. E nós, tolamente, não nos dávamos conta disso... coisa corriqueira...

— Vô tratá os passarinhos... é essa a comida da cachorrinha?... que sapato ocê qué qui eu engraxe?!... dáqui qui eu conserto pro ocê!... vô lavá a Frai... comprô o arpiste?!... "Manjare, manjare!..." E não parava nunca.

— O senhor quer dar uma vórta?!

— Num vai incomodá ocê?!

— Ô, meu!...

— Tô perguntando, né!

— Ô véio!... vamo lá!

E ele ria, daquela sua maneira peculiar... pondo a mão à boca, ocultando-a. E ria. Às vezes, baixava a cabeça, em um gesto típico do nosso caipira... quiá, quiá, quiá!... quiá, quiá, quiá!...

— Ô, vô! conta aquela "estória"...!

— Aquela?!... Camila, Camila, "escuita" essa; Pedrinho... Júnior, ô Júnior!... Mariana, Juliana; Crís! ô Crís!... Ah! Cadê a Adriana e a Verinha?!?... Cida! Cida!...

Quantas conversas tivemos nós! Ali na calçada... ali, no nosso carrinho velho, barulhento...ali, ali, ali... onde?!

— ... uma veiz, eu tava...

E a sua filha. a Cidinha, interrompia-o:

— Pai, Pai!... ocê já contou isso um "mião" de veiz, Pai!... ocê tá ficando caduco!

— Caduco, eu?!? É verdade! E eu nunca contei isso antes! Ocê que tá caduca!... Eu, heim?!

— Conta, conta, vá vô!

— ... e como tava dizendo:... eu tava...

— Vô!... eu "pintei ocê"!

— Pintou? E onde tá o que ocê pintou?

— Tá lá!... Dias mais tarde, descobrimos que a Camila pintara, com canetas coloridas, a pequena estátua de um velho caipira... uma réplica autêntica do querido vovô. Se tivesse sido "encomendada", provavelmente não teria saído tão parecida com ele. Riu ele e rimos nós... da figura do vovô pintado.

Leandro Everaldo. Aos setenta e oito anos, mantinha a jovialidade de um menino. E nessa "flor da idade", resolveu nos deixar... desolados! Ah! "seu" Leandro, "seu" Leandro!

— Vô engraxá os seus sapatos!

— Dexe qui eu engraxo!

— Mais ocê num sabe!

— Eu?!?

—Ocê vai sujá as mãos!...

Limpava o quintal, juntava o lixo... arrumava a cozinha... lavava as suas roupas... limpava a sua casa... arrumava a cozinha, quando via a sua querida Cidinha atarefada demais...

E, Sorria...

Amava a vida.

Amava os filhos, os netos, as noras, os genros... e os seus amigos.

Amigos?

Tinha-os em abundância.

Todos eram amigos dele.

Doutores... padres... professores... católicos... protestantes... brancos, pretos, amarelos, pardos?! não havia cor de pele a diferenciar um amigo de outro amigo...

— Tô cum papacapim bárbaro!

— Mió qui o meu?! Nunca!

— Vá, vá, vá!

— Aposto cô ocê!

E ele nos deixou!... e a saudade nos toca, sentidamente...

MEMÓRIA DA VILA — CII

Colchoeiro.

Fazer colchões de capim favorita, quando ainda nem se falava de colchões de molas, hoje tão corriqueiros e já ultrapassados, por se falar de camas com colchões d'água, colchões de esferas ortopédicas e de tantas outras novidades da era espacial, era uma atividade muito útil e dava para sustentar uma família.

Família Bellini. Quem não se lembra dos Bellini, aquela notável família que morava na esquina da dona Francisca com a dr. Eulálio (hoje Mons. Jerônymo Gallo)?... uma velha casa, ou melhor, um velho casarão, com portas altas de madeira e janelas grandes, todas rentes à calçada; podia-se ver o interior da casa, sem dificuldade, pelo simples fato de estarem sempre escancaradas, aliás, como as de qualquer casa do bairro... não tinham nada à esconder ou à temer; só a chuva, o vento forte, o frio, o sol quente...

Chovia torrencialmente e a rua de terra se transformava em um grande lamaçal, para a alegria do bando de meninos que estavam jogando a sua habitual partida de futebol, com bola de pano... gozado, alí não havia dois times, com onze cada lado... havia um bando dividido em duas partes iguais, sem limitação quanto ao número de oponentes que resultasse dessa divisão.

— Eu jogo deste lado!

— Eu fico com este!

— Escolho o Tuna!...

— Eu, o Bertinho!...

— ... Jaime ...

— ... Napeva ... e lá se seguia a "escalação" do restante, ficando por últimos, os piores ou os mais desastrados no trato com a improvisada bola de pano...

— Ei! i eu?!

— Ocê?!... vá, vá, vá! fique de quarqué lado!... ôce num é de nada!

Em semelhantes situações, o jogo nunca acabava como normalmente deveria, isto é, com um ganhador... os moleques enlameados eram tirados da chuva mediante os berros das suas mães, "locas" da vida com a sujeira dos seus filhos.

O "seu" Antônio (Bardraque) era colchoeiro e a dona Pina (Josefina) a sua esposa.

Capim seco, posto à secar esparramado pelo calçada, bem escolhido, limpo... pano grosso e resistente, agulha e linha e muita paciência... trabalho demorado e cansativo; dinheiro?... curto!... mas, em compensação, um grande números de filhos. De todos eles, os mais lembrados por mim são: Darcy, Odete, Neno e o (José) Iê-Iê, além da Teresinha.

Darcy — o "Xim" — trabalhava na garagem da Oficina Dedini, como mecânico e motorista, ao lado do seu primo, o Aristides Bellini; fora um "craque" no futebol, por muitos anos, defendendo a camisa do "timaço" do Atlético — sua grande paixão...

Neno e Iê-Iê... nossos companheiros de todos os dias; um pouco mais velhos do que nós, mas isso não os impediam de compartilhar das nossas estrepulias pelas ruas e linhas de trens, de dia e de noite...

... Odete ou Déte... moça já, dedicava-se muito às atividades religiosas da nossa Igreja Matriz, como filha de Maria e catequista, seguindo os passos das donas Rosa Maniero e Carmem e Bêne dos Santos; aprendera como aplicar injeções, e desde então, assumira uma outra sacerdotal missão — adicional, é claro —, na sua vida de amor ao próximo... a sua "cruz" seria pesada, demasiadamente pesada, principalmente, ao ver-se o tamanho da cruz e a sua figura de mulher franzina, de estatura mediana, delicada... e aí então compreendemos como Deus é realmente o Senhor de todos nós e sábio — dá-nos as tarefas pesadas e também, as forças necessárias para bem executá-las —, se procurarmos compreender a razão daquelas funções que a Déte desempenhava na nossa comunidade.

Um a um, aqueles jovens, por uma enfermidade hereditária, iam ficando paralíticos e definhando, pouco a pouco, pela perda dos movimentos e até da fala... uma dolorosa existência, teriam cada um deles, de atravessar... para nós, os seus amigos e companheiros de folias, foram os primeiros exemplos da triste condição de um ser humano sofredor, e, da ocorrência da morte como parte integrante da vida humana.

Um a um, fomos vendo-os partir...

A Déte, pela sua devotada dedicação, foi um exemplo marcante do amor fraternal, da caridade cristã, da abnegação, da abdicação... tanto àqueles seus irmãos queridos, como às pessoas enfêrmas que careciam de injeções, e por estarem presas aos seus leitos, não podiam ir até às farmácias, só lhes restando recorrer aos préstimos da bondosa moça. E lá ia ela, a qualquer hora do dia ou da noite, como mensageira da caridade e da fé cristã...

JANEIRO/1989

MEMÓRIA DA VILA — CIII

Hoje, dia 23 de janeiro de 1989, a madrugada durou o dia todo... não despontara o sol, este sol ardente de verão, não... o dia prosseguira cinzento, com chuva miúda, com o mormaço incomodante que aquece quando a chuva de Verão pára e o céu continua todo encoberto... um dia triste. Amanhecera e anoitecera do mesmo jeito: sem sol e sem alegria. Os passarinhos não deram os seus habituais gorjeios e tão pouco os beija-flores e as borboletas foram enfeitar os jardins... fui apanhar algumas rosas, no jardim... nem elas se abriram hoje! e as que amanheceram, estavam todas despetaladas, batidas pela chuva persistente...não colhi uma rosa sequer... e eu queria oferecer-lhe uma rosa, daquele jardim.

Mas havia uma razão para o dia estar assim. Uma razão muito, muito forte.

Os passarinhos, os meus queridos amiguinhos, estavam emudecidos nas "nossas" gaiolas... até o papagaio, o barulhento "nacionalista" de casa, se calara por completo; não abrira o bico, nem para protestar pela falta de comida... silenciara-se, voluntariamente... e os nossos dois cãezinhos?... quietos... tristes... sem fazer-nos as suas "festas" costumeiras...

Lágrimas.

Do céu e do coração.

Copiosas lágrimas.

Começaram, de madrugada e não cessaram, com o entardecer... e certamente, não cessarão jamais!

O amigo partiu...

E mais uma vez, eu não me despedi dele! Pode?! Parece-me que esse fato, é uma constante na minha vida... não me despeço dos amigos queridos, dos meus mais queridos amigos... Como pode, isso?!

E eu, só queria um "dedinho" de prosa!

— Oi, meu velho!

— Oi, bicho!

— Tudo bão?!

— Bão mesmo! Tá mai-do-que-bão!

— Qui hora é?!

— Quatro e meia... tá chovendo?

— Tá!

— Intão, eu vô indo!... tchau!

Só isso.

Num queria mais, não. Um "dedinho" de prosa. Para dois amigos, duas palavrinhas bastariam... uma pra ele... uma pra mim... nada mais. Mas não, isso não me tem acontecido, e hoje, novamente o meu amigo querido, o meu companheiro de todos os dias, o "amigão" do peito... partiu, ao amanhecer...

Hora do almoço.

Mesa posta... grande, o suficiente para acolher a família grande... mas,

agora, aquela "cabeçeira" estará vazia. Lugar especial, o do "chefe"... cabeça branca, cabelos ralos, bigodinho fino e igualmente branco... rosto fino e magro, com os profundos sulcos do arado do tempo... algumas outras marcas na pele, conseqüências das tempestades da vida... e o seu vozeirão de sempre, com a frase de sempre:"manjáre, manjáre!..." e seguia-se a sua risada franca... primeiro o feijão, comido com colher... depois, qualquer outra coisa que se lhe oferecesse... não tinha o menor luxo ou menor manifestação de desagrado.

Mesa posta... grande vazio na sua cabeceira.

E eu não me despedi dele!

Pode?!

Meu amigo, meu grande e querido amigo.

— Óia só, num é o Leandro aquele que vem vindo lá?

— É... eu o mandei buscar... tô cum umas sandálias "furadas"...

— Bão mesmo! eu tô tamém precisando de um sapateiro.

—... i tamém quero vê se ele me pega uns "papacapim" para mim!...

Leandro Everaldo.

Inté mais... meu amigo!

MEMÓRIA DA VILA — CIV

Não somos historiadores.

Somos méros cronistas.

Qual a diferença entre eles — o cronista e o historiador? Há muita diferença. Primeira delas: o cronista é um repórter da história; o historiador, é o editor, à quem cabe a última palavra na edição do noticiário geral. Noticiário?! Sim, noticiário, pois a "história" não é o relato dos fatos acontecidos em uma sociedade? E a história é um grande "retrato" da sociedade através do tempo.

O historiador é como o homem que revela o filme do fotógrafo amador... revela-o e vai selecionando as fotos mais nítidas, mais expressivas; expurga aquelas fora de foco, com partes "cortadas" ou sem significado algum... e quantas, meu Deus! é a maior parte delas. É o que se passa com relação as crônicas... a maioria vai para a lata de lixo da "história", isto é, o esquecimento.

Só para não esquecermos, um lembrete: o Izidoro Lopes também fôra dono de um armazém de secos e molhados ali na esquina que funcionara a colchoaria do Bellini — dona Francisca e Dr. Eulálio que, tempos depois, seria de propriedade do Sr. Ângelo e da dona Arpalice Falcade (pais do Ângelo Antônio e Adhemar Antônio) e hoje, é do Ettore... é só, como lembrete.

E o querido amigo Izidoro me lembra:

— Ocê arcançô os famoso "jantar de gato" — que o Abílio Dick fazia na Sociedade Italiana?... num é aquela da cidade, não!... é aquela que existia no lugar da antiga sede do Atlético!...

— Não, não cheguei a "arcançá-los".

— Pois o mardito caçava os gato da vizinhança e os preparava... ele vivia naquele casarão véio e de metê medo... assava os bicho, fazia-os ensopado e sei lá como mais, e os servia à turma... Diziam que não havia carne mais saborosa do que a de gato! Eu nunca comi, mais sabia que comiam! E uma vez, pegaram um gato angorá lindo, gordo, da dona Carolina do Ignácio e comeram o bicho! Foi um "Deus nos acuda" que ocê precisava vê! Eh, Eh, Eh... Outro que comia quarque espécie de bicho — até corvo era o "seu" Antônio, um velhinho misterioso, que vivia sozinho em uma casinha no fundo do quintal do Bertini, beirando a linha da Sorocabana; o coitado não possuia uma perna e andava de muletas... vivia de "biscates"... sapateiro, funileiro, um consertador de panelas e caldeirões de alumínio... um pobre homem.

— Você tem boa memória! Gostaria de tê-la igual.

— Eu?! Já quase não me lembro mais de nada... sinto isso. E da "Neidona", você se lembra?

— Me lembro da Neide, sim!

— Uma baita negrona bonita!...

— Essa mesma!

— ... que morava enfrente do campo do Atlético?

— Isso!

— Eh, Eh, Eh... quanto "brancão" derrubava o beiço quando a danada passava! Eh, Eh, Eh...

— Sua mãe era também benzedeira!

— Si era! Dona Lina...

— Isso mesmo!

— Ocê vê quanta coisa havia na Vila?!... hoje, não há mais nada! Ah! Américo e Wardomiro Perissinotto... donas Luiza e Antonia... dona Gija Torres... ah! como era gostosa a minha Vila!

— O bar do Erpídio Grizotto e da dona Matirde?... o do Dario Giusti e da dona Girda, que compraram-no do Gustinho e da dona Ida Cardinalli?!

— Me lembro bem, dos dois, ou melhor, dos quatro... ou seriam mais?! Claro, que eram! E os filhos deles?! Getúlio, Júlio, Iêda, esta casada com o Pipino... ah! o "Pepino" (José D'Abronzo), ele merece um capítulo especial!... e o Jayme, o Jonas, a Ana... a menina de carinha angelical e um sorriso de fazer derreter corações!... não vamos nos esquecer da Iêda, que herdara a beleza da mãe e prendera definitivamente o galã italiano "Pepino" na barra da sua saia!...

— Pierim, Pierim!... sua muié, quando ler isso tudo, vai te dá um "cascudo" qui nem quéro vê!... Eh, Eh, Eh!

— Será?!... acho que não! Ela sabe que não passa de "papo de velho"!...

— Num sei, não! Eh, Eh,Eh!...

MEMÓRIA DA VILA — CV

Olhando aquela parte da cidade, ainda se via vestígios do campo, agora empurrado para um ponto mais distante do município e comprimido pelo mesmo processo que se operava nos municípios vizinhos, cujos crescimentos se observava a cada dia, com o surgimento de casas e mais casas, com a proliferação das favelas, com os novos loteamentos e princípios da urbanização visíveis na "plantação" de postes de iluminação pública e de telefonia; de espaço a espaço, um terreno vazio e sobre ele uma horta, um capão de cana ou um milharal, uma cocheira, um galinheiro; no mais, casas e mais casas, barracões de oficinas e de depósitos de materiais ou estabelecimentos comerciais; nos arrebaldes, as ruas ainda eram de terra e o esgoto escorria por onde deveriam existir calçadas e guias de sarjetas; dali para adiante, estava compreendido o campo, a última reserva de terra não afetada pelos "benefícios" da cidade e, por sinal, as únicas partes onde poder-se-ia viver com tranqüilidade e segurança. Estranha colocação essa, de vida na cidade "insegura e sem paz" e de vida no campo "segura e tranqüila"!...

No entanto, essa é a realidade dos nossos dias de hoje, onde o homem vai se aprisionando nas suas casas e o mundo livre é propriedade exclusiva do delinqüente. Até um passado não muito distante, podia-se viver na cidade sem qualquer preocupação, andar pelas ruas a quaisquer horas do dia e da noite, deixar as portas e janelas abertas, as chaves nos contatos dos automóveis, os brinquedos dispersos nas calçadas, cruzar as ruas em qualquer direção e, não sentir qualquer dissabor por assim proceder ou agir. Agora, é um Deus nos salve e nos ajude sem limites, cada qual se precavendo o melhor que puder! O pai de família é aconselhado por autoridades (como vimos, certa feita, um ministro da Justiça dizer na televisão) a armar-se de revolver e cuidar da defesa dos seus familiares e do seu patrimônio; o dono de um automóvel que se muna de um bom seguro e dos melhores alarmes contra roubo e furto; as casas, então, devem se parecerem com fortalezas ou prisões, com grades de ferro, alarmes, cães de guarda, guardas armados nas calçadas, muros altos e com cacos de vidros e ponteiras de aço cortantes perfurantes; as ruas, então, só se prestam para o trânsito de veículos e estes, cada vez em maior velocidade e em maior número, sem se importar com os pedestres.

É a vida na cidade.

Ninguém mais senta-se à porta da sua casa, ao entardecer ou à noite, aproveitando-se da "fresca", como se dizia antigamente, ou seja, da brisa refrescante das tardes de verão. Isso sem mencionarmos a proliferação dos enormes espigões por toda a cidade, que se verticalizou com uma velocidade espantosa, aumentando o número de habitantes por metro quadrado de chão coberto de concreto e aço. São os enormes edifícios de apartamentos ou de "apertamentos" que, como gaiolas, empilhadas, encerram centenas e centenas de pássaros sem asas, que já não mais voam e nem brincam no chão de terra, não podem possuir um cachorrinho ou um animalzinho qualquer, ignoram o que sejam vizinhos, amigos e algo mais além do poteiro e do zelador. Uma lástima!

Vendo-se aquele resto de campo, com capões de mata e estradinhas de terra cascalhadas, poeirentas, margeadas de touceiras de capim e de ervas cidreiras nativas; uma e outra árvore alta e forte, a resistir valentemente aos ataques das queimadas e dos baques dos tratores; com as casinhas simples plantadas aqui e acolá, pintadas à cal virgem em cores vivas e alegres, contrastantes, fazendo-as destacarem-se em meio do verde das plantações ou do vermelho do chão; como é agradável a visão quando se é possível caminhar em meio dele, sem pressa e sem destino, estando-se livre e tão apenas voltado as coisas simples que ali resistem aos avanços da cidade voráz.

E por esse recanto aprazível gostamos de caminhar a passos lentos, demorando-nos em cada parte, como por exemplo, à sombra da grande árvore, a tomar conta do barranco e fazendo dele um convidativo lance de arquibancada, levando-nos a acomodarmo-nos e ver dali, a paisagem que se descortina lindamente; mais adiante, a pequena ponte rústica de madeira, interligando uma margem à outra sobre o pequeno riacho, quase sem água devido a longa seca que estava à maltratar toda a região; seguindo adiante, passa-se por uma antiga colônia — conjunto de casas geminadas, formando uma fileira longa, onde abrigava-se as famílias de lavradores, muito comum nas fazendas que prosperavam, principalmente no auge do café —, ainda conservada e prestando-se como moradias, graças a robustez da sua construção, com tijolos enormes, tetos de vigas de madeira de lei e telhas de barro, tudo com uma abundância de dimensão própria de uma época de grande florescimento financeiro ou melhor, sem preocupação financeira. Até certo tempo, podia-se ver ainda nas ruas mais antigas da cidade, algumas remanescentes dessas colônias e agora, infelizmente, já não mais existem por terem dado lugar às construções de grandes prédios ou às avenidas modernas que deram outra fisionomia ao centro urbano.

De qualquer maneira, por saudosismo ou provincianismo, gostávamos mais daquele aspecto antigo da cidade.

Passear pela zona rural é portanto, uma rara oportunidade de revermos coisas que eram comuns na nossa vida interiorana, pacata e cheia de liberdade, pelo menos quanto as áreas livres e ao dispor do nosso tempo, sem os apertos e as correrias dos dias de hoje. Nota-se com tristeza, que estão desaparecendo os sítios, as chácaras, como pequenas propriedades para darem lugar às grandes concentrações em torno das usinas açucareiras e transformando-se em um único e imenso canavial, nos quais até o homem vai sendo substituído pelas máquinas e expulso do campo; à época de safra,vê-se no céu as nuvens de fumaça provenientes das queimadas das canas e as casas e ruas se enchem com o negrume das suas fuligens, à emporcalhá-las, além da poluição que elas causam.

E o que diríamos então, da época que reuniam-se os amigos para empreenderem as suas inacreditáveis pescarias e caçadas, aqui nas redondezas mesmo, ricas em peixes e animais de pequeno porte e aves de quase todas as espécies e que, contadas hoje, sem as provas fotográficas, não passam de puras fantasias para os jovens, privados que estão da caça e da pesca como forma de lazer e de entretenimento, hoje só possíveis se se dispuser de umas férias e um bocado de dinheiro para viajar-se às distantes regiões do País e mesmo assim, não podendo ir além das limitações impostas pela legislação que regulam a caça e a

pesca, obrigada a isso face aos abusos que cometeram-se ao longo do tempo, comprometendo o equilíbrio da Natureza.

É com tristeza que contemplamos o campo — o que resta dele — e avaliamos as transformações havidas, em tão curto espaço de tempo; imaginamos então, o que acontecerá ao nosso País, em um futuro não muito distante, se se prosseguir nessa sua louca devastação das matas e florestas que ainda existem, sem conscientizar-se da insensatez que está cometendo.

Tomara que não aconteça-nos o pior, ou seja, que isto aqui vire tudo em um deserto ou em uma imensa floresta de concreto armado.

Piracicaba, 25 de abril de 1989.

Pedro amigo.

Dos artigos que você escreveu os que mais me cativaram foram os passados na Vila, na nossa Vila Rezende. É um trabalho que deve ser lido e apreciado por todo vilarezendino, por todos os que enterneçam com as belas coisas da Vila e que conheceram seus moradores.

De fato, você dedica esta Memória da Vila a todos os que buscam conhecer um pouco do que foi aquele pedacinho do céu. Pois apresenta textos de tocante beleza e saudade, narra casos muito sugestivos que ao lê-los parecem vê-los se desenrolarem como um filme. Quanta saudade! nos trouxeram esta Memória da Vila.

Li de uma sóvêz o livro inteiro tal a minha ansiedade em rever e relembrar os personagens tão bem descritos que me parecia até poder conversar com eles. Gostei muito e tenho certeza de que todos que o lerem terão como eu a mesma impressão, por isso é necessário que o publique o mais breve possível.

Lhe agradeço por me ter proporcionado horas tão felizes com sua MEMÓRIA DA VILA. Obrigada.

Maria de Lourdes Bertini Soave.